



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

**BATALHÃO DE INFANTARIA
MECANIZADO**

**Edição Experimental
2019**

EB70-MC-10.306



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO

**Edição Experimental
2019**

PORTARIA Nº 143-COTER, DE 06 DE AGOSTO DE 2019

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.306 – Batalhão de Infantaria Mecanizado, Edição Experimental, 2019, e dá outras providências.

O **COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do art. 16 das INSTRUÇÕES GERAIS PARA O SISTEMA DE DOCTRINA MILITAR TERRESTRE – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 5ª Edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.550, de 8 de novembro de 2017, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.306 Batalhão de Infantaria Mecanizado, Edição Experimental, 2019, que com esta baixa.

Art. 2º Estabelecer que a experimentação deste Manual de Campanha seja realizada até o término da Experimentação Doutrinária da Infantaria Mecanizada.

Art. 3º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Gen Ex JOSÉ LUIZ DIAS FREITAS
Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 33, de 16 de agosto de 2019)

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DE ASSUNTOS

	Pag
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	
1.1 Finalidade.....	1-1
1.2 Base Doutrinária.....	1-1
CAPÍTULO II – FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES MECANIZADAS	
2.1 Considerações Gerais.....	2-1
2.2 Combate Moderno.....	2-1
2.3 O BI Mec no Combate Moderno.....	2-2
2.4 Características das Forças Mecanizadas.....	2-4
2.5 A Guerra de Movimento.....	2-4
CAPÍTULO III – COMANDO E CONTROLE	
3.1 Considerações Gerais.....	3-1
3.2 Responsabilidades Funcionais de Comando e Controle	3-2
3.3 Posto de Comando.....	3-3
3.4 Sincronização.....	3-14
3.5 Ligações e Comunicações.....	3-19
CAPÍTULO IV – MOVIMENTOS PREPARATÓRIOS	
4.1 Considerações Gerais.....	4-1
4.2 Planejamento das Marchas.....	4-3
4.3 Estacionamento.....	4-3
CAPÍTULO V – OPERAÇÕES OFENSIVAS	
5.1 Considerações Gerais.....	5-1
5.2 Marcha para o Combate.....	5-2
5.3 Reconhecimento em Força.....	5-7
5.4 Ataque.....	5-10
5.5 Aproveitamento do Êxito.....	5-18
5.6 Perseguição.....	5-27
5.7 Ataque Noturno ou Sob Condições de Visibilidade Limitada.....	5-30
5.8 Outras Ações na Ofensiva.....	5-38

CAPÍTULO VI – OPERAÇÕES DEFENSIVAS

6.1	Considerações Gerais.....	6-1
6.2	Defesa em Posição.....	6-2
6.3	Defesa de Área.....	6-2
6.4	Defesa Móvel.....	6-19
6.5	Movimentos Retrógrados.....	6-24
6.6	Retraimento.....	6-30
6.7	Retirada.....	6-37
6.8	Ação Retardadora.....	6-38

CAPÍTULO VII – OPERAÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AS AGÊNCIAS

7.1	Considerações Gerais.....	7-1
7.2	Tipos de Operações.....	7-2
7.3	Características.....	7-2
7.4	Planejamento, Preparação e Execução.....	7-2
7.5	Aspectos Legais.....	7-4

CAPÍTULO VIII – OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

8.1	Considerações Gerais.....	8-1
8.2	Operação de Segurança.....	8-2
8.3	Operação Contra Forças Irregulares.....	8-5
8.4	Operação de Evacuação de Não Combatente.....	8-6
8.5	Operação de Junção.....	8-6
8.6	Operação de Interdição.....	8-13
8.7	Operação de Transposição de Curso de Água.....	8-15
8.8	Operação Anfíbia.....	8-18
8.9	Operação Contra Desembarque Anfíbio.....	8-18
8.10	Operações de Abertura de Brecha.....	8-18
8.11	Operação em Área Edificada.....	8-19

CAPÍTULO IX – AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

9.1	Considerações Gerais.....	9-1
9.2	Reconhecimento, Vigilância e Segurança.....	9-1
9.3	Planejamento e Coordenação do Apoio de Fogo.....	9-11
9.4	Substituição de Unidades de Combate.....	9-12
9.5	Cooperação Civil-Militar.....	9-26
9.6	Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear.....	9-27
9.7	Operações Psicológicas.....	9-27
9.8	Guerra Eletrônica.....	9-28
9.9	Defesa Antiaérea.....	9-28
9.10	Comunicação Social.....	9-29

CAPÍTULO X – OPERAÇÕES EM AMBIENTES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

10.1	Considerações Gerais.....	10-1
10.2	Ambiente Operacional de Selva, Matas Densas e Bosques.....	10-1
10.3	Ambiente Operacional de Caatinga.....	10-4
10.4	Ambiente Operacional de Montanha.....	10-5
10.5	Ambiente Operacional do Pantanal.....	10-6

CAPÍTULO XI – LOGÍSTICA

11.1	Considerações Gerais.....	11-1
11.2	Procedimentos Logísticos no BI Mec.....	11-1

REFERÊNCIAS

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este manual tem por finalidade estabelecer os fundamentos doutrinários para o emprego operacional do Batalhão de Infantaria Mecanizado (BI Mec).

1.1.2 Esta publicação baseia-se, principalmente, nos seguintes Manuais de Campanha: EB20-MF-10.102/DOCTRINA MILITAR TERRESTRE (1ª Edição - 2014); EB20-MF-10.103/OPERAÇÕES (5ª Edição - 2017); EB70-MC-10.202/OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª Edição - 2017); e EB70-MC-10.228/INFANTARIA NAS OPERAÇÕES (1ª Edição - 2018). Alguns conceitos desses manuais são basilares para o entendimento do presente Manual de Campanha (MC).

1.1.3 As definições e os conceitos presentes neste manual estão contidos nas publicações Glossário das Forças Armadas (MD35-G-01. 5. ed. 2015) e Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército Brasileiro (C 20-1. 4. ed. 2009).

1.1.4 Este manual deve ser utilizado com outros documentos doutrinários específicos dos diversos escalões da arma como também aqueles que regulam o planejamento e a execução das Operações de Cooperação e Coordenação com Agências, das Operações Complementares e das Ações Comuns às Operações Terrestres.

1.1.5 OBJETIVOS

- a) apresentar a doutrina aplicável às Unidades de Infantaria Mecanizada nos diversos tipos de operações; e
- b) fornecer elementos para o comandante (Cmt), o Estado-Maior (EM) e os oficiais integrantes das subunidades orgânicas no planejamento, execução, coordenação, controle e sincronização das operações conduzidas por essas Unidades.

1.2 BASE DOCTRINÁRIA

1.2.1 CONCEITO DE EMPREGO

1.2.1.1 O BI Mec é uma unidade do tipo média, dotada de grande mobilidade e rapidez, decorrente da sua dotação de viaturas blindadas, particularmente, em suas peças de manobra, o que lhe confere relativa proteção blindada e

potência de fogo. Possui flexibilidade de emprego operacional porque é capaz de realizar operações ofensivas e defensivas continuadas, sob condições meteorológicas adversas e de visibilidade reduzida, em variados terrenos. É, particularmente, vocacionada a realizar operações em áreas humanizadas, em um ambiente de amplo espectro. Pode, também, integrar Forças que realizam operações de alta mobilidade como envolvimento, desbordamento, aproveitamento do êxito e a perseguição. O emprego do armamento orgânico das viaturas blindadas e das armas de apoio permitem acompanhar de forma cerrada e dinâmica a aproximação dos meios para o combate e o apoio ao movimento dos fuzileiros quando desembarcados.

1.2.1.2 As Capacidades Operativas constituem-se na aptidão requerida ao BI Mec, para que possa obter um efeito estratégico, operacional ou tático. São obtidas, a partir de um conjunto de sete fatores determinantes, inter-relacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura, que formam o acrônimo DOAMEPI.

1.2.1.3 As Atividades e Tarefas encontram-se especificadas na Base Doutrinária do BI Mec.

1.2.2 MISSÕES BÁSICAS

1.2.2.1 No ataque, cerrar sobre o inimigo a fim de destruí-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, o movimento e a ação de choque.

1.2.2.2 Na defensiva, manter o terreno, detendo e repelindo o ataque inimigo por meio do fogo e do combate aproximado ou destruindo-o pelo contra-ataque.

1.2.3 POSSIBILIDADES

1.2.3.1 Os BI Mec são dotados de meios suficientes para períodos limitados de combate. Quando reforçado com elementos de combate (Cmb), apoio ao combate (Ap Cmb) e apoio logístico (Ap Log), sua atuação torna-se mais duradoura.

1.2.3.2 O BI Mec emprega seu poder de fogo, mobilidade e relativo poder de choque para:

- a) conduzir operações ofensivas e defensivas continuadas;
- b) participar do aproveitamento do êxito e da perseguição do inimigo;
- c) conduzir operações de segurança;
- d) atacar e contra-atacar sob fogo inimigo;
- e) conduzir ou participar dos movimentos retrógrados e das ações dinâmicas da defesa;
- f) participar de envoltimentos e desbordamentos;

- g) participar de operações de junção;
- h) realizar transposição imediata de cursos de água com as viaturas anfíbias;
- i) ser empregado na segurança da área de retaguarda – SEGAR;
- j) executar ações contra forças irregulares; e
- k) participar de operações de cooperação e coordenação com agências, particularmente, operações de garantia da lei e da ordem.

1.2.4 LIMITAÇÕES

1.2.4.1 O BI Mec incorpora as limitações próprias das tropas blindadas médias, sendo as principais especificadas a seguir:

- a) limitada proteção contra os efeitos de armas químicas, biológicas e nucleares;
- b) mobilidade veicular limitada pelas florestas, montanhas, áreas fortificadas, áreas construídas e terrenos acidentados;
- c) vulnerabilidade a ataques aéreos;
- d) sensibilidade às condições meteorológicas adversas, com redução de sua mobilidade;
- e) sensibilidade ao largo emprego de minas anticarro e a obstáculos artificiais;
- f) dificuldade de manutenção do sigilo de suas operações em virtude do ruído e da poeira decorrentes do deslocamento de suas viaturas;
- g) elevado consumo de combustíveis, óleos lubrificantes, munição e grande necessidade de outros apoios, particularmente de manutenção;
- h) redução de potência de fogo quando desembarcado, em razão de parte de seu armamento ser fixo às viaturas;
- i) limitada proteção blindada; e
- j) limitada trafegabilidade através campo.

1.2.5 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

1.2.5.1 Constituição do BI Mec

1.2.5.1.1 Os BI Mec da Bda Inf Mec possuem a seguinte estrutura organizacional básica (Fig 1-1):

- a) Comando e Estado-Maior (Cmdo e EM);
- b) 1 (uma) Companhia de Comando e Apoio (Cia C Ap); e
- c) 3 (três) Companhias de Fuzileiros Mecanizadas (Cia Fuz Mec).

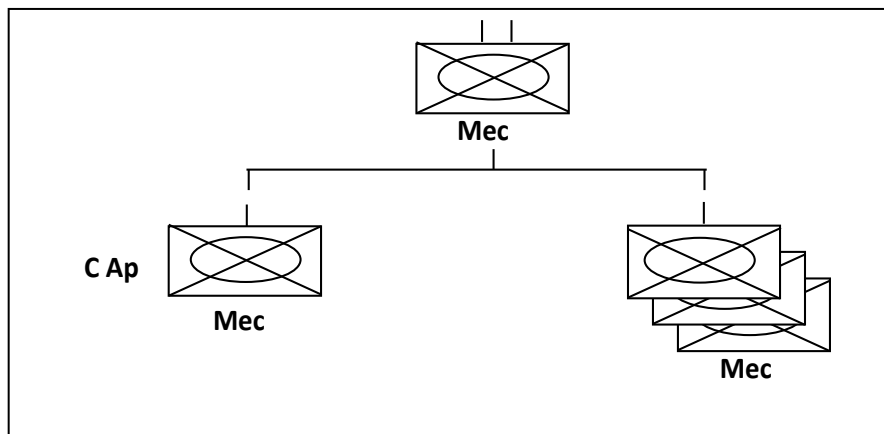


Fig 1-1 Estrutura organizacional do BI Mec

1.2.5.2 Comando e Estado-Maior

1.2.5.2.1 O Cmdo do BI Mec é constituído pelo Cmt da U e seu EM.

1.2.5.2.2 O Cmt, assessorado pelo EM, planeja, organiza, coordena e controla o emprego da unidade.

1.2.5.2.3 O subcomandante (SCmt) do BI Mec é o substituto eventual do comandante da unidade e o chefe do Estado-Maior do batalhão.

1.2.5.2.4 O Estado-Maior da unidade compreende o Estado-Maior geral, constituído pelo Sub Cmt, oficial de pessoal (S1), o oficial de inteligência (S2), o oficial de operações (S3), o adjunto do S3 (oficial de apoio de fogo do batalhão, também oficial de ligação com a Força Aérea/Aviação do Exército e S3 do Ar), o oficial de logística (S4), o adjunto do S4 (oficial auxiliar de logística), o Estado-Maior especial, composto pelo oficial de saúde (Cmt Pel Sau e Adj S1), o oficial de DQBN (Cmt Pel Cmdo e Adj S3), o oficial de comunicações (Cmt Pel Com e Adj S3), o oficial de manutenção (Cmt Pel Mnt e

Adj S4), o oficial de suprimento (Cmt Pel Sup e Adj S4) e o oficial provisionador (SCmt Pel Sup e Adj S4).

1.2.5.2.5 Os deveres e responsabilidades do Cmt, do SCmt e do EM, assim como a documentação existente em cada seção de Estado-Maior, são tratados em manuais específicos e nas Normas Gerais de Ação (NGA).

1.2.5.3 Companhia de Comando e Apoio

1.2.5.3.1 A Cia C Ap destina-se a apoiar o comando da unidade com os meios necessários à condução das operações de combate, prestar o apoio de fogo e logístico às operações do batalhão.

1.2.5.3.2 O comandante da Cia C Ap, além de suas atribuições normais de comandante de subunidade, também é o substituto do Adj S3, oficial responsável pelo apoio de fogo do batalhão, ligação com a F Ae/Av Ex e S3 do Ar. É o responsável pela supervisão das instalações, segurança, deslocamento e funcionamento da(s) Área(s) de Trens da unidade (ATU).

1.2.5.3.3 A Cia C Ap é constituída pelos seguintes elementos:

- a) Comandante;
- b) Seção de Comando (Sec Cmdo);
- c) Pelotão de Comando (Pel Cmdo);
- d) Pelotão de Exploradores (Pel Exp);
- e) Pelotão Anticarro (Pel AC);
- f) Pelotão de Morteiros Pesados (Pel Mrt P);
- g) Pelotão de Comunicações (Pel Com);
- h) Pelotão de Suprimento (Pel Sup);
- i) Pelotão de Manutenção (Pel Mnt);
- j) Pelotão de Saúde (Pel Sau); e
- k) Pelotão de Apoio de Fogo (Pel Ap F).

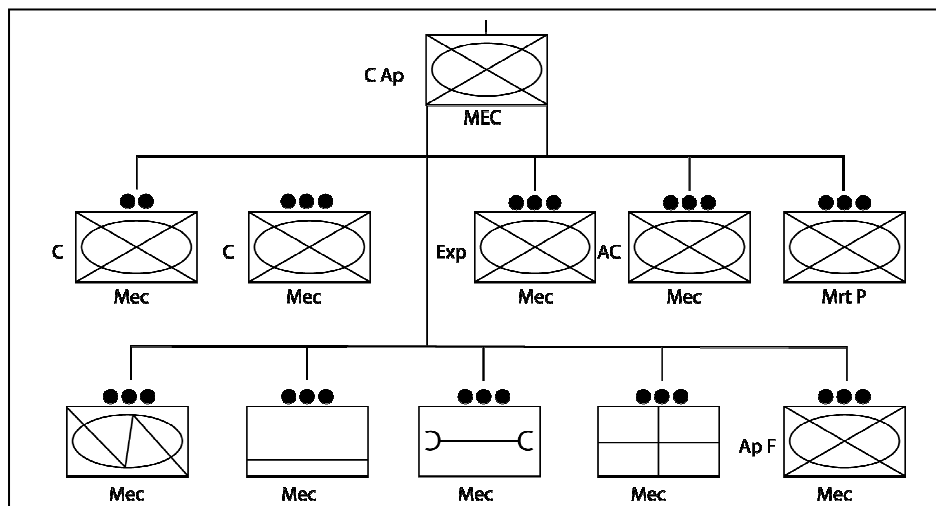


Fig 1-2 Estrutura organizacional da Cia C Ap

1.2.5.3.4 Seção de Comando - reúne o efetivo e os meios necessários para apoiar o comando da subunidade em suas missões, realizar o controle dos efetivos e do material, supervisionar a distribuição de suprimento às frações e coordenar a manutenção do material, armamento e viaturas da companhia.

1.2.5.3.5 Pelotão de Comando - enquadra o efetivo e os meios de todas as frações que apoiam diretamente o Cmt, o SCmt e as seções do Estado-Maior da unidade no desempenho de suas funções.

1.2.5.3.6 Pelotão de Exploradores - opera em proveito do batalhão para obter a segurança e realizar os reconhecimentos necessários, de acordo com ordens específicas.

1.2.5.3.7 Pelotão Anticarro - é o elemento de apoio de fogo orgânico do batalhão, por meio do qual o comandante executa a defesa anticarro, de acordo com ordens específicas.

1.2.5.3.8 Pelotão de Morteiros Pesados - é o elemento de apoio de fogo orgânico do batalhão, por meio do qual o comandante pode intervir no combate pelo fogo. Ao prestar o apoio de fogo, pode, ainda, ser empregado como pelotão constituído ou por seções, realizando determinadas ações, tais como bater alvos a distâncias reduzidas ou médias, em ângulos mortos do terreno, em apoio à progressão das subunidades, desarticulando o ataque do inimigo, destruindo posições fortificadas, batendo posições de armas anticarro e obstáculos. São empregados, também, para cegar observadores e forças inimigas com fumígenos, facilitando o movimento das peças de manobra da unidade.

1.2.5.3.9 Pelotão de Comunicações - instala e opera o sistema de comunicações do batalhão. Realiza, ainda, a manutenção de 2º escalão dos equipamentos de comunicações.

1.2.5.3.10 Pelotão de Suprimento - provê a maior parte do apoio logístico ao batalhão, transportando e distribuindo os suprimentos das classes I, III e V. Enquadra as turmas de aprovisionamento, responsáveis pelo preparo e distribuição da alimentação ao efetivo da unidade.

1.2.5.3.11 Pelotão de Manutenção - realiza a manutenção de 2º escalão e a evacuação das viaturas e do armamento do batalhão. Enquadra as turmas de manutenção que apoiam as peças de manobra na manutenção de suas viaturas. Realiza o suprimento de classe IX e de produtos acabados de motomecanização e armamento.

1.2.5.3.12 Pelotão de Saúde - presta o apoio de saúde ao efetivo do batalhão, tratando e evacuando as baixas. Realiza o suprimento de classe VIII.

1.2.5.3.13 Pelotão de Apoio de Fogo - é o elemento de apoio de fogo orgânico do batalhão, por meio do qual o comandante pode intervir no combate pelo fogo. Entre outras ações, esse armamento permite ao atirador controlar o tiro, de forma remota, de dentro do veículo, e adquirir alvos terrestres e/ou alvos em grandes altitudes com o veículo estacionado ou em movimento, durante o dia ou noite, em quaisquer condições climáticas, e a distâncias curtas ou longas. A torre pode ser controlada em giro por "n" x 360° (número de voltas ilimitado) e em elevação de -15 a +60. O controle de tiro possui um sistema duplo de rastreamento automático de alvos, com o objetivo de melhorar a probabilidade de acerto e o processo de aquisição. Portanto, essa fração, em qualquer situação tática, será empregada como apoio de fogo e não como peça de manobra.

1.2.5.4 Companhia de Fuzileiros Mecanizada

1.2.5.4.1 Dotada de boa mobilidade através campo, potência de fogo, relativa proteção blindada e variados meios de comunicações, constitui-se no elemento de manobra do BI Mec.

1.2.5.4.2 Cada Cia Fuz Mec é constituída pelos seguintes elementos:

- a) comando;
- b) seção de comando;
- c) 3 (três) pelotões de fuzileiros mecanizados; e
- d) 1 (um) pelotão de apoio.

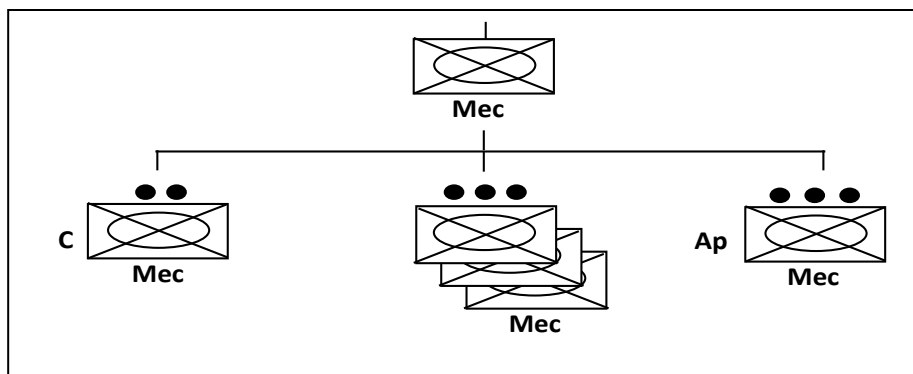


Fig 1-3 Estrutura organizacional da Cia Fuz Mec

1.2.6 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

1.2.6.1 Considerações Gerais

1.2.6.1.1 O emprego tático do BI Mec, normalmente, é feito no quadro de emprego de uma Bda Inf Mec.

1.2.6.1.2 O Cmt BI Mec organiza a unidade para o combate, de acordo com os meios orgânicos disponíveis e aqueles recebidos do escalão superior (Esc Sp).

1.2.6.1.3 Ao organizar a unidade para o combate, o comandante deve manter a flexibilidade necessária para influir nas ações, designando elementos em reserva, em 2º escalão ou prevendo a sua rápida composição pelo emprego de frações hipotecadas das subunidades.

1.2.6.2 Organização para o Combate

1.2.6.2.1 Em princípio, o Cmt BI Mec emprega sua U organizada em Cia Fuz Mec, estruturadas em Pel Fuz Mec. Entretanto, a missão atribuída ao BI Mec, o terreno onde irá operar e o inimigo podem impor a necessidade de serem modificadas as estruturas básicas da unidade e/ou das companhias, reforçando-os ou retirando-lhes pelotões.

1.2.6.2.2 Normalmente, a dosagem de elementos de combate e apoio ao combate recebidos pelo BI Mec, seja na situação de reforço ou de integração, são da seguinte ordem: de valor pelotão ou subunidade, quando se tratar de elemento de engenharia; de valor subunidade, quando se tratar de elemento Fuz, CC ou Art; ou de valor pelotão ou subunidade, quando se tratar de elemento C Mec.

1.2.6.2.3 Ao organizar a U para o combate, o Cmt deve guardar a flexibilidade necessária para influir nas ações, designando elementos em reserva (constituída ou hipotecada) ou em 2º escalão. Na situação de reserva hipotecada, as frações das SU 1º escalão permanecem sob o comando do Cmt SU, que só poderá empregá-las com autorização do comandante do batalhão.

1.2.6.2.4 A brigada ou a divisão podem organizar o BI Mec como Força-Tarefa (FT), em situações específicas, a fim de possibilitar que a unidade cumpra missões com maiores possibilidades de êxito. Para constituir uma FT BI Mec, o batalhão pode receber uma ou mais das seguintes subunidades:

- a) FT Esquadrão de Carros de Combate (FT Esqd CC);
- b) Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec);
- c) FT Esquadrão de Fuzileiros Blindado (FT Esqd Fuz Bld); e
- d) FT Companhia de Fuzileiros Blindado (FT Cia Fuz Bld).

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES MECANIZADAS

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1.1 A doutrina de emprego da Força Terrestre (F Ter) enfatiza como fatores decisivos para a vitória final: o espírito ofensivo, a importância da conquista e manutenção da iniciativa, a rapidez de concepção e de execução das operações, a iniciativa dos subordinados, a flexibilidade para alterar atitudes, missões e constituição das forças, a sincronização das ações no tempo, no espaço e na finalidade e a liderança e capacidade de decisão dos comandantes em todos os escalões.

2.1.2 Além do conceito operativo do Exército Brasileiro, “Operações no Amplo Espectro”, para a doutrina de emprego das tropas mecanizadas, em particular, são fundamentais outros dois conceitos doutrinários: o “COMBATE MODERNO” e a “GUERRA DE MOVIMENTO”. Esses conceitos irão repercutir sobre três vertentes da doutrina de emprego das Armas: o “COMO COMBATER”, o “COM QUEM COMBATER” e o “COM O QUE COMBATER”.

2.1.3 Os conceitos operacionais que norteiam o planejamento e a execução do combate das tropas mecanizadas, em todos os escalões, podem ser encontrados, com mais detalhes, nos seguintes Manuais de Campanha: EB20-MF-10.102/DOCTRINA MILITAR TERRESTRE (1ª Edição - 2014); EB20-MF-10.103/OPERAÇÕES (5ª Edição - 2017); EB20-MC-10.203/MOVIMENTO E MANOBRA (1ª Edição - 2015); EB70-MC-10.202/OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª Edição - 2017); e EB70-MC-10.228/INFANTARIA NAS OPERAÇÕES (1ª Edição - 2018).

2.2 COMBATE MODERNO

2.2.1 No final do século XX, surgiu nos campos de batalha um novo tipo de combate, em função do grande desenvolvimento tecnológico aplicado à arte da guerra. Esse novo combate, que se convencionou chamar de “combate moderno”, é caracterizado, principalmente, pelo(a):

- a) combate ofensivo, com grande ímpeto e valorização da manobra;
- b) ação simultânea em toda a profundidade do campo de batalha e combate não linear;
- c) busca do isolamento do campo de batalha com ênfase na destruição do inimigo;
- d) priorização das manobras de flanco;
- e) máximo poder relativo de combate no momento e local decisivo;

- f) combate continuado com a máxima utilização das operações noturnas e de ataque de oportunidade;
- g) valorização da infiltração como forma de manobra;
- h) busca da iniciativa, da rapidez, da flexibilidade, da agressividade e da sincronização das operações;
- i) valorização dos princípios do objetivo, ofensiva, manobra, massa, surpresa e unidade de comando;
- j) mínimo de perdas para as nossas forças e para a população civil envolvida;
- k) decisão da campanha no mais curto prazo; e
- l) ênfase no contrarreconhecimento e operações de inteligência de combate.

2.3 O BI MEC NO COMBATE MODERNO

2.3.1 No campo de batalha moderno, o emprego das forças blindadas/mecanizadas cresceu de importância. Em face da grande evolução tecnológica ocorrida nos últimos conflitos, o Cmt dessas forças, normalmente, não tem condições para manobrar seus meios de forma independente e isolada do restante das forças em operações.

2.3.2 O moderno conceito de emprego de forças blindadas e mecanizadas enfatiza a necessidade de se empregar uma tropa capaz de enfrentar múltiplas ameaças, que possa aglutinar em torno destas tropas, artilharia de campanha e antiaérea autopropulsadas e engenharia de combate blindada ou mecanizada, buscando a sinergia entre todos esses elementos, de forma a anular as deficiências de uns e maximizar as possibilidades de outros. Essa força não tem capacidade de manobrar e combater no moderno campo de batalha sem contar com um eficiente sistema de comando e controle, com ênfase para a inteligência de combate, e sem o apoio efetivo da aviação do exército (Av Ex) e da força aerotática (FAT).

2.3.3 Os Cmt enfrentam desafios substancialmente diferentes daqueles com que se depararam no passado. No moderno campo de batalha, o combate tornou-se complexo e multidimensional, fruto do advento de carros de combate e viaturas blindadas de reconhecimento dotados de sistemas de tiro informatizados, de equipamentos de sensoriamento e de navegação terrestre e com armamentos de elevada letalidade, do grande poder de destruição das armas anticarro e dos helicópteros de ataque, do emprego de munições “inteligentes” e da intensa utilização do espectro eletromagnético.

2.3.4 Nesse complexo campo de batalha moderno, é exigido do Cmt do BI Mec um alto grau de iniciativa, liderança, agilidade mental e grande capacidade para sincronizar as operações e gerenciar um elevado número de informações. Ele deve ser capaz de conquistar rapidamente a iniciativa e conduzir as operações com ímpeto ofensivo, rapidez, agressividade e audácia.

2.3.5 O êxito do comandante depende de sua iniciativa, da flexibilidade e da rapidez de sua tropa adaptar-se às situações inesperadas e da capacidade de sincronização das operações por intermédio do seu sistema de comando e controle.

2.3.6 A iniciativa permite buscar a surpresa, para impor ao inimigo o momento e o local favoráveis à decisão do combate, além de possibilitar a manutenção do espírito ofensivo e da liberdade de ação. O pleno entendimento da intenção do comandante, de pelo menos dois escalões acima, é fundamental para a aplicação da iniciativa.

2.3.7 A flexibilidade é fator preponderante para agir e reagir com rapidez às ameaças inimigas, concentrar forças no momento e local oportunos, explorar as vulnerabilidades do inimigo, alterar a composição dos meios e a missão dos elementos subordinados, de acordo com as necessidades, empregar oportunamente a reserva, passar de uma atitude defensiva para ofensiva e vice-versa, sem hesitação.

2.3.8 A rapidez permite manobrar com velocidade e continuamente no campo de batalha, evitando situações estáticas que ofereçam ao inimigo a oportunidade de obter a iniciativa das ações.

2.3.9 A sincronização da manobra, dos apoios ao combate e do apoio logístico no tempo, no espaço e na finalidade, proporciona o máximo poder de combate no momento e local decisivos. Constitui-se, portanto, num poderoso multiplicador do poder de combate e é a base para o êxito no moderno campo de batalha.

2.3.10 Entretanto, apesar da complexidade introduzida no campo de batalha pelo combate moderno e da grande evolução tecnológica dos armamentos, blindados e equipamentos diversos, a manobra clássica das forças blindadas e mecanizadas é cada vez mais atual e válida. A chave do êxito no campo de batalha contemporâneo continua sendo o emprego de uma parte da força para buscar o contato com o inimigo e fixá-lo, manobrando com o grosso dos blindados para atacar o seu flanco ou a sua retaguarda; destruir seus sistemas de comando e controle, logístico e de apoio ao combate; fixar sua reserva; impedi-lo de retrair e apresentar nova defesa; tirar sua liberdade de manobrar; e destruí-lo em posição, de forma rápida e com reduzido número de perdas para o BI Mec.

2.4 CARACTERÍSTICAS DAS FORÇAS MECANIZADAS

2.4.1 MOBILIDADE - resultante do transporte de todos seus elementos em viaturas, cujas possibilidades técnicas permitem grande raio de ação, deslocamento em alta velocidade em estradas, bom rendimento através campo e boa capacidade de transposição de obstáculos, inclusive de cursos de água não vadeáveis, já que muitas das suas viaturas são anfíbias.

2.4.2 FLEXIBILIDADE - produto, particularmente, da mobilidade, estrutura e constituição, em pessoal e meios, que lhes conferem a possibilidade de mudar rapidamente a organização para o combate, o dispositivo e a direção de atuação, bem como lhes concedem desenvolvida capacidade de evitar ou romper o engajamento em combate.

2.4.3 POTÊNCIA DE FOGO - função do armamento orgânico, notadamente os canhões das VBTP-UT 30, os morteiros, as armas automáticas e os mísseis anticarro.

2.4.4 PROTEÇÃO BLINDADA - proporcionada pela blindagem das suas VBTP.

2.4.5 AÇÃO DE CHOQUE - resultante do aproveitamento simultâneo de suas características de mobilidade, potência de fogo e proteção blindada.

2.4.6 SISTEMA DE COMUNICAÇÕES AMPLO E FLEXÍVEL - ensejado, particularmente, pelo material rádio de que é dotado, que assegura ligações rápidas e continuadas com o escalão superior e os elementos subordinados.

2.5 A GUERRA DE MOVIMENTO

2.5.1 O perfil dos prováveis conflitos em Áreas Operacionais do Continente (AOC) condiciona a formulação de um conceito operacional básico: a “Guerra de Movimento”. Esse conceito preconiza a busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas extremamente rápidas e profundas, convenientemente apoiadas e orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo. Normalmente, são conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis, em frentes amplas e descontínuas. O quadro tático resultante distingue-se por um grande dinamismo, pela importância da obtenção da surpresa, pela descentralização das operações e, finalmente, pelo caráter fundamental da iniciativa, em todos os níveis de comando.

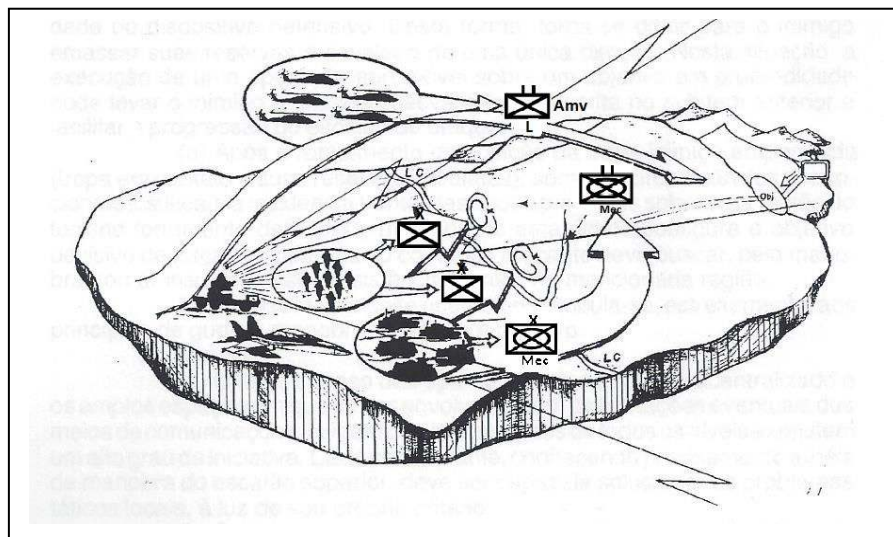


Fig 2-1 Guerra de Movimento

2.5.2 A conquista da iniciativa obriga o inimigo a reagir às ações numa sequência de decisões cada vez mais desordenadas e deficientes. A pressão constante sobre as forças inimigas, impedindo-as de se reorganizar e de apresentar qualquer forma de resistência, tem sido o objetivo dos exércitos modernos.

2.5.3 O conceito “Guerra de Movimento” permite a derivação dos conceitos operacionais de menor abrangência, a seguir discriminados, que devem reger, concretamente, a execução do combate pelo BI Mec.

2.5.3.1 Ação desbordante ou de flanco

2.5.3.1.1 Operações ofensivas devem ser conduzidas de forma a se obter, o mais cedo possível, o desequilíbrio físico e psicológico do oponente, como condição indispensável à sua posterior destruição, com um mínimo de desgaste para a força atacante.

2.5.3.1.2 As ações principais devem evitar as linhas de maior expectativa, a cavaleiro das quais se concentre o grosso do poder de combate do defensor, e incidir sobre regiões cuja posse dificulte a execução do combate defensivo em profundidade por parte do inimigo, paralise seu sistema de comando e controle e interrompa seus eixos de suprimento e seus itinerários de retraimento. Sob tais circunstâncias, o inimigo deve ser conduzido a um dilema: tentar abrir um corredor de retraimento a viva força, conduzindo, sob pressão, um avanço desequilibrado sobre uma sólida posição de bloqueio, ou destacar parcelas

importantes de seu poder de combate para fazer face à ameaça, correndo o risco de ser batido por partes.

2.5.3.1.3 Quando for inevitável a progressão inicial através de setores densamente defendidos, as ações principais devem ameaçar, em profundidade, objetivos alternativos que, em mãos do atacante, comprometem a integridade do dispositivo defensivo. Dessa forma, torna-se difícil para o inimigo emassar suas reservas a cavaleiro de uma única direção. Nessa situação, a execução de uma operação aeromóvel sobre um objetivo em profundidade pode levar o inimigo à situação desvantajosa, descrita no subitem anterior, e facilitar a progressão do escalão de ataque.

2.5.3.1.4 Somente circunstâncias excepcionais justificam a incidência frontal das ações principais sobre uma região do terreno fortemente defendida, mesmo que esta última configure o objetivo decisivo da força considerada. O comando atacante deve buscar, pela manobra, tornar insustentável a resistência inimiga na mencionada região.

2.5.3.1.5 O presente conceito operacional vincula-se, estreitamente, aos princípios de guerra “manobra, surpresa e objetivo”.

2.5.3.2 Iniciativa

2.5.3.2.1 O ritmo intenso das operações, seu caráter descentralizado e os amplos espaços em que se desenvolvem, além de limitações eventuais dos meios de comunicações, exigem que os comandos de todos os níveis exercitem um alto grau de iniciativa. Cada comandante, conhecendo precisamente a ideia de manobra do escalão superior, deve ser capaz de solucionar os problemas táticos locais, à luz de seu próprio critério.

2.5.3.2.2 Sempre que possível, as missões devem ser atribuídas pela finalidade, tendo-se em vista direcionar os esforços dos escalões subordinados para a obtenção de condições favoráveis à manobra da força como um todo.

2.5.3.2.3 Esse conceito operacional decorre, basicamente, do princípio de guerra “objetivo”.

2.5.3.3 Seleção de Frente

2.5.3.3.1 Os amplos espaços em que são conduzidas as operações impõem, normalmente, o emprego da maioria de meios do atacante em uma frente na qual se procura obter a decisão, conduzindo-se ações secundárias nos setores não selecionados.

2.5.3.3.2 Constitui, no entanto, fator fundamental o emprego modular das peças de manobra de valor unidade, as quais devem receber frentes

compatíveis com suas possibilidades orgânicas, em termos de fogo e de movimento. Os maiores riscos são admitidos pelos escalões Divisão de Exército e superiores.

2.5.3.3.3 Esse conceito operacional resulta, particularmente, dos princípios de guerra “massa e economia de forças”.

2.5.3.4 Flexibilidade

2.5.3.4.1 O planejamento das operações deve incluir alternativas em face de contingências do combate, permitindo a intervenção oportuna do comando, no sentido de aproveitar um sucesso tático inesperado ou de fazer reverter a seu favor o curso da batalha.

2.5.3.4.2 A formulação de hipóteses previsíveis, para fins de planejamento, e a preservação de uma reserva tão potente e móvel, quanto possível, contribuem para um considerável incremento da flexibilidade, ao longo da execução do combate.

2.5.3.4.3 Em curso de operações ofensivas, o comando da força deve estar preparado para, se necessário, modificar radicalmente seu esquema de manobra original, alterando direções de emprego e objetivos de suas ações principais, no sentido de aproveitar, sempre, as linhas de menor resistência à progressão.

2.5.3.4.4 A flexibilidade reside, ainda, na agilidade mental, na criatividade e na capacidade de improvisação dos comandos em todos os níveis.

2.5.3.4.5 Esse conceito operacional realça a observância de princípios de guerra, tais como manobra, massa, segurança e ofensiva.

2.5.3.5 Dissimulação

2.5.3.5.1 As medidas de dissimulação tática, como fintas, demonstrações e a dissimulação eletrônica, convenientemente complementadas pelo emprego da camuflagem e de fumígenos, têm como finalidade básica iludir o inimigo e dificultar-lhe a condução de fogos, induzindo-o a dispersar seus meios ou a orientar, de forma inadequada, suas ações principais.

2.5.3.5.2 A dissimulação é indispensável à preservação da integridade da força e permite, frequentemente, que se criem ou se acentuem vulnerabilidades no dispositivo do oponente.

2.5.3.5.3 Medidas de dissimulação proporcionais aos meios disponíveis devem constituir parte integrante dos esquemas de manobra de todos os escalões, quaisquer que sejam a atitude e o tipo de operação em curso.

2.5.3.5.4 Esse conceito operacional materializa, principalmente, a aplicação dos princípios de guerra “surpresa e segurança”.

2.5.3.6 Ação em Profundidade

2.5.3.6.1 Em operações ofensivas, os êxitos iniciais devem ser aproveitados instantaneamente e na maior profundidade possível, com a finalidade de acentuar o desequilíbrio inicial do inimigo, restringindo-lhe a capacidade de reagir, cerceando-lhe a liberdade de ação e comprometendo sua vontade de lutar.

2.5.3.6.2 Operações móveis, profundas e ininterruptas produzem, com frequência, por meio de uma pressão constante e potente, o colapso material e anímico do inimigo, reduzindo-o à inação e tornando iminente sua destruição.

2.5.3.6.3 O combate em profundidade compreende as operações de interdição, visando ao isolamento do campo de batalha, o que não permite ao inimigo concretizar suas possibilidades de reforço em tempo útil e permite batê-lo por partes. Entre outros meios empregados para esse fim, citam-se a guerra eletrônica, a busca de alvos, os fogos de longo alcance, o fogo aéreo, as ações de forças especiais, de comandos e de guerrilhas, além das incursões profundas de elementos altamente móveis e das operações aeromóveis e aeroterrestres.

2.5.3.6.4 Os alvos típicos do combate em profundidade são o sistema de comando e controle inimigo, suas instalações logísticas, meios de apoio de fogo, eixos de suprimento e evacuação, ou objetivos no terreno que caracterizem o isolamento do campo de batalha, impedindo que o inimigo reforce a tropa isolada ou que a mesma retraia para novas posições mais à retaguarda.

2.5.3.6.5 Esse conceito realça a aplicação dos princípios de guerra “ofensiva e objetivo”.

2.5.3.7 Risco

2.5.3.7.1 O risco é inerente à guerra e deve ser aceito pelos comandos de todos os níveis, sempre que o cumprimento da missão o exija ou a transcendência do êxito esperado o justifique.

2.5.3.7.2 É necessário, entretanto, que o grau de risco que se pretende assumir seja avaliado, em toda a sua extensão, no sentido de que, em caso de insucesso, o comando disponha de alternativas para preservar a integridade da força.

2.5.3.7.3 Esse conceito vincula-se aos princípios de guerra “objetivo e segurança”.

2.5.3.8 Combate Continuado

2.5.3.8.1 O desenvolvimento tecnológico, aliado à rápida evolução das técnicas e táticas de combate, do apoio logístico e do apoio ao combate, permite que as operações prossigam durante a noite com intensidade e ritmo semelhantes aos obtidos durante o dia.

2.5.3.8.2 A continuidade da operação deve ser assegurada mediante a ampla utilização do combate noturno, do ataque de oportunidade e da guerra de movimento.

2.5.3.8.3 Essas características podem exigir uma reorganização temporária na estrutura e equipamento das forças que forem realizar esse tipo de combate, além de evidenciarem a necessidade de adestramento específico.

2.5.3.8.4 Esse conceito confere particular ênfase aos princípios de guerra “objetivo, surpresa e ofensiva”.

2.5.3.9 Combate não linear

2.5.3.9.1 O combate moderno deixou de ser realizado apenas no compartimento de contato. Ele ocorre ao mesmo tempo no compartimento de contato, na área de segurança e na retaguarda. Caracteriza-se, portanto, pela não linearidade. Desse modo, o comandante deve preocupar-se não apenas com o combate aproximado, mas também com as ações profundas que pode realizar, mediante operações aeromóveis e com blindados, aplicação de fogos maciços em profundidade, infiltrações e incursões, ações essas que desequilibram todo o dispositivo inimigo, forçando-o a lutar em mais de uma direção e o isolando de seus apoios e reforços, além de ter que conservar em reserva forças potentes e móveis para fazer face às ameaças à sua retaguarda.

2.5.3.9.2 O combate a cavaleiro dos eixos rodoviários, comum na guerra de movimento, leva à aceitação de brechas entre as posições ocupadas pelas tropas. Essas brechas, muitas vezes apenas vigiadas, aumentam a não linearidade do combate, criando, no dispositivo mais fluido das forças, vulnerabilidades que, devidamente exploradas, podem levar à decisão mais rápida do combate. É o ambiente favorável às manobras de flanco, às incursões profundas e à infiltração de tropas no dispositivo inimigo.

2.5.3.9.3 Esse conceito realça a observância dos princípios de guerra “manobra e surpresa”.

2.5.3.10 Letalidade

2.5.3.10.1 Os sistemas de armas modernos, extremamente precisos e apoiados em avançadas tecnologias, aliados a uma capacidade de “ver” melhor por meio dos radares, equipamentos de visão noturna, veículos aéreos não tripulados e satélites propiciaram ao combate moderno a característica de extrema letalidade.

2.5.3.10.2 Esse conceito vincula-se ao princípio de guerra da ofensiva.

CAPÍTULO III

COMANDO E CONTROLE

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 O Comando e Controle (C²) é um processo pelo qual as atividades do BI Mec são planejadas, coordenadas, sincronizadas e conduzidas para o cumprimento da missão. Esse processo abrange o pessoal, equipamento, comunicações, instalações e procedimentos necessários para obter e analisar as informações, para planejar, expedir ordens e planos e para supervisionar a execução das operações.

3.1.2 O Cmt BI Mec é o responsável pelo C² dos elementos orgânicos do BI Mec, dos elementos em reforço e em apoio e pela sincronização das operações.

3.1.3 O Cmt BI Mec deve possuir um sistema de comando e controle confiável, seguro e eficiente. Esse sistema deve ser capaz de funcionar, expedindo ordens, coordenando os apoios e proporcionando diretrizes para o BI Mec, apesar das interferências das forças oponentes, da perda de instalações de comando e de elementos-chave na cadeia de comando.

3.1.4 O Sistema de C² do BI Mec deve permitir que o BI Mec receba e processe informações, de modo que a U possa reagir com mais rapidez que o seu oponente.

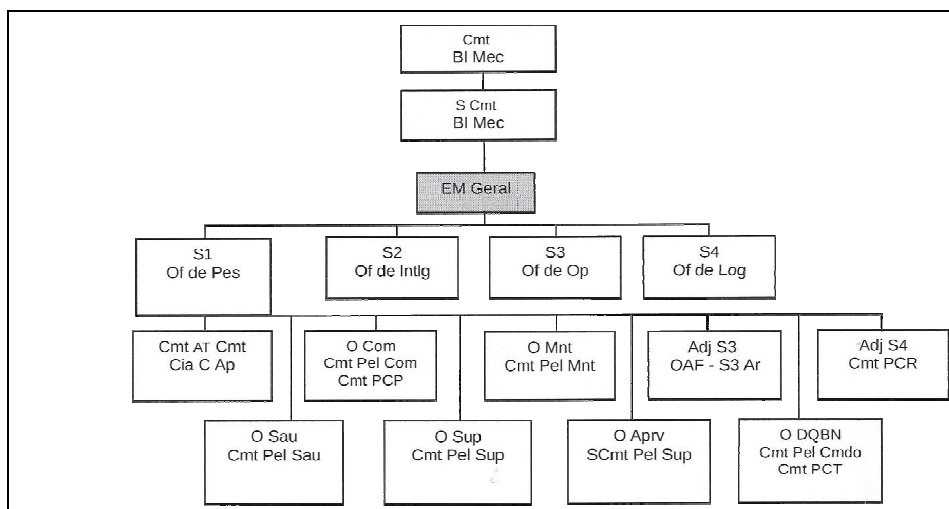


Fig 3-1 Comando e Estado-Maior do BI Mec

3.2 RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS DE COMANDO E CONTROLE

3.2.1 COMANDANTE DO BI MEC

3.2.1.1 O Cmt exerce sua ação de comando sobre todos os elementos orgânicos, em apoio e em reforço. Ele emite ordens para os seus subordinados com missões, tarefas, diretrizes e uma orientação clara de suas intenções.

3.2.1.2 Deve utilizar todos os meios disponíveis para cumprir sua missão, além de coordenar ações de sua U com outras organizações militares de apoio.

3.2.2 RELAÇÕES FUNCIONAIS

3.2.2.1 Do comandante com elementos subordinados

3.2.2.1.1 As relações funcionais com elementos orgânicos podem ser diretas ou por intermédio do EM, quando são realizadas, por exemplo, inspeções e visitas informais à tropa. Essas ações visam a melhorar a confiança, o respeito, a lealdade e o entendimento, e, ao mesmo tempo, dão ao comandante um conhecimento imediato da situação tática e do estado da Unidade.

3.2.2.1.2 Nas relações funcionais com elementos em reforço, o comandante dos elementos é o assessor do comandante da U sobre o emprego de sua fração, estando sujeito às decisões desse comandante. As relações são, essencialmente, as mesmas mantidas com as frações orgânicas.

3.2.2.1.3 Quando o Batalhão for o núcleo de uma Força-Tarefa (FT), tanto o Batalhão como outros elementos que a constituírem serão considerados como elementos integrantes dela.

3.2.2.2 Do comandante com outras organizações militares

3.2.2.2.1 No caso de U de apoio, o Comandante do Batalhão deve assegurar-se de que foram estabelecidas as comunicações e ligações adequadas e manter os comandantes dos elementos de apoio informados sobre a situação em curso e o apoio desejado. O elemento de apoio é responsável pelo estabelecimento das ligações com a unidade apoiada. O elemento que apoia o Batalhão, sem estar na situação de reforço, atende aos pedidos de apoio do Comandante do Batalhão como se fosse uma ordem e o assessora quanto às possibilidades e limitações de sua tropa. Além disso, atua como assessor de Estado-Maior, faz a proposta para o emprego do elemento de apoio e, frequentemente, acompanha o Comandante do Batalhão ou o EM nos reconhecimentos.

3.2.2.2.2 Controle operacional - quando um elemento é posto sob o controle operacional de um Batalhão, as relações de comando são semelhantes às descritas para uma tropa em reforço para cumprir missões ou tarefas específicas. Todavia, exclui a autoridade para empregar separadamente os componentes dos elementos em questão e o seu controle administrativo.

3.2.2.2.3 Comando operacional - é semelhante ao controle operacional, podendo, no entanto, empregar separadamente seus componentes.

3.3 POSTO DE COMANDO

3.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.3.1.1 O local onde se instala o comando da Força-Tarefa para planejar e conduzir as operações chama-se posto de comando (PC).

3.3.1.2 O PC reúne os meios necessários ao exercício do comando, incluindo a coordenação e controle dos elementos de combate e de apoio, do BI Mec .

3.3.2 INSTALAÇÕES DOS POSTOS DE COMANDO

3.3.2.1 No BI Mec, normalmente, o PC é desdobrado em outras instalações de Comando e Controle, a fim de facilitar o planejamento, acompanhamento e condução das operações táticas e logísticas. Essas instalações de C² são as seguintes: Posto de Comando Tático (PCT); Posto de Comando Principal (PCP); e Posto de Comando Recuado (PCR). Elas estão apresentadas na Fig 3-2.

3.3.2.2 Posto de Comando Tático (PCT)

3.3.2.2.1 Local de onde o Cmt BI Mec, em princípio, deve conduzir as operações.

3.3.2.2.2 É instalado o mais à frente possível, orientado para a Z Aç SU que realizar a ação principal.

3.3.2.2.3 É integrado pelo Cmt BI Mec, Cmt Pel Cmdo (Cmt PCT), pelo O Lig Art, pelo CAA , outros oficiais de Ligação, além da Seq Seg/Pel Cmdo que proporciona a segurança para esta instalação de C².

3.3.2.3 Posto de Comando Principal (PCP)

3.3.2.3.1 Principal instalação de C² do BI Mec, onde são realizados os planejamentos operacionais, o estudo de situação continuado das operações e a sincronização da manobra, do apoio de fogo e da logística.

3.3.2.3.2 No PCP é instalado o Centro de Operações Táticas do BI Mec.

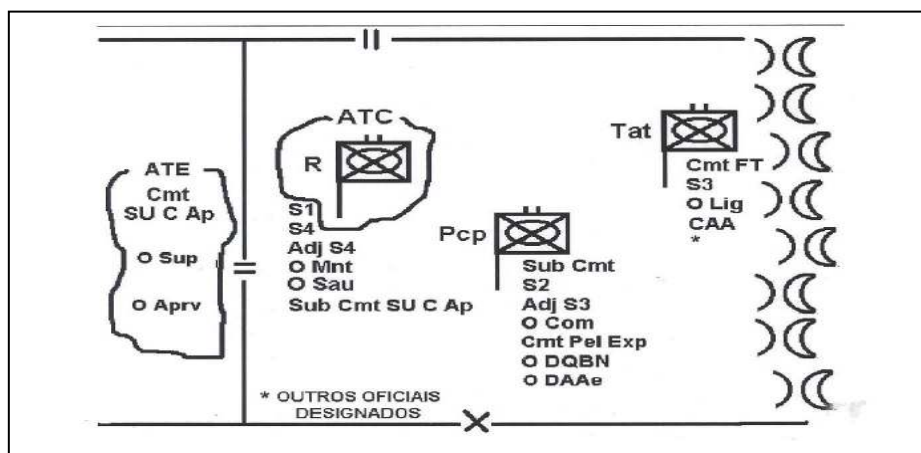
3.3.2.3.3 Normalmente, fica localizado entre as áreas de trens de subunidade (ATSU) e a área de trens de combate (ATC), próximo da reserva e na parte principal da Z Aç do BI Mec.

3.3.2.3.4 Nessa instalação, o S Cmt BI Mec (sincronizador da OM), o S2 e o S3, em princípio, conduzem suas tarefas durante as operações.

3.3.2.3.5 O Cmt Pel Com é o Cmt do PCP.

3.3.2.4 Posto de Comando Recuado (PCR)

3.3.2.4.1 Instalação localizada, normalmente, na Área de Trens de Combate, onde é desdobrado o Centro de Operações Logísticas do BI Mec. Dessa instalação de C², o S4 e o S1 conduzem suas tarefas durante as operações. O Adj S4 é o Cmt do PCR.



3.3.2.5 Postos de Comando Alternativos

3.3.2.5.1 O PCT e o PCR funcionam como Postos de Comando Alternativos do Btl.

3.3.2.5.2 Os meios de comunicações e de C² devem ser duplicados nesses PC para assegurar a sobrevivência do Sistema de C², caso uma das suas instalações venha a ser destruída.

3.3.2.6 Mobilidade dos Postos de Comando

3.3.2.6.1 No BI Mec, em princípio, todas as instalações dos Postos de Comando (PCT, PCP e PCR) devem funcionar embarcadas nas viaturas de dotação das frações da Cia C Ap, em condições de acompanharem a evolução da situação tática.

3.3.2.6.2 Em situações especiais ou quando o Btl estiver em Z Reu, o Cmt Btl pode determinar que essas instalações sejam operadas em barracas, toldos ou edificações existentes na região.

3.3.2.7 Sistema de Comando e Controle

3.3.2.7.1 Normalmente, desdobra-se para mobiliar as seguintes instalações:

INSTALAÇÕES DE C ²	FUNÇÃO	COMANDO E ESTADO-MAIOR	EFETIVOS
Posto de Comando Tático	Comando e Controle das operações correntes. Apoio ao Cmt BI Mec.	Cmt BI Mec. S3, O Lig, CAA (quando necessário). Of DQBN. Outros Elm necessários.	Cmt Pel Cmdo. Elm 2 ^a e 3 ^a Seções. Elm Pel Com. Elm Pel Exp. Outros Elm necessários.
Posto de Comando Principal	Planejamento das operações. Acompanhamento das operações correntes. Sincronização da manobra, apoio ao combate e logística. Centro de Operações Táticas. Centro de Operações Antiaéreas da Sec AAe que apoia o Btl.	Sub Cmt BI Mec. S2 e S3. Adj S3. O Lig Artilharia. CAA. O Com. O DAAe. Outros Elm necessários.	Cmt Pel Com. Elm 2 ^a e 3 ^a Seções. Elm Pel Com. Elm Pel Exp. Tu COAAe. Outros Elm necessários.
Posto de Comando Recuado	Acompanhamento das operações correntes. Planejamento e controle da manobra logística. Centro de Operações Logísticas.	S1 e S4. Adj S4. Cmt Trens Btl.	Cmt Cia C Ap. Elm 1 ^a e 4 ^a Seções. Elm Pel Com. Outros Elm necessários.

3.3.2.8 Centro de Comunicações de Comando (C Com Cmdo)

3.3.2.8.1 Para atender às necessidades de comunicações do PCP do BI Mec, o Pelotão de Comunicações instala um Centro de Comunicações de Comando (C Com Cmdo).

3.3.2.8.2 Esse centro, normalmente, compreende um centro de controle do sistema de comunicações do BI Mec (dotados de meios rádio e meios informatizados com programas para processamento, criptografia e decriptografia de mensagens) e postos de outros meios de comunicações.

3.3.3 LOCALIZAÇÃO DO POSTO DE COMANDO

3.3.3.1 A localização dos PC varia de acordo com o tipo de operação na qual o BI Mec está engajado.

3.3.3.2 Os PC são localizados de modo a facilitar o controle do BI Mec. São fatores que influem na sua localização: situação tática, facilidades para as comunicações, segurança e facilidades para a instalação. As entradas de cidades e vilas, os cruzamentos de estradas e outros acidentes do terreno que possam atrair o fogo inimigo, devem ser evitados.

3.3.3.3 Nas operações ofensivas, a localização inicial do PCP deve ficar bem à frente, a fim de evitar deslocamentos prematuros e para facilitar o controle. Na defensiva, o PCP é, normalmente, localizado na área de retaguarda do BI Mec, a fim de evitar o deslocamento, na eventualidade de uma penetração inimiga. Para obter segurança, o PCP, normalmente, é localizado próximo à reserva. A segurança local é obtida pelo estabelecimento de postos avançados guarnecidos por pessoal disponível. Quando possível, as armas instaladas em viaturas recebem setores específicos de tiro (Fig 3-3 e Fig 3-4).

3.3.3.4 O S3 propõe a delimitação da área do PCP, após consultar o oficial de comunicações (que opina sob o aspecto das comunicações) e o S2 (que opina sob o ponto de vista das necessidades de distribuição interna). Uma vez aprovada pelo comandante do BI Mec, cabe ao S2, juntamente com o oficial de comunicações, a escolha do local exato dos diversos órgãos competentes.

3.3.3.5 O S4 propõe a delimitação da área do PCR, após consultar o oficial de comunicações (que opina sob o aspecto das comunicações) e o S1 (que opina sob o ponto de vista das necessidades de distribuição interna). Uma vez aprovada pelo comandante do BI Mec, cabe ao S1, juntamente com o oficial de comunicações e o Adj S4 - Cmt PCR, a escolha do local exato dos diversos órgãos competentes.

3.3.3.6 Os PC e seus sistemas de comunicações são alvos de elevada prioridade para o inimigo. Eles apresentam assinaturas de rádio frequência, térmicas, acústicas e visuais facilmente detectáveis pelo inimigo. Em função dessa vulnerabilidade, a localização dos PC deve ser objeto de cuidadosa análise, a fim de se reduzir o risco de sua destruição ou bloqueio por meios eletrônicos. A localização do PC deve ser alterada após determinados períodos, em função da situação tática e dos meios de GE do inimigo, a fim de reduzir a possibilidade de sua destruição.

3.3.4 DISTRIBUIÇÃO INTERNA DE ÁREAS NO POSTO DE COMANDO

3.3.4.1 O PCP é, normalmente, integrado pelo Centro de Operações Táticas e pelo Centro de Comunicações de Comando do BI Mec. Na área do PCP desdobram-se, ainda, o grosso dos elementos do Pel Cmdo, Pel Com e Pel Exp. Os grupos de inteligência e operações devem ficar em posição central e operar reunidos no COT.

3.3.4.2 O PCR é basicamente constituído pelo Centro de Operações Logísticas do BI Mec. Desdobram-se em suas proximidades elementos do Pel Cmdo e Pel Com. Os grupos de pessoal e logística devem operar reunidos no COL.

3.3.4.3 O S1 e o S2 são os responsáveis pela distribuição interna e planejamento da segurança das instalações do PCR e PCP, respectivamente. Para tal, servem-se da assessoria do O Com/Cmt PCP e do auxílio do Adj S4/Cmt PCR).

3.3.4.4 Os planejamentos de segurança e deslocamento do PCR devem ser ajustados com os da ATC.

3.3.4.5 O comandante da Cia C Ap é o comandante da AT do BI Mec cabendo-lhe a execução dos planos de segurança e dos deslocamento da(s) área(s) de trens. É auxiliado pelo SCmt Cia C Ap no controle do efetivo e na execução da manobra logística para a subunidade.

3.3.4.6 As estações de rádio devem ser localizadas de modo a permitir a melhor transmissão e recepção e não comprometer a segurança do PC.

3.3.4.7 O oficial de comunicações do BI Mec liga-se com o S1, o S2 e com o comandante do PCR, para a localização dos meios de comunicações. Tais meios devem ser integrados no plano de segurança do PCP e PCR.

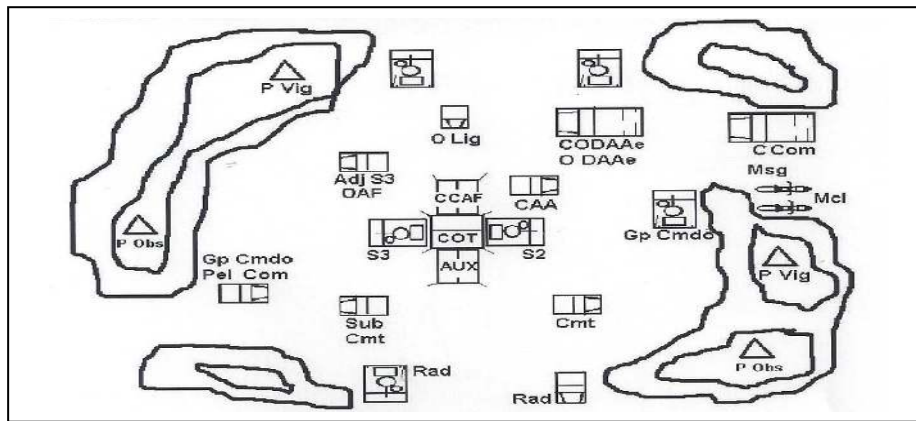


Fig 3-3 Posto de Comando Principal (desdobrado em área segura)

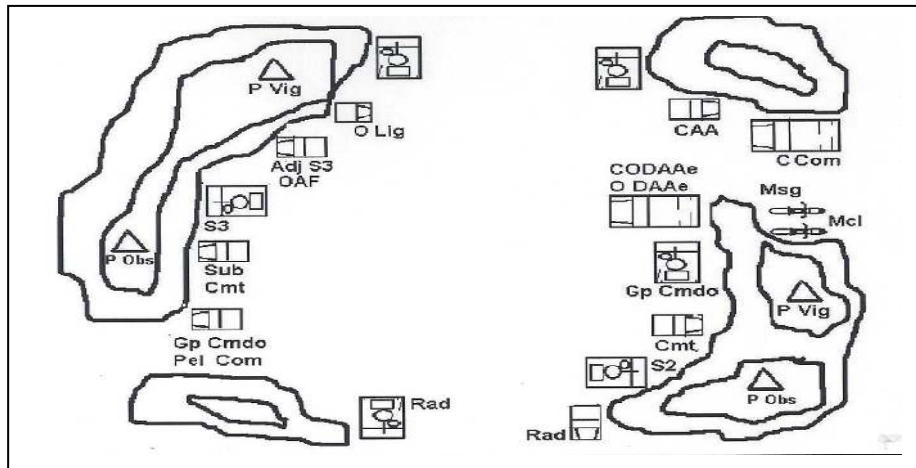


Fig 3-4 Posto de Comando Principal (desdobrado em área não segura)

3.3.5 OPERAÇÃO DO POSTO DE COMANDO

3.3.5.1 O PC é organizado para funcionar ininterruptamente. As seções do EM são organizadas em turmas que se revezam para assegurar a operação efetiva do PC, durante às 24 horas do dia, e para que o pessoal possa ter o repouso necessário.

3.3.5.2 O COT, o COL e o C Com Cmndo podem funcionar embarcados em suas viaturas, em condições de acompanharem a evolução da situação tática.

3.3.6 DESLOCAMENTO DO POSTO DE COMANDO

3.3.6.1 A situação tática, a segurança e os meios de comunicações podem impor a necessidade de deslocamentos frequentes, que implica, normalmente, em declínio de eficiência e desgaste de pessoal e material. Em consequência, as seguintes considerações devem ser feitas para o PCP e PCR:

- a) buscar uma localização inicial que atenda, durante o maior tempo possível, às necessidades do comando;
- b) restringir os deslocamentos às necessidades de segurança do PC e à evolução da situação tática; e
- c) aproveitar, dentro do possível, os períodos em que houver uma redução no volume de tráfego de mensagens para realizar deslocamentos.

3.3.6.2 Quando é planejado um deslocamento, o S3 e o S4 propõem ao comandante (ou, frequentemente, ao subcomandante) a nova localização geral dos PC e a oportunidade para seu deslocamento. Os oficiais responsáveis pelo deslocamento do PC coordenam com o:

- a) S3 - dispositivo da tropa, planos táticos, prioridade para utilização de estradas, hora de abertura do novo PC e fechamento do PC anterior;
- b) S4 - considerações logísticas, particularmente sobre transportes;
- c) Oficial de Comunicações - assuntos de comunicações; e
- d) Comandantes dos PC - deslocamento dos PC, providências sobre segurança, guias e hora de partida da turma de estacionadores.

3.3.6.3 O destacamento precursor, compreendendo o oficial estacionador de cada PC (S1 e S2), o elemento de segurança, os guias, o oficial de comunicações e praças auxiliares escolhidas, desloca-se para o novo local onde escolhe a localização exata do PC. Escolhidos os locais, são colocados guias para orientar os elementos que chegam para as respectivas áreas. Quando todas as providências tiverem sido tomadas, os antigos PC devem ser notificados.

3.3.6.4 Os PC deslocam-se, normalmente, em dois escalões, a fim de assegurar um contínuo controle das operações. O primeiro desloca-se para a nova área e prepara-se para operar. O segundo escalão continua a funcionar sob o controle de um oficial do EM. O comando da brigada e os elementos subordinados e em apoio devem ser informados do exato local e da hora de abertura do novo PC. Quando este ficar pronto para operar, os oficiais do EM que permaneceram nos antigos PC devem ser informados. Os novos PC são abertos simultaneamente com o fechamento dos antigos PC. O segundo escalão, então, reúne-se ao primeiro. Deve ser deixado um guia, nos antigos PC, durante um certo tempo, para informar onde se acham os novos PC.

3.3.6.5 Os PC podem deslocar-se como um todo, de uma só vez. Neste caso, o comando e o controle podem ser exercidos por meio de um grupo de comando, durante o movimento.

3.3.7 SEGURANÇA DO POSTO DE COMANDO

3.3.7.1 A segurança dos PC está relacionada com a localização das instalações, com a segurança das comunicações e com as normas e procedimentos gerais para operação dos PC.

3.3.7.2 No estabelecimento de medidas de segurança para os PC, devem ser consideradas as seguintes medidas:

- a) localização das instalações em locais abrigados e cobertos, que facilitem a defesa;
- b) máxima dispersão das instalações e viaturas;
- c) não indicar a localização dos PC por sinais detectáveis pelo inimigo;
- d) instalação de postos de segurança e minas de proteção local;
- e) evitar a reunião de número significativo de viaturas próximo ao PC;
- f) camuflagem das instalações e viaturas;
- g) disciplina de luzes e ruídos; e
- h) reduzir ao máximo o deslocamento de pessoal entre as instalações dos PC.

3.3.7.3 A defesa do PCP é de responsabilidade do SCmt BI Mec, podendo ser delegada para o Cmt Pel Com/Cmt PCP. Essa responsabilidade inclui a segurança, o deslocamento, o apoio e a manutenção das instalações, viaturas e equipamentos.

3.3.7.4 O perímetro defensivo deve ser estabelecido em torno do COT, no PCP, e COL, no PCR. Esse perímetro é mantido pelo pessoal do COT/COL e elementos de apoio a estas instalações. Ele deve incluir posições de tiro (armamento individual e coletivo), minas AC e, dependendo da operação e tempo de permanência no terreno, obstáculos de arame. Nas operações continuadas, as áreas de descanso do pessoal devem ser localizadas de maneira que as equipes fiquem próximas de suas posições no perímetro defensivo. Todo o efetivo dos PC deve ter perfeita noção da missão a ser cumprida na defesa das instalações. Um sistema de alarme deve ser estabelecido e treinamentos para a defesa dos PC devem ser realizados.

3.3.7.5 A prioridade dos trabalhos para segurança dos PC deve seguir, em princípio, a seguinte ordem:

- a) estabelecimento de uma linha inicial de segurança;
- b) posicionamento do armamento coletivo e das viaturas blindadas de transporte de pessoal;
- c) localização do restante do pessoal;
- d) limpeza dos campos de tiro e observação;
- e) construção de obstáculos;
- f) preparação das posições de tiro;
- g) estabelecimento do sistema de comunicações fio;
- h) preparação de posições suplementares e de muda; e
- i) selecionar e preparar itinerários de suprimento e evacuação.

3.3.8 POSTO DE COMANDO TÁTICO

3.3.8.1 O Posto de Comando Tático (PCT) é uma instalação de comando e controle que apoia continuamente o Cmt BI Mec e o Grupo de Comando, quando de seu afastamento do PCP.

3.3.8.2 O PCT pode servir como instalação temporária ou operar por longo período de tempo. Pode ser considerado como o escalão avançado do COT do PCP.

3.3.8.3 O Grupo de Comando utiliza o PCT como uma base de apoio, a partir da qual desenvolve o seu trabalho.

3.3.8.4 O PCT é comandado pelo Cmt Pel Cmdo e integrado por elementos dos grupos de inteligência e de operações do Pel Cmdo, por pessoal e meios de comunicações do Pel Com e por elementos do Pel Exp, quando necessário.

3.3.8.5 Deve ser mantida no PCT uma carta de situação atualizada, a fim de apoiar as decisões do Cmt BI Mec, a coordenação do apoio de fogo e a correta expedição de ordens. O PCT pode funcionar como PC Alternativo do BI Mec.

3.3.8.6 Quando o PCT não é desdobrado, seus meios e efetivos passam a integrar o PCP.

3.3.9 GRUPO DE COMANDO

3.3.9.1 O Grupo de Comando não é uma organização permanente. Ele é composto e opera de acordo com as determinações do BI Mec e as necessidades das operações correntes.

3.3.9.2 Ele é constituído para assessorar o comandante do BI Mec durante seus afastamentos do PC. De composição variável, normalmente, além do comandante, pode incluir o S2, o S3, o Coordenador de Apoio de Fogo (CAF), o controlador aéreo avançado (CAA) e o pessoal de ligação necessário. O grupo de comando mantém ligação contínua com o PC, a fim de assegurar a troca oportuna de informações. Operando à frente do PCP com o grupo de comando, o comandante do BI Mec pode influir, mais eficientemente, nas operações de combate.

3.3.9.3 O Cmt BI Mec, em princípio, só deve permanecer no PC da unidade durante o planejamento das operações de combate e nas situações estáticas das operações. Após concluído o planejamento da operação, o Cmt desloca-se com o seu grupo de comando para a zona de ação da subunidade que realiza o esforço principal, de modo a influir decisivamente no combate, com sua liderança e ação de presença.

3.3.9.4 Nas operações de alta mobilidade o Grupo de Comando desloca-se em função do ritmo das operações, mudando frequentemente sua localização.

3.3.9.5 O Cmt BI Mec deve posicionar-se no campo de batalha de modo a poder observar o desenvolvimento das operações e a intervir no combate com rapidez e oportunidade. Quando as frentes forem muito extensas ou a situação for indefinida, o Cmt BI Mec deve posicionar-se no campo de batalha, orientando-se para a Z Aç da SU da ação principal, e o S3 deve orientar-se para as Z Aç das SU da(s) ação(ões) secundária(s).

3.3.9.6 O CAA, quando acompanhar o Cmt BI Mec, deve posicionar-se de modo a observar a área de alvos e conduzir o apoio de fogo da força aerotática.

3.3.9.7 O Gp Cmdo é apoiado pelo PCT, que reúne as praças e o material necessário para apoiar o Cmt e o Gp Cmdo.

3.3.10 CENTRO DE OPERAÇÕES TÁTICAS (COT)

3.3.10.1 O Centro de Operações Táticas é constituído de três áreas básicas: 2ª Seção (Inteligência), 3ª Seção (Operações) e Apoio de Fogo (CCAF). O COT opera sob o controle do SCmt BI Mec. Outros elementos podem ser organizados em torno dessas áreas básicas, conforme os apoios recebidos pelo BI Mec.

3.3.10.2 A organização interna do COT deve facilitar a coordenação do Estado-Maior, prover adequado espaço para o trabalho e para as comunicações. Deve ser previsto um reduzido número de militares presentes no interior do COT, a fim de facilitar o trabalho de Estado-Maior.

3.3.10.3 No COT é realizado o planejamento das operações, o acompanhamento das operações correntes e a sincronização da manobra, apoio ao combate e logística. O COT antecipa as necessidades futuras de apoio ao combate e apoio logístico, para que o planejamento seja realizado a tempo e o apoio esteja disponível no momento e local que se fizer necessário.

3.3.10.4 O COT realiza também a busca de dados e a coleta de conhecimento, a coordenação das operações com elementos vizinhos e a monitoração da situação logística.

3.3.10.5 O SCmt BI Mec, na qualidade de chefe do Estado-Maior da unidade, exerce suas funções do COT do PCP do Batalhão, coordenando o estudo de situação continuado e exercendo a sincronização da manobra com o apoio de fogo e a logística interna da unidade. Deve manter estreito controle das atividades do COL no PCR, devendo convocar o S1 e o S4 para o PCP, durante o planejamento das operações ou sempre que se fizer necessário.

3.3.10.6 Funções básicas do COT

3.3.10.6.1 Receber informações:

- a) receber mensagens e relatórios do(s) escalão(ões) superior(es) e subordinados;
- b) receber as ordens do(s) escalão(ões) superior(es);
- c) monitorar a situação tática;
- d) manter um registro de todas as atividades mais significativas;
- e) manter atualizada a localização do(s) Elm superior(es) e subordinado(s);
- f) monitorar a situação do inimigo; e
- g) acompanhar a situação das classes de suprimentos críticos.

3.3.10.6.2 Divulgar informações:

- a) encaminhar relatórios ao(s) escalão(ões) superiores;
- b) operar como enlace de comunicações entre diferentes elementos;
- c) expedir ordens e instruções; e
- d) processar e divulgar informações aos elementos pertinentes.

3.3.10.6.3 Analisar informações:

- a) consolidar relatórios;
- b) antecipar eventos e atividades, desenvolvendo as ações apropriadas;
- c) conduzir análise prognóstica, baseada na situação tática;
- d) identificar informações que respondam aos EEI;
- e) conduzir o processo de tomada da decisão; e
- f) identificar as necessidades de executar decisões de conduta com base na situação corrente.

3.3.10.6.4 Propor linhas de ação de conduta - é função do COT propor linhas de ação de conduta ao Cmt BI Mec com base nas informações disponíveis e na análise conduzida.

3.3.10.6.5 Integrar os meios disponíveis.

3.3.10.6.6 Sincronizar os sistemas operacionais envolvidos na Op.

3.3.11 CENTRO DE OPERAÇÕES LOGÍSTICAS (COL)

3.3.11.1 O Centro de Operações Logísticas é constituído de duas áreas básicas: 1ª Seção (Pessoal) e 4ª Seção (Logística). O COL opera sob o controle do S4. Outros elementos podem ser organizados em torno dessas áreas básicas, conforme os apoios recebidos pelo BI Mec.

3.3.11.2 A organização interna do COL deve facilitar a coordenação do Estado-Maior, prover adequado espaço para o trabalho e para as comunicações. Deve ser previsto um reduzido número de militares presentes no interior do COL, a fim de facilitar o trabalho de Estado-Maior.

3.3.11.3 No COL é realizado o planejamento das operações logísticas, o acompanhamento da situação logística corrente e todas as atividades logísticas desenvolvidas na ATC, na área de trens de estacionamento (ATE) e nas ATSU. O acompanhamento da situação logística do Esc Sp é realizada mediante ligações constantes com o EM e a A Ap Log Bda.

3.3.11.4 O COL é a principal instalação do PCR do BI Mec, que, em princípio, desdobra-se na ATC, atuando também como Posto de Comando Alternativo.

3.3.11.5 No COL deve ser mantida atualizada uma carta de situação, para facilitar o planejamento das operações logísticas e poder apoiar o Cmt BI Mec, no caso deste passar a operar do PCR.

3.4 SINCRONIZAÇÃO

3.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.4.1.1 Sincronização é o arranjo das atividades de todas as Funções de Combate no tempo, no espaço e na finalidade.

3.4.1.2 A sincronização inclui o efeito de emassar o poder de combate no ponto decisivo, embora não se limite a ele. Algumas atividades que o comandante sincroniza em uma operação podem ocorrer antes do momento decisivo. A sincronização visa a obter o poder de combate "vencedor".

3.4.1.3 No ataque, o comandante BI Mec sincroniza seus fogos de apoio com a manobra ao levar os fogos de seus morteiros e os da artilharia a bater armas inimigas de fogo direto enquanto manobra suas SU rapidamente, em direção ao flanco ou à retaguarda do inimigo.

3.4.1.4 A sincronização, usualmente, requer estreita coordenação entre vários elementos e atividades que participam de uma operação. Contudo, por si só, essa coordenação não é garantia de sincronização, a não ser que o comandante primeiro visualize os efeitos desejados e qual a sequência de atividades que os produzirá. O Estado-Maior precisa conhecer a intenção do comandante, pois é o EM que faz uma grande parte do plano de sincronização acontecer. A sincronização deve estar sempre na mente dos comandantes e, a partir daí, no planejamento e coordenação de movimento, fogos e atividades de apoio. Ensaios são a chave para o êxito de operações sincronizadas.

3.4.1.5 O objetivo da sincronização é usar cada meio disponível onde, quando e da maneira que possa melhor contribuir para obter a superioridade no local e momento decisivos. A sincronização exige:

- a) o perfeito conhecimento dos efeitos produzidos pelos diversos meios de combate;
- b) o conhecimento da relação entre as possibilidades do inimigo e das forças amigas;
- c) o domínio perfeito das relações entre o tempo e o espaço; e
- d) a clara unidade de propósitos.

3.4.1.6 A sincronização acontece a partir da concepção da operação pelo comandante e seu Estado-Maior, quando estes planejam que ações realizar e como estas ações devem ocorrer no tempo e no espaço, para atingir seu objetivo. A sincronização visa a fazer com que os efeitos da ação de diversas forças se façam sentir de maneira total no momento e no local desejados.

3.4.1.7 O resultado da sincronização efetiva é o máximo uso de todos os recursos para obter a máxima contribuição para o sucesso. Sincronização implica no julgamento e na escolha entre atividades simultâneas e sequenciais. O comandante deixa claro para o seu Estado-Maior e comandantes subordinados quando os efeitos de uma atividade são pré-condição para uma ação subsequente. Atingir isso requer uma antecipação dos eventos que vêm com o "pensar em profundidade", com o domínio das relações de tempo e espaço e um completo conhecimento da interação das nossas possibilidades com as do inimigo. Acima de tudo, sincronização requer um claro estabelecimento da intenção do comandante.

3.4.1.8 A sincronização implica a judiciosa exploração do fator da decisão "tempo".

3.4.1.9 A sincronização dos sistemas de combate do BI Mec ocorre verticalmente, da brigada para o BI Mec e através das SU, Cia C Ap e seus pelotões. Ela ocorre também, horizontalmente, entre os sistemas operacionais do Batalhão.

3.4.2 SINCRONIZAÇÃO NO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO

3.4.2.1 Um batalhão de infantaria mecanizado, normalmente, sincroniza suas operações:

- a) assegurando-se que seus meios de inteligência de combate estão ajustados às necessidades de seu comandante e que respondem a tempo de influenciarem nas decisões e na operação;
- b) determinando qual será o esforço principal e carreando os meios necessários para este elemento;
- c) coordenando a manobra com os meios de apoio ao combate e apoio logístico disponíveis;

- d) utilizando a Estimativa Logística para assegurar-se que os meios necessários estarão disponíveis e alocados;
- e) emassando rapidamente seu poder de combate no ponto decisivo para obter a surpresa, a massa e uma efetiva ação de choque, sem demoradas explanações e expedições de ordens;
- f) planejando "à frente", para explorar as oportunidades criadas pelo sucesso tático;
- g) permitindo uma execução descentralizada das operações;
- h) utilizando as ferramentas da sincronização; e
- i) conduzindo ensaios de sincronização.

3.4.3 FERRAMENTAS DA SINCRONIZAÇÃO

3.4.3.1 Matriz de sincronização

3.4.3.1.1 É um documento empregado pelo Estado-Maior do BI Mec na visualização e ensaio de todas as ações a serem realizadas antes, durante e após a operação. Esse documento não é padronizado, podendo ser adaptado ao sistema de trabalho do Estado-Maior do BI Mec ou da operação a ser conduzida.

3.4.3.1.2 Em princípio, constitui-se numa planilha de dupla entrada onde, na coluna vertical, são lançados a data-hora estimada para os eventos e faseamento do combate, a situação do inimigo, todos os sistemas de combate, os meios disponíveis e ações de dissimulação e simulação previstas para a operação e, na coluna horizontal, são lançados o tempo ou o faseamento da operação.

3.4.3.1.3 É feita uma interação dessas duas colunas, reagindo-se cada sistema com o faseamento da operação/tempo, considerando-se a interferência do inimigo, do terreno, das condições climáticas e de outros dados que podem interferir no cumprimento da missão.

3.4.3.1.4 A matriz de sincronização pode ser utilizada para suplementar o calco de operações e ordens verbais. O preenchimento da planilha não substitui a ordem de operações para o cumprimento da missão.

3.4.3.1.5 A matriz de sincronização é elaborada com dados extraídos da fase da análise das linhas de ação opostas (jogo da guerra) e logo após a conclusão dessa fase.

MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO (EXEMPLO)				
DADOS				
DATA/HORA DOS EVENTOS (PREVISÃO) OBJETIVOS OU FASES				
SITUAÇÃO DO INIMIGO				
INTELIGÊNCIA	Terreno			
	Posições do inimigo			
	Obstáculo			
MANOBRA	Frações			
	Z Aç Pcp			
	Área R			
	Profundidade			
APOIO DE FOGO	Mrt			
	Art			
	Armt AC			
	Aéreo			
ENGENHARIA	Mobilidade			
	Contramobilidade			
	Proteção			
DEFESA ANTIAÉREA	Tubo			
	Msl			
	Sist Vig/Tiro			
	PCP			
APOIO LOGÍSTICO	Ct civis e PG			
	CII			
	CIII			
	CIV			
	CI IX			
	Mnt			
	Ap Saúde			
SIMULAÇÃO				
DISSIMULAÇÃO				
MEIOS	SU			
	Rgt			
	Bda			
NOTAS	Dados essenciais à operação			

3.4.3.2 Planilha de acompanhamento do combate

3.4.3.2.1 É um documento de trabalho empregado pelas seções de Estado-Maior e elementos de apoio ao combate e logístico.

3.4.3.2.2 Nessas planilhas são sintetizadas ações, atividades e atuações, visando a facilitar o acompanhamento das ações do combate e a realização do estudo de situação continuado e planejamentos dele decorrentes.

3.4.3.2.3 O emprego dessas planilhas permite maior rapidez na introdução de correções no planejamento inicial, que se fizerem necessárias durante o combate.

PLANILHA DE ACOMPANHAMENTO DE COMBATE (EXEMPLO)				
PODER DE COMBATE EXISTENTE		FASE		Grupo data-hora
Frações	SU	1º Cia Fuz Mec	2º Cia Fuz Mec	3º Cia Fuz Mec
Pel C Mec				
Patr GE				
Sec VBR				
GC				
Pç Mrt Me				
Pç Mrt P				
Radar				
Msl				

3.4.4 PROCESSO DE SINCRONIZAÇÃO

3.4.4.1 A sincronização possui três fases distintas: a sincronização realizada durante o planejamento da operação, a sincronização do ensaio da operação e a sincronização durante o combate.

3.4.4.2 A sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico, realizada durante a fase inicial de planejamento, é conduzida pelo comandante BI Mec, auxiliado pelo seu Estado-Maior. Nessa fase são planejadas as ações a realizar e como estas ações irão ocorrer.

3.4.4.3 Encerrada a fase de planejamento e com a ordem de operações pronta, é realizado um ensaio da operação, conduzido pelo subcomandante e com a presença do Estado-Maior, comandantes das SU, Pel Exp, Pel Mrt P, Pel AC e os elementos em apoio ou em reforço. Nesse ensaio todas as ações previstas

para o combate são interagidas com a provável atuação do inimigo, possibilitando a introdução de modificações que venham contribuir para a execução do planejamento inicial.

3.4.4.4 A finalidade desse ensaio conduzido pelo subcomandante, além de ajustar o planejamento, é garantir que todos os elementos do Estado-Maior, comandantes de SU, elementos de apoio ao combate e apoio logístico conheçam a intenção do comandante, compreendam o conceito da operação, saibam o que fazer em todas as fases da operação e qual a missão de todos os elementos subordinados ao BI Mec e do escalão imediatamente superior.

3.4.4.5 O ensaio de sincronização tem início com o S2 expondo todos os dados e conhecimentos disponíveis sobre o terreno, as condições meteorológicas e o inimigo e de que forma se espera que interfiram na operação. Em seguida, e para cada fase da operação, os oficiais responsáveis pelos sistemas de combate (manobra, apoio de fogo, engenharia, comando e controle, logística e defesa antiaérea) e os comandantes subordinados expõem como o seu sistema SU atuará durante a fase considerada. O S2 passa a atuar como se fosse o comandante inimigo (com base nos dados e conhecimentos disponíveis sobre efetivos, equipamentos e doutrina disponíveis), interferindo na explanação de cada responsável por sistema de combate, procurando neutralizar o planejamento de cada um destes sistemas, levando o Estado-Maior a buscar alternativas para a interferência inimiga, ajustando o planejamento inicial. Ao final do ensaio, e tendo certeza da viabilidade da operação e de que todos sabem o que fazer, o subcomandante dá por encerrada esta fase da sincronização.

3.4.4.6 Ao iniciar-se o combate, o subcomandante passa a conduzir a terceira fase da sincronização, no COT do PCP. Ele mantém-se informado da situação tática e logística do BI Mec, do Esc Sp e dos elementos vizinhos, realizando um estudo de situação continuado, com o apoio do S2 e dos demais elementos do Estado-Maior, quando necessário. Com base nesse estudo de situação ele introduz modificações no planejamento inicial, após contato com o comandante do BI Mec, agilizando a resposta dos elementos necessários, face à mudança da situação tática ou logística.

3.5 LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

3.5.1 LIGAÇÕES (Fig 3-5)

3.5.1.1 Ligações são as relações e contatos estabelecidos por meios diversos, pelo comando do BI Mec, de modo a coordenar esforços, com vistas ao êxito das operações.

3.5.1.2 Em cada situação tática, o comandante BI Mec avalia e determina as necessidades em ligações, as quais são estabelecidas, principalmente, através de contatos pessoais e pelo emprego de meios de comunicações.

3.5.1.3 No âmbito do BI Mec, normalmente, as ligações necessárias são estabelecidas de modo a permitir a entrada na cadeia de comando do escalão imediatamente superior e a ligação com os elementos vizinhos, em apoio, apoiados e subordinados, inclusive reforços.



Fig 3-5 Ligações no BI Mec

3.5.2 COMUNICAÇÕES

3.5.2.1 O Cmt é o responsável pelo funcionamento do sistema de comunicações do BI Mec. Incumbe-lhe, também, zelar para que as SU disponham de meios de comunicações adequados para fazer face às necessidades das operações.

3.5.2.2 O Cmt é auxiliado pelo Oficial de Comunicações (O Com) no cumprimento das suas atribuições.

3.5.2.3 O oficial de comunicações é o principal assessor do Cmt e do EM em todos os aspectos relativos às comunicações. Para tanto, o O Com planeja, coordena e supervisiona as atividades de comunicações de todos os elementos do BI Mec.

3.5.2.4 As responsabilidades de comando sobre as comunicações são igualmente aplicadas a todos os comandantes subordinados, incluindo os comandantes de viaturas blindadas e os chefes das demais viaturas onde estiverem instalados meios de comunicações.

3.5.2.5 Os diferentes meios de comunicações disponíveis no BI Mec agrupam-se de modo a constituírem conjuntos homogêneos, com características comuns. Esses conjuntos são chamados sistemas.

3.5.2.6 O BI Mec dispõe basicamente do sistema rádio e de meios informatizados para estabelecer suas ligações de combate. Possui, também, meios suplementares de comunicações, empregados em situações especiais, como os mensageiros, meios acústicos, visuais e fio.

3.5.2.7 Esses sistemas, considerados em conjunto, constituem o sistema de comunicações do BI Mec. O sistema de comunicações do BI Mec constitui parte do sistema de comunicações do Esc Sp e integra os sistemas dos elementos subordinados.

3.5.2.8 Cabe ao Pelotão de Comunicações, orgânico da Cia C Ap, a missão de instalar, explorar e manter o sistema de comunicações do BI Mec, de modo a assegurar as ligações necessárias ao comando.

3.5.2.9 Sempre que possível, deve ser evitada a ligação por um único meio. O grau de confiança proporcionado pelo sistema de comunicações da unidade é aumentado pelo emprego de todos os meios disponíveis.

CAPÍTULO IV

MOVIMENTOS PREPARATÓRIOS

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 CONCEITOS

4.1.1.1 Função de Combate Movimento e Manobra

4.1.1.1.1 Definida como o conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados, empregados para deslocar forças, de modo a posicioná-las em situação de vantagem em relação às ameaças.

4.1.1.2 Movimento

4.1.1.2.1 Deslocamento ordenado de forças até a área de concentração estratégica, na entrada do teatro de operações ou área de operações (TO/A Op), visando ao cumprimento de uma missão, em condições nas quais não se prevê uma interferência significativa do oponente.

4.1.1.3 Manobra

4.1.1.3.1 Deslocamento de uma tropa que esteja em contato ou que tenha a previsão de contato com uma força oponente, sempre com a finalidade de posicionar-se de maneira vantajosa em relação à ameaça que esse inimigo representa, buscando derrotá-lo.

4.1.1.4 Mobilidade Estratégica

4.1.1.4.1 Ser capaz de realizar, com todas as frações orgânicas e elementos em reforço, deslocamentos terrestres a grandes distâncias, principalmente por rodovias, com seus meios orgânicos proporcionando ao BI Mec velocidade de intervenção e flexibilidade de emprego, sejam em áreas estratégicas diferentes do território nacional, do entorno estratégico ou em área de interesse.

4.1.1.5 Suporte à Projeção de Força

4.1.1.5.1 Ser capaz de planejar, gerir e executar eficazmente o deslocamento (movimento, transporte e distribuição de recursos) para todas as frações orgânicas e elementos em reforço, a partir de sua sede até o seu destino final ou região onde cumprirá sua missão.

4.1.1.6 Prontidão

4.1.1.6.1 Ser capaz de, no prazo adequado, empregar suas frações orgânicas e elementos em reforço valendo-se dos seus próprios recursos orgânicos e meios adjudicados.

4.1.1.7 Tipos de transporte

4.1.1.7.1 Os tipos de transportes que se prestam às viaturas blindadas são o rodoviário, o ferroviário, o marítimo e o aéreo. No entanto, caso necessário, é utilizado o transporte multimodal, ou seja, dois ou mais tipos de transportes na mesma operação. Por exemplo, pode-se citar que dificilmente se usa o transporte marítimo isoladamente, pois, a partir do porto, ou para se chegar até ele, precisa-se de outro meio de transporte.

4.1.1.8 Marcha

4.1.1.8.1 Movimento terrestre realizado por uma força, sob determinadas condições técnicas, táticas ou administrativas, utilizando seus próprios meios ou outros, sob seu controle.

4.1.1.9 Processo a ser utilizado

4.1.1.9.1 Depende da situação, do terreno a ser percorrido, do valor e da composição da Unidade a ser deslocada, da distância a ser percorrida, da urgência de emprego, das condições da tropa e da disponibilidade e capacidade dos diferentes meios de transporte.

4.1.1.10 Os demais conceitos operacionais que devem nortear o planejamento e a execução dos Movimentos Preparatórios do BI Mec podem ser encontrados, com mais detalhes, no Manual de Campanha EB20-MC-10.203/MOVIMENTO E MANOBRA (1ª Edição - 2015), Capítulo II; e no Caderno de Instrução CI 55-1/TRANSPORTE DE VIATURAS BLINDADAS (1ª Edição - 2002).

4.1.2 MEDIDAS ADMINISTRATIVAS

4.1.2.1 As atividades inerentes à função Movimento e Manobra pressupõem numerosas tarefas, de forma que se faz necessário a realização de medidas preparatórias importantes para a execução dos deslocamentos, tais como:

- a) organização da tropa em grupamentos de marcha (Gpt M) e unidades de marcha (UM) para explorar, ao máximo, os meios de transporte;
- b) inventariar material e pessoal com a descrição do meio de transporte, local de embarque e de destino e a sincronização da saída e chegada da OM na Área de Concentração;
- c) embalagem, marcação e carregamento do material da Unidade;

- d) reunião da tropa, deslocamento até o meio de transporte e designação dos lugares dos homens;
- e) prescrições para a alimentação, cuidados médicos e repouso durante o deslocamento;
- f) acompanhar/monitorar o deslocamento da força, a partir dos locais de embarque até a área de concentração estratégica: destacar militares de ligação das SU para acompanhar/monitorar todo o processo, controlando o movimento e proporcionando informações seguras sobre o deslocamento;
- g) reconhecer as áreas de destino, planejar a ocupação, estabelecer prioridades e identificar pontos críticos; e
- h) reunião da tropa e do material no ponto de destino.

4.2 PLANEJAMENTO DAS MARCHAS

4.2.1 Para estudo mais detalhado a respeito do planejamento e da execução das Marchas Motorizadas deve ser consultado o Manual de Campanha C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), Artigo II.

4.3 ESTACIONAMENTO

4.3.1 Para estudo mais detalhado a respeito do planejamento e escolhas das zonas de estacionamento, preparação do estacionamento, segurança no estacionamento e controle das viaturas deve ser consultado o Manual de Campanha C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), Artigo III.

CAPÍTULO V

OPERAÇÕES OFENSIVAS

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 O BI MEC NAS OPERAÇÕES OFENSIVAS

5.1.1.1 As operações ofensivas são essenciais para se obter resultados decisivos. Elas visam basicamente a destruir o inimigo, conquistar o terreno, manter a iniciativa das operações, privar o inimigo de fontes de recursos, desviar a atenção do inimigo de outras áreas ou esclarecer determinada situação.

5.1.1.2 Os BI Mec, por sua organização, equipamento e adestramento, são particularmente aptos para conduzirem ações ofensivas caracterizadas pela predominância do combate embarcado. Na execução do combate ofensivo, o BI Mec tem oportunidade de explorar ao máximo suas características de flexibilidade, mobilidade e relativa proteção blindada e potência de fogo.

5.1.1.3 A ofensiva exige iniciativa na condução das operações. O comandante do BI Mec mantém a iniciativa através de ações rápidas e agressivas, da exploração dos pontos fracos no dispositivo inimigo e de planos alternativos que permitam enfrentar, de imediato, as mais diversas situações.

5.1.2 FINALIDADES

5.1.2.1 As operações ofensivas têm as seguintes finalidades:

- a) destruir forças inimigas;
- b) conquistar acidentes capitais do terreno;
- c) obter informações sobre o inimigo;
- d) privar o inimigo de recursos que lhe sejam necessários; e
- e) desviar a atenção do inimigo de outras áreas.

5.1.3 Para estudo detalhado dos fundamentos das operações ofensivas deve ser consultado o Manual de Campanha EB70-MC-10.202 OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS.

5.1.4 TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

5.1.4.1 Os tipos de operações ofensivas são os seguintes:

- a) marcha para o combate;
- b) reconhecimento em força;
- c) ataque;
- d) aproveitamento do êxito; e
- e) perseguição.

5.2 MARCHA PARA O COMBATE

5.2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.2.1.1 Conceitos e características

5.2.1.1.1 A marcha para o combate (M Cmb) é uma marcha tática na direção do inimigo, executada com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o inimigo e/ou assegurar vantagens que facilitem as operações futuras.

5.2.1.1.2 A M Cmb deve ser executada agressivamente, para se apossar do objetivo antes que o inimigo possa reagir.

5.2.1.1.3 A M Cmb é, normalmente, realizada em colunas múltiplas, de forma que, conforme a situação tática exigir, os elementos subordinados podem empregar formações variadas.

5.2.1.2 Articulação

5.2.1.2.1 Normalmente, uma força que executa uma M Cmb articula-se em um grupamento principal, ou grosso, e em forças de segurança (proteção ou cobertura).

5.2.1.2.2 O grosso compreende a maioria do poder de combate da força, que deve ser preservado para o emprego imediato pelo comandante, além dos órgãos de apoio logístico. As peças de manobra do grosso são organizadas para o combate e colocadas em posição que lhes permitam o máximo de flexibilidade de emprego, tanto durante o deslocamento como após estabelecido o contato com o inimigo.

5.2.1.2.3 As forças de segurança no nível BI Mec são constituídas pelas forças de proteção (vanguarda, retaguarda e flancoguarda).

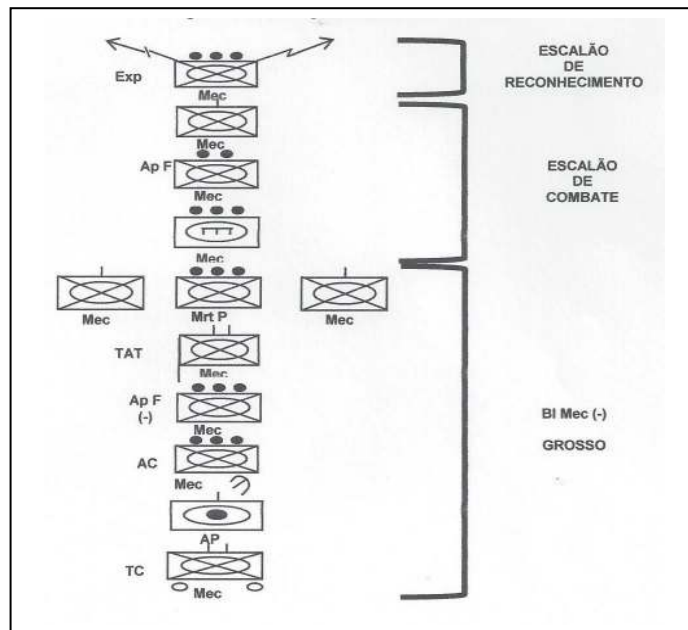


Fig 5-1 Organização de um BI Mec na M Cmb

5.2.1.2.4 A articulação visa a proporcionar ao BI Mec:

- a) avanço rápido e ininterrupto;
- b) segurança adequada em todas as direções e melhores condições para esclarecer a situação, o mais cedo possível; e
- c) manutenção da maioria do poder de combate em condições de pronto emprego.

5.2.2 ESTUDO DE SITUAÇÃO NA MARCHA PARA O COMBATE

5.2.2.1 Para estudo detalhado, deve ser consultado o Manual de Campanha C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), item 4-8.

5.2.3 CONDUTA DO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO NA MARCHA PARA O COMBATE

5.2.3.1 Considerações gerais

5.2.3.1.1 A M Cmb é caracterizada pela ação rápida e agressiva. As forças de segurança devem esclarecer prontamente as situações surgidas em suas zonas de responsabilidade. Dentro das suas possibilidades, elas destroem as forças inimigas que possam interferir no movimento do grosso e detêm as que não puder destruir.

5.2.3.1.2 O Cmt emprega elementos do grosso, à medida que se torne necessário, para manter a impulsão. Todos os esforços são feitos para manter o inimigo desarticulado e impedir que pequenos elementos possam estabelecer uma defesa eficiente.

5.2.3.2 Conduta do batalhão de infantaria mecanizado

5.2.3.2.1 O BI Mec pode participar de uma marcha para o combate realizada pelo escalão superior ou conduzir a sua própria marcha para o combate.

5.2.3.2.2 Quando conduz sua própria M Cmb, ou quando participa da operação realizada pelo escalão superior, porém marchando por um eixo diferente, o BI Mec, normalmente, emprega:

- a) uma SU como vanguarda;
- b) flancoguarda (s) de valor pelotão; e
- c) retaguarda de valor pelotão.

5.2.4 FORÇAS DE SEGURANÇA

5.2.4.1 Vanguarda

5.2.4.1.1 A Vanguarda (Vg) do BI Mec numa M Cmb é constituída por uma Cia Fuz Mec. Sua composição depende do exame de situação e dos fatores da decisão.

5.2.4.1.2 A missão da Vg é prover a segurança para o grosso e facilitar o movimento contínuo do BI Mec. Ela deve ser capaz de rapidamente esclarecer a situação, destruir os elementos de reconhecimento e retardamento do inimigo e remover obstáculos que interfiram no movimento do BI Mec.

5.2.4.1.3 Elementos de engenharia, na dosagem de uma Cia Eng Cmb Mec por BI Mec, devem integrar a Vg do batalhão, com prioridade de emprego para a mobilidade da Vg e do grosso. As VBE Eng LPnt-MSR devem deslocar-se a retaguarda da Vg, de modo a prover apoio à manobra do grosso.

5.2.4.1.4 Quando o BI Mec deslocar-se por dois eixos paralelos, devem ser constituídas duas vanguardas, que devem atuar de forma coordenada.

5.2.4.1.5 Nos BI Mec, o Pel Exp pode integrar-se à vanguarda. Nesse caso, ele deve operar à frente da vanguarda, cerca de 2 a 6 quilômetros, realizando um Rec Zona ou Eixo, provendo adequado alerta e suficiente espaço para a manobra da Vg e do grosso do BI Mec. O Pel Exp, nessa fase da M Cmb, deve ter a prioridade dos Fogos do BI Mec.

5.2.4.1.6 Quando a força inimiga é descoberta, o Pel Exp procura determinar seu dispositivo, composição, valor, atividades recentes e atuais e peculiaridades, bem como sua localização. O engajamento decisivo deve ser evitado, mas, uma vez estabelecido o contato, este deve ser mantido e todas as atividades do inimigo devem ser informadas ao Cmt Vg.

5.2.4.1.7 Quando as SU do BI Mec cerram sobre o inimigo, o Pel Exp desencadeia seus fogos sobre posições inimigas em profundidade ou sobre forças inimigas que manobram contra o grosso.

5.2.4.2 Flancoguarda

5.2.4.2.1 A segurança nos flancos do grosso do BI Mec é, normalmente, estabelecida com emprego de um Pel Fuz Mec (Ref) da SU do grosso.

5.2.4.2.2 O Pel Fuz Mec da Fg deve atuar a uma distância tal que permita ao grosso do BI Mec o tempo e o espaço necessários para manobrar e fazer face à ameaça em seu flanco. Em terreno aberto, esta distância pode estender-se de 2 a 3 quilômetros do grosso.

5.2.4.2.3 Fogos indiretos (Mrt e Art Cmp) devem ser planejados sobre as principais VA que incidam nos flancos do E Prog/Z Aç do BI Mec.

5.2.4.3 Retaguarda

5.2.4.3.1 A última SU do BI Mec destaca um pelotão para compor a retaguarda do BI Mec. Esse elemento deve permitir que o BI Mec possua o tempo e o espaço necessários para reagir às ameaças que incidam em sua Rg.

5.2.4.4 Medidas de Coordenação e Controle

5.2.4.4.1 O comando e controle, durante os movimentos táticos, são mantidos pelos mesmos processos empregados nos movimentos preparatórios. As comunicações, os planejamentos, o reconhecimento e as medidas de controle são os processos mais empregados.

5.2.4.4.2 As medidas de controle que podem ser prescritas pelo comandante do batalhão aos seus elementos subordinados, são:

- a) ponto inicial (PI);
- b) hora de início do movimento;
- c) eixo de progressão;
- d) itinerário de marcha;
- e) zona de ação;
- f) região de destino;
- g) objetivo de marcha;
- h) linha de controle;

- i) ponto de controle; e
- j) zona de reunião.

5.2.5 COMANDO E CONTROLE

5.2.5.1 Considerações Gerais

5.2.5.1.1 Na M Cmb, o Oficial de Comunicações e Eletrônica deve assessorar o chefe da terceira seção quanto ao judicioso emprego das comunicações do Batalhão. Para apoiar essa operação, ambos devem analisar, principalmente: o itinerário utilizado, o número de escalões do Batalhão e a necessidade de sigilo em cada fase da M Cmb.

5.2.5.1.2 As peculiaridades da marcha para o combate influem nos meios de comunicações a serem utilizados pelo batalhão.

5.2.5.2 Meios de Comunicações

5.2.5.2.1 Meio rádio - devido à mobilidade e à rapidez das ações, é o meio mais utilizado na M Cmb. Para tal, devem ser analisados, entre outros, os seguintes aspectos:

- a) necessidade de alarme imediato;
- b) necessidade de rápidas ligações;
- c) importância da segurança; e
- d) sigilo para a obtenção da surpresa.

5.2.5.2.2 Meios físicos - em princípio, circuitos físicos não são lançados durante a M Cmb, salvo nos grandes altos ou regiões de destino, quando devem ser lançados por razões de segurança.

5.2.5.2.3 Meio mensageiro - mensageiros especiais motorizados (motocicletas) são largamente empregados na marcha para o combate, devido à rapidez das ações e à necessidade de ligações seguras, principalmente durante a marcha de aproximação.

5.2.5.2.4 Outros meios, principalmente os visuais, podem ser empregados na marcha para o combate. Painéis, artifícios pirotécnicos ou sinais a braço podem evitar o emprego desnecessário do meio rádio e aumentar nossa segurança face às ações de guerra eletrônica do inimigo.

5.2.5.3 Posto de Comando

5.2.5.3.1 O Posto de Comando Principal (PCP), durante a marcha de aproximação, geralmente situa-se à testa do grosso, com o Cmt BI Mec embarcado em sua VBPC-MSR, podendo o Posto de Comando Tático (PCT) acompanhar o escalão de combate, quando necessário. Normalmente, a rede

do comandante, a de reconhecimento e informação e a de operações são exploradas durante a marcha para o combate.

5.2.5.4 Eixo de Comunicações

5.2.5.4.1 O Batalhão deve fixar eixos de comunicações para suas Companhias, a fim de que os postos de comando de seus elementos subordinados desloquem-se ao longo desse eixo, facilitando as ligações durante as fases da marcha para o combate e durante os grandes altos.

5.2.6 APOIO DE FOGO

5.2.6.1 Os elementos empenhados devem ser articulados e empregados de forma racional, visando a permitir ao Cmt BI Mec o emprego centralizado dos meios, com rapidez, nos locais e momentos oportunos.

5.2.6.2 Em princípio, uma bateria de artilharia marcha na esteira da vanguarda, normalmente com missão tática de apoio direto, com a finalidade de prestar o apoio de fogo cerrado e contínuo a essa força.

5.3 RECONHECIMENTO EM FORÇA

5.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.3.1.1 O reconhecimento em força é uma operação de objetivo limitado, executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o valor, a composição e o dispositivo do inimigo ou para obter outras informações. Seu objetivo principal é o de esclarecer a situação, podendo ser conduzido no quadro de uma operação ofensiva ou defensiva.

5.3.1.2 Quando receber esse tipo de missão, o BI Mec, em princípio, conta com o apoio de artilharia, engenharia e, se disponível, de meios aéreos.

5.3.1.3 O comandante do BI Mec planeja e conduz o reconhecimento em força como um ataque. Durante a execução da operação, deve conservar-se atento para evitar que o BI Mec venha a se tornar decisivamente engajado. Deve, também, manter-se em condições de explorar o êxito da ação, aproveitando, prontamente, qualquer vulnerabilidade inimiga que descubra ou mantendo o terreno conquistado.

5.3.1.4 Após completar a operação de reconhecimento em força, o BI Mec pode permanecer em contato, explorar um êxito alcançado, apoiar uma ultrapassagem ou retrain.

5.3.2 FORMAS

5.3.2.1 O reconhecimento em força pode ser executado de duas formas básicas:

a) um ataque com objetivo limitado - nesse caso, a ação pode ser dirigida exclusivamente, sobre uma determinada área a respeito da qual o comando deseja rápidas e precisas informações ou pode se traduzir em uma série de ataques, que não passem de sondagens agressivas, desencadeadas ao longo de toda a frente ou de grande parte da região; e

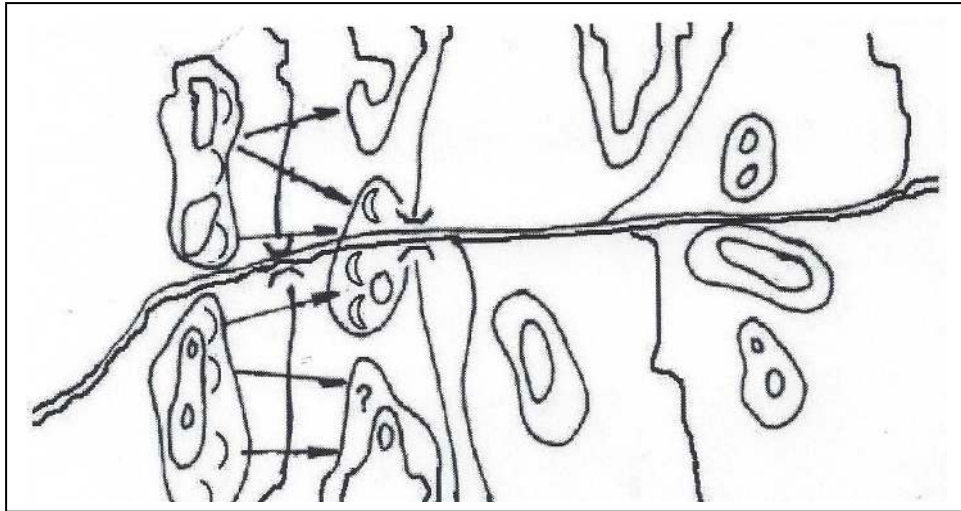


Fig 5-2 Reconhecimento em Força (ataque com objetivo limitado em toda frente)

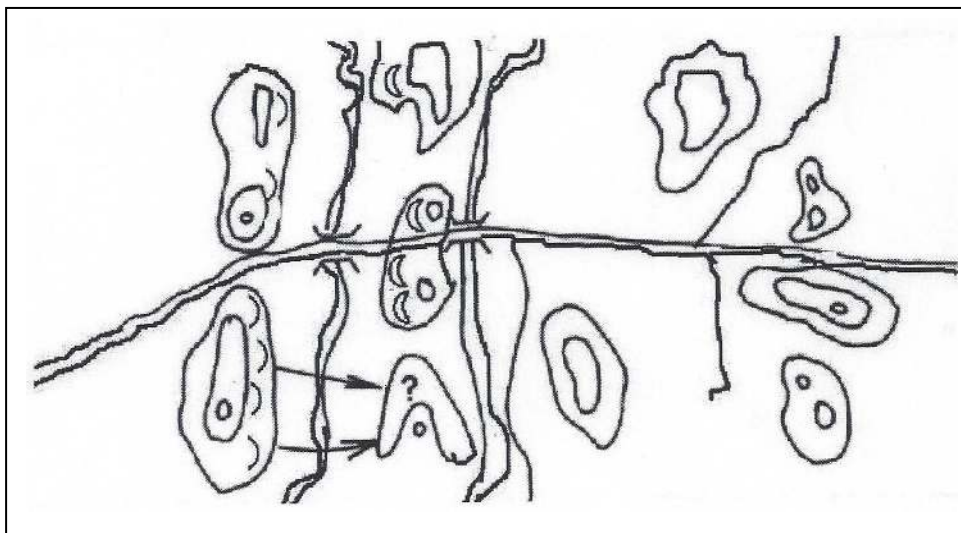


Fig 5-3 Reconhecimento em Força (ataque com objetivo limitado sobre determinada região)

b) uma incursão - ao contrário da forma anterior, é uma ação desencadeada sobre uma posição inimiga, sem a ideia de conquistar ou de manter o terreno. Consiste em introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas e seus planos de fogos. Após essa ação, segue-se também, um rápido retraimento para as linhas amigas. A incursão, conduzida pelo batalhão, pode caracterizar-se por um ataque de varredura.

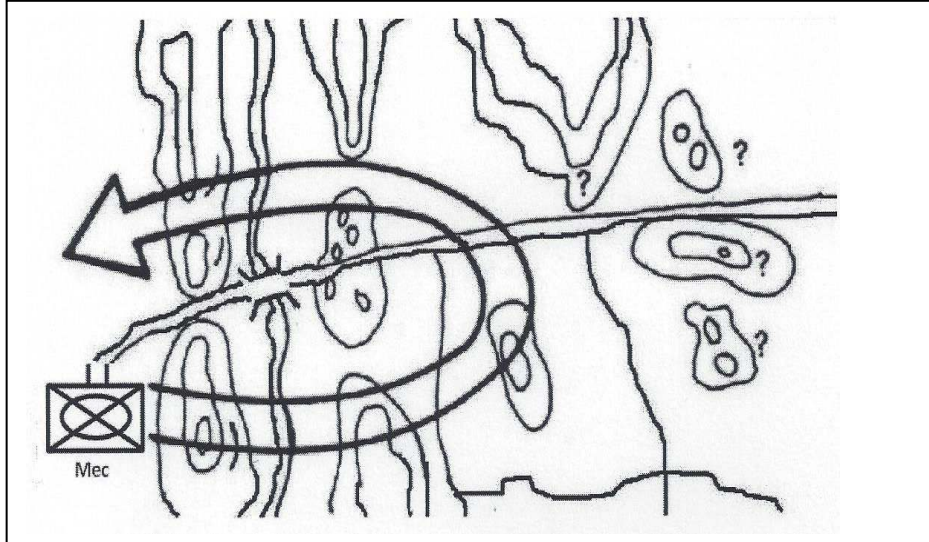


Fig 5-4 Reconhecimento em Força (incursão)

5.3.2.2 Quando dados sobre uma área particular são buscados, o reconhecimento em força é planejado e executado como um ataque com objetivo limitado. O objetivo deve ser de importância tal que, quando ameaçado, force o inimigo a reagir. Se a situação do inimigo ao longo de uma frente deve ser esclarecida, o reconhecimento em força é um movimento para essa frente, empregando elementos de sondagem, fortes e agressivos, para a determinação dos pontos sensíveis ou vulneráveis.

5.3.2.3 A manutenção de um objetivo não é, por si só, uma finalidade do reconhecimento em força. A operação tem por finalidade obter o máximo de informes com relação ao inimigo. A profundidade de qualquer objetivo designado depende da finalidade do reconhecimento em força.

5.3.2.4 Quando os dados (valor, dispositivo e linhas de ação prováveis do inimigo) são obtidos, pode ser dada outra missão à força de reconhecimento, tal como: retrain, manter o contato, realizar o aproveitamento do êxito ou apoiar a ultrapassagem de uma outra força.

5.3.3 CONSIDERAÇÕES PARA O PLANEJAMENTO

5.3.3.1 Para decidir quanto à execução de um reconhecimento em força, devem ser levados em consideração os seguintes aspectos:

- a) a urgência e a necessidade de dados adicionais sobre o inimigo em presença;
- b) as possibilidades de obtenção desses dados por meio de outros órgãos de busca;
- c) o grau de risco na revelação de planos futuros ao inimigo;
- d) o risco de um engajamento total sob condições desfavoráveis; e
- e) a possibilidade de perder a força de reconhecimento.

5.3.3.2 O planejamento, a organização dos meios e a execução de um reconhecimento em força são semelhantes ao ataque, respeitando-se o tempo disponível e a finalidade da operação.

5.3.4 CONDUTA DO RECONHECIMENTO

5.3.4.1 Durante a realização de um reconhecimento em força, qualquer que seja a forma adotada, o BI Mec deve:

- a) estar preparado para aproveitar todo e qualquer êxito porventura obtido, seja prosseguindo no ataque, seja mantendo o terreno conquistado;
- b) evitar engajar-se decisivamente no combate, mas uma vez engajado utilizar-se de todos os meios possíveis para obter o desengajamento; e
- c) informar quanto às características e localização de alvos adequados a serem batidos pelas armas de apoio de fogo e pela força aérea, ficando em condições de completar a destruição desses alvos.

5.3.4.2 Uma vez cumprida a missão, o BI Mec pode:

- a) permanecer em contato com o inimigo, mantendo as posições atingidas e em condições de apoiar a ultrapassagem de outra força;
- b) retrain para suas posições iniciais; e
- c) prosseguir no ataque.

5.4 ATAQUE

5.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.4.1.1 A finalidade do ataque é derrotar, destruir ou neutralizar o inimigo. A diferença entre os tipos de ataque reside no tempo para planejamento, coordenação e preparação antes da execução, ou seja, na quantidade de tempo à disposição do comandante para essas atividades.

5.4.2 TIPOS DE ATAQUE

5.4.2.1 Existem dois tipos de ataque:

- a) ataque de oportunidade: e
- b) ataque coordenado.

5.4.3 ATAQUE DE OPORTUNIDADE

5.4.3.1 Considerações Gerais

5.4.3.1.1 O ataque de oportunidade caracteriza-se pela imediata expedição de missões pela finalidade e de ordens fragmentárias, destinadas aos elementos de manobra e apoio de fogo, privilegiando a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão, buscando, em princípio, a execução de manobras desbordantes associadas à fixação do inimigo, com a finalidade da força prosseguir no cumprimento da sua missão.

5.4.3.1.2 Apesar de ser possível a realização de um ataque por uma força de qualquer natureza, as tropas blindadas e mecanizadas são as mais aptas para executá-lo. Deve ser realizado, em princípio, nos escalões brigada e inferiores. O ataque de oportunidade pode ser executado na sequência de um combate de encontro ou uma defesa com sucesso.

5.4.3.1.3 É um tipo de operação ofensiva empregada rotineiramente pelos BI Mec para conquistar ou manter a iniciativa ou para sustentar o ritmo das operações.

5.4.3.1.4 São características de um ataque de oportunidade:

- a) emprego simultâneo de todas as peças de manobra, podendo não constituir reserva;
- b) prazo reduzido para planejamentos e reconhecimentos;
- c) execução agressiva e rápida do ataque, sem dar tempo ao inimigo de reorganizar-se ou rocar meios;
- d) necessidade de abrir caminho para o prosseguimento na missão inicial, o mais rápido possível;
- e) expedição de missões pela finalidade e ordens fragmentárias; e
- f) inimigo fraco, sobre o qual se dispõe de suficientes informações para realizar o ataque.

5.4.3.1.5 Existem duas categorias de ataques de oportunidade, dependendo da situação da força inimiga:

- a) ataque contra uma força inimiga em movimento; e
- b) ataque contra uma força inimiga estacionada.

5.4.3.1.6 Num ataque de oportunidade, os meios do BI Mec são distribuídos, normalmente, pelo Escalão de Assalto, Base de Fogos e Reserva. Em função da situação tática e do exame de situação realizado pelo comando do BI Mec, pode não ser atribuída a missão de reserva, ao menos inicialmente, para alguma das peças de manobra.

5.4.3.2 Execução

5.4.3.2.1 Na execução de um ataque de oportunidade, as seguintes ações devem ser realizadas pelo BI Mec:

- a) reconhecer e determinar o dispositivo, composição, valor, atividades recentes e atuais e peculiaridades, bem como sua localização e a orientação da força inimiga;
- b) determinar se a força inimiga a ser atacada está apoiada por outras unidades próximas;
- c) encontrar uma via de acesso coberta, que incida no flanco do inimigo e possibilite o deslocamento em alta velocidade;
- d) deslocar seções do Pel Ap F para uma posição dominante e atacar o inimigo pelo fogo;
- e) estabelecer uma base de fogos com os Pel Ap das Cia Fuz Mec, o Pel Mrt P, Pel AC e o Pel Ap F, para destruir ou anular todas as armas AC de longo alcance, de tiro direto e indireto, do inimigo que possam ser observadas, antes que o escalão de ataque inicie seu ataque;
- f) isolar a força inimiga, que será atacada, de outras forças que possam apoiá-la, empregando o fogo indireto (com munição fumígena ou alto explosiva);
- g) atacar o inimigo pelo fogo ou pelo fogo e movimento; e
- h) imediatamente após o êxito do ataque, estabelecer posições de bloqueio e P Obs sobre as Vias A que conduzam à posição conquistada.

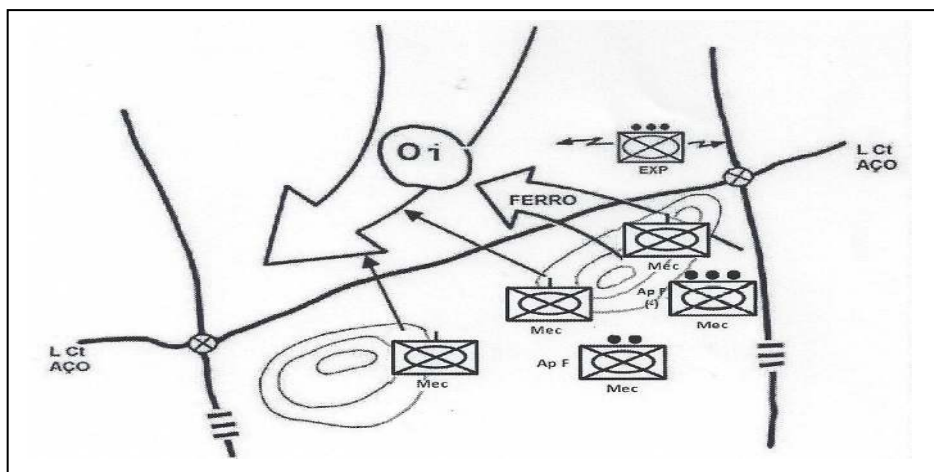


Fig 5-5 Ataque de oportunidade contra uma força em movimento

5.4.3.2.2 A sincronização dessas ações é de capital importância para o ataque de oportunidade. Nesse sentido o Cmt e seu EM devem estar preparados para aplicarem o poder de combate do BI Mec com rapidez no momento e local oportunos.

5.4.3.2.3 A decisão para conduzir um ataque de oportunidade é, normalmente, tomada após o reconhecimento mostrar que a vitória depende de um ataque rápido, com um mínimo de planejamento e preparação. As táticas para a condução do ataque devem observar três características comuns:

- a) conhecimento ou suspeita de que as armas AC inimigas estão anuladas ou destruídas pelo fogo direto e/ou indireto, antes do escalão de ataque ser empregado;
- b) o inimigo deve ser forçado a combater em duas direções; e
- c) perda da capacidade de reação por parte das forças inimigas.

5.4.3.3 Conduta do BI Mec

5.4.3.3.1 Durante a execução de outras missões, elementos das forças de segurança, frequentemente, estabelecem contato com as forças inimigas. Ao esclarecer a situação, o comandante do elemento em contato pode recomendar um ataque de oportunidade como uma linha de ação para o Cmt BI Mec, que decide pela sua adoção ou não. Caso seja adotada, o Cmt BI Mec atribui missões pela finalidade às suas peças de manobra e expede ordens fragmentárias para os elementos subordinados que, rapidamente, posicionam suas frações para executar um ataque de forma simples e no mais curto prazo possível.

5.4.3.3.2 Os elementos em contato continuam esclarecendo a situação o mais à frente possível, progredindo agressivamente, procurando a presença de outras forças inimigas, para os flancos ou retaguarda, que possam apoiar o inimigo em contato.

5.4.3.3.3 O Cmt do BI Mec posiciona-se em local dominante, de onde possa controlar todas as ações de seus elementos subordinados e expedir as ordens necessárias à luz do terreno, no menor prazo possível.

5.4.3.3.4 O Pel Mrt P é desdobrado no terreno e se prepara para bater pelo fogo as posições inimigas.

5.4.3.3.5 Os trens de combate, com os elementos de saúde e manutenção de viatura cerram à frente, para prestar um apoio mais cerrado ao escalão de ataque.

5.4.3.3.6 O escalão de ataque transpõe a linha de partida rápida e agressivamente. Todas as ações ofensivas seguem os mesmos fundamentos preconizados para o ataque coordenado.

5.4.3.3.7 O Pel AC e Pel Ap F ocupam rapidamente posições de tiro de onde possam apoiar o ataque do BI Mec.

5.4.3.3.8 Peculiaridades do ataque contra uma força em movimento:

- a) quando duas forças oponentes deslocam-se de modo convergente, o lado que vence é, normalmente, aquele que manobra rapidamente e ocupa posições vantajosas para atacar o flanco do inimigo.
- b) planejamentos para enfrentar situações inopinadas e normas para reação, durante o contato, facilitam a realização de ataques de oportunidade pelos BI Mec.
- c) a vanguarda do BI Mec atacará ou adotará uma postura defensiva, dependendo do valor e do dispositivo do inimigo. O Cmt BI Mec manobra com o grosso do batalhão contra o flanco ou retaguarda do inimigo, enquanto mantém o inimigo sob fogo para impedir que atue da mesma forma.
- d) fumígenos e outros apoios de fogo podem ser utilizados para romper a manobra do inimigo ou cobrir a manobra do BI Mec.
- e) o Pel Exp e a vanguarda proveem as informações iniciais sobre o inimigo e o desenvolvimento da situação.

5.4.3.3.9 Peculiaridades do ataque contra uma força estacionada:

- a) um ataque de oportunidade contra uma força estacionada é iniciado após o Pel Exp realizar o reconhecimento da força inimiga para delimitar seus flancos e encontrar falhas no seu dispositivo que possam ser exploradas pelo BI Mec. Essa busca de informações deve ser feita com rapidez para que o BI Mec não perca a iniciativa.
- b) o assalto é realizado sempre que possível embarcado. Entretanto, a limpeza da posição inimiga, durante as ações de consolidação, deve ser realizada pelo Pel desembarcado. Em função do terreno ou da situação tática, um ataque embarcado pode não ter condições de sucesso ou ser impraticável. Nesse caso, um assalto desembarcado dos Fuz é realizado para destruir o inimigo.

5.4.3.4 Fogos em apoio ao ataque de oportunidade

5.4.3.4.1 Na execução do ataque de oportunidade o BI Mec deve combinar os fogos indiretos com os diretos. Os fogos indiretos devem complementar os planos de manobra.

5.4.3.4.2 É importante que os fogos indiretos sejam controlados, a fim de se evitar, por exemplo, o fratricídio. Nesse sentido, o comandante deve determinar:

- a) quem vai desencadear os fogos indiretos sobre o objetivo;
- b) quem irá transportar os fogos indiretos para alvos subsequentes;
- c) qual será o sinal para o transporte dos fogos indiretos; e
- d) as medidas restritivas de fogo.

5.4.3.4.3 O estudo dos fatores da decisão dá ao comandante as respostas que melhor atendam cada item acima. O fator tempo possui elevada prioridade no planejamento do ataque de oportunidade.

5.4.3.4.4 O Cmt deve usar os fogos indiretos disponíveis de morteiros e artilharia em apoio para:

- a) bater pelo fogo a posição inimiga, enquanto os elementos em contato esclarecem a situação;
- b) ocultar das vistas do inimigo o escalão de ataque, durante a preparação e, se possível, durante a condução do ataque de oportunidade (fumígenos);
- c) isolar as forças inimigas em contato, pelo emprego de munição alto explosiva e fumígena entre as suas posições e qualquer outra posição de onde forças inimigas possam apoiá-las; e
- d) alongar os fogos indiretos além do objetivo para bloquear os itinerários de retirada do inimigo.

5.4.4 ATAQUE COORDENADO

5.4.4.1 Considerações Gerais

5.4.4.1.1 O ataque coordenado é uma operação ofensiva que consiste na combinação do fogo, movimento e ação de choque contra uma resistência ou posição defensiva do inimigo, sobre a qual as informações disponíveis indicam a necessidade de um planejamento completo.

5.4.4.1.2 Sua realização efetiva-se depois de um reconhecimento completo, de uma avaliação metódica do poder relativo de combate, da busca e levantamento de alvos e de uma análise sistemática de todos os outros fatores que influenciam a decisão.

5.4.4.1.3 Exige um exame de situação completo e minucioso. É, normalmente, empregado contra posições organizadas e requer apoio de fogo adequado.

5.4.4.2 Distribuição de Forças

5.4.4.2.1 No aspecto de distribuição de forças, o BI Mec, no ataque coordenado, normalmente, constitui três grupamentos de forças: base de fogos, escalão de ataque e reserva.

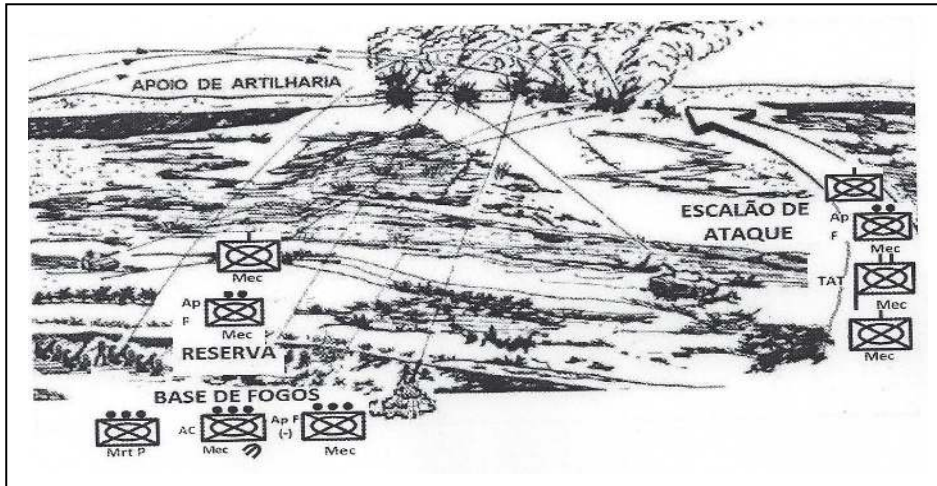


Fig 5-6 Distribuição das forças no ataque coordenado

5.4.4.2.2 Base de fogos

- a) a missão da base de fogos é fixar o inimigo no terreno e neutralizar suas armas, permitindo, em consequência, liberdade de ação para o escalão de ataque.
- b) a base de fogos do BI Mec, normalmente, é constituída pelo Pel Mrt P, pelo Pel AC, Pel Ap F e outros meios de apoio de fogo disponíveis, em apoio ou reforço. Podem ser integradas também, temporariamente, outras armas das SU que, por qualquer motivo, não participem do escalão de ataque.
- c) as VBTP, quando realizarem o ataque desembarcado, devem, também, ser integradas na base de fogos.
- d) a base de fogos recebe alvos específicos e áreas nos quais deve atirar durante a progressão, o assalto e a consolidação do objetivo pelo escalão de ataque. Sinais para suspensão ou deslocamento dos fogos devem ser estabelecidos previamente.
- e) a base de fogos deve proporcionar apoio contínuo e cerrado ao escalão de ataque, desde a linha de partida até o objetivo. Para isso, ocupa as posições que forem necessárias. Tais posições devem possuir bons campos de tiro, cobertas e abrigos. Além disso, devem ser escolhidas posições de muda para todas as armas.

5.4.4.2.3 Escalão de ataque

- a) a missão do escalão de ataque é cerrar sobre o inimigo e destruí-lo ou capturá-lo.
- b) o escalão de ataque deve receber o maior poder de combate possível.
- c) o escalão de ataque cerra diretamente, e o mais rápido possível, sobre o inimigo, para aproveitar os efeitos da atuação da base de fogos. Sempre que possível, deve procurar atacar um ou ambos os flancos do inimigo.
- d) após transporem a linha de partida, os elementos do escalão de ataque

empregam o máximo de velocidade e de violência que forem capazes. A progressão desses elementos deve ser regulada, de modo que abordem o objetivo simultaneamente.

e) quando restrições, impostas pelo terreno ou pela defesa antitarro inimiga, impedirem que os elementos do escalão de ataque progridam emassados e continuamente, esses elementos empregam a técnica de fogo e movimento.

f) ao iniciar o assalto ao objetivo, os fogos de todas as armas do escalão de ataque devem ser intensificados. Simultaneamente, a base de fogos transporta seus tiros para os flancos e para além do objetivo. Tiros de tempo da artilharia e de morteiro podem, também, ser empregados sobre as VBTP com os fuzileiros embarcados.

g) em princípio, o desembarque dos fuzileiros é realizado sobre a posição inimiga, bem como sobre os abrigos e espaldões desta, visando a realizar a limpeza das resistências remanescentes. Essa técnica evita que a fração sofra fogos direcionados à retaguarda da VBTP, principalmente no momento do desembarque.

h) o desembarque, após a posição inimiga, é realizado após a linha dos abrigos e espaldões, para realizar a limpeza da posição.

i) o combate embarcado nas VBTP é realizado pelo emprego de suas metralhadoras.

5.4.4.2.4 Reserva

a) a reserva constitui-se na porção da força mantida sob o controle do comandante para emprego em qualquer local da Z Aç, a fim de que o Cmt Btl possa intervir na ação. É, normalmente, empregada para:

- explorar o êxito obtido pelas forças do escalão de ataque;
- reforçar elementos de primeiro escalão;
- substituir elementos de primeiro escalão;
- manter ou aumentar a impulsão do ataque;
- manter o terreno conquistado pelo escalão de ataque;
- destruir os contra-ataques inimigos; e
- proporcionar segurança nos flancos ou na retaguarda.

b) um objetivo profundo, um limitado conhecimento do inimigo, a disponibilidade de meios ou a impossibilidade de visualizar o ataque até o objetivo final exigem a manutenção de reserva mais forte.

c) a decisão de empregar a reserva é da maior importância e exige exame judicioso de cada um dos fatores da decisão por parte do comandante.

5.4.4.3 Planejamento

5.4.4.3.1 Para estudo detalhado, deve ser consultado o Manual de Campanha C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), itens 4-21 a 4-34.

5.4.4.4 Execução do ataque

5.4.4.4.1 Para estudo detalhado, deve ser consultado o Manual de Campanha C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), item 4-36.

5.5 APROVEITAMENTO DO ÊXITO

5.5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.5.1.1 Conceito

5.5.1.1.1 Operação que se segue a um ataque bem-sucedido e que, normalmente, inicia-se quando a força inimiga se acha, reconhecidamente, em dificuldades para manter suas posições. Caracterizada por um avanço contínuo e rápido das forças amigas com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e destruir a capacidade do inimigo de reorganizar-se ou de realizar um movimento retrógrado ordenado.

5.5.1.1.2 Constitui a fase decisiva da ofensiva. O sucesso da operação repousa na judiciosa exploração das vantagens iniciais conseguidas pelo ataque. Visa a destruir a capacidade do inimigo de reconstituir uma defesa organizada ou de conduzir, ordenadamente, um movimento retrógrado, em face de uma ameaça de destruição ou captura.

5.5.1.1.3 A oportunidade para o início de uma operação de aproveitamento do êxito deve ser judiciosamente considerada. Constituem indícios capazes de justificá-la:

- a) visível diminuição da resistência inimiga em pontos importantes da sua defesa;
- b) aumento do número de prisioneiros de guerra e de material abandonado pelo inimigo; e
- c) ultrapassagem de posições de artilharia e de instalações de comando e de suprimento.

5.5.1.2 Grupamento de Forças

5.5.1.2.1 A operação de aproveitamento do êxito comporta dois tipos de forças:

- a) a força de aproveitamento do êxito; e
- b) a força de acompanhamento e apoio.

5.5.1.2.2 Ambas as forças devem possuir alta mobilidade e ser subordinadas diretamente ao escalão que as lançou, de modo que não exista relação de comando entre elas.

5.5.1.3 Missões

5.5.1.3.1 Da força de aproveitamento do êxito:

- a) conquistar objetivos profundos na retaguarda inimiga;
- b) cortar linhas de transporte e de suprimento inimigas;
- c) barrar ou cortar eixos de retraimento da força cercada;
- d) cercar e destruir forças inimigas; e
- e) desorganizar a capacidade de comando e de controle do inimigo.

5.5.1.3.2 Da força de acompanhamento e apoio:

- a) manter aberta a brecha da penetração realizada pela força de aproveitamento do êxito;
- b) assegurar a posse de acidentes capitais de interesse para a operação;
- c) limpar o terreno;
- d) substituir elementos da força de aproveitamento do êxito que tenham sido deixados à retaguarda;
- e) auxiliar em atividades de assuntos civis e de prisioneiros de guerra;
- f) proteger áreas e instalações à retaguarda da força de aproveitamento do êxito;
- g) assegurar a liberação das vias de transporte; e
- h) bloquear o movimento de reservas inimigas para o interior da área.

5.5.1.4 Acidentes Capitais

5.5.1.4.1 Em princípio, são considerados acidentes capitais para uma operação de aproveitamento de êxito:

- a) objetivos impostos;
- b) as passagens contínuas sobre rios e obstáculos;
- c) as passagens obrigatórias;
- d) as regiões dominantes;
- e) as regiões capazes de proporcionar segurança; e
- f) as regiões favoráveis à roçada de meios.

5.5.1.5 Vias de Acesso

5.5.1.5.1 Em face da necessidade de rapidez, uma operação de aproveitamento do êxito deve utilizar o maior número possível de eixos disponíveis que demandem aos objetivos impostos, situados profundamente na retaguarda inimiga.

5.5.1.6 Inimigo

5.5.1.6.1 Quando o aproveitamento do êxito é iniciado, a situação do inimigo é de desorganização. A resistência inimiga consiste, em princípio, de retardamento executado por pequenos elementos, em linhas descontínuas e sem profundidade. A desorganização inimiga tende a aumentar proporcionalmente aos sucessos obtidos pela força de aproveitamento do êxito.

5.5.1.7 Liberdade de Ação

5.5.1.7.1 A execução descentralizada e a adoção de um mínimo de medidas de controle exigem iniciativa por parte dos comandantes envolvidos nesse tipo de operação, atribuindo-lhes acentuada liberdade de ação.

5.5.1.8 Conduta

5.5.1.8.1 A força de aproveitamento do êxito é organizada para destruir instalações ou posições inimigas que seus elementos surpreenderem ou que estiverem fracamente defendidas. As ordens são difundidas pelo rádio, após rápido reconhecimento normalmente feito pela observação do objetivo e do terreno que interessem à ação a ser empreendida. Os elementos empregados atuam com o máximo de potência de fogo e ação de choque disponível.

5.5.1.8.2 Caso a resistência inimiga seja de vulto, elementos com poder de combate suficiente para realizar a manutenção do contato são deixados face àquela posição, enquanto os demais desbordam e prosseguem no cumprimento da missão. Cabe à força de acompanhamento e apoio a redução e limpeza dessas posições inimigas, ocasião em que os elementos deixados à retaguarda reagrupam-se à força de aproveitamento do êxito.

5.5.1.9 Características

5.5.1.9.1 Uma operação de aproveitamento do êxito possui as seguintes características:

- a) planejamento centralizado e execução descentralizada;
- b) medidas de controle reduzidas ao mínimo;
- c) objetivos profundos;
- d) progressão rápida, contínua e em larga frente;
- e) ataques de oportunidade, por incursões rápidas, golpes de mão e desbordamentos, partindo da coluna de marcha;
- f) missões atribuídas pela finalidade;
- g) ampla utilização de meios aéreos para reconhecimento e apoio de fogo; e
- h) desbordamento e manutenção do contato em fortes pontos de resistência inimiga.

5.5.2 SEGURANÇA DO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO

5.5.2.1 Considerações Gerais

5.5.2.1.1 Cada comandante é responsável pela segurança de sua Unidade. Um elemento mecanizado empregado no aproveitamento do êxito, em virtude do seu aprofundamento no território inimigo, é particularmente vulnerável a ataques nos flancos e retaguarda e à inquietação por meio de pequenos bolsões de resistência e guerrilheiros. Em consequência, a segurança se torna acentuadamente importante.

5.5.2.2 Segurança durante os deslocamentos

5.5.2.2.1 Durante o deslocamento, a segurança é proporcionada:

- a) pelas forças de segurança;
- b) pelo reconhecimento e vigilância de combate, por meios terrestres e aéreos, à frente, nos flancos e à retaguarda;
- c) pela ligação com as Unidades vizinhas; e
- d) pela formação da coluna.

5.5.2.2.2 Os elementos de apoio na coluna são protegidos colocando-se elementos de combate próximos a eles. Dependendo da situação, a segurança da coluna pode ser proporcionada pelo emprego de vanguarda, flancoguarda(s) e retaguarda.

5.5.2.3 Segurança durante os altos

5.5.2.3.1 Quando a testa da coluna faz alto, o restante dela continua em movimento, cerrando à frente em formação preestabelecida e em condições de resposta imediata em qualquer direção. Medidas de segurança e de defesa aérea passiva devem ser consideradas para a segurança contra ataques e observação aéreos.

5.5.3 COMPOSIÇÃO DO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO

5.5.3.1 Considerações Gerais

5.5.3.1.1 No Aproveitamento do Êxito, os BI Mec se organizam, normalmente, em 1º Escalão, 2º Escalão e Reserva. O 2º Escalão é constituído pelas peças de manobra com missão definida, após determinado ponto do terreno, determinada fase da operação ou após o estabelecimento do contato com resistências inimigas. Em princípio, essa organização por escalões é impositiva quando o BI Mec deslocar-se por um único eixo de progressão.

5.5.3.1.2 Os BI Mec, durante o aproveitamento do êxito, devem ser capazes de executar qualquer tipo de operação terrestre e de iniciar uma ação no menor

tempo possível. Devem ser organizados, de modo que o comandante disponha de todos os elementos que possa precisar para o cumprimento da missão.

5.5.3.1.3 O BI Mec deve contar com o reforço de elementos de engenharia e de elementos de apoio logístico. Os fogos de apoio devem ser proporcionados pela Art, pela Cia AC/Bda, pelos Pel Mrt P, Pel AC, Pel Ap F e pelas demais armas orgânicas de tiro direto e indireto.

5.5.3.2 Mobilidade

5.5.3.2.1 A mobilidade se torna acentuadamente importante, durante o aproveitamento do êxito. Os elementos de apoio ao combate e de apoio logístico devem ser altamente móveis.

5.5.3.3 Organização

5.5.3.3.1 A organização para o combate e a ordem de marcha são baseadas na consideração dos fatores da decisão (missão, inimigo, terreno, condições meteorológicas, meios, tempo e considerações civis). A ordem de marcha deve corresponder ao emprego previsto de cada um dos elementos da coluna.

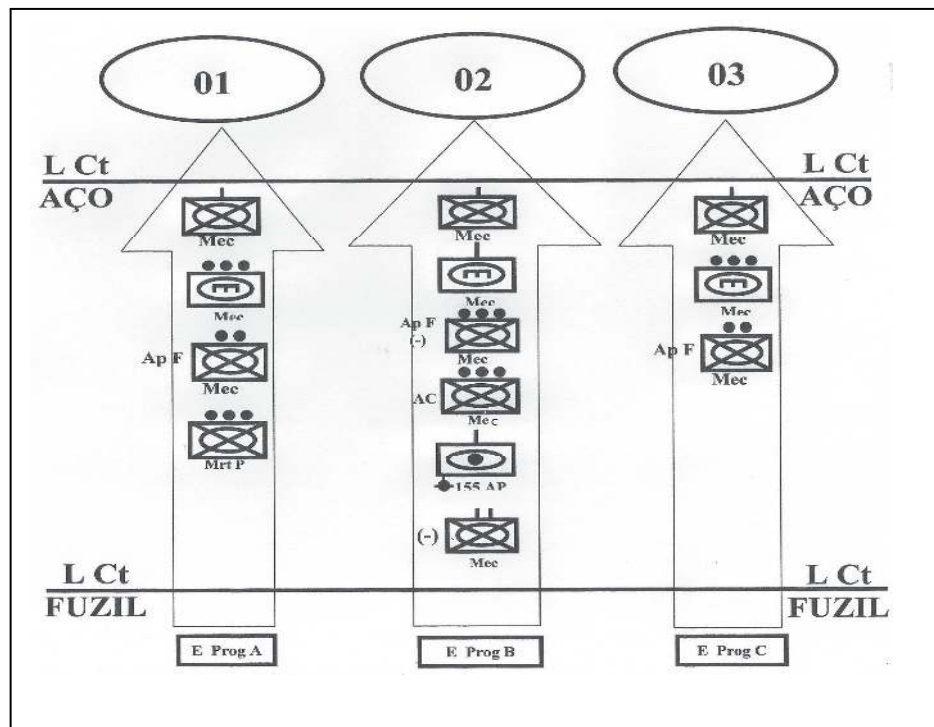


Fig 5-7 Dispositivo e organização do BI Mec para o aproveitamento do êxito

5.5.3.4 Posto de Comando Tático (PCT)

5.5.3.4.1 O PCT, constituído, normalmente, do grupo de comando, de elementos de segurança e de comunicações, tem sua localização condicionada às necessidades do comandante. Em princípio, o PCT marcha à retaguarda da subunidade que se desloca à testa do grosso, pelo eixo considerado mais importante. Isso permite uma maior rapidez na tomada de decisões e expedição de ordens.

5.5.3.5 Artilharia

5.5.3.5.1 A artilharia, em apoio ou em reforço, normalmente, progride por onde o Btl desloca a maioria de meios, até o momento em que seja encontrada uma resistência inimiga que necessite de seus fogos para ser reduzida, a fim de assegurar, do interior do dispositivo, um adequado apoio de fogo à frente. É essencial que elementos de combate precedam a artilharia, a fim de lhe proporcionarem segurança. O comandante da bateria de artilharia assessora o comandante do Btl nas suas tomadas de decisões.

5.5.3.6 Equipe de Controle Aerotático (ECAT)

5.5.3.6.1 A Equipe de Controle Aerotático (ECAT) compõe-se essencialmente de um Controlador Aéreo Avançado (CAA) e de elementos equipados com meios de comunicações capazes de permitirem a ligação terra-ar. Sua atribuição é a de orientar e controlar os ataques aéreos, durante a execução do apoio aproximado, utilizando-se de postos de observação no solo ou no ar. Quando empregada no solo, a ECAT pode utilizar um veículo blindado fornecido pelo BI Mec ou sua viatura orgânica e, com frequência, pode vir a integrar o PCT.

5.5.3.7 Morteiros

5.5.3.7.1 O Pelotão de Morteiro Pesado, em princípio, progride à retaguarda de uma das SU empregadas em primeiro escalão. Quando o BI Mec progride por dois eixos de progressão e possui artilharia em reforço ou apoio direto, esta se desloca pelo eixo principal e o Pel Mrt P pelo secundário. O Cmt do Pelotão de morteiros apresenta sugestões ao S3 ou ao OAF (Adj S3), capazes de influírem em suas decisões.

5.5.3.8 Engenharia

5.5.3.8.1 O BI Mec, normalmente, na execução do aproveitamento do êxito, recebe de uma companhia de engenharia em reforço. Desde que não haja facilidade de roçadas, o comandante da companhia de engenharia pode empregar pelotões de engenharia em diferentes eixos de progressão, mantendo-os, em princípio, diretamente sob o seu controle. Nesses casos,

quando os meios de engenharia tiverem que se locomover com frequência, o comandante do BI Mec deve atribuir a mais alta prioridade de tráfego à SU Eng. Os pelotões de engenharia progridem imediatamente à retaguarda dos elementos mais avançados das subunidades de primeiro escalão e são empregados para manter a impulsão dessas forças, realizando trabalhos de remoção de obstáculos, lançamento de pontes de pequena brecha, reparação de estradas e balizamento de itinerários alternativos e de vaus. Na realização desses trabalhos, os elementos de engenharia devem contar com a proteção da força apoiada.

5.5.3.9 Trens

5.5.3.9.1 Os trens de combate, normalmente, deslocam-se à retaguarda dos elementos que compõem a maioria de meios do BI Mec. Elementos de combate são designados para proverem a segurança dos trens, constituindo uma proteção de retaguarda.

5.5.3.10 Armas Anticarro

5.5.3.10.1 O BI Mec possui a possibilidade de realizar apoio de fogo pelo emprego de canhões do Pel Ap F ou mesmo pelo emprego dos mísseis de dotação do Pel AC, a fim de eliminar a ameaça AC.

5.5.3.11 Meios de Defesa Antiaérea

5.5.3.11.1 O comandante do BI Mec deve priorizar a defesa antiaérea disponível, distribuindo os meios AAe, pela Bia O AP, em apoio direto quando desdobrada; pelo Elm Eng, quando realizando trabalhos em pontos críticos do itinerário; e pelos elementos que integram a sua maioria de meios, sem, contudo, pulverizá-los.

5.5.3.12 Coordenação e Controle

5.5.3.12.1 O estabelecimento de adequadas medidas de coordenação e controle torna possível a execução de ações altamente descentralizadas, permitindo unidade de esforços na consecução dos objetivos estabelecidos no planejamento centralizado elaborado pelo comando do BI Mec.

5.5.3.12.2 Um mínimo de medidas restritivas de coordenação e controle deve ser estabelecido. A execução descentralizada e a rapidez das ações exigem o máximo desenvolvimento da iniciativa dos comandantes dos escalões subordinados.

5.5.3.12.3 As medidas de coordenação e controle, normalmente estabelecidas em um aproveitamento do êxito, são eixos de progressão, objetivos, regiões de destino, pontos de ligação, linhas e pontos de controle.

5.5.4 CONDUTA DO BI MEC NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO

5.5.4.1 O Aproveitamento do Êxito se caracteriza por acentuada rapidez, carência de informações atualizadas sobre o inimigo e fluidez das ações, o que contribui para a realização de frequentes combates de encontro. Quando a força de aproveitamento do êxito encontra uma resistência inimiga, em princípio, procura desbordá-la (técnica de movimento). Caso isso não seja possível e um engajamento torne-se necessário para o prosseguimento da missão, a força busca reduzir rapidamente a resistência inimiga realizando um ataque.

5.5.4.2 A realização de ações sucessivas ou simultâneas contra resistências inimigas encontradas e que não possam ser desbordadas permite conduzir a operação com menor perda de tempo.

5.5.4.3 Os elementos aéreos, quando disponíveis, são empregados à frente, nos flancos ou à retaguarda do dispositivo do BI Mec, para alertá-lo sobre a aproximação ou resistência de forças inimigas, bem como, atuar sobre elas.

5.5.4.4 Para completar o aproveitamento do êxito, a progressão deve, em princípio, continuar durante a noite. De modo geral, a progressão noturna é conduzida da mesma maneira que uma progressão diurna. Entretanto, as medidas de segurança devem ser aumentadas, diminuídas as distâncias entre as viaturas. Durante a noite, há uma chance maior de obtenção da surpresa, porém a velocidade de progressão é menor e os fogos de apoio são menos eficientes. Quando a resistência inimiga é encontrada e o ataque for necessário, esse é conduzido de acordo com os princípios estabelecidos para uma operação noturna.

5.5.4.5 Dentro do BI Mec pode ser alterada a composição das subunidades para o ataque a objetivos sucessivos. A operação começa com um ataque ao primeiro objetivo. Tão logo seja conquistado ou o comandante do BI Mec esteja certo de que o conquistará, ocorre a ordem para que outra SU ataque o segundo objetivo, enquanto a operação de limpeza do primeiro está sendo concluída. De modo semelhante, uma terceira SU pode atacar, desbordando ou ultrapassando a SU no segundo objetivo. O ataque de cada SU deve ser apoiado pelos fogos de outra SU.

5.5.5 O BI MEC COMO FORÇA DE ACOMPANHAMENTO E APOIO

5.5.5.1 Considerações Gerais

5.5.5.1.1 A força de acompanhamento e apoio segue de perto a força de Apvt Exi, deslocando-se, à retaguarda e, normalmente, pelo E Prog principal.

5.5.5.1.2 As unidades empregadas como força de acompanhamento e apoio, sempre que possível, devem possuir ou serem providas do mesmo grau de mobilidade da força de aproveitamento do êxito.

5.5.5.1.3 O BI Mec como força de acompanhamento e apoio, deve empregar técnicas, táticas e procedimentos preconizados quando da execução do ataque de oportunidade. Esse assunto está abordado, detalhadamente, no item 5.4.3 deste Manual de Campanha.

5.5.5.2 Missões e tarefas

5.5.5.2.1 A força de acompanhamento e apoio tem a missão de seguir e apoiar a força designada para realizar o aproveitamento do êxito. Essa força assume as tarefas que possam retardar o avanço da força de aproveitamento do êxito, tais como:

- a) evitar que o inimigo feche as brechas na penetração;
- b) manter acidentes capitais conquistados durante o ataque;
- c) manter livres as vias de comunicações e de suprimento;
- d) destruir resistências inimigas ultrapassadas; e
- e) substituir elementos da força de aproveitamento do êxito que estejam contendo resistências inimigas desbordadas.

5.5.5.3 Relações de Comando

a) Normalmente, a força de acompanhamento e apoio não se subordina à força de aproveitamento do êxito. As relações de comando são semelhantes àquelas do apoio direto de uma unidade de apoio ao combate a outra de combate. Entretanto, elementos da força de acompanhamento e apoio podem reforçar a força de aproveitamento do êxito a fim de, em determinadas situações, assegurar a unidade de comando.

b) Estreita ligação é estabelecida entre o comandante da força de acompanhamento e apoio e o da força de Apvt Exi. As ligações entre os elementos das duas forças devem ser mantidas em todos os escalões.

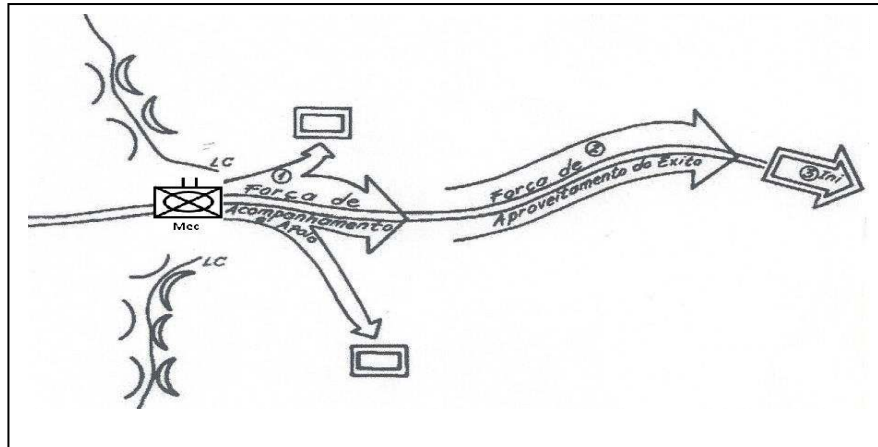


Fig 5-8 Força de Acompanhamento e Apoio

5.6 PERSEGUIÇÃO

5.6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.6.1.1 Conceito

5.6.1.1.1 A perseguição é uma operação destinada a cercar e destruir uma força inimiga que tenta fugir. É, normalmente, uma extensão do aproveitamento do êxito. Nesse tipo de operação, o BI Mec tem sua capacidade de emprego limitada, impossibilitando-o de realizá-la de forma isolada.

5.6.1.2 Grupamentos de Forças

5.6.1.2.1 Na perseguição, normalmente, são constituídas:

- a) uma força de pressão direta; e
- b) uma força de cerco.

5.6.1.2.2 Características da força de pressão direta

- a) a missão de força de pressão direta é evitar o desengajamento do inimigo e impedir que ele se reorganize e prepare novas defesas, infligindo-lhe o máximo de perdas. Os elementos de primeiro escalão da força de pressão direta progredem rapidamente ao longo de todas as estradas disponíveis, destruindo ou ultrapassando pequenos bolsões de resistência, enquanto que as resistências maiores são reduzidas pelas unidades de acompanhamento;
- b) a força de pressão direta desborda para atacar os flancos e retaguarda dos últimos elementos inimigos, procurando atingir o seu grosso; e
- c) sua missão final é a de servir de "martelo", quando da destruição das forças inimigas.

5.6.1.2.3 Características da força de cerco

- a) a missão da força do cerco é atingir a retaguarda do inimigo e bloquear a sua fuga de forma que ele seja destruído entre a força de pressão direta e ela própria. A força avança por eixos paralelos aos eixos de retirada do inimigo. Se a força de cerco não puder ultrapassar o inimigo, ataca o flanco do seu grosso;
- b) a força de cerco deve ter mobilidade igual ou superior a do inimigo e ser organizada para realizar uma operação semi-independente. A pequena capacidade de reação do inimigo reduz a necessidade de apoio mútuo;
- c) o sucesso de uma perseguição impõe ininterrupta pressão contra o inimigo para impedir a sua reorganização, retirando-lhe condições de preparar novas posições defensivas. Isso exige das forças que a realizam, o emprego de intenso esforço, levado até o limite da capacidade de resistência de seus elementos e equipamentos. Os comandantes de todos os escalões localizam-se bem à frente de suas tropas, para manter o ímpeto do avanço. Maiores riscos podem ser admitidos nessa operação, desde que sejam obtidos resultados decisivos, razão pela qual a segurança é relegada a um plano secundário;
- d) uma vez ordenada a perseguição, os comandantes dos diversos escalões, utilizando-se de todos os meios disponíveis, impulsionam o movimento e mantêm a sua continuidade. Defesas inimigas são desbordadas e bolsões de resistência isolados são ultrapassados ou destruídos pelo fogo. A permanente pressão exercida pela força de pressão direta e as ações desenvolvidas pelo cerco impedem que as forças inimigas estabeleçam uma defesa organizada;
- e) elementos de engenharia integram as forças encarregadas da perseguição, tendo em vista manter a continuidade de suas progressões;
- f) os elementos de apoio de fogo são colocados o mais à frente possível, a fim de que o fogo possa ser desencadeado no interior das posições inimigas e sobre as suas colunas em retirada;
- g) planejamentos adequados devem ser feitos para atender ao apoio logístico. O consumo de classe III é particularmente elevado. O transporte aéreo pode ser empregado para a entrega rápida de suprimentos às unidades avançadas. Deve ser feito o máximo emprego de materiais capturados ao inimigo, particularmente os relativos a meios de transporte e estoques de suprimento;
- h) a velocidade do avanço, a incapacidade inimiga de reagir com eficiência e a dispersão das forças, contribuem para segurança das forças de perseguição;
- i) a cobertura aérea é realizada, em grande parte, como na marcha para o combate. Frequentemente, um grande número de armas destinadas à cobertura aérea é desviada para o apoio às operações terrestres; e
- j) o comandante não deve restringir a liberdade de ação e a iniciativa de seus subordinados, empregando medidas de coordenação e controle restritivas, pois o sucesso da perseguição depende da velocidade e da agressividade. As medidas de coordenação e controle podem incluir, entre outras, a determinação de um ou mais eixos de progressão, o estabelecimento de zonas de ação, a designação de objetivos e a fixação de linhas ou pontos de controle.

5.6.2 O BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO NA PERSEGUIÇÃO

5.6.2.1 O BI Mec como Força de Pressão Direta

5.6.2.1.1 Constituindo ou integrando a força de pressão direta, o BI Mec progride sobre uma frente, a mais ampla possível, utilizando todos os eixos disponíveis. Realiza constantes ações ofensivas, durante o dia e durante a noite, sobre a força de segurança de retaguarda do inimigo e busca, sempre que possível, engajar o seu grosso. Uma inflexível pressão sobre o inimigo, além de impedir sua reorganização e a preparação de novas defesas, serve para facilitar as ações da força de cerco.

5.6.2.2 O BI Mec como Força de Cerco

5.6.2.2.1 Nessa situação, o BI Mec progride ao longo de eixos paralelos às linhas do inimigo, para atingir o flanco do grosso das forças que se retiram ou, principalmente, para conquistar regiões de passagem obrigatória, desfiladeiros, pontes e outros acidentes do terreno, com a finalidade de interceptar, o mais cedo possível, a fuga da força principal do inimigo. Uma vez isso conseguido, o inimigo é destruído entre a força de pressão e a de cerco.

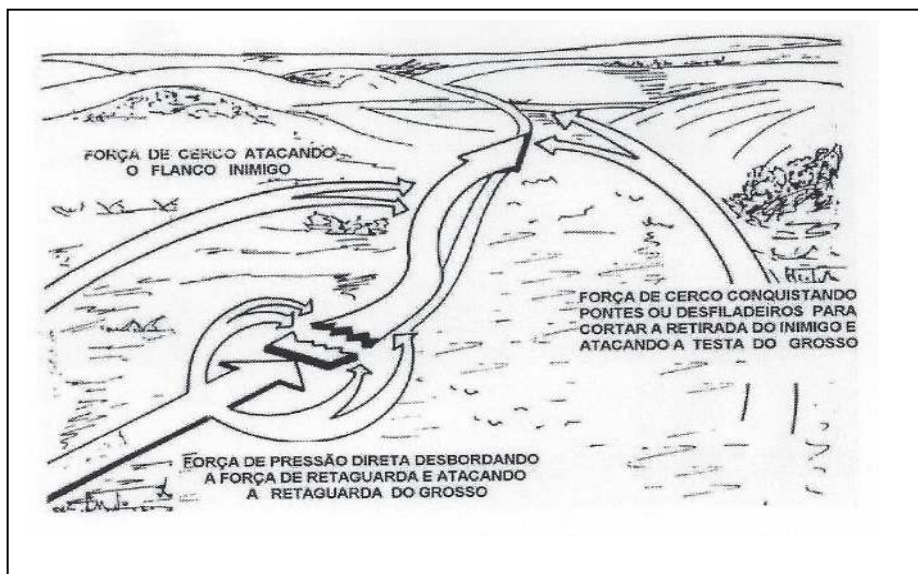


Fig 5-9 Ações da força de pressão direta e da força de cerco na perseguição

5.7 ATAQUE NOTURNO OU SOB CONDIÇÕES DE VISIBILIDADE LIMITADA

5.7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.7.1.1 A ampla utilização dos equipamentos de visão noturna no combate moderno ampliou, consideravelmente, as possibilidades táticas de atuação durante períodos de visibilidade restrita, acrescentando grande importância às ações noturnas, possibilitando a condução de combates continuados e mantendo constante pressão sobre o inimigo.

5.7.1.2 A força que opera durante a noite com as mesmas possibilidades do combate diurno pode obter sucesso contra força inimiga não adestrada e equipada para este tipo de ação.

5.7.1.3 Os veículos mecanizados, quando equipados com dispositivo de visão noturna e termal para os motoristas e atiradores dos Sistemas de Armas Remotamente Controlados (SARC), podem realizar o tiro e a manobra quase como de dia. Assim, o BI Mec pode utilizar o combate noturno com mais liberdade de movimento e menor número de medidas de controle restritivas que no passado.

5.7.1.4 Pela sua própria natureza, no entanto, as operações ofensivas noturnas necessitam de maior preparação e medidas de controle, cuidadosamente concebidas, que a maioria das operações diurnas.

5.7.1.5 O BI Mec pode participar ou realizar um ataque noturno para:

- a) completar ou explorar um sucesso obtido em uma operação diurna e manter a impulsão do ataque;
- b) conquistar regiões importantes para o prosseguimento do ataque, evitando-se as pesadas perdas que, provavelmente, ocorreriam em um ataque diurno;
- c) obter a surpresa;
- d) beneficiar-se de condições psicológicas favoráveis;
- e) reduzir baixas quando do ataque a posições organizadas; e
- f) compensar uma inferioridade em relação ao inimigo, particularmente em meios aéreos e blindados.

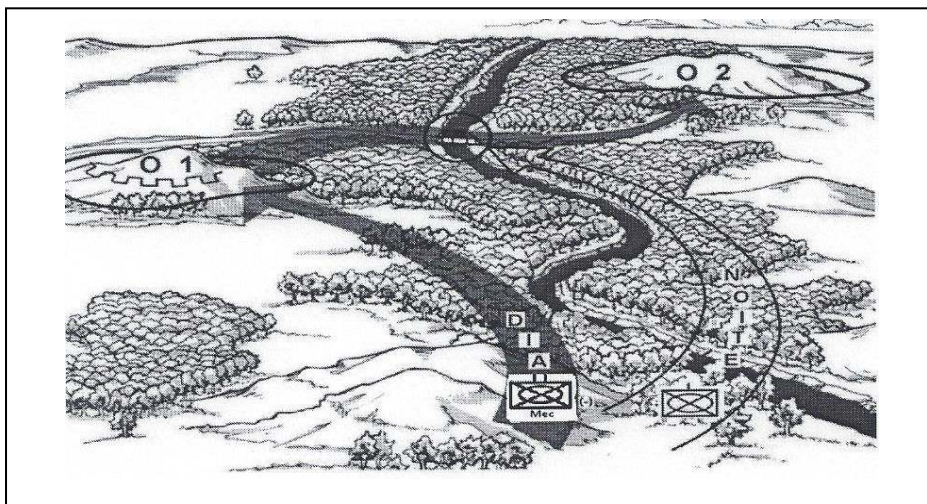


Fig 5-10 Ataque noturno para facilitar o prosseguimento de um ataque diurno

5.7.2 CARACTERÍSTICAS DO ATAQUE NOTURNO

5.7.2.1 O ataque noturno caracteriza-se pelo decréscimo da eficácia do tiro sobre o inimigo e o correspondente aumento da importância do combate aproximado, bem como pela dificuldade dos movimentos, da ação de comando e do controle.

5.7.2.2 O ataque noturno exige maior tempo para o seu planejamento e tropas bem adestradas para a sua execução.

5.7.2.3 O ataque noturno pode ser iluminado (iluminação artificial) ou não iluminado. A iluminação do campo de batalha permite reduzir, em parte, as deficiências próprias do combate noturno, aumentando, com isso, a velocidade de progressão dos fuzileiros. O ataque não iluminado é realizado com mais lentidão, porém com maior probabilidade de obtenção da surpresa.

5.7.2.4 Durante a execução do ataque noturno, sobressaem as dificuldades relacionadas com o comando e controle, orientação, coordenação de fogos, avaliação de distâncias e identificação de forças amigas.

5.7.2.5 Atualmente, o combate noturno não iluminado tornou-se mais exequível, com a utilização de equipamentos de visão noturna, que minimizam em grande parte as restrições decorrentes da pouca visibilidade durante a noite.

5.7.2.6 A iluminação artificial pode ser utilizada quando não houver disponibilidade suficiente de equipamentos de visão noturna ou quando o inimigo dispuser desse material.

5.7.2.7 Os equipamentos passivos de visão noturna das viaturas blindadas do BI Mec, tais como os amplificadores de luz residual e os de imagem térmica, podem diminuir sensivelmente os problemas decorrentes da escuridão. As distâncias de detecção e de engajamento, a amplitude dos lanços e a utilização de itinerários cobertos e abrigados sofrem, assim, modificações, obrigando a realização de novos procedimentos.

5.7.2.8 Ao ataque noturno aplicam-se as mesmas considerações referentes ao ataque diurno. Entretanto, é desejável que as tropas atacantes estejam mais familiarizadas com o terreno no qual atacarão. Quando possível, devem ser realizados ensaios nas condições que mais se aproximem das condições reais de ataque. Nos ataques iluminados, os fuzileiros, dependendo de outras considerações, devem deslocar-se embarcados em suas viaturas blindadas.

5.7.2.9 O comandante decide por um ataque não iluminado quando atribui prioridade à obtenção da surpresa. No entanto, quando a posição inimiga é forte, dificilmente há possibilidade de obtenção de surpresa, sendo mais conveniente o ataque iluminado. A iluminação pode ser utilizada desde o início do ataque ou pode ser desencadeada a pedido da força atacante, quando o sigilo tenha sido quebrado. Os planos incluem todos os meios de iluminação: granadas iluminativas de morteiros e da artilharia de campanha e/ou meios de iluminação lançados de aeronaves.

5.7.2.10 Os ataques noturnos favorecem psicologicamente ao atacante. No entanto, atualmente, nos combates modernos, faz-se uma ampla utilização de equipamentos de visão noturna e equipamentos de visão termal o que favorece, de sobremaneira, as posições defensivas, conseguindo detectar a tropa atacante a grandes distâncias.

5.7.2.11 O sigilo e a surpresa são essenciais para que o ataque noturno seja conduzido com um mínimo de baixas. A simplicidade do plano facilita a surpresa. Na eventualidade da perda da surpresa, o plano deve proporcionar os fogos, a manobra e a ação de choque necessários à conquista do objetivo. O objetivo deve ser facilmente identificável à noite e suficientemente pequeno para que possa ser conquistado em um único assalto.

5.7.2.12 As dificuldades do combate noturno aumentam com o efetivo da tropa. Quando duas ou mais Unidades vizinhas realizam ataques noturnos, seus objetivos devem ser fixados de tal maneira que os ataques possam ser feitos, independentemente, pelas respectivas Unidades.

5.7.3 ILUMINAÇÃO

5.7.3.1 Ataque não iluminado

5.7.3.1.1 Um ataque noturno, não iluminado, normalmente, é feito sob a proteção da escuridão, usando-se somente a luz natural, bem com os equipamentos de visão noturna veiculares e individuais. Esse ataque necessita de grande coordenação e de rigorosas medidas de manutenção do controle e da direção durante a escuridão.

5.7.3.1.2 O objetivo designado sob essas condições pode ser uma determinada zona ou acidente do terreno, junto à frente inimiga, e de tal largura e profundidade que possa ser conquistado em um simples assalto. Esse objetivo deve ser bem definido e facilmente identificável à noite.

5.7.3.1.3 É essencial a observação, durante o dia, do objetivo e do terreno à frente. A direção é mantida por acidentes existentes, tais como estradas, cercas, sebes e outros meios de fortuna, como fitas de demarcação, fios telefônicos ou artifícios eletrônicos. Os ataques noturnos não iluminados, não apoiados, são feitos quando as considerações de sigilo os imponham.

5.7.3.2 Ataque iluminado

5.7.3.2.1 Os ataques iluminados são empregados quando o fator sigilo não seja preponderante ou não se dispuser de equipamentos de visão noturna para a maioria do escalão de ataque. Em um ataque iluminado, podem ser empregados, por exemplo, artifícios iluminativos lançados por morteiros, artilharia de campanha e pela força aérea.

5.7.3.2.2 Um ataque noturno iluminado pode ter maior profundidade que um ataque não iluminado. O prosseguimento do ataque sobre objetivos sucessivos pode ser feito empregando-se a iluminação.

5.7.4 APOIO DE FOGO

5.7.4.1 Os ataques noturnos podem ser classificados, também, em apoiados e não apoiados.

5.7.4.2 Um ataque noturno apoiado é realizado com o emprego de fogos de apoio antes, durante e depois do ataque. Esses ataques, quer sejam iluminados ou não, podem ser executados quando a possibilidade de surpresa seja remota. Os fogos de apoio do BI Mec e da brigada, normalmente, são empregados na preparação do ataque, durante sua execução e após a conquista do objetivo.

5.7.4.3 Um ataque noturno não apoiado é realizado para permitir que a força de ataque avance até a distância de assalto, sem o auxílio dos fogos de apoio. Esses ataques noturnos, quer sejam ou não iluminados, podem ser executados quando houver probabilidade de obter-se completo sigilo e quando o escalão de ataque for constituído de fuzileiros a pé. Uma vez iniciado o assalto sobre o objetivo, os fogos de proteção planejados são empregados como em qualquer ataque noturno apoiado, para isolar o objetivo e evitar ou limitar os contra-ataques. Embora não haja intenção de emprego, os fogos de apoio devem ser planejados, tendo em vista uma eventual necessidade de seu desencadeamento.

5.7.5 PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO

5.7.5.1 Maiores detalhes podem ser encontrados no Manual de Campanha BATALHÕES DE INFANTARIA (C7-20).

5.7.6 EXECUÇÃO DO ATAQUE NOTURNO

5.7.6.1 Ataque noturno a pé (VBTP-MSR na base de fogos)

5.7.6.1.1 O ataque noturno a pé do BI Mec é, normalmente, conduzido em quatro fases: preparação, progressão, assalto e consolidação/reorganização.

5.7.6.1.2 Preparação – esta fase inclui todas as atividades de reconhecimento. A preparação mais crítica do ataque noturno a pé é o posicionamento dos elementos de apoio, que devem desencadear os fogos de neutralização no local escolhido para o ataque.

5.7.6.1.3 Progressão

- a) Durante o deslocamento, os integrantes da Cia Fuz Mec, desembarcados, deslocam-se furtivamente transpondo a linha de partida e progredindo na direção do inimigo em coluna, por ser este o dispositivo de mais fácil controle para o comandante da subunidade. Tal dispositivo é mantido até que seja atingido o ponto de liberação de pelotão ou seja forçado o desenvolvimento pela ação inimiga.
- b) A ordem de deslocamento deve ser o elemento de apoio, o elemento que faz a abertura da brecha na posição inimiga e, por último, o elemento que realiza o assalto.
- c) Se o objetivo estiver próximo da linha de partida ou se for previsto um iminente contato com o inimigo, pode ser conveniente a progressão, a partir da linha de partida, com os pelotões justapostos, cada um deles em coluna.
- d) Ao ser atingida a linha de desenvolvimento, ou se o inimigo descobrir o ataque antes que ela seja alcançada, o assalto é iniciado.

5.7.6.1.4 Assalto

- a) Os elementos de apoio estabelecem posições nos flancos da área onde serão abertas brechas na barreira de proteção do inimigo (campos de minas), de onde possam isolar a área.
- b) Assim que essa segurança for estabelecida, os elementos que abrirão as brechas posicionam-se na borda do campo de minas. As brechas são abertas, as trilhas são marcadas e balizadas e os guias para os elementos que realizarão o assalto são providenciados.
- c) Os elementos do assalto deslocam-se rapidamente para a brecha, cruzando-a e explorando o rompimento da barreira inimiga.
- d) Os elementos de apoio desencadeiam seus fogos no interior da posição, impedindo que o inimigo possa deslocar forças para tamponar a brecha.
- e) Os elementos de assalto devem ser capazes de controlar os fogos de apoio, de forma a poder aplicá-los no local mais adequado. O planejamento da operação deve incluir sinais luminosos para a identificação dos elementos de assalto e para a suspensão ou transporte dos fogos de apoio.
- f) O desenvolvimento pode ser forçado pela ação inimiga ou executado quando da chegada à linha de desenvolvimento. É feito, nesta linha, com rapidez e em silêncio; qualquer parada prolongada nesta fase do ataque aumenta a possibilidade de quebra do sigilo. Devem ser tomadas precauções para evitar um assalto prematuro, causado por tiros feitos a esmo pelo inimigo.
- g) Após o desenvolvimento, a progressão é retomada, até que seja encontrada resistência inimiga, quando o assalto será iniciado. Nesta fase, todas as frações assaltantes pressionam com a maior rapidez possível.
- h) Todo esforço deve ser feito para manter a formação em linha e evitar que se transforme em grupos isolados. Uma ação agressiva do comando é essencial nessa ocasião.
- i) O assalto, normalmente, é realizado com todos os pelotões de fuzileiros em linha, para obter a máxima potência de fogo e ação de choque. Quando é mantida uma reserva, esta se desloca de acordo com a determinação do Comandante da SU. Pode seguir de perto o escalão de ataque ou ser deixada atrás da linha de partida, para ser levada à frente por guias ou mediante um sinal convencional; pode receber a missão de limpeza ou de apoio normal. Se, inicialmente, não houver uma reserva, imediatamente após a conquista do objetivo, será designado um pelotão para constituir-la.
- j) As viaturas blindadas devem ficar em condições de emprego, logo após a conquista do objetivo. As armas de apoio que permitam o transporte a braço podem seguir o escalão de ataque por lanços, porém, relativamente distanciadas para evitar que se envolvam no assalto.
- k) A decisão de como e quando deslocá-las depende da visibilidade, do terreno e da ação inimiga. Quando as condições são favoráveis a um deslocamento imediatamente atrás do escalão de ataque, os elementos de apoio podem ser deixados atrás da linha de partida para serem conduzidos à frente por guias, após a conquista do objetivo. Em tais casos, se as armas de apoio são utilizadas para proporcionar fogos de proteção ao escalão de ataque, elas, normalmente, devem ser instaladas em posições convenientes, nos flancos da

linha de partida, de onde possam desencadear fogos de proteção dos flancos.

l) A mudança de posição das armas de apoio, após a conquista do objetivo, pode ser feita a braço ou em viaturas. As medidas de controle desse deslocamento variam de acordo com a visibilidade, o terreno, o inimigo e a ausência ou neutralização de minas ou obstáculos anticarro.

5.7.6.1.5 Consolidação e reorganização

a) A fase de consolidação e reorganização é semelhante à realizada no ataque diurno, necessitando, entretanto, de um planejamento mais detalhado.

b) A consolidação começa logo que o objetivo tenha sido conquistado. Os Cmt de fração reúnem seus elementos e os dispõem em condições de enfrentar os contra-ataques inimigos. Os elementos de apoio de fogo de todos os escalões deslocam-se rapidamente, em condições de bater as prováveis vias de acesso do inimigo.

c) As viaturas blindadas cerram para o objetivo por itinerários balizados pelos Fuz.

d) Os observadores de artilharia e do pelotão de morteiro pesado ajustam os fogos defensivos logo que cheguem ao objetivo.

e) Ao amanhecer, todos os elementos devem estar em posição. Os ajustes finais nas posições das armas de apoio são feitos quando houver luminosidade suficiente para se identificar os objetivos a serem batidos.

f) Devem ser incluídos no planejamento do ataque noturno a pé:

- pontos de ligação entre Unidades e sinais de reconhecimento;
- guias para conduzir as viaturas blindadas e os elementos de apoio através dos obstáculos para as suas posições finais na consolidação;
- os itinerários de cada fração ou a ordem de deslocamento, caso sejam utilizados menor número de itinerários que o de frações no assalto; e
- limite para a progressão.

5.7.6.2 Ataque noturno embarcado

5.7.6.2.1 Progressão

a) A formação adotada pelos elementos de manobra do BI Mec é ditada pelo alcance de seus equipamentos de visão noturna veiculares, devendo permitir o controle e a coordenação do escalão de ataque.

b) Uma progressão cautelosa é essencial para o sigilo. Quando as frações de assalto atingem os pontos de liberação sucessivos, à retaguarda da linha de desenvolvimento, abandonam a formação adotada para o deslocamento entre a Z Reu e a Provável Linha de Desenvolvimento (PLD), normalmente a formação em coluna, adotando a formação escolhida para o ataque.

c) Ao atingir a linha de desenvolvimento, normalmente, é adotada a formação em linha para o assalto. A linha de desenvolvimento pode ser protegida por uma parte do escalão de ataque, que precede as SU encarregadas do ataque. Os comandantes de coluna verificam constantemente a direção e a ligação.

d) A ação das patrulhas ou postos de vigias inimigos podem forçar o desenvolvimento de todo ou parte do escalão de ataque, antes da linha

prevista.

e) Se possível, os elementos que forem forçados a se desenvolver, retornam ao dispositivo previsto inicialmente para o ataque, após a resistência ter sido reduzida. O restante do escalão de ataque faz alto durante esses períodos ou continua o deslocamento até a primeira parada prevista, onde aguarda ordens.

f) Os fuzileiros permanecem embarcados até a posição de assalto, desembarcando durante a progressão, quando necessário, na remoção de obstáculos ou na eliminação de armas AC inimigas. Nos ataques noturnos os Fuz Mec, normalmente, desembarcam das VBTP antes do Objetivo.

g) Os armamentos orgânicos das VBTP são empregados para aumentar os fogos das frações de apoio orgânicas do BI Mec.

5.7.6.2.2 Assalto

a) Quando os Fuz Mec desembarcam das VBTP, torna-se difícil a manutenção do controle e a coordenação das diversas peças de manobra, exigindo dos comandantes de pelotão e de grupo um rígido controle sobre seus homens, uma preocupação constante com as medidas de coordenação e controle estabelecidas e a identificação amigo/inimigo, para evitar o fratricídio.

b) O assalto ao objetivo é feito pelos fuzileiros desembarcados e pelas VBTP. Por ocasião do desembarque, cresce de importância a utilização de equipamentos de visão noturna para cada integrante das frações, pois os militares ao desembarcarem, saem das VBTP desorientados e com os olhos ofuscados pela luz do interior da viatura.

c) A velocidade das VBTP deve ser regulada de modo a evitar um excessivo afastamento dos Fuz Mec a pé. Normalmente, se estabelece um limite no terreno para a progressão, com vistas a evitar a perda do controle quando o escalão de ataque ultrapassar o objetivo.

d) No assalto, ruídos (sirene) e tiros traçantes podem ser empregados, com efeito psicológico desmoralizante sobre o inimigo. Todo esforço deve ser feito para manter a formação em linha e evitar que se transforme em grupos isolados. Uma ação agressiva do comando é essencial nessa ocasião.

5.7.6.2.3 Ações após a conquista do objetivo

a) Após a conquista do objetivo, são adotadas medidas similares às empregadas no ataque diurno, elementos de fuzileiros mecanizados apoiados por suas VBTP ocupam posições à frente do objetivo conquistado.

b) A consolidação começa logo que o objetivo tenha sido conquistado. Os comandantes de fração reúnem seus elementos e os dispõem em condições de enfrentar os contra-ataques inimigos. Os elementos de apoio de fogo de todos os escalões deslocam-se rapidamente, em condições de bater as prováveis vias de acesso do inimigo. Os observadores de artilharia e do pelotão de morteiro pesado ajustam os fogos defensivos logo que cheguem ao objetivo. Ao amanhecer, todos os elementos devem estar em posição e são feitos ajustes finais nas posições das armas de apoio.

5.7.6.3 Ataque noturno em prosseguimento à ação diurna

5.7.6.3.1 Nas operações de grande mobilidade, particularmente no aproveitamento do êxito e na perseguição, uma ação iniciada durante a luz do dia pode continuar à noite.

5.7.6.3.2 Nessa situação não é possível a realização de reconhecimentos diurnos da área de operações em que o BI Mec vai atuar.

5.7.6.3.3 Considerando os riscos para a progressão das viaturas blindadas em terreno desconhecido, normalmente, a velocidade do ataque embarcado é reduzida e, se possível, são empregados elementos de segurança à frente até próximo à posição de assalto, com a finalidade de identificar obstáculos que impeçam a progressão dos blindados.

5.7.6.3.4 Para acelerar a progressão, os fuzileiros mecanizados deslocam-se embarcados.

5.7.6.3.5 O assalto ao objetivo deve ocorrer de acordo com o descrito acima.

5.8 OUTRAS AÇÕES NA OFENSIVA

5.8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.8.1.1 Durante a realização de operações ofensivas, quaisquer que sejam o seu tipo ou forma, é comum a realização de outras ações que não caracterizam, necessariamente, novos tipos ou formas de operações ofensivas.

5.8.1.2 Essas ações ofensivas podem ocorrer em um ou mais tipos de operações ofensivas e representam parte importante do desenvolvimento destas.

5.8.2 COMBATE DE ENCONTRO

5.8.2.1 Considerações Gerais

5.8.2.1.1 O combate de encontro é uma ação que ocorre quando uma força em movimento, incompletamente desdobrada para o combate, engaja-se com uma força inimiga, parada ou em movimento, a respeito da qual não dispõe de informações precisas ou não possui nenhuma informação. A ação deixa de ser um combate de encontro quando a situação do inimigo tiver sido esclarecida e possam ser desencadeadas operações subsequentes, planejadas e coordenadas.

5.8.2.1.2 As principais características do combate de encontro são o conhecimento limitado do inimigo, rápidas evoluções de situação, um mínimo de tempo disponível para o comandante tomar conhecimento da situação e para formular e executar as ações necessárias.

5.8.2.2 Conduta do BI Mec no combate de encontro

5.8.2.2.1 Considerações gerais

a) O princípio básico que rege a conduta de um combate de encontro é a conquista e a manutenção da iniciativa. Mantendo a iniciativa o Cmt pode, subsequentemente, adotar a melhor LA para o cumprimento da missão.

b) Normalmente, as atividades que permitem ao Cmt dispor de melhores condições para manter a iniciativa são:

- execução de rápido estudo de situação;
- emissão de ordens fragmentárias; e
- emprego de elementos aptos e com atuação planejada, a partir da coluna de marcha e atuando descentralizadamente.

c) Em um combate de encontro, o Cmt do BI Mec se defronta com 3 (três) LA:

- atacar parceladamente, partindo do dispositivo de marcha, tão logo as subunidades possam ser empregadas;

- reconhecer e conter a força inimiga, retardando a ação decisiva até que o grosso de sua força possa ser empregado em uma operação coordenada, seja ofensiva, seja defensivamente; e

- desbordar (técnica de movimento) a força inimiga, desde que autorizado pelo Esc Sp, ocasião em que são deixados elementos adequados com a missão de efetuarem a manutenção do contato com ela.

d) Uma ação ofensiva desencadeada rápida e agressivamente propicia as melhores condições de um efetivo esclarecimento da situação inimiga. Manobras de desbordamento devem ser as preferidas, pois permitem revelar o dispositivo com maior rapidez e possuem condições de obtenção de uma maior surpresa tática e de resultados decisivos.

e) Quando o BI Mec se defrontar com uma posição inimiga, cujo valor venha a por em risco o cumprimento de sua missão, desde que autorizado pelo Esc Sp, a resistência inimiga deve ser desbordada. Nesse caso, deixa-se um mínimo de elementos com a missão de manter o contato com a posição inimiga, estes serão recuperados posteriormente, tão logo sejam substituídos por elementos encarregados de reduzi-la.

f) Em princípio, quando o BI Mec se empenhar na destruição de uma posição inimiga, esta deve ser atacada por meio de manobra desbordante, que, além de permitir maior surpresa, possibilita determinar com rapidez a frente, a profundidade e o dispositivo das forças inimigas.

g) Quando a força encontrar o inimigo em movimento, procura-se realizar ataques sobre seus flancos, com a finalidade de obter a surpresa, preservar a iniciativa das ações e revelar, o mais rápido possível, seu valor e dispositivo.

h) Quando o BI Mec encontrar forças inimigas superiores, deve-se adotar, rapidamente, um dispositivo defensivo, capaz de proporcionar às demais forças

amigas tempo e espaço suficientes para preservarem sua liberdade de ação. Para tanto, imediatamente após o estabelecimento do contato com o inimigo, o Esc Sp deve ser informado.

i) O sucesso em um combate de encontro, inicialmente, é definido pelo grau de adestramento da unidade em adotar a formação e o dispositivo de combate adequados, pela rapidez e precisão do esclarecimento da situação e pela rápida tomada de decisões.

5.8.2.2.2 Ataque partindo da coluna de marcha contra fraca resistência - há muitas ocasiões em que, tendo em vista a surpresa ou inferioridade de poder de combate, o inimigo não pode oferecer séria resistência. Colunas de viaturas, artilharia, elementos mecanizados em formação cerrada, bivaques, instalações de suprimentos e postos de comando são objetivos compensadores, que podem ser atacados imediatamente, partindo da coluna de marcha.

5.8.2.2.3 Ataque partindo da coluna de marcha contra fortes resistências - se a resistência inimiga é tão forte que os elementos de primeiro escalão realizam apenas um pequeno progresso em seu ataque, pode ser necessário que eles contenham o inimigo até que reforços cheguem a seu auxílio.

5.8.2.2.4 Redução de um bloqueio de estrada - normalmente, os bloqueios de estrada estão localizados em estreitos desfiladeiros, onde a manobra se torna difícil, além de, provavelmente, serem defendidos por armas AC, minas e armas automáticas. O Pel Inf Mec da testa faz um rápido estudo da situação e tenta desbordar a resistência, empregando o fogo e o movimento. Todo fogo possível é colocado sobre o bloqueio. Se a manobra do Pel Inf Mec não for exequível, ele se desdobra, mantendo o inimigo sob fogo cerrado e informa ao comandante da SU. Frequentemente, o Cmt SU emprega fuzileiros, juntamente com elementos de engenharia, para reduzir o bloqueio, apoiados pelos fogos do Pel Ap ou do Pel AC. O apoio de fogo também pode ser solicitado ao Esc Sup.

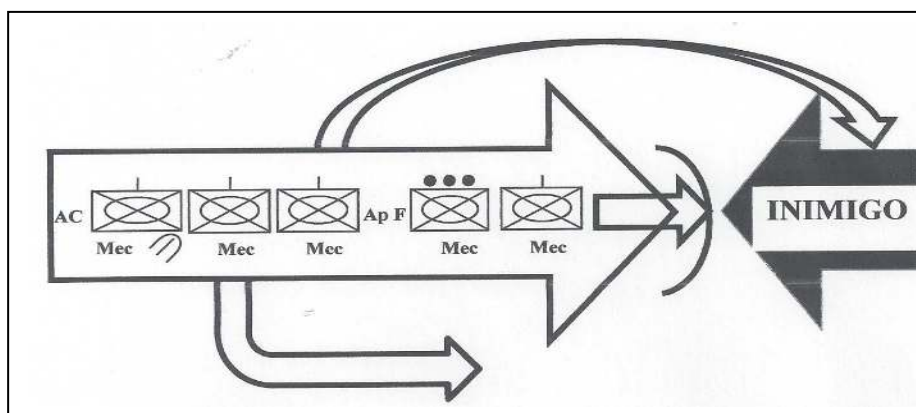


Fig 5-11 Combate de encontro – ambas as forças em movimento: ataque parcelado

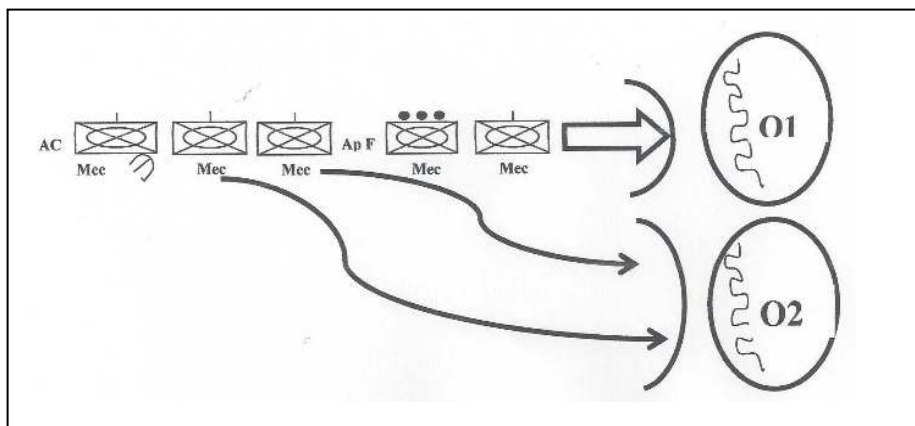


Fig 5-12 Combate de encontro – inimigo em posição defensiva: ataque coordenado

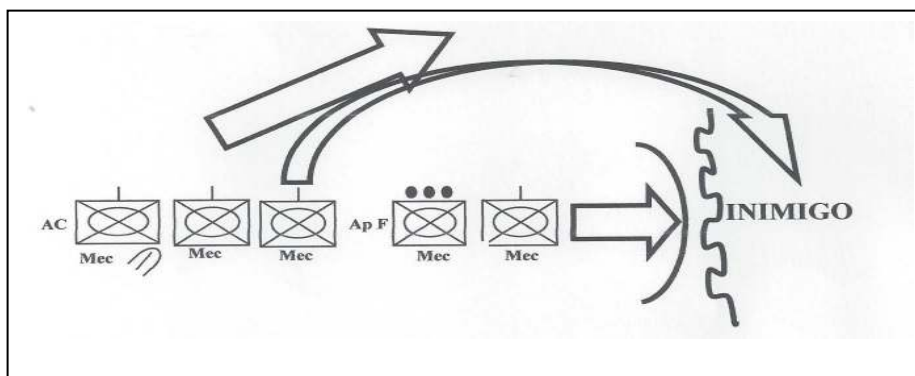


Fig 5-13 Combate de encontro – inimigo em posição defensiva: desbordamento

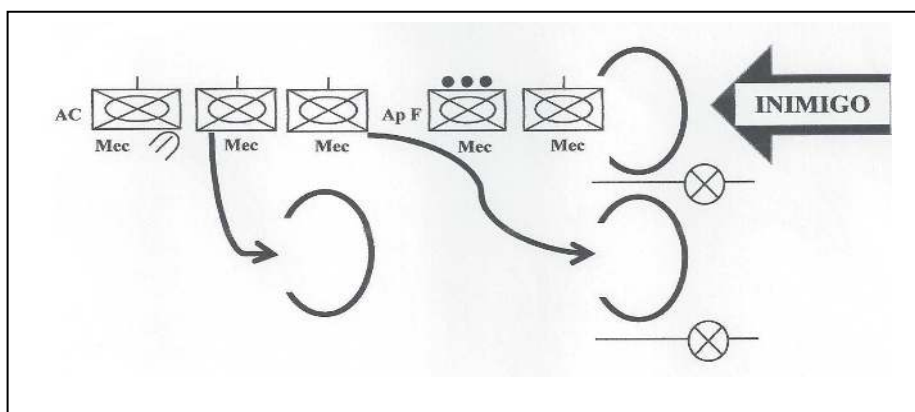


Fig 5-14 Combate de encontro – ambas as forças em movimento, inimigo superior: atitude defensiva

5.8.3 INCURSÃO

5.8.3.1 Generalidades

5.8.3.1.1 No combate não linear, podem surgir no dispositivo inimigo brechas ou áreas fracamente defendidas. Os BI Mec, pelas suas características de elevada mobilidade, relativa proteção blindada, relativa potência de fogo e grande flexibilidade, podem ser empregados para explorar essas oportunidades, realizando incursões na retaguarda inimiga e infligindo severos danos em seus sistemas de comando e controle, de apoio ao combate e logístico.

5.8.3.1.2 As operações de incursão realizadas pelos BI Mec podem contribuir para a quebra da coesão das funções de combate (C², Fogos, Log), criando situações favoráveis à sua destruição pelas Brigadas e Divisões de Exército.

5.8.3.1.3 Incursão de forças mecanizadas é uma operação ofensiva extremamente agressiva e de elevada mobilidade, realizada com a finalidade de obter um resultado específico no interior da posição inimiga. Normalmente, de pequena ou média duração e sem nenhuma intenção de manter o terreno onde se realiza, termina num retraimento planejado.

5.8.3.1.4 As ações de incursão estão baseadas na abordagem indireta do combate, onde os subsistemas de combate do inimigo são destruídos separadamente, tornando-o vulnerável.

5.8.3.1.5 Uma situação favorável ao emprego de ações de incursão pelos BI Mec pode surgir quando:

- a) existir espaço suficiente para a manobra;
- b) for identificada uma baixa densidade ou inexistência de forças inimigas em determinado local no campo de batalha, permitindo uma infiltração ou desbordamento do inimigo;
- c) os eixos de comunicações e suprimento do inimigo estiverem muito distendidos;
- d) houver disponibilidade de cobertura (F Ae) e apoio de fogo da artilharia;
- e) a disponibilidade de informações sobre o inimigo permitir; e
- f) um planejamento detalhado e metódico da ação.

5.8.3.1.6 São requisitos básicos para uma ação de incursão a surpresa, a dissimulação, a mobilidade, a existência de superioridade aérea local e de disponibilidade de apoio de fogo terrestre.

5.8.3.1.7 As incursões são realizadas durante o dia ou à noite, podendo ser conduzidas dentro ou fora da distância de apoio do escalão imediatamente superior às forças de incursão.

5.8.3.1.8 A força que realiza uma incursão sempre retrai após o cumprimento de sua missão. O retraimento é a parte mais difícil da operação, devendo ser cuidadosamente planejado e conduzido.

5.8.3.1.9 A segurança é vital nesse tipo de operação, porque a força que incursiona fica exposta ao ataque do inimigo em todas as direções.

5.8.3.1.10 As incursões são planejadas e executadas à semelhança de qualquer tipo de ataque, ressaltando a surpresa e a velocidade de execução como fatores de importância capital.

5.8.3.1.11 Normalmente, as incursões são limitadas no tempo e no espaço, ficando o apoio logístico restrito ao que possa ser conduzido nas viaturas blindadas e em reduzido número de viaturas logísticas, se possível blindadas, que podem acompanhar a força mecanizada incursora. Entretanto, planos alternativos devem ser elaborados para suprir o BI Mec se necessário, seja por ar ou por terra. O apoio de manutenção fica limitado aos pequenos reparos. A evacuação médica é feita nos veículos de combate ou pelo ar.

5.8.3.1.12 Nesse tipo de operação, é necessária uma cuidadosa coordenação dos elementos que incursionam com os meios de apoio de fogo.

5.8.3.1.13 Para cumprir uma missão de incursão, os BI Mec devem ser constituídos de tal forma que possam ser tático e logisticamente autossuficientes para o período de duração da missão, sendo capazes de sobreviver com reduzido apoio logístico e operar com elevada rapidez e letalidade. Os BI Mec devem ser integrados por elementos de engenharia de combate, defesa antiaérea e, se possível, por artilharia de campanha autopropulsada sobre rodas.

5.8.3.1.14 A força incursora deve ser de tal valor que constitua uma autêntica ameaça para o inimigo, forçando-o a destacar considerável parcela de suas forças para bloqueá-la, neutralizá-la, destruí-la ou persegui-la.

5.8.3.2 Finalidade

5.8.3.2.1 A principal finalidade de uma ação de incursão pela infantaria mecanizada é a destruição ou quebra da coesão do sistema de combate do inimigo, por meio da realização de violentas ações ofensivas em sua área de retaguarda, contra os subsistemas de comando e controle, apoio ao combate e logística do inimigo, contribuindo para criar uma situação favorável para a destruição de suas forças de combate pelas brigadas e divisões de exército.

5.8.3.2.2 Uma ação de incursão pode ser empreendida para:

- a) fixar as reservas do inimigo, impedindo que possam intervir no combate;
- b) impedir ou dificultar o desengajamento ou retraimento da força principal do

inimigo, ocupando temporariamente posições importantes à retaguarda daquela força;

c) realizar junção, apoiar, reforçar ou contribuir para a exfiltração de forças aeromóveis ou paraquedistas;

d) bloquear vias de acesso importantes no campo de batalha, à retaguarda ou nos flancos do inimigo, em profundidade, impedindo ou dificultando o movimento de suas reservas;

e) cobrir o flanco de outra força blindada/mecanizada, durante uma ação ofensiva de desbordamento ou envolvimento;

f) iludir ou desgastar o poder de combate do inimigo;

g) obter informações para o planejamento operacional do escalão superior;

h) destruir instalações de comando e controle, logística, artilharia, defesa antiaérea, engenharia ou comunicações, na área de retaguarda do inimigo; e

i) atuar contra os eixos de suprimento e de comunicações do inimigo.

5.8.3.3 Conduta da incursão

5.8.3.3.1 A operação de incursão pode comportar uma ultrapassagem. Esta ação deve ser minuciosamente coordenada com a tropa a ser ultrapassada.

5.8.3.3.2 O BI Mec deve concentrar sua atuação sobre o objetivo que lhe foi atribuído, procurando explorar a surpresa e a velocidade e evitando qualquer tipo de engajamento desnecessário com o inimigo.

5.8.3.3.3 Preferencialmente, as incursões são executadas de forma que a unidade inicie seu deslocamento através das linhas inimigas ao início do crepúsculo ou em condições de pouca visibilidade, o que limita a observação do inimigo e proporciona tempo suficiente para a infiltração ou desbordamento/envolvimento, concentração na área de retaguarda do inimigo e deslocamento para os objetivos iniciais.

5.8.3.3.4 Quando a incursão é realizada durante o dia, na aproximação do objetivo, tanto quanto possível, devem ser utilizados itinerários cobertos.

5.8.3.3.5 Sob condições de visibilidade reduzida, quando é possível se obter a surpresa, destacamentos de vanguarda precedem o BI Mec, visando a evitar a descoberta antecipada da ação de incursão e neutralizar destacamentos de segurança do inimigo.

5.8.3.3.6 O itinerário de retraimento, em princípio, não deve ser o mesmo utilizado na aproximação do objetivo. Os nós rodoviários e os acidentes do terreno de importância devem ser evitados. Destacamentos de segurança e fogos de proteção podem ser empregados para manter livres os itinerários de retraimento.

CAPÍTULO VI

OPERAÇÕES DEFENSIVAS

6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1.1 O BI MEC NAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

6.1.1.1 A defensiva é uma atitude temporária adotada por uma força até que possa tomar ou retomar a iniciativa.

6.1.1.2. O defensor emprega todos os meios disponíveis para descobrir uma vulnerabilidade inimiga e mantém suficiente flexibilidade em seu planejamento para explorá-la. Na defensiva, é fundamental aproveitar toda oportunidade para conquistar e manter a iniciativa e destruir o inimigo. A iniciativa é obtida:

- a) selecionando a área de combate;
- b) forçando o inimigo a reagir de acordo com o plano defensivo;
- c) explorando as vulnerabilidades e os erros do inimigo por meio de operações ofensivas; e
- d) contra-atacando as forças inimigas que tenham obtido sucesso.

6.1.1.3 O BI Mec, por suas características, é mais apto ao emprego nas ações dinâmicas da defesa e nas operações de movimentos retrógrados. Eventualmente, pode ser empregado na defesa de uma posição.

6.1.1.4 As operações defensivas em seu sentido mais amplo, abrangem todas as ações que oferecem um determinado grau de resistência contra uma força atacante.

6.1.1.5 Maiores detalhes sobre o assunto podem ser encontrados no Manual de Campanha EB20-MF-10.103 OPERAÇÕES, Manual de Campanha EB70-MC-10.202 OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS, Manual de Campanha EB 70-MC-10.228 INFANTARIA NAS OPERAÇÕES e Manual de Campanha C7-20 BATALHÕES DE INFANTARIA.

6.1.2 FINALIDADES

6.1.2.1 As operações defensivas são executadas com uma ou mais das seguintes finalidades:

- a) ganhar tempo, criando condições mais favoráveis para a ação ofensiva;
- b) economizar forças em uma área, para possibilitar uma aplicação decisiva em outra;
- c) reduzir a capacidade de combate do inimigo, infligindo-lhe o máximo de perdas;

- d) impedir o acesso do inimigo a uma determinada região, detendo-o à sua frente;
- e) destruir forças inimigas, canalizando-as por meio de uma combinação de ações de defesa e de retardamento, até que a situação favoreça uma atuação direta e decisiva sobre elas; e
- f) proteger ou cobrir a manobra de outra força amiga.

6.1.3 TIPOS DE OPERAÇÕES

6.1.3.1 As operações defensivas compreendem dois tipos:

- a) a defesa em posição; e
- b) movimentos retrógrados.

6.1.3.2 Na defesa em posição, a infantaria busca enfrentar o inimigo em uma área previamente organizada, em largura e profundidade, procurando dificultar ou deter sua progressão, à frente ou em profundidade, e aproveitando todas as oportunidades para desorganizá-lo, desgastá-lo ou destruir suas forças.

6.1.3.3 Nos movimentos retrógrados, a infantaria procura evitar o combate decisivo sob condições desfavoráveis, seja rompendo o contato com o inimigo, seja retardando-o, a fim de trocar espaço por tempo, evitando sempre empenhar-se em ações que possam comprometer a integridade da força.

6.1.4 FUNDAMENTOS DA DEFESA

6.1.4.1 As operações defensivas se caracterizam pelo planejamento detalhado e por um grau de controle centralizado, ditado pela forma de manobra a ser conduzida.

6.1.4.2 O planejamento, organização e conduta da defesa são baseados nos seguintes fundamentos:

- a) apropriada utilização do terreno;
- b) segurança;
- c) defesa em todas as direções;
- d) defesa em profundidade;
- e) flexibilidade;
- f) dispersão;
- g) máximo emprego de ações ofensivas;
- h) integração e coordenação das medidas de defesa;
- i) utilização judiciosa do tempo disponível; e
- j) apoio mútuo.

6.2 DEFESA EM POSIÇÃO

6.2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.2.1.1 A defesa em posição é estruturada na organização de uma área de defesa a ser mantida a todo custo; no emprego de forças de cobertura à frente para retardar e desorganizar a progressão do inimigo e iludi-lo quanto à verdadeira localização da posição defensiva; no emprego da reserva, para limitar as penetrações e desalojar o inimigo por meio de contra-ataques, caso consiga penetrar na posição.

6.2.1.2 A missão do BI Mec na defesa é:

- a) deter o inimigo pelo fogo à frente da posição;
- b) repelir o seu assalto pelo combate aproximado; e
- c) destruí-lo ou expulsá-lo pelo contra-ataque, caso ele consiga penetrar na posição.

6.2.2 FORMAS DE MANOBRA

6.2.2.1 A defesa em posição compreende as seguintes formas de manobra:

- a) defesa de área; e
- b) defesa móvel.

6.2.2.2 A defesa em posição, em determinadas situações, pode comportar uma combinação das diferentes formas de manobra.

6.3 DEFESA DE ÁREA

6.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.3.1.1 A defesa de área dá ênfase à manutenção ou ao controle de um terreno específico, por um determinado período de tempo. O defensor desdobra a maioria de seu poder de combate na área de defesa avançada para deter as forças inimigas à frente do limite anterior da área de defesa avançada. Conduz contra-ataques para expulsar ou destruir forças inimigas que penetrarem naquela área e para retomar o controle da mesma ou do terreno que a defesa deseja conservar. O defensor depende da potência dos fogos e das forças empregadas na área de defesa avançada para deter e repelir o atacante. A área de defesa avançada tem uma maior prioridade na distribuição dos meios de combate.

6.3.1.2 Na defesa de área, o defensor planeja aceitar um engajamento decisivo e cumprir sua missão pelo engajamento do atacante ao longo do limite anterior da área de defesa avançada, contando com um grande volume e variedade de fogos. O defensor pode não possuir capacidade para ocupar todos os

acidentes capitais do terreno da posição defensiva; no entanto, emprega suficiente poder de combate à frente para dominar a área.

6.3.1.3 Os BI Mec têm maiores possibilidades de explorar suas características de mobilidade, potência de fogo e ação de choque quando empregadas para constituir a reserva.

6.3.2 ORGANIZAÇÃO DA DEFESA (Fig 6-1)

6.3.2.1 Área de Defesa avançada

6.3.2.1.1 Área que se estende do seu limite anterior (LAADA) para a retaguarda, englobando as posições ocupadas pelas SU de primeiro escalão. As forças da área de defesa avançada são compostas de elementos encarregados da defesa imediata dessa área.

6.3.2.2 Área de Segurança

6.3.2.2.1 Área que se estende à frente do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA) até onde forem empregados os elementos de segurança estabelecidos pela unidade. As forças de segurança são compostas de elementos que alertam sobre a aproximação do inimigo, desorganizando-o e iludindo-o quanto à verdadeira localização da posição defensiva.

6.3.2.3 Área de Reserva

6.3.2.3.1 Área que se estende da retaguarda das subunidades em primeiro escalão até o limite de retaguarda do BI Mec. As forças de reserva ocupam regiões na área de reserva (área de retaguarda) e dão profundidade à posição defensiva. Esses elementos limitam e eliminam as penetrações ou podem reforçar as SU de primeiro escalão. A reserva é o principal meio de que dispõe o comandante do BI Mec para influir no combate.

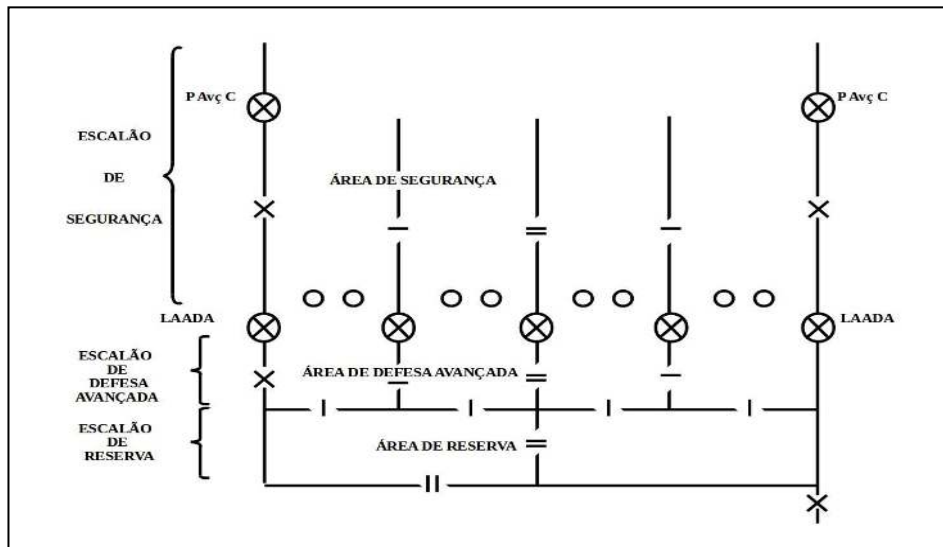


Fig 6-1 Escalonamento de um BI Mec na defesa de área

6.3.3 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

6.3.3.1 Possibilidades dos elementos de combate do BI Mec

6.3.3.1.1 Nas operações defensivas, os elementos de combate têm as seguintes possibilidades:

- manter o terreno;
- repelir o assalto inimigo pelo fogo e combate aproximado;
- contra-atacar;
- manobrar em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições climáticas;
- e
- integrar outras forças.

6.3.3.2 Possibilidades das VBTP-MSR e das VBTP-UT 30

6.3.3.2.1 Nas operações defensivas, as VBTP-MSR e as VBTP-UT 30 têm as seguintes possibilidades:

- apoiar o contra-ataque;
- destruir os blindados inimigos pelo fogo; e
- apoiar os elementos de fuzileiros pelo fogo, manobra e ação de choque.

6.3.3.3 Possibilidades dos Pelotões de Exploradores

6.3.3.3.1 O Pel Expl cumpre várias missões em proveito do BI Mec, utilizando patrulhas e observação. Só se engajam em combate, quando for necessário ao cumprimento da missão ou para sua própria segurança. Não devem ser

empregados em patrulhas de combate, porém alguns de seus integrantes podem acompanhá-las, como especialistas em inteligência de combate.

6.3.3.3.2 É a fração do BI Mec mais apta a realizar o monitoramento das RIPI levantadas pela Unidade.

6.3.3.3.3 Durante o deslocamento do BI Mec de uma Z Reu para a área a ser defendida, o Pel Expl é empregado no reconhecimento de itinerários.

6.3.3.3.4 Quando a ocupação da posição se realiza sem o contato com o inimigo, os elementos do Pel Expl são empregados, inicialmente, para obter informações sobre o terreno e sobre a aproximação do inimigo.

6.3.3.3.5 O Pel Expl pode ser empregado na área de segurança do Btl, recebendo uma ou mais das seguintes missões:

- a) manter o contato com os PAG, atuando entre estes e os PAC;
- b) vigiar a área entre o LAADA e a linha dos PAC; e
- c) reforçar os PAC.

6.3.3.3.6 Após o retraimento dos PAC, o Pel Expl pode ser empregado para:

- a) segurança da área de retaguarda, executando o patrulhamento e a sua vigilância;
- b) vigilância de flanco;
- c) operar o posto de observação do batalhão; e
- d) eventualmente, cooperar na segurança do PC do Btl.

6.3.4 SEGURANÇA

6.3.4.1 Generalidades

6.3.4.1.1 Ao planejar a defesa, o Cmt BI Mec assegura que sejam adotadas as medidas de segurança adequadas em todas as direções. O poder de combate atribuído às forças de segurança e as medidas tomadas são uma decorrência da análise da missão, do inimigo, do terreno, dos meios e do tempo. Deve ser, também, considerado o grau de segurança proporcionado pelos elementos de segurança do Esc Sp, isto é, pela F Cob e pelos PAG.

6.3.4.2 Força de cobertura

6.3.4.2.1 Uma F Cob é, normalmente, estabelecida pelo Esc Sp para proporcionar segurança à frente dos PAG.

6.3.4.2.2 Essa força tem a missão de retardar o inimigo, durante um determinado período, a fim de proporcionar tempo para a preparação da posição de defesa, através de uma ação retardadora em posições alternadas ou sucessivas, desorganizar ao máximo as forças inimigas atacantes e iludi-las quanto à verdadeira localização do LAADA.

6.3.4.3 Postos Avançados Gerais (PAG)

6.3.4.3.1 Os PAG constituem o escalão de segurança da Divisão de Exército. Sua missão é alertar sobre a aproximação do inimigo, retardar e desorganizar sua progressão e iludi-lo quanto à verdadeira localização da ADA. A localização da linha dos PAG é prescrita pela Divisão.

6.3.4.3.2 Os PAG são, normalmente, guarnecidos por um grupamento de armas combinadas, integrando uma Bda. O BI Mec reforçado pode ser designado para guarnecer PAG estabelecidos pela Divisão. Quando um BI Mec recebe a missão de guarnecer os PAG é, normalmente, reforçado com frações de carros de combate e de apoio de fogo, para ficar capacitado a executar uma ação retardadora, no caso um retardamento em única posição.

6.3.4.4 Postos Avançados de Combate (PAC)

6.3.4.4.1 Quando o Cmt BI Mec determinar que as Companhias de primeiro escalão guarnecem os PAC em seus respectivos setores, armas anticarro, mísseis e outros elementos de apoio podem ser dados em reforço a estas Companhias para as ações do PAC. Após o retraimento dos PAC, esses elementos retornam ao cumprimento de sua missão principal.

6.3.4.4.2 Normalmente, elementos de segurança dos escalões superiores estão à frente da linha dos PAC. Elementos de reconhecimento do BI Mec, ou os próprios PAC, mantêm contato com os elementos amigos à frente caso a Brigada não estabeleça essa ligação. Se não houver elementos amigos à frente, devem ser empregadas patrulhas avançadas para estabelecer e manter o contato com o inimigo.

6.3.5 PLANEJAMENTO DA DEFESA

6.3.5.1 Considerações gerais

6.3.5.1.1 O plano de defesa é elaborado após o recebimento da ordem de defesa emitida pelo Esc Sp. Esse plano compreende um esquema de manobra e um plano de apoio de fogo, que são feitos simultaneamente e intimamente integrados. O plano de defesa abrange, também, o planejamento de contra-ataques, de segurança, de apoio logístico e o estabelecimento da rede de comunicações.

6.3.5.1.2 A flexibilidade é obtida através da escolha de posições suplementares que permitam a defesa em todas as direções, pela manutenção de uma reserva adequada e pelo controle centralizado do apoio de fogo. Além dessas medidas, o comandante prepara planos alternativos para fazer face às situações previsíveis.

6.3.5.2 Para estudo detalhado a respeito da metodologia de planejamento deve ser consultado o Manual de Campanha BATALHÕES DE INFANTARIA (C7-20), Capítulo 5, Artigo III.

6.3.6 TÁTICAS E TÉCNICAS ESPECIAIS NA DEFESA EM POSIÇÃO

6.3.6.1 Existem diversas variações possíveis entre as formas de manobra "defesa móvel" e "defesa de área". Em muitas situações, para tirar proveito de um determinado terreno ou para melhor explorar as características de sua tropa, o comandante de um BI Mec pode adotar as seguintes táticas e técnicas especiais da defensiva:

- a) ações dinâmicas da defesa;
- b) dispositivo de expectativa;
- c) defesa elástica;
- d) defesa em ponto forte;
- e) defesa circular;
- f) defesa em contraencosta; e
- g) defesa em localidade.

6.3.6.2 Ações dinâmicas da defesa

6.3.6.2.1 O BI Mec deve manter-se alerta para aproveitar todas as oportunidades de retomar a iniciativa e destruir o inimigo pela ação ofensiva. As principais ações dinâmicas são o patrulhamento agressivo, a incursão e, principalmente, o contra-ataque, apoiados por fogos e pela guerra eletrônica.

6.3.6.2.2 Podem ser realizadas ações para dificultar a concentração do poder de combate nas posições de ataque, destruir as forças de reconhecimento, isolar unidades e desorganizar os sistemas e formações em profundidade. Os contra-ataques, realizados antes que o inimigo consolide qualquer ganho inicial e possa explorar o êxito de sua ação ofensiva, classificam-se em:

- a) para restabelecimento da posição;
- b) de desaferamento;
- c) de desorganização; e
- d) de destruição.

6.3.6.3 Dispositivo de expectativa

6.3.6.3.1 Dispositivo adotado pelo BI Mec, no âmbito de uma defesa em posição, que permite orientar os meios necessários à defesa, em curto prazo,

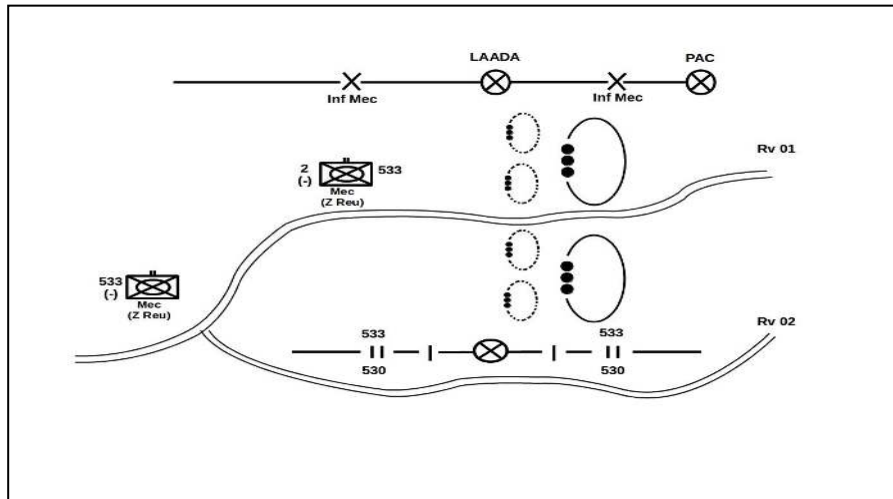


Fig 6-3 Um exemplo do dispositivo da 2ª/533º BI Mec, em 1º escalão ao controle do 533º BI Mec, para ocupar a ADA, enquanto o restante da unidade permanece em Z Reu, à retaguarda, em expectativa

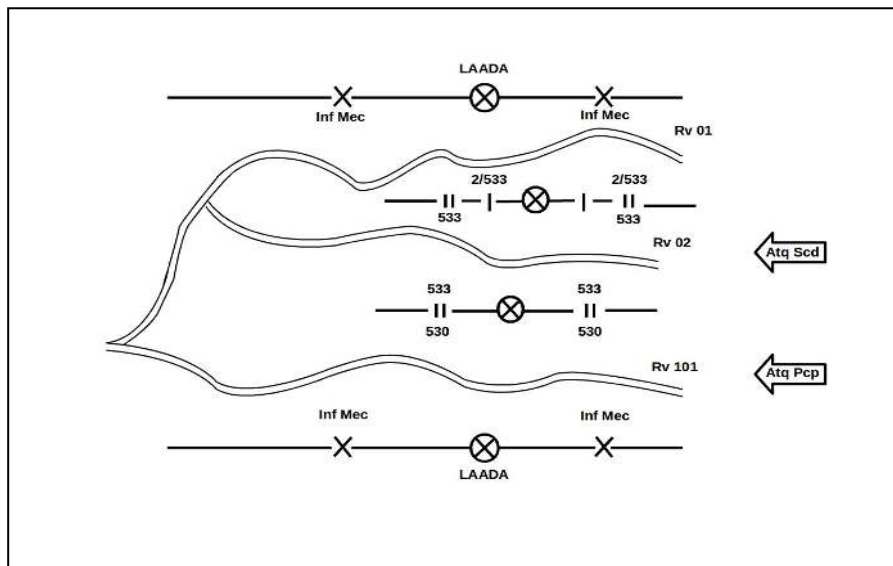


Fig 6-4 No prosseguimento das ações, após o Ini definir o seu esforço, o 533º BI Mec recebeu ordens para Def a Fx de C, passando a 2ª Cia Fzo ao Ct da Bda, para a defesa a N, sendo reforçado pela 3ª/530º BI Mtz, para as ações na ADA

6.3.6.4 Defesa elástica

6.3.6.4.1 A Defesa Elástica é uma técnica que permite uma penetração do inimigo em região selecionada para emboscá-lo e contra-atacá-lo ao longo de todo seu dispositivo. A posição é ocupada por tropas em profundidade, para permitir o ataque em toda a extensão da formação inimiga.

6.3.6.4.2 A Defesa Elástica pode ser conduzida pelo BI Mec, normalmente, em três fases:

- a) acolhimento dos elementos da Força de Segurança (F Prot ou F Cob) e canalização da força inimiga para as Áreas de Engajamento (AE);
- b) destruição da força inimiga nas Áreas de Engajamento (AE); e
- c) contenção da força inimiga nas Áreas de Engajamento (AE), através de contra-ataques, impedindo que rompa o dispositivo defensivo, nos limites da AE ou desborde a posição defensiva.

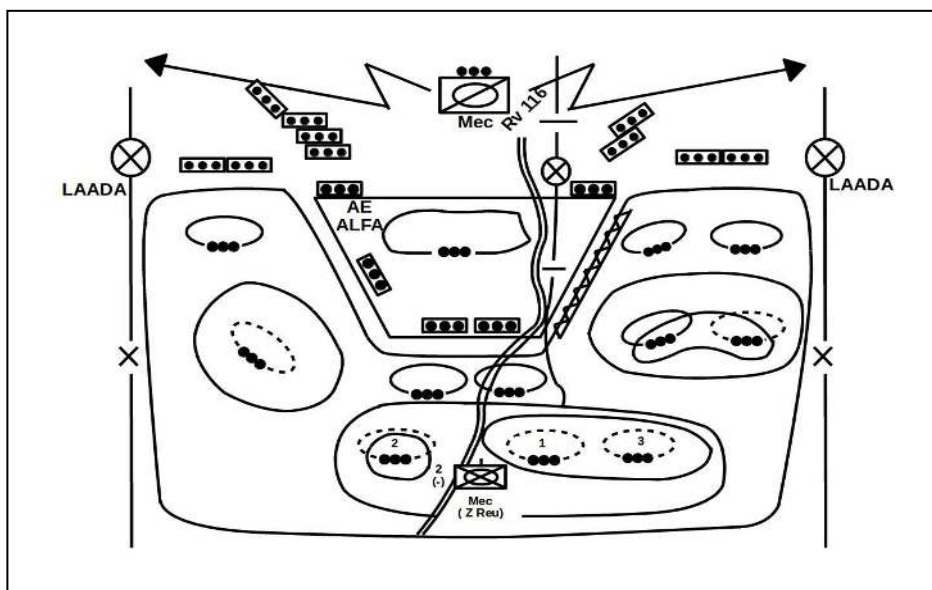


Fig 6-5 BI Mec em uma Defesa Elástica

6.3.6.5 Defesa em ponto forte

6.3.6.5.1 Um ponto forte (PF) é uma posição de combate (P Cmb) altamente fortificada e apoiada em um acidente natural do terreno para deter, dividir ou desviar a direção de forças inimigas de valor ponderável; ou impedir o seu acesso a determinada área ou infraestrutura.

6.3.6.6 Defesa circular

6.3.6.6.1 A defesa circular é uma variante da defesa de área, na qual a unidade é disposta de modo a fazer frente, simultaneamente, a um ataque inimigo proveniente de qualquer direção.

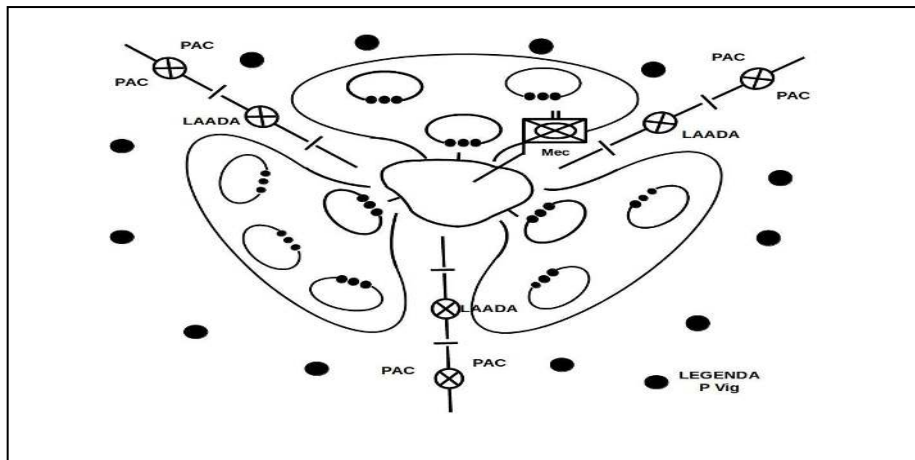


Fig 6-6 BI Mec numa Defesa Circular. Três SU no perímetro

6.3.6.7 Defesa em contraencosta

6.3.6.7.1 A defesa na contraencosta é uma técnica especial de defesa, onde a posição é organizada em uma porção do terreno que é mascarada por uma crista topográfica. Destaca-se a grande vantagem dessa técnica: a proteção contra a observação e os tiros diretos inimigos.

6.3.6.7.2 A defesa na contraencosta pode ser eficaz contra um maciço ataque de blindados. Numa região que favoreça o movimento dos CC e viaturas blindadas, o defensor pode ter de enfrentar uma substancial quantidade de armas de tiro direto, orgânicas desses blindados, capazes de neutralizar até as mais bem preparadas posições defensivas.

6.3.6.7.3 A condução da defesa é semelhante a uma defesa normal. Embora os fogos defensivos batam o inimigo desde a crista, ele pode ter sucesso e penetrar na posição. O defensor, então, deve estar preparado para conduzir um contra-ataque. A força de contra-ataque tem a tarefa de restaurar o LAADA, retomar a crista topográfica, restabelecendo seus P Obs, bem como expulsar o inimigo da encosta imediatamente à frente da posição defensiva.

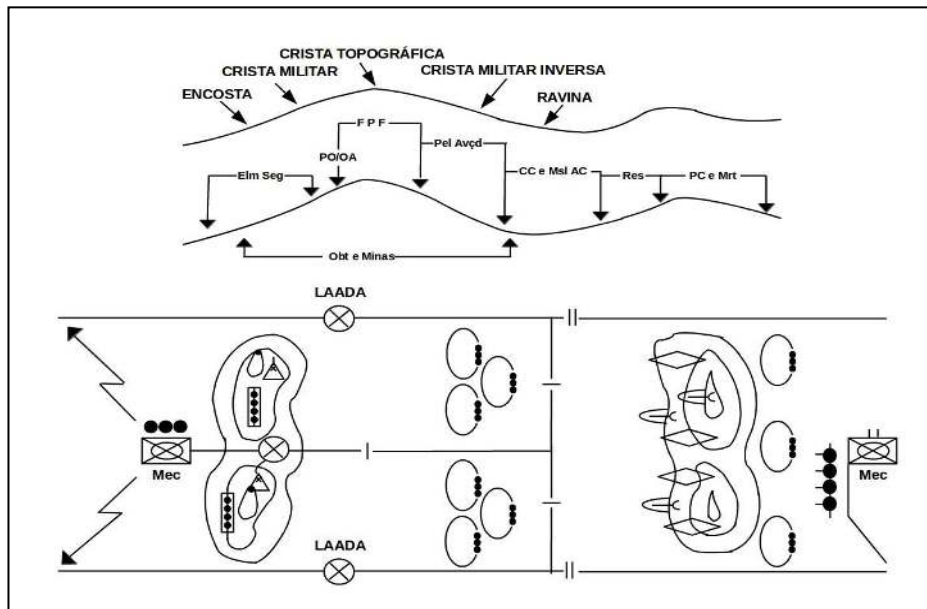


Fig 6-7 Defesa em contraencosta

6.3.7 APOIO DE FOGO

6.3.7.1 Como parte de seu conceito da operação, o Cmt BI Mec indica a subunidade que deve receber a prioridade de apoio de fogo e prescreve um horário para seu emprego.

6.3.7.2 O plano de apoio de fogo (PAF) é um anexo à ordem de operações.

6.3.7.3 O Manual de Campanha FOGOS (EB20-MC-10.206) apresenta, detalhadamente, a concepção da Função de Combate Fogos, orientando o planejamento, a organização e a sua execução no âmbito da Força Terrestre (F Ter) e no contexto das Operações Conjuntas.

6.3.8 COMANDO, CONTROLE E COMUNICAÇÕES

6.3.8.1 Considerações gerais

6.3.8.1.1 O sistema de comunicações na defesa de área é influenciado pelo tempo disponível. A maior estabilidade das operações amplia o emprego de meios físicos, porém, nas ações dinâmicas da defesa, os meios rádio e mensageiro são largamente empregados.

6.3.8.2 Meios de comunicações

6.3.8.2.1 As peculiaridades da defesa de área influem diretamente nos meios de comunicações mais empregados pelo Btl, a saber:

1) **Meios rádio** - os fatores segurança e sigilo são preponderantes na defesa de área. Logo, as prescrições rádio devem seguir, em princípio, a seguinte sequência:

- a) antes do contato com o inimigo - rádio em silêncio;
- b) durante as ações dos PAC (inclusive o acolhimento) – rádio restrito; e
- c) após o início do ataque inimigo - rádio livre.

2) **Meios físicos** - devem ser o mais completo possível, dependendo do tempo de preparação da posição defensiva. Devem ser lançados vários circuitos entre dois assinantes para que os fogos de preparação do inimigo não interrompam as ligações. A primeira prioridade para a construção dos circuitos é dos PAC, seguindo-se os elementos da ADA e, por último, a reserva.

3) **Meio mensageiro** - é largamente empregado na defesa de área. Antes do contato com o inimigo, os mensageiros de escala são os mais utilizados, porém, após o início do ataque inimigo, os especiais têm maior emprego. Durante nossas ações dinâmicas da defesa, os mensageiros são muito utilizados.

4) **Outros meios** (visuais e acústicos) - são empregados na defesa de área para suplementar os meios acima descritos. Os visuais devem ser utilizados da frente para a retaguarda, seguindo códigos preestabelecidos. Os acústicos podem ser empregados a título de alarme (contra-ataques blindados ou aéreos, por exemplo).

6.3.8.3 Posto de comando

6.3.8.3.1 O PC do Btl, na defesa de área, segue os mesmos preceitos abordados no capítulo III “Comando e Controle” deste Manual de Campanha, porém as características dessa operação ressaltam os seguintes fatores para a localização do PC:

- a) não interferência com a manobra tática;
- b) desenfiamento;
- c) distância de segurança; e
- d) eixado com a frente mais importante a defender.

6.3.8.4 Para estudo detalhado a respeito da função de C² deve ser consultado o Manual de Campanha COMANDO E CONTROLE (EB20-MC-10.205), 1ª Edição, 2015.

6.3.9 APOIO LOGÍSTICO

6.3.9.1 Para estudo mais detalhado a respeito desse assunto, deve ser consultado o capítulo XI “Logística” deste Manual de Campanha.

6.3.10 EXECUÇÃO DA DEFESA

6.3.10.1 Organização da posição

6.3.10.1.1 Quando os elementos do Btl chegam à posição, iniciam imediatamente a organização da posição defensiva. Muitas das ações a realizar são executadas simultaneamente; outras, porém, requerem uma prioridade. O Cmt BI Mec pode especificar uma sequência para a preparação da posição e outras medidas relacionadas com a camuflagem. Normalmente, pode ser seguida a seguinte sequência de trabalhos:

- a) estabelecimento da segurança;
- b) entrada em posição das armas coletivas;
- c) limpeza dos campos de tiro;
- d) estabelecimento dos sistemas de comunicações;
- e) preparação dos espaldões das armas coletivas e abrigos individuais;
- f) construção dos obstáculos; e
- g) preparação das posições de muda e suplementares.

6.3.10.1.2 A preparação do terreno prossegue continuamente, enquanto os elementos do BI Mec permanecem em posição. Quando a posição for organizada em estreito contato com o inimigo, a tropa deve estar em condições de defender-se de um ataque a qualquer momento, durante os trabalhos de instalação. É feito o emprego de todos os fogos disponíveis para cobrir a organização da posição, e a fumaça pode ser empregada, a fim de impedir a observação inimiga sobre a posição.

6.3.10.1.3 As frações da companhia reserva que não tenham, inicialmente, missões de segurança, podem receber ordem de auxiliar as companhias de primeiro escalão nos trabalhos de organização do terreno. A construção das posições de aprofundamento, principais e suplementares, deve obedecer à prioridade estabelecida pelo Cmt BI Mec. Os trabalhos destinados à área de reserva podem ser retardados até que a organização da ADA esteja bem adiantada.

6.3.10.2 Ações dos Postos Avançados de Combate (PAC)

6.3.10.2.1 Os PAC mantêm estreita coordenação com os escalões de segurança à sua frente. Quando já não houver tais elementos, mantêm contato com o inimigo por meio de patrulhas ou elementos de reconhecimento das tropas amigas.

6.3.10.2.2 Quando o inimigo for localizado, os PAC procuram batê-lo por fogos longínquos de artilharia e morteiros. À medida que avança, o inimigo vai encontrando uma contínua e crescente intensidade de fogos.

6.3.10.2.3 Os PAC procuram cumprir a sua missão de fornecer alerta oportuno da aproximação do inimigo, de impedir sua observação direta sobre a posição e, dentro de suas possibilidades, de retardar, desorganizar o inimigo e iludi-lo quanto à verdadeira posição da área de defesa, causando-lhe o maior número de baixas possível, sem se deixar envolver em combate aproximado.

6.3.10.2.4 Os PAC retraem mediante ordem dos respectivos Cmt BI Mec ou de acordo com as instruções da brigada. Na falta de comunicações com o Esc Sp, o comandante dos PAC retrai sua tropa quando sua captura ou destruição por parte do inimigo for iminente.

6.3.10.2.5 Diversos planos de retraimento são preparados de modo a cobrir as possíveis eventualidades e evitar perdas desnecessárias. Normalmente, os elementos menos engajados retraem em primeiro lugar, podendo estabelecer uma posição de cobertura, a fim de auxiliar os demais elementos a romper o contato. Podem, também, ser empregados para aumentar o fogo à frente dos elementos mais engajados, criando condições para o rompimento do contato.

6.3.10.2.6 Os PAC utilizam itinerários de retraimento previamente escolhidos e reconhecidos, de modo a aproveitar ao máximo as cobertas e abrigos existentes. Esses itinerários não devem prejudicar os tiros das armas localizadas no LAADA e, tanto quanto possível, devem iludir o inimigo quanto à verdadeira localização das posições de defesa.

6.3.10.2.7 Os elementos localizados na área de defesa e as unidades vizinhas são notificados, imediatamente, sobre o início do retraimento. Os elementos de primeiro escalão são alertados quando todos os componentes dos PAC tiverem desimpedido a frente do LAADA.

6.3.10.3 Ações na Área de Defesa Avançada (ADA)

6.3.10.3.1 A defesa do batalhão é conduzida pela combinação judiciosa da agressividade, da surpresa, da mobilidade e da flexibilidade dos fogos. Quando o atacante entrar no alcance da observação das patrulhas, dos observadores aéreos ou dos PAC, é submetido aos fogos longínquos das armas de maior alcance e das armas dos PAC. A intensidade desses fogos aumenta à medida que o atacante progride e entra no alcance das outras armas de defesa.

6.3.10.3.2 As armas anticarro procuram destruir os blindados inimigos o mais à frente possível e, no interior da área de defesa, se lograrem penetrar na posição. Todos os fogos disponíveis, diretos e indiretos, são desencadeados para forçar os carros inimigos a fechar escotilhas e para separá-los dos elementos a pé ou blindados.

6.3.10.3.3 O oficial de apoio de fogo do Btl e o oficial de ligação de artilharia, normalmente, permanecem com o Cmt BI Mec no Posto de Observação da unidade. Por meio desses elementos, o comandante concentra ou transfere os fogos nos alvos desejados. As concentrações de fumaça são pedidas para cegar os Postos de Observação (P Obs) inimigos localizados ou suspeitos.

6.3.10.3.4 As armas localizadas no interior dos núcleos dos pelotões de primeiro escalão abrem fogo somente quando o atacante estiver dentro do alcance eficaz do tiro de fuzil. Quando o terreno à frente da posição for compartimentado transversalmente, com ângulos mortos que ofereçam desenfiamento ao atacante, os fogos das armas localizadas no LAADA são desencadeados quando o inimigo apresentar-se na crista mais próxima. Quando o atacante atingir as proximidades das posições e desencadear fogos pesados de preparação, os elementos batidos por esses fogos abrigam-se e as armas de apoio são empregadas ao máximo para proteger esses elementos.

6.3.10.3.5 Quando os fogos inimigos forem suspensos, todas as armas localizadas no LAADA abrem fogo para deter o assalto inimigo antes que esse aborde a posição. Quando o inimigo atingir uma zona de onde possa lançar o assalto, os fogos de proteção final são desencadeados a pedido dos elementos ameaçados. Se o atacante conseguir abordar a posição, a resistência prosseguirá pelo aumento da intensidade dos fogos e pelo combate aproximado.

6.3.10.3.6 O êxito da defesa depende da manutenção, por parte de cada fração, da área que lhe foi atribuída. Cada elemento responsável pela defesa de um acidente capital deve defendê-lo a todo custo, a menos que receba ordem contrária do comando superior. Cada comando mantém as respectivas posições e fecham as brechas pelo fogo ou pelo emprego de suas reservas. A tropa deve ter em mente que o inimigo pode atuar em sua retaguarda e, em consequência, deve estar preparada para combater em qualquer direção. Mantendo com sucesso suas posições, os comandos subordinados criarão condições para o desencadeamento de contra-ataques bem-sucedidos, executados pelos elementos dispostos em profundidade.

6.3.10.3.7 Após o retraimento das forças inimigas, ocorre a reorganização das frações e subunidades, através do remuniamento, do re completamento ou redistribuição do efetivo, da evacuação de mortos, feridos e PG, entre outras medidas necessárias.

6.3.11 CONDUTA DURANTE A DEFESA

6.3.11.1 Considerações gerais

6.3.11.1.1 Durante a defesa de uma posição contra um ataque inimigo, o Cmt BI Mec e seu EM realizam o estudo continuado de situação, baseado na atualização das informações sobre o inimigo e o terreno.

6.3.11.1.2 O inimigo pode lograr êxito em seu ataque e penetrar na posição defensiva, ameaçando o cumprimento da missão do BI Mec. Em face dessa situação, o Cmt e seu EM realizam um estudo de situação de conduta, com base principalmente na análise da missão, do inimigo, do terreno, dos meios e do tempo.

6.3.11.1.3 Após esse estudo de situação, o Cmt deve decidir pela intervenção ou não no desenrolar do combate. Deve intervir caso o elemento subordinado não tenha meios para eliminar a penetração inimiga.

6.3.11.1.4 No caso de uma penetração inimiga, a primeira atitude é limitá-la para, em seguida, contra-atacar o inimigo no seu interior. É desejável que o inimigo esteja detido ou perdendo a impulsão de seu ataque para realizar o contra-ataque, porém tais requisitos não devem tolher a iniciativa para o seu desencadeamento.

6.3.11.1.5 O Cmt pode intervir no combate, adotando uma ou mais das seguintes linhas de ação:

- a) intervenção com fogos, mudando a prioridade e/ou as formas de emprego das armas de apoio;
- b) reforço ao elemento de primeiro escalão, para que ele aprofunde a defesa em sua Z Aç ou para permitir que a companhia possa contra-atacar para restabelecer sua posição;
- c) emprego da reserva do Btl, para aprofundar a defesa na área de reserva do batalhão ou para contra-atacar a fim de restabelecer o LAADA; e
- d) mudança das medidas de coordenação e controle, alterando limites e/ou outras medidas.

6.3.11.1.6 Após o levantamento e a comparação das linhas de ação, o comandante emite a sua decisão por meio de uma ordem fragmentária para os subordinados. Deve informar, também, a sua decisão ao Esc Sp.

6.3.11.2 Considerações fundamentais para o contra-ataque

6.3.11.2.1 Da mesma forma que o insucesso de um contra-ataque pode desequilibrar a defesa e criar o risco desta ser batida por partes, o retardamento na execução do contra-ataque pode permitir que o inimigo se reorganize e mantenha a iniciativa, perdendo, assim, a oportunidade do momento decisivo para o seu desencadeamento.

6.3.11.2.2 O planeamento de um contra-ataque segue as prescrições contidas no item 6.4.7 deste manual, com ênfase, entretanto, na determinação da hora de seu desencadeamento.

6.3.11.2.3 A largura e a profundidade da penetração, bem como a velocidade de progressão, a direção do ataque inimigo e o seu valor no interior da penetração, devem ser determinadas, a fim de que o comandante possa decidir pela execução do contra-ataque. Este deve ser desencadeado no momento em que o inimigo for mais vulnerável e de modo a impedi-lo de retomar a progressão ou receber reforços.

6.3.11.2.4 Quando os blindados inimigos dominam uma penetração ou são capazes de explorar o êxito inicial obtido, o Cmt BI Mec deve empregar todos os meios disponíveis para neutralizá-los, a fim de que o contra-ataque tenha sucesso.

6.3.11.2.5 A reserva do BI Mec deve ser capaz de executar contra-ataques à noite. A necessidade do conhecimento do terreno, do planeamento e dos treinamentos ganha maior importância para a execução de ações noturnas.

6.4 DEFESA MÓVEL

6.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.4.1.1 A defesa móvel é uma forma de defesa em posição que se baseia na destruição do inimigo por meio do fogo e do contra-ataque, no qual um mínimo de meios é empregado no sentido de alertar as forças de defesa e de canalizar, retardar ou bloquear o atacante, e uma forte reserva é empregada para contra-atacar e destruir no momento mais oportuno.

6.4.1.2 Em princípio, uma Defesa Móvel é conduzida pelo escalão Divisão de Exército ou superior.

6.4.1.3 Nesse tipo de defesa, o BI Mec pode receber missões de integrar ou constituir (Fig 6-1):

- a) a força de segurança do escalão superior; ou
- b) a força de fixação da área de defesa avançada; ou
- c) a força de choque (reserva).

6.4.2 BI MEC COMO FORÇA DE SEGURANÇA

6.4.2.1 Excepcionalmente, essa missão pode ser atribuída ao BI Mec. Quando isso ocorrer, o BI Mec deve receber reforços de Carros de Combate, de artilharia e de engenharia.

6.4.3 BI MEC COMO FORÇA DE FIXAÇÃO

6.4.3.1 O BI Mec, em princípio, não deve ser empregado como força de fixação, por não ser o emprego mais adequado para uma força mecanizada e não permitir que explore corretamente suas características. Contudo, se os fatores da decisão assim o indicarem, o BI Mec pode integrar uma força de fixação conduzida pela DE.

6.4.3.2 Como integrante de brigada empregada na defesa móvel conduzida por uma Divisão de Exército, o BI Mec pode receber uma ou mais das seguintes missões:

- a) cobrir o retraimento dos elementos de primeiro escalão;
- b) ocupar posições de bloqueio para apoiar o contra-ataque realizado pela força de choque do escalão superior; e
- c) integrar a força de choque do escalão superior.

6.4.3.3 O BI Mec como parte da força de fixação, conduz suas ações de acordo com as ordens recebidas do Cmt Bda a que pertença e dentro dos princípios que norteiam o tipo de missão a desempenhar.

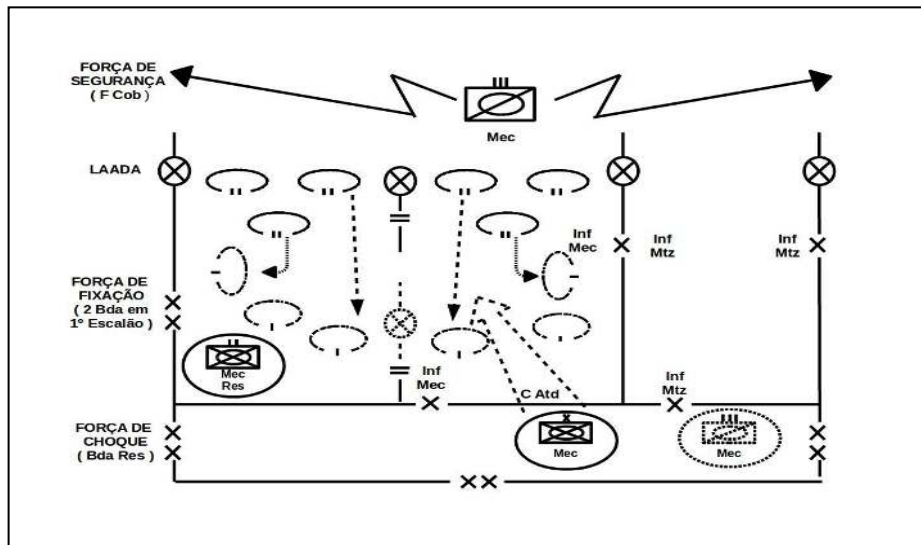


Fig 6-8 O BI Mec na Força de Fixação da Defesa Móvel

6.4.3.4 O Pel Exp ou as SU da ADA estabelecem PAC à frente da posição defensiva. Estabelecem-se comunicações entre os P Obs e as SU de primeiro escalão. Patrulhas e P Obs são estabelecidos nos flancos, de acordo com as necessidades, para a segurança ao BI Mec.

6.4.3.5 Os planos de contra-ataque são desenvolvidos ao mesmo tempo que a organização das posições de bloqueio e os preparativos iniciais da defesa. Medidas de coordenação e controle devem ser estabelecidas para cada plano.

6.4.3.6 Certas posições de bloqueio podem ser usadas como posições suplementares, das quais o inimigo possa ser batido se ocorrerem penetrações na posição defensiva ou ataques de certas direções. O esquema de manobra também inclui posições de bloqueio, das quais os elementos que as ocupam possam apoiar pelo fogo ou realizar ataques a objetivos limitados contra forças inimigas que ameaçam uma outra posição.

6.4.3.7 O PC do BI Mec fica localizado à retaguarda da área de defesa, onde se valerá da proteção dada pelo dispositivo tático das SU. Elementos de artilharia podem ser localizados dentro da Z Aç do BI Mec. Devem ser estabelecidas ligações com tais elementos e a localização das unidades de artilharia deve ser coordenada com o dispositivo das subunidades.

6.4.3.8 Os P Obs conduzem os fogos de apoio sobre o inimigo para retardar ou deter o seu ataque. A força aérea apoia as unidades em contato e atua contra as forças blindadas e mecanizadas inimigas o mais à frente do LAADA possível, reduzindo o número de viaturas blindadas que as forças terrestres

devem destruir. Quando forçados pelo inimigo, os P Obs retraem para cumprir novas missões.

6.4.3.9 Tão logo a força de ataque inimiga atinja a região dentro do alcance eficaz da defesa, os tiros das armas de apoio são realizados para causar-lhe o máximo de baixas. Logo que o contato é obtido, o Cmt BI Mec inicia ações com a finalidade de deter, destruir, repelir e desorganizar o inimigo e, ainda, canalizá-lo para uma região favorável a sua destruição. O inimigo é mantido sob constante pressão e não lhe é dada oportunidade de estabelecer-se na Z Aç do BI Mec. Todo esforço é feito para desorganizar a formação do ataque inimigo, para dispersar seus elementos e para transtornar seu plano de ataque.

6.4.3.10 Quando um ataque é dirigido contra a Z Aç do BI Mec, o Cmt procura conservar a liberdade para manobrar seus meios para regiões críticas. Se algumas posições iniciais estiverem em perigo e na iminência de serem destruídas, o Cmt BI Mec pode determinar aos elementos que as ocupam que retraiam para posições à retaguarda. Pode-se determinar às SU que apoiem posições de bloqueio que estejam sob grande pressão do inimigo. Isso é executado por um contra-ataque limitado, pelo apoio de fogo ou efetivo reforço aos elementos em posição.

6.4.3.11 Quando o ataque aumentar em força e as posições iniciais das SU estiverem em perigo de serem destruídas, o Cmt BI Mec pode ser obrigado a executar um retraimento, utilizando as posições de bloqueio selecionadas em profundidade.

6.4.4 O BI MEC COMO FORÇA DE CHOQUE

6.4.4.1 Planos

6.4.4.1.1 Quando o BI Mec integrar a força de choque (F Chq), seu Cmt prepara planos baseados nos planos de contra-ataque formulados pela Bda que realizar o C Atq. O BI Mec, ao estabelecer seu plano de C Atq, inclui medidas de controle, fogos de apoio e as coordenações necessárias, entre as quais destacam-se:

- a) linha de partida;
- b) direção do movimento, marcada por eixo de progressão ou direção de ataque, dependendo do grau de controle desejado;
- c) objetivo(s); e
- d) medidas de controle adicionais, as quais podem incluir posições de ataque, itinerários que conduzem a estas posições, limites e outras.

6.4.4.1.2 A aprovação final dos planos de contra-ataque da força de choque é realizada pelo Cmt que executa a defesa móvel. Após a aprovação, os membros interessados na ação devem familiarizar-se com os planos, bem como reconhecer a região do ataque. A ação do inimigo raramente permitirá à

reserva executar seu ataque exatamente como planejado. O Cmt BI Mec deve estar pronto para modificar, rapidamente, qualquer plano de C Atq, baseando-se na evolução dos acontecimentos e na conduta do inimigo.

6.4.5 RECONHECIMENTO

6.4.5.1 A formulação dos planos de contra-ataque deve ser precedida por um completo reconhecimento da região. O ataque da força de choque deve se desenrolar em terreno favorável, que permita ao atacante enfrentar o inimigo pelo flanco ou pela retaguarda e, preferencialmente, forçá-lo contra um obstáculo.

6.4.6 LOCALIZAÇÃO DA RESERVA

6.4.6.1 A localização da reserva é fixada pelo escalão superior, em princípio, numa região que facilite tanto o aprofundamento da defesa como o deslocamento para qualquer ponto da Z Aq.

6.4.6.2 O BI Mec, normalmente, recebe encargos de organizar posições de aprofundamento. Entretanto, a primeira prioridade é dada aos ensaios e aperfeiçoamentos dos seus planos de contra-ataque.

6.4.7 EXECUÇÃO DE CONTRA-ATAQUES

6.4.7.1 A execução de contra-ataque depende de ordem do comando superior. O contra-ataque tem que ser lançado no momento e local certos. Normalmente, é executado quando o inimigo, canalizado por elementos de retardamento, atinge uma região preestabelecida e antes que possa ganhar impulsão para prosseguir.

6.4.7.2 Para a execução do contra-ataque o BI Mec, normalmente, ultrapassa elementos da força de fixação.

6.4.7.3 O BI Mec recebe prioridade do apoio de fogo para realizar o contra-ataque. Em princípio, beneficia-se, também, dos efeitos do apoio aéreo aproximado, que é empregado para atacar concentrações inimigas e para evitar que o inimigo reforce suas forças.

6.4.7.4 O planejamento do contra-ataque na defesa móvel é semelhante ao realizado numa defesa de área.

6.5 MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

6.5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.5.1.1 Movimento retrógrado é qualquer movimento organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do inimigo, forçado por este ou executado voluntariamente. Um movimento retrógrado bem planejado e bem executado pode propiciar excelentes oportunidades para infligir pesados danos à tropa e ao material inimigo.

6.5.2 FINALIDADES

6.5.2.1 Os movimentos retrógrados são conduzidos obedecendo a uma ou mais das seguintes finalidades:

- a) inquietar, desgastar, resistir, retardar e infligir baixas ao inimigo;
- b) conduzir o inimigo a uma situação desfavorável;
- c) permitir o emprego da força ou de uma parte da mesma em outro local;
- d) evitar o combate sob condições desfavoráveis;
- e) ganhar tempo, sem engajar-se decisivamente em combate;
- f) desengajar-se do combate;
- g) adaptar-se aos movimentos de outras tropas amigas; e
- h) encurtar as vias de transporte.

6.5.3 TIPOS DE MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

6.5.3.1 Os movimentos retrógrados são classificados em três tipos:

- a) ação retardadora;
- b) retraimento; e
- c) retirada.

6.5.3.2 Ação retardadora

6.5.3.2.1 É o tipo de movimento retrógrado, no qual a força em contato troca espaço por tempo, procurando infligir o máximo de danos ao inimigo, sem se engajar decisivamente.

6.5.3.3 Retraimento

6.5.3.3.1 É o tipo de movimento retrógrado no qual toda ou parte de uma força desdobrada rompe o contato com o inimigo. Pode ser executado com ou sem pressão do inimigo, durante o dia ou à noite. A despeito do tipo de retraimento que se realize, o contato, por meio da observação, é mantido com as forças inimigas, para proporcionar segurança e dissimulação.

6.5.3.4 Retirada

6.5.3.4.1 É o tipo do movimento retrógrado, no qual uma força, não em contato, desloca-se para longe do inimigo, segundo um plano bem definido, com a finalidade de evitar um combate decisivo em condições desfavoráveis. A retirada pode ser feita seguindo-se a um retraimento. Normalmente, é executada para permitir que as operações futuras de combate sejam conduzidas sob condições mais favoráveis ou em local, ou oportunidade mais conveniente.

6.5.4 ESTUDO DO TERRENO E DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS

6.5.4.1 Terreno

6.5.4.1.1 A utilização apropriada do terreno é vital à força que realizar um movimento retrógrado, por propiciar a oportunidade de causar grande retardamento a uma força inimiga e infligir-lhe danos consideráveis.

6.5.4.1.2 O terreno é selecionado buscando observação e campos de tiro profundos, bem como a máxima utilização de cobertas e abrigos, o que permite bater o inimigo desde o mais longe possível e mantê-lo sob fogo enquanto manobra na direção da posição.

6.5.4.1.3 Os obstáculos naturais são intensamente explorados e os artificiais são empregados para retardar o avanço do inimigo, para obrigá-lo a se emassar e para proteger flancos expostos. Particularmente as minas e demolições auxiliam no retardamento e na canalização do avanço inimigo. Os sistemas de barreiras aproveitam ao máximo os obstáculos naturais.

6.5.4.1.4 Conveniente rede de estradas e terreno de boa transitabilidade facilitam o movimento da tropa; proporcionam rapidez aos deslocamentos; favorecem o controle da operação; permitem uma dispersão ampla; reduzem a vulnerabilidade aos ataques aéreos do inimigo; e apresentam melhores oportunidades para manobra, quer seja em ações de retardamento quer seja em ações de contra-ataque. Em princípio, procura-se interditar ao inimigo a utilização das rodovias.

6.5.4.1.5 A camuflagem é de grande importância nesse tipo de operação. Sua eficiente utilização auxilia na destruição do inimigo por meio da surpresa e reduz a possibilidade de localização das forças amigas.

6.5.4.2 Condições meteorológicas

6.5.4.2.1 Boas condições meteorológicas favorecem a observação e aumentam o efeito dos fogos e dos agentes químicos. A execução das manobras planejadas, bem como o apoio logístico, são facilitados.

6.5.4.2.2 Condições meteorológicas desfavoráveis dificultam a observação, reduzem os efeitos dos fogos, limitam o movimento através do campo, diminuem a eficiência do pessoal e dos equipamentos e aumentam os problemas de comando e controle.

6.5.4.2.3 A observação cuidadosa do início e do fim do crepúsculo vespertino náutico, bem como das fases da lua, proporcionam os indicativos de luminosidade da zona de ação.

6.5.4.2.4 A direção e velocidade dos ventos devem ser acompanhadas sistematicamente, considerando-se o continuado uso dos fumígenos nesse tipo de operação.

6.5.4.2.5 Deve-se levar em conta, entretanto, que nem sempre as melhores condições meteorológicas são as desejadas para a tropa empenhada em um movimento retrógrado. Nesse sentido, normalmente, o mau tempo reduz a liberdade de ação do atacante, favorecendo o defensor.

6.5.5 COORDENAÇÃO E CONTROLE

6.5.5.1 Normalmente, os movimentos retrógrados consistem de ações descentralizadas dentro do quadro geral da manobra. Nesses movimentos, o BI Mec, frequentemente, pode ser desdobrado em larga frente, de forma que os comandos subordinados atuarão com liberdade de ação para explorar vantagens locais. Em face dessa situação, cresce de importância a coordenação e o controle da operação, para evitar que o inimigo isole ou desborde elementos do BI Mec ou realize penetrações que possam ameaçar o cumprimento da missão como um todo.

6.5.5.2 O rádio e o sistema Gerenciador do Campo de Batalha (GCB) são meios fundamentais para controle e coordenação. Um planejamento cuidadoso das comunicações é essencial para evitar a revelação prematura do movimento retrógrado. As comunicações podem ser empregadas, também, para simular um tráfego de mensagens normal, durante uma operação de retraimento ou retirada. Ao serem atribuídas missões às subunidades, devem ser consideradas as possibilidades do equipamento de comunicações.

6.5.5.3 É importante que os comandos subordinados estejam perfeitamente cientes do conceito da operação e da intenção do comandante. Além disso, a própria missão é atribuída com maiores minúcias e restrições do que em outras operações.

6.5.5.4 As principais medidas de coordenação e controle, usadas nos movimentos retrógrados, incluem:

- a) pontos limite;
- b) posições de retardamento;

- c) posições de bloqueio;
- d) limites;
- e) pontos de ligação;
- f) pontos de controle;
- g) linhas de controle;
- h) itinerários de retraimento;
- i) zonas de reunião; e
- j) postos de bloqueio e controle.

6.5.5.5 As normas para o controle do movimento de civis devem ser eficazes, de simples execução, facilmente entendidas e capazes de serem postas em execução com um mínimo das tropas de combate. Devem ser distribuídas o mais cedo possível.

6.5.6 RECONHECIMENTO E SEGURANÇA

6.5.6.1 Nos movimentos retrógrados, missões específicas de reconhecimento podem ser atribuídas às subunidades dentro de suas respectivas Z Aç.

6.5.6.2 O plano de busca do BI Mec inclui elementos essenciais de informações, tais como:

- a) localização das posições de artilharia do inimigo;
- b) direção do movimento do inimigo;
- c) valor e composição de sua principal força de ataque;
- d) localização dos blindados inimigos;
- e) ações do inimigo para impedir ou bloquear o movimento retrógrado; e
- f) indícios de utilização de forças paraquedistas ou aeromóveis, de ataque aéreo, de ação de guerrilha ou de infiltração, que possam interferir no movimento retrógrado.

6.5.6.3 Informações oportunas com relação aos movimentos do inimigo permitem o ajustamento dos planos.

6.5.6.4 Uma força que realizar um retraimento ou uma ação retardadora planeja e executa ações ofensivas, explorando as informações disponíveis.

6.5.6.5 O inimigo emprega todos os seus meios de informações para determinar nossa localização, capacidade e intenção. É de se esperar que empregue o reconhecimento terrestre, fotografias e observação aéreas, reconhecimento aéreo, bem como atividades de espionagem. Dessa forma, é de fundamental importância atentar para a observação de todas as medidas de contrainformação apropriadas.

6.5.6.6 O emprego de fogos, combinado com ações ofensivas limitadas, proporciona segurança, durante os movimentos retrógrados.

6.5.6.7 Deve-se evitar que o inimigo perceba nossa intenção de retrain, ocultando-se o movimento através de rigorosas medidas passivas de segurança e de simulação. Essas medidas podem incluir: o silêncio rádio para as subunidades que retraem da posição e a manutenção de padrões normais de utilização do rádio nos núcleos de primeiro escalão; a manutenção de fogos normais, de artilharia e de outros meios de apoio de fogo; o deslocamento das subunidades, durante períodos de escuridão ou sob condições de reduzida visibilidade; e a manutenção de tropas suficientes na posição para simular a presença da força como um todo.

6.5.6.8 O grau de disciplina da tropa e a efetiva liderança em todos os escalões constituem medidas de segurança apropriadas contra a ação de agentes inimigos infiltrados na área de operações da unidade.

6.5.6.9 Devem ser tomadas medidas para proporcionar segurança à frente, nos flancos e à retaguarda do grosso, bem como contra-ataques aéreos.

6.5.6.10 Medidas de dissimulação possibilitam o mínimo de interferência do inimigo no retraimento do grosso e das forças de segurança.

6.5.7 APOIO AO COMBATE

6.5.7.1 Apoio aéreo

6.5.7.1.1 Aeronaves da força aerotática podem ser empregadas, particularmente, para proteger os elementos retardadores contra os ataques das aeronaves inimigas; retardar o avanço das forças terrestres inimigas, pela inquietação, e a interdição em locais críticos; apoiar os contra-ataques; e outras ações ofensivas.

6.5.7.1.2 A linha de coordenação de apoio de fogo é localizada mais próxima às forças amigas e pode ser mudada mais frequentemente do que nas operações ofensivas. Sucessivas LCAF podem ser prescritas nas ordens de operações.

6.5.7.1.3 As aeronaves de reconhecimento proporcionam reconhecimento e informes longínquos sobre a localização e o dispositivo das forças inimigas. Essas aeronaves procuram descobrir qualquer tentativa do inimigo para desbordar nossas posições.

6.5.7.2 Artilharia

6.5.7.2.1 Nos movimentos retrógrados, a artilharia de campanha é empregada para desencadear fogos sobre o inimigo a grandes distâncias, a fim de forçá-lo a desdobrar-se prematuramente. Ela pode ser empregada para interditar vias de acesso do inimigo, desencadear fogos de inquietação, destruir

concentrações inimigas e apoiar os elementos de combate. A artilharia de campanha é preparada para prestar apoio contínuo, durante todos os tipos de movimentos retrógrados.

6.5.7.3 Defesa Antiaérea

6.5.7.3.1 Sempre que possível, deve ser dada prioridade de defesa às forças que retraem e aos pontos críticos no itinerário de retraimento.

6.5.7.4 Engenharia

6.5.7.4.1 A engenharia pode ser empregada em apoio direto ou em reforço aos elementos de primeiro escalão. Os elementos em contato, normalmente, devem receber engenharia em reforço.

6.5.7.4.2 Uma das mais importantes funções da engenharia é prestar auxílio e assistência à formulação e implementação do plano de barreiras. As barreiras são utilizadas pelo comando da força retardadora com a finalidade de retardar o inimigo ou canalizá-lo para destruí-lo com fogos. O emprego bem planejado de barreiras auxilia a ganhar tempo e dificulta o ataque inimigo. Os planos de barreira são coordenados com o escalão superior tendo em vista, particularmente, as operações futuras. O plano de barreiras é redigido como um anexo ao plano ou ordem de operações, devendo ser coordenado com o plano de apoio de fogos e com os planos de contra-ataques.

6.5.8 LIDERANÇA

6.5.8.1 Os movimentos retrógrados, devido à circunstância de serem movimentos em direção à retaguarda, exercem considerável influência no moral da tropa. Isso ressalta a importância da liderança em todos os escalões de comando.

6.5.8.2 Coragem pessoal e liderança são requisitos básicos para que seja mantido o espírito ofensivo.

6.5.8.3 A ação de liderança fica facilitada mantendo-se a tropa esclarecida quanto à finalidade da missão.

6.5.8.4 O espírito combativo é mantido pela ação pessoal dos comandantes e pela ênfase dada às oportunidades que possibilitem a destruição do inimigo.

6.5.9 PLANEJAMENTO

6.5.9.1 O planejamento de um movimento retrógrado deve ser metódico e completo. Os planos são continuamente supervisionados, efetivamente controlados e vigorosamente executados.

6.5.9.2 As medidas de coordenação e controle utilizadas em uma retirada são, entre outras, os itinerários para os deslocamentos, as linhas de controle e os postos de controle de trânsito.

6.5.9.3 Em uma ação retardadora, normalmente, são mais utilizadas as linhas de controle, limites de zona de ação, pontos de controle e pontos de ligação. Quando há necessidade de limitar ou determinar prioridade na utilização dos eixos rodoviários, são designados itinerários para o retraimento.

6.5.9.4 Em um retraimento, a situação em que ele é executado, com ou sem a pressão do inimigo, condiciona as medidas de controle e coordenação a serem utilizadas que podem ser menos ou mais restritivas. Em função da previsão de atuação do inimigo, são estabelecidos tantos planos alternativos quanto possível, constantes de um anexo à ordem de operações.

6.6 RETRAIMENTO

6.6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.6.1.1 O BI Mec, em uma operação de retraimento, rompe o contato com o inimigo para preservar ou recuperar a liberdade de ação, seja cumprindo missão no quadro da manobra do escalão superior ou agindo isoladamente.

6.6.1.2 O retraimento pode ser diurno ou noturno e executado com ou sem pressão do inimigo.

6.6.1.3 O retraimento diurno deve ser evitado, sempre que possível, para fugir aos fogos observados do inimigo e à atuação de sua força aérea, ambos capazes de causar pesadas baixas ou provocar a perda da liberdade de manobra.

6.6.1.4 Quando o retraimento diurno for inadiável, ressalta-se a importância do emprego de campos minados e do apoio de fogos de artilharia e aerotático.

6.6.1.5 A proteção blindada, a mobilidade e o poder de fogo do BI Mec minimizam os inconvenientes do retraimento diurno, particularmente, quando é necessária sua realização para desaferrar os elementos em contato com o inimigo.

6.6.1.6 No planejamento de um retraimento noturno, o BI Mec deve ter condições para atuar sob iluminação artificial, que pode ser empregada pelo escalão superior, na eventualidade de perda do sigilo da operação.

6.6.1.7 Em qualquer retraimento, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga, como fumígenos, devem ser utilizados.

6.6.1.8 Os retraimentos sem pressão do inimigo são vantajosos em relação aos executados sob a pressão deste, pois o comandante tem melhores condições para conservar a iniciativa e pode escolher o momento. A dissimulação é facilitada e a eficiência dos fogos inimigos observados é reduzida, uma vez que o comando da força que retrai pode beneficiar-se ao máximo da escuridão noturna e dos períodos de pouca visibilidade.

6.6.1.9 No planejamento de um retraimento, devem ser previstos planos alternativos para os elementos subordinados, destinados ao atendimento de situações que impliquem em retraimentos com ou sem pressão do inimigo.

6.6.1.10 Em qualquer das situações em que o retraimento é executado, o contato físico ou visual com o inimigo deve ser mantido. Isso proporciona dissimulação, segurança e contribui para evitar um rápido avanço do inimigo. Uma força provê segurança e dissimulação, para que as tropas em contato possam executar seu retraimento sem que o inimigo cerre rapidamente sobre elas.

6.6.1.11 O retraimento pode ser facilitado pela execução de contra-ataques de objetivos limitados.

6.6.1.12 Tempo suficiente deve ser proporcionado aos elementos subordinados, para executar um reconhecimento durante o dia.

6.6.1.13 Quando na reserva da brigada, o BI Mec pode ser empregado como F Seg da mesma, apoiando o retraimento do grosso.

6.6.2 RETRAIMENTO SEM PRESSÃO DO INIMIGO

6.6.2.1 Considerações Gerais

6.6.2.1.1 Sempre que possível, o BI Mec deve executar o retraimento sem pressão do inimigo e à noite. Esse tipo de retraimento é vantajoso porque o Comandante pode conservar a iniciativa e escolher o momento de iniciar o movimento. A dissimulação é facilitada, favorecendo o retraimento sem pressão do inimigo, a depender, particularmente, da dissimulação.

6.6.2.1.2 É normal que a hora do retraimento seja determinada pelo escalão superior. O início do retraimento noturno, sempre que desejado, deve ser previsto de maneira que o movimento seja finalizado antes do amanhecer.

6.6.2.1.3 Antes do grosso da unidade retrair e a fim de assegurar um retraimento tão rápido quanto possível, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, evitando, dessa forma, um congestionamento desnecessário nos eixos rodoviários.

6.6.2.2 Planejamento

6.6.2.2.1 O BI Mec destaca parte de suas forças, inclusive elementos de manobra e de apoio, para permanecer em contato com o inimigo. Essas forças são chamadas destacamento de contato, cuja finalidade é proporcionar segurança e proteger o retraimento do grosso.

6.6.2.2.2 O destacamento de contato tem por missões:

- a) manter a fisionomia da frente (comunicações, fogos e outras atividades);
- b) retardar e iludir o inimigo, de forma a evitar sua interferência durante o retraimento; e
- c) ficar em condições de atuar como retaguarda do grosso da força.

6.6.2.2.3 O planejamento, em geral, prevê o retraimento simultâneo da maioria dos elementos empregados em primeiro escalão. Quando o comandante do escalão superior não tiver determinado, o comandante do BI Mec especifica o valor, a composição e o dispositivo do destacamento de contato, tomando por base os fatores da decisão: missão, inimigo, terreno e meios, considerações civis e condições meteorológicas.

6.6.2.2.4 A composição, normalmente, é de cerca de um terço dos elementos de manobra e de um terço à metade das armas de apoio orgânicas, permitindo-se a constituição de frações provisórias.

6.6.2.2.5 O destacamento de contato do BI Mec deve ter um comando único. Em geral, um oficial da subunidade que defende a parte mais importante da frente assume o comando desse destacamento e deve controlar a operação e manter o tráfego de mensagens de comando semelhantes ao do BI Mec, como se ocupasse a posição com todo o seu efetivo.

6.6.2.2.6 Todo o esforço deve ser feito para que os elementos do destacamento de contato tenham mobilidade superior a do inimigo.

6.6.2.2.7 O retraimento dos elementos da frente, menos o destacamento de contato, é iniciado pelos trens e viaturas do PC. As subunidades, simultaneamente, deslocam-se para a retaguarda, utilizando-se dos itinerários de retraimento previamente reconhecidos e da forma mais discreta possível.

6.6.2.2.8 Numa zona de reunião, previamente selecionada e ocupada pelo menor espaço de tempo possível, é formada a coluna de marcha do BI Mec. Essa Z Reu pode não ser usada por todos os elementos do BI Mec, dependendo da missão futura e dos itinerários existentes.

6.6.2.2.9 Após formada a coluna de marcha, o movimento posterior é efetuado de maneira semelhante ao de uma retirada.

6.6.2.2.10 Após o retraimento dos elementos de 1º escalão, o destacamento de contato assume a responsabilidade total da Z Aç do BI Mec.

6.6.2.2.11 O retraimento do destacamento de contato deve ser iniciado a tempo de não permitir que o movimento seja executado sob pressão do inimigo.

6.6.2.2.12 Ao iniciar o retraimento, o destacamento de contato atua como força de proteção de retaguarda. Sua intenção não será mais de manter a fisionomia da frente e sim de impedir que o inimigo cerre sobre o grosso que retrai. Esse destacamento mantém o contato com o inimigo e combate, se necessário, até outra posição à retaguarda ou até uma linha de acolhimento estabelecida por força do escalão superior.

6.6.2.2.13 Se o retraimento for noturno, os fogos devem ser utilizados para abafar o ruído das lagartas e motores das viaturas.

6.6.2.2.14 Se o retraimento for descoberto pelo inimigo, o BI Mec passa a executá-lo dentro das técnicas de um retraimento sob pressão. Para isso, todos os comandos subordinados devem ter conhecimento dos planos alternativos.

6.6.2.2.15 O BI Mec, quando constituir a reserva da Bda, na execução do retraimento sem pressão dos elementos em primeiro escalão, pode deixar parte de seu efetivo, com a finalidade de simular atividades normais de uma reserva, bem como apoiar o retraimento dos destacamentos de contato dos elementos em primeiro escalão.

6.6.2.3 Fases de execução - o retraimento sem pressão, em geral, é executado em três fases:

- a) 1ª fase - retraimento dos trens de estacionamento, dos trens de combate e do posto de comando;
- b) 2ª fase - retraimento das subunidades em primeiro escalão, menos o destacamento de contato; e
- c) 3ª fase - retraimento do destacamento de contato.

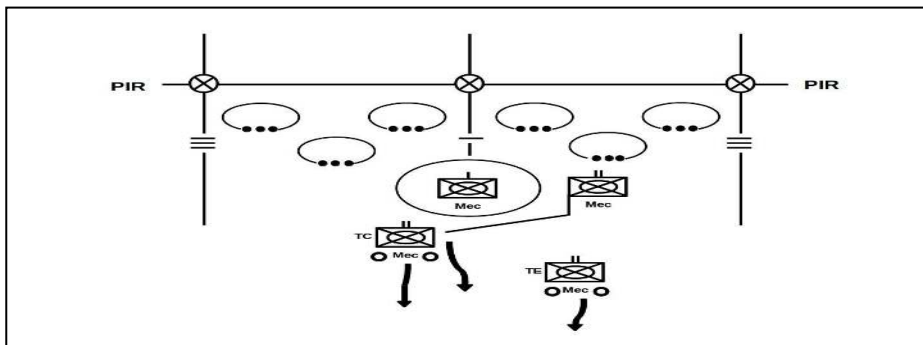


Fig 6-9 Retraimento sem pressão do inimigo (1ª fase)

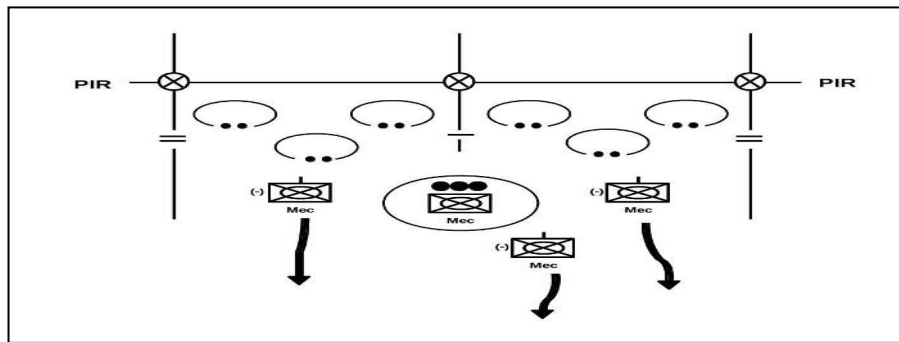


Fig 6-10 Retraimento sem pressão do inimigo (2ª fase)

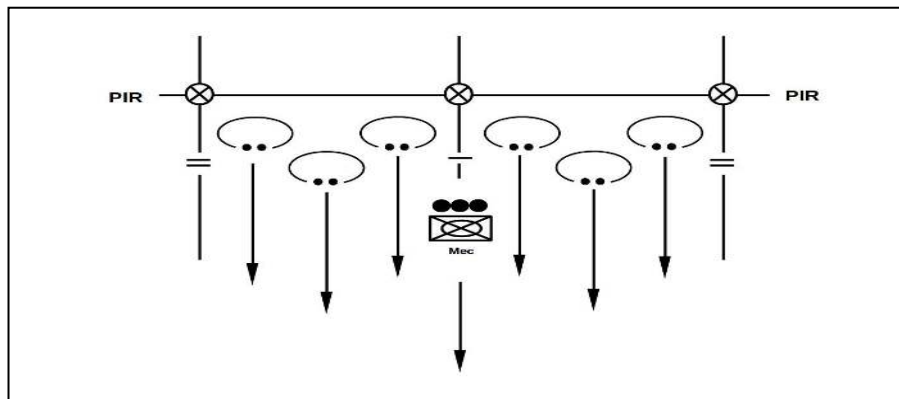


Fig 6-11 Retraimento sem pressão do inimigo (3ª fase)

6.6.3 RETRAIMENTO COM PRESSÃO DO INIMIGO

6.6.3.1 Considerações Gerais

6.6.3.1.1 O BI Mec é apto a executar retraimento sob pressão do inimigo, em razão de sua proteção blindada, mobilidade e potência de fogo.

6.6.3.1.2 No retraimento sob pressão do inimigo, os elementos do BI Mec retraem combatendo, utilizando táticas de retardamento.

6.6.3.1.3 Um alto grau de coordenação e uma adequada utilização do terreno e dos obstáculos são essenciais para o sucesso da operação.

6.6.3.2 Planejamento

6.6.3.2.1 Tão logo o conceito da operação seja formulado, o comandante emite uma ordem preparatória com os pormenores necessários para que os comandos subordinados possam realizar seus reconhecimentos durante o dia.

6.6.3.2.2 O movimento inicia-se mediante ordem, normalmente, via rádio.

6.6.3.2.3 Para a decisão de constituir ou não uma força de segurança com sua reserva, o comandante do BI Mec deve levar em conta o seguinte:

- a) forças disponíveis para constituir a força de proteção;
- b) tempo disponível para desdobrar essa força;
- c) aproveitamento do terreno;
- d) existência ou não de uma força de segurança da brigada;
- e) possibilidade do inimigo; e
- f) duração da missão.

6.6.3.2.4 Após o acolhimento pela força de proteção, se for o caso, o grosso do BI Mec forma as colunas de marcha, por subunidades, em geral sem designação de zonas de reunião, e se desloca diretamente para a retaguarda.

6.6.3.2.5 Quando não for possível realizar um retraimento simultâneo de todo o BI Mec, o comando deve determinar a ordem de retraimento. Normalmente, os elementos menos engajados retrairão em primeiro lugar. De qualquer maneira, a sequência prevista para o retraimento deve ter em vista preservar a integridade da unidade e o melhor cumprimento da missão.

6.6.3.2.6 A força de proteção assegura o movimento dos elementos avançados que retraem sem deixar elementos em contato. A estreita coordenação entre essas forças é uma necessidade.

6.6.3.2.7 São missões da força de proteção:

- a) proteger o retraimento dos elementos do BI Mec que estejam engajados;
- b) retardar o inimigo e evitar a sua interferência no retraimento do grosso; e
- c) estar em condições de atuar como retaguarda da força principal.

6.6.3.2.8 As condições adversas, neste tipo de retraimento, acarretam aumento no número de baixas. Por isso, é mais favorável sua realização à noite ou sob condições de pouca visibilidade. Uma forte defesa pode atrasar o retraimento até que as condições de visibilidade favoreçam a sua execução.

6.6.3.2.9 Para assegurar a rapidez do retraimento, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, o que evita o congestionamento dos eixos rodoviários quando o grosso da unidade retrair.

6.6.3.2.10 Quando o BI Mec participa de uma ação retardadora enquadrada pelo escalão superior, normalmente, se desdobra em largas frentes e não tem condições de manter um segundo escalão. Neste caso, o retraimento deve ser coberto por elementos de segurança do escalão superior.

6.6.3.3 Fases de execução - o retraimento sob pressão do inimigo pode ser realizado em três ou em duas fases, dependendo da existência ou não de uma força de proteção constituída pelo BI Mec:

- 1ª fase - retraimento dos trens de estacionamento, dos trens de combate e do posto de comando, menos o grupo de comando (Fig 6-23);
- 2ª fase - retraimento dos Elm de 1º Esc e do grupo de comando, iniciado pelos menos engajados até o acolhimento pela força de proteção (Fig 6-24); e
- 3ª fase - retraimento da força de proteção, utilizando técnicas de retardamento, após o acolhimento dos elementos de primeiro escalão (Fig 6-25).

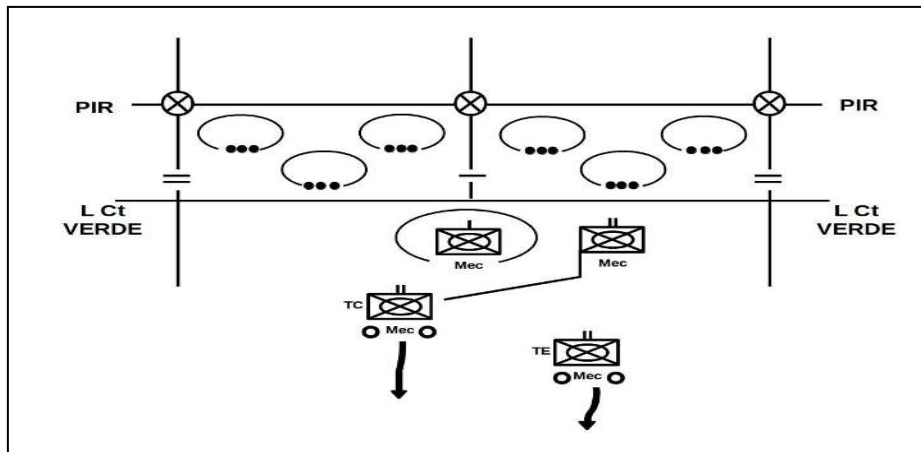


Fig 6-12 Retraimento com pressão do inimigo (1ª fase)

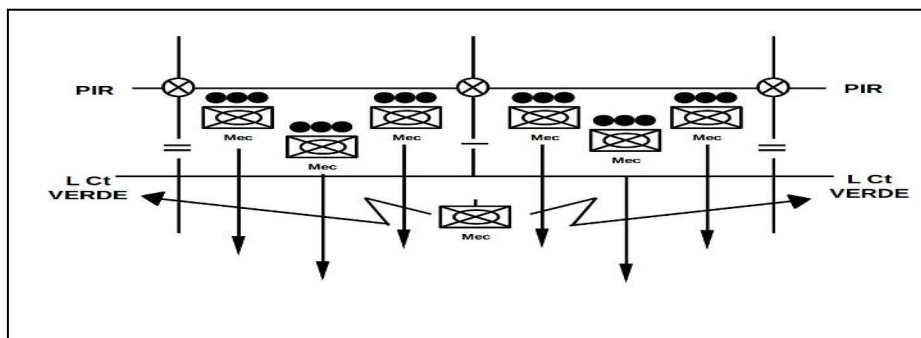


Fig 6-13 Retraimento com pressão do inimigo (2ª fase)

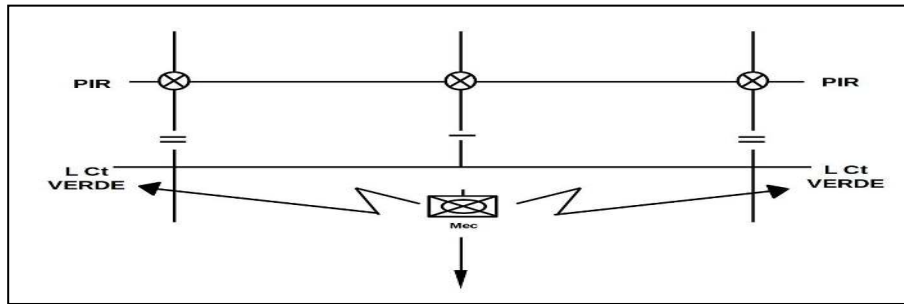


Fig 6-14 Retraimento com pressão do inimigo (3ª fase)

6.7 RETIRADA

6.7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.7.1.1 A retirada é um movimento retrógrado no qual uma força, que não está em contato, se desloca para longe do inimigo. Normalmente, esse movimento tem início logo após o grosso romper o contato e ter formado as colunas de marcha.

6.7.1.2 A retirada pode ser realizada com uma ou mais das seguintes finalidades:

- a) ampliar a distância entre o inimigo e a força amiga;
- b) reduzir a distância de apoio entre forças amigas;
- c) assegurar um terreno mais favorável;
- d) adaptar-se a um reajustamento de dispositivo do escalão superior; e
- e) permitir o emprego da força em outro local.

6.7.2 CONDUTA DO BI MEC

6.7.2.1 Quando a retirada é precedida de um retraimento, as forças em contato, ou seja, os destacamentos de contato, a força de proteção e os destacamentos retardadores provêm a segurança da retaguarda.

6.7.2.2 Na retirada, o BI Mec se organiza de modo inverso ao da marcha para o combate. São designados itinerários e objetivos de marcha ou posições à retaguarda, para os elementos que marcham com o grosso. O controle deve ser descentralizado no estágio inicial da retirada, passando gradativamente à centralização, à medida que aumenta a distância do inimigo.

6.7.2.3 A segurança do BI Mec é realizada de maneira semelhante à da marcha para o combate. Ela é proporcionada pela vanguarda, flancoguarda e retaguarda. A retaguarda emprega técnicas para retardar a progressão do inimigo e evitar a interferência deste no movimento do grosso. O comandante

do BI Mec deve estar atento contra a tentativa de envolvimento de sua unidade por parte do inimigo.

6.8 AÇÃO RETARDADORA

6.8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.8.1.1 A ação retardadora é uma forma de movimento retrógrado em que uma força ganha tempo em troca de espaço, procurando infligir ao inimigo o maior dano possível, sem empenhar-se em ações decisivas.

6.8.1.2 Uma força está decisivamente engajada no combate quando perde sua liberdade de ação e não tem mais possibilidade de iniciar, pelo fogo ou pela manobra, uma ação planejada. Muitas vezes, elementos de uma unidade ficam decisivamente engajados sem que a unidade tenha perdido a possibilidade de manobrar para executar a ação com sucesso.

6.8.1.3 Uma ação retardadora exige, normalmente, o emprego dos princípios da defesa móvel em cada posição de retardamento. Em sua execução, são conduzidas ações ofensivas e defensivas. A defesa em cada posição deve obrigar o inimigo a desdobrar-se prematuramente e a perder tempo na preparação do seu ataque.

6.8.1.4 O BI Mec, em virtude de suas características e possibilidades, está apto para realizar uma ação retardadora.

6.8.1.5 As posições de retardamento do BI Mec não são, normalmente, organizadas em grande profundidade. Elas utilizam ao máximo a potência de fogo, com o grosso da força concentrado em primeiro escalão sobre as prováveis vias de acesso do inimigo. O BI Mec conduzindo uma ação retardadora é dividido, sempre que possível, em dois grandes escalões: a força retardadora e a reserva. Normalmente, as subunidades não designam reservas. O comandante do BI Mec controla a ação pela atribuição de zonas de ação e linhas de controle às SU e pela designação de posições de retardamento para o BI Mec.

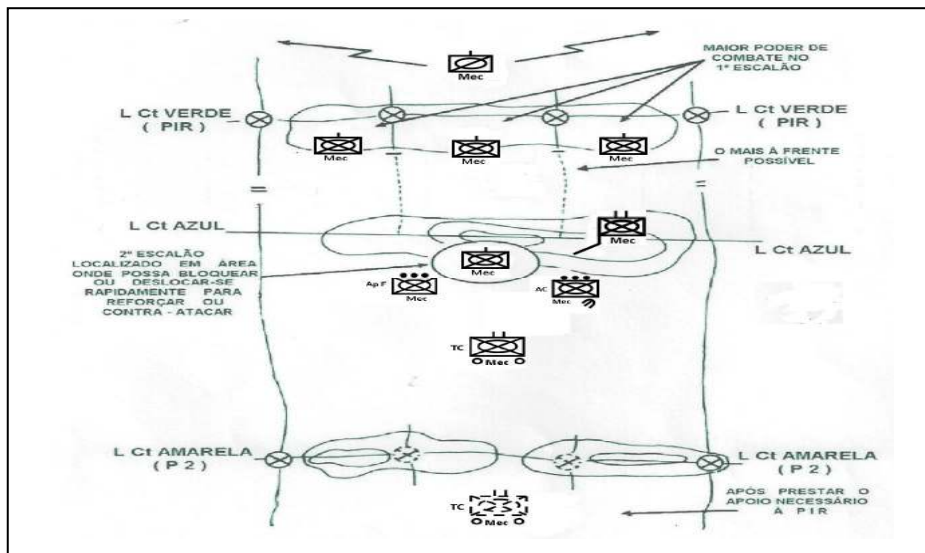


Fig 6-15 Ação retardadora-dispositivo-planejamento

6.8.2 FUNDAMENTOS

6.8.2.1 As seguintes considerações devem ser aplicadas na execução do planejamento e condução da ação retardadora:

- a) controle centralizado e ação descentralizada;
- b) máximo emprego do terreno;
- c) forçar o inimigo a desdobrar e a manobrar;
- d) máximo emprego de obstáculos;
- e) manutenção do contato com o inimigo; e
- f) evitar o engajamento decisivo.

6.8.2.2 Controle centralizado e ação descentralizada - a ação retardadora é caracterizada por operações em larga frente, com o máximo de forças em contato e um mínimo em reserva. Disso resulta uma série de ações independentes ao longo da frente, nas quais os comandantes devem ter liberdade de ação para conduzi-las. Na conduta do retardamento, o movimento para a retaguarda deve ser coordenado meticulosamente. Isso assegura que o inimigo não ultrapasse, desborde ou envolva qualquer elemento da força de retardamento; ou obtenha uma penetração que possa comprometer o sucesso da missão de retardamento.

6.8.2.3 Máximo emprego do terreno - o máximo de aproveitamento do terreno deve ser feito durante as ações de retardamento, não permitindo que o inimigo avance grandes distâncias sem oposição. As posições de retardamento são selecionadas em regiões que permitam o domínio das prováveis vias de acesso do inimigo e de forma a atingi-lo, pelos fogos, na maior distância possível.

6.8.2.4 Forçar o inimigo a desdobrar e a manobrar - o inimigo deve ser engajado no alcance máximo das armas de tiro indireto e ao alcance eficaz das armas de tiro direto. Essa ação obriga o inimigo a perder tempo em desdobramento, no esclarecimento da situação e em manobras para repelir a força de retardamento de sua posição. O repetido emprego dessa técnica retarda a progressão do inimigo e troca espaço por tempo.

6.8.2.5 Máximo emprego de obstáculos - a utilização de destruições, minas e obstáculos naturais e artificiais é explorada ao máximo para retardar o inimigo. Os obstáculos são empregados para canalizar e retardar a progressão e para proporcionar segurança nos flancos. Para se obter a máxima eficiência, os obstáculos devem ser batidos por fogos.

6.8.2.6 Manutenção do contato com o inimigo - contínuos reconhecimentos devem ser conduzidos para estabelecer e manter o contato com o inimigo. Forças inimigas, móveis e potentes, com frequência, tentam ultrapassar, ou desbordar os flancos, ou penetrar entre unidades que estejam conduzindo o retardamento. Para evitar penetrações ou desbordamentos, o contato não pode ser perdido.

6.8.2.7 Evitar o engajamento decisivo - na ação retardadora, posições são ocupadas por determinados períodos de tempo para obrigar o inimigo a desdobrar seus meios, esclarecer a situação e manobrar para atacar cada posição. A tropa deve retrair para a posição de retardamento seguinte antes de tornar-se decisivamente engajada com o inimigo.

6.8.3 PROCESSOS DE EXECUÇÃO

6.8.3.1 A ação retardadora pode ser executada:

- a) em posições sucessivas;
- b) em posições alternadas; ou
- c) pela combinação desses processos.

6.8.3.2 Ação retardadora em posições sucessivas - o BI Mec oferece o máximo de resistência organizada na posição inicial de retardamento e continua a oferecer resistência em cada uma das posições de retardamento sucessivas. Face às largas frentes que recebe, normalmente, este é o tipo de ação retardadora adotado com mais frequência pelo BI Mec, por ser o que lhe permite concentrar o maior poder de combate em cada posição (Fig 6-25).

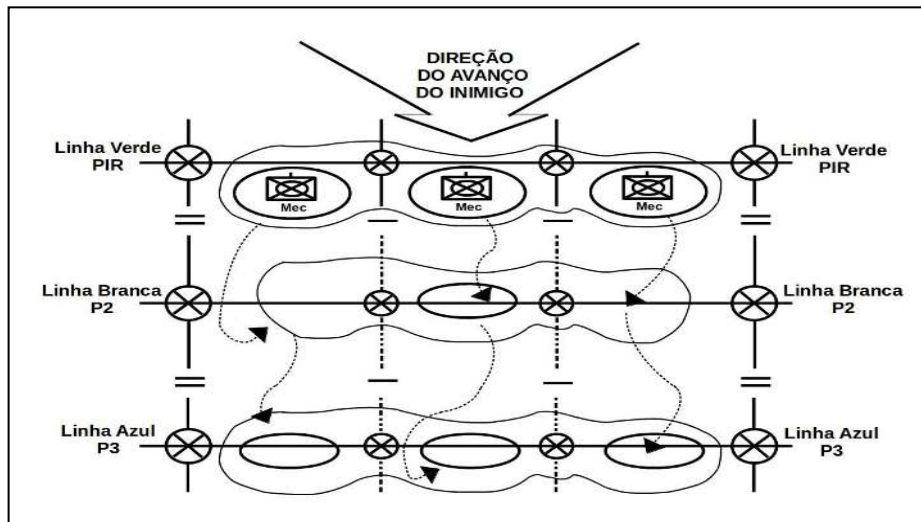


Fig 6-16 Ação retardadora em posições sucessivas

6.8.3.3 Ação retardadora em posições alternadas - o BI Mec é dividido em dois grupamentos. O primeiro deles organiza e ocupa a Posição Inicial de Retardamento (PIR) e conduz uma ação retardadora enquanto o segundo organiza e ocupa a posição seguinte. Quando o primeiro elemento é forçado a retrain, ele retarda o inimigo entre a PIR e a segunda posição, onde é acolhido, indo, então, organizar e ocupar a terceira posição. Esse procedimento é repetido até o final da missão. A necessidade de uma reserva é preenchida pelo elemento de cada posição à retaguarda. Esse tipo de ação retardadora tem a vantagem de proporcionar mais tempo para a preparação das posições, para manutenção do material e para descanso dos homens. Entretanto, como desvantagem, exige a repartição das forças, reduzindo, portanto, o poder de combate disponível para a defesa de cada posição. Os BI Mec, raramente, operam em frentes suficientemente estreitas para permitir o retardamento em posições alternadas (Fig 6-26).

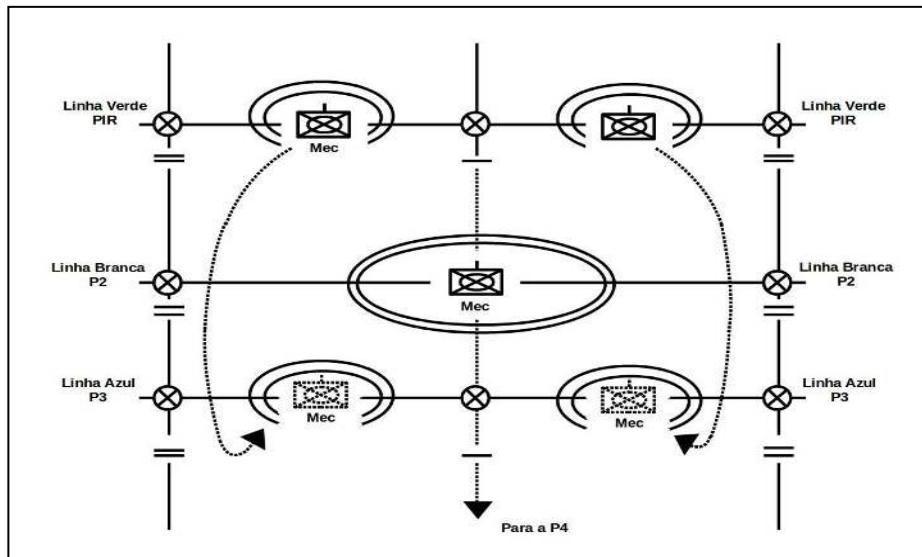


Fig 6-17 Ação retardadora em posições alternadas

6.8.4 PLANEJAMENTO

6.8.4.1 Considerações Gerais

6.8.4.1.1 Por ser o planejamento da ação retardadora centralizado, o BI Mec recebe as diretrizes básicas do escalão superior de forma pormenorizada.

6.8.4.1.2 Quando constituir a reserva da brigada, o BI Mec, entre outras ações, pode ser empregado para contra-atacar, desengajar elementos de primeiro escalão, eliminar penetração inimiga, bloquear ameaças à frente ou nos flancos, cobrir o retraimento da força de retardamento ou reforçar um ou mais elementos desta.

6.8.4.1.3 As ordens dadas ao BI Mec devem especificar, pelo menos:

- a) organização para o combate;
- b) localização geral da PIR;
- c) localização geral das posições de retardamento, previstas e alternativas (linhas de controle intermediárias);
- d) zonas de ação;
- e) prazos a ganhar durante a operação;
- f) pontos de ligação entre as forças de manobra;
- g) ações em final de missão; e
- h) limitações impostas à operação.

6.8.4.1.4 O prazo a ganhar no decurso da missão é considerado entre a posição inicial de retardamento e a última linha. Esse prazo deve ser repartido pelas posições de retardamento escolhidas. Para efeito de planeamento, o tempo a ganhar é sempre computado nas posições. O tempo obtido constitui ganho circunstancial e sobre o qual não se deve basear a operação.

6.8.4.1.5 Ao BI Mec, normalmente, é atribuída uma Z Aç para o retardamento. Os limites da Z Aç incluem a posição de retardamento seguinte. O Cmt BI Mec, se necessário, atribui itinerários para seus elementos subordinados. Se houver itinerários disponíveis, pode atribuir um para cada elemento, a fim de aumentar a velocidade do movimento. O Cmt deve exercer controle e supervisão rigorosos sobre o retardamento, de modo a manter o horário prescrito nas diferentes Z Aç das SU.

6.8.4.1.6 Se o retardamento incluir o acolhimento por forças amigas, deve ser feita íntima coordenação com essas forças. Os planos incluem prescrições sobre o fornecimento de guias por parte da unidade que realiza o acolhimento, horários e demais medidas de coordenação e controle que, circunstancialmente, se tornarem necessárias, bem como sinais de ligação e identificação. Os itinerários designados devem ser reconhecidos através de um adequado e conveniente balizamento.

6.8.4.2 Escolha das Posições de retardamento

6.8.4.2.1 O terreno favorável a uma boa posição de retardamento deve oferecer uma ou mais das características abaixo indicadas, as quais permitem infligir grande número de perdas ao inimigo, além de reduzir ao máximo a sua ação:

- a) linha de alturas perpendiculares à direção de atuação do inimigo;
- b) obstáculos à frente e nos flancos, principalmente rios obstáculos;
- c) elevações que permitam boas condições de observação e bons campos de tiro;
- d) itinerários desenhados para os deslocamentos; e
- e) boa rede de estradas e condições de transitabilidade através do campo.

6.8.4.2.2 O comandante do BI Mec, ao elaborar seu esquema de manobra, pode selecionar novas posições de retardamento, caso necessárias, propondo ao escalão superior a adoção destas, de acordo com o prazo a ganhar.

6.8.4.2.3 As posições de retardamento propostas podem ser aprovadas ou não, em função dos demais elementos empregados.

6.8.4.2.4 Linhas de controle são previstas para coordenação e controle do movimento, podendo transformar-se, em caso de necessidade, em novas posições de retardamento.

6.8.4.2.5 Se a profundidade da Z Aç permitir, é conveniente que as posições de retardamento fiquem distanciadas, de modo a obrigar o inimigo a se reorganizar e montar um novo ataque em face de cada posição, considerando, principalmente, o alcance do grosso dos meios da artilharia de campanha inimiga.

6.8.4.3 Organização do terreno e limites

6.8.4.3.1 No planejamento de uma ação retardadora, os limites entre as subunidades são estabelecidos em função de um ou mais dos seguintes fatores:

- a) largura da Z Aç;
- b) zonas consideradas passivas;
- c) zonas consideradas secundárias;
- d) número de vias de acesso para o inimigo, que incidem na(s) posição(ões) de retardamento;
- e) prosseguimento das vias de acesso no interior da nossa Z Aç;
- f) obstáculos; e
- g) diretrizes do escalão superior.

6.8.4.3.2 Os limites devem estender-se por toda a profundidade da Z Aç quando não for constituída uma força de proteção pelo BI Mec e não existir uma força de cobertura do escalão superior. Nesse caso, as SU retardam o inimigo entre as posições, dentro das respectivas Z Aç. Quando existir força de segurança, os limites se estendem até a linha de acolhimento.

6.8.4.3.3 Os obstáculos naturais são agravados e os obstáculos artificiais são construídos dentro das limitações do material disponível, do tempo e da mão de obra.

6.8.4.3.4 Posições de bloqueio, valor pelotão, são organizadas nas posições de retardamento da mesma maneira que nas operações de segurança.

6.8.4.3.5 A posição é organizada em largura e com pequena profundidade.

6.8.4.4 Dispositivo do BI Mec

6.8.4.4.1 O Cmt do Btl designa para as SU, Z Aç que contenham as vias de acesso mais prováveis do inimigo para a posição do Btl ou no seu interior, bem como estabelece limites entre as SU para indicar zonas de responsabilidade. Sempre que possível, cada VA e o terreno que a domina são atribuídos a um mesmo elemento. Cada Z Aç de subunidade deve incluir, no mínimo, um bom itinerário de retraimento.

6.8.4.4.2 Se houver reserva do BI Mec, ela deve estar localizada, inicialmente, numa área de onde possa barrar uma VA em profundidade, deslocar-se rapidamente para qualquer parte ameaçada ou executar com rapidez um contra-ataque.

6.8.4.4.3 O Posto de Comando Principal (PCP), sempre que possível, deve estar localizado bem à retaguarda, a fim de evitar frequentes deslocamentos e interferência com as ações dos elementos de combate. Sua localização deve proporcionar condições para as ligações com os elementos subordinados, vizinhos e com o escalão superior e estar próxima de estradas, as quais lhe facilitarão futuros deslocamentos. O Posto de Comando Tático (PCT) deve ser desdobrado bem à frente, com os elementos engajados, para que o Cmt possa controlar e intervir na ação. O PCP retrai, normalmente, ao final da 1ª fase do retraimento. O PCT mantém-se em permanente contato com o PCP do BI Mec.

6.8.4.4.4 Os transportes de carga (Trnp C), após prestarem o apoio necessário junto à PIR, são deslocados para a retaguarda da posição de retardamento seguinte, de onde possam apoiar eficientemente a operação de retraimento, o deslocamento para a nova posição de retardamento, bem como a ocupação dela. A ocasião mais oportuna para o deslocamento dos Trnp C é determinada pelo S4 ou seu representante.

6.8.4.4.5 O transporte especializado (TE) presta o apoio necessário para a PIR e P2, a partir da linha de controle entre a P2 e a P3. A ocasião oportuna para o deslocamento do TE é determinada pelo S4 ou seu representante.

6.8.4.5 Organização para o combate

6.8.4.5.1 A organização das SU para o combate baseia-se no estudo dos fatores da decisão.

6.8.4.5.2 Ressalta-se que o Pel Exp pode ser conservado sob o controle do BI Mec para a execução de missões de flancoguarda, de ligação, de reconhecimento dentro da posição ou a sua retaguarda, missões de PO e patrulha à frente da posição. O Pel Exp pode, quando o BI Mec estiver operando numa frente larga, ser colocado em reforço a uma SU para executar missões de patrulha ou de observação ou para auxiliar no reconhecimento da próxima posição de retardamento.

6.8.4.5.3 O Pel Mrt P, normalmente, é mantido sob o controle do BI Mec. No cumprimento de sua missão, o pelotão é colocado de onde possa melhor apoiar as SU de primeiro escalão e eixado na zona de ação principal.

6.8.5 SEGURANÇA NA AÇÃO RETARDADORA

6.8.5.1 Durante a ação retardadora, o inimigo faz o máximo esforço para desbordar ou destruir a força retardadora. Deve-se ter particular atenção para que o inimigo não desborde os seus flancos ou o surpreenda o BI Mec. Um reconhecimento contínuo é fundamental para proporcionar segurança. O reconhecimento pode ser ampliado por radares, aviação e helicópteros, quando disponíveis. Uma coordenação cerrada entre as unidades e subunidades vizinhas é essencial, de modo a evitar a apresentação de um flanco exposto ao inimigo.

6.8.5.2 Se os elementos da força retardadora não estão em contato com o inimigo, devem ser tomadas precauções para se evitar a surpresa e para que o alerta da aproximação do inimigo seja dado o mais cedo possível. O Pel Exp do BI Mec pode ser empregado como uma força de segurança à frente das posições de retardamento das subunidades. Durante o dia, postos de observação são estabelecidos à frente das posições de retardamento. À noite, são substituídos por postos de escuta. Os itinerários que conduzem das posições aos P Obs são escolhidos cuidadosamente, a fim de evitar sua descoberta pelo inimigo.

6.8.5.3 O BI Mec, numa posição de retardamento, deve estabelecer sua própria segurança de flanco pelo estabelecimento de observação em todas as direções, bem como realizar patrulhas e ligação com as unidades vizinhas. Um reconhecimento cuidadoso propicia aos elementos da força retardadora o levantamento das vias de acesso mais favoráveis ao inimigo para desbordar a força retardadora. Os elementos da testa de qualquer força inimiga, tentando progredir por tais vias de acesso, podem ser detidos ou emboscados. O Pel Exp do BI Mec, quando não empregado em outro tipo de missão, pode receber a missão de vigiar um flanco exposto do BI Mec.

6.8.6 OCUPAÇÃO DE UMA POSIÇÃO DE RETARDAMENTO

6.8.6.1 A ocupação de uma posição de retardamento pelo BI Mec é planejada e conduzida, de acordo com os princípios e fundamentos das ações da defesa. Entretanto, o comandante dá maior ênfase ao engajamento do inimigo no maior alcance eficaz de seu armamento e na disposição de sua força no terreno, de modo que possa executar o retraimento planejado para a próxima posição de retardamento.

6.8.6.2 Os fatores básicos a serem considerados para a ocupação de uma posição de retardamento incluem:

- a) posições de tiro principais;
- b) posições de muda;
- c) posições suplementares;
- d) observação;
- e) campos de tiro longínquos;
- f) cobertas e abrigos;
- g) desenfiamento de torre e de couraça;
- h) preparação de roteiros de tiro;
- i) segurança (incluindo PO, patrulhas etc.);
- j) coordenação com outros elementos, incluindo os de apoio de fogo e engenharia; e
- k) itinerários de retraimento.

6.8.6.3 A preparação da posição prossegue, enquanto o tempo permitir. São selecionadas posições principais, de muda e suplementares para cumprimento das missões específicas da defesa da posição de retardamento. Além dessas, também são escolhidas, em outras regiões alternativas, posições principais e de muda para cumprimento das missões de tiro diferentes das previstas para a defesa da posição.

6.8.6.4 As VBTP são colocadas com desenfiamento de couraça e devidamente cobertas. Suas metralhadoras são integradas no plano de fogos das SU.

6.8.6.5 As viaturas não necessárias às posições de retardamento são colocadas em local coberto e abrigado à retaguarda da posição. As viaturas do PC, de manutenção e de saúde são, normalmente, colocadas à retaguarda da próxima posição de retardamento para assegurar apoio contínuo durante o período crítico do retraimento de uma posição de retardamento.

6.8.7 CONDUTA DO BI MEC

6.8.7.1 Tão logo o inimigo se aproxime da primeira posição de retardamento, os fogos longínquos de artilharia e morteiros são desencadeados. Ao cerrar sobre a posição, o inimigo é colocado sob o máximo volume de fogos de todas as armas da força retardadora no maior alcance eficaz possível, de modo a

obrigá-lo a desdobrar-se, executar reconhecimentos e outras manobras que consumirão tempo. Os fogos aproximados devem bater os acidentes capitais e as vias de acesso, com a maior eficácia possível.

6.8.7.2 O êxito da missão de retardamento depende, em grande parte, de uma judiciosa distribuição do tempo a ganhar. Essa distribuição do tempo resulta de um minucioso reconhecimento, de segurança apropriada e oportunos informes de combate. O escalão imediatamente superior deve ser mantido informado da situação da força, de modo que seja assegurado o recebimento da ordem de retraimento antes que a força se torne decisivamente engajada. As SU não retraem sem autorização do comandante do BI Mec.

6.8.7.3 Ao receber a ordem para iniciar o retraimento de uma posição, o BI Mec executa um retardamento contínuo até a próxima posição de retardamento ou até uma linha de acolhimento por uma força de cobertura, se for o caso. Embora as subunidades tenham considerável liberdade de manobra dentro de suas Z Aç, o comandante do BI Mec coordena seus movimentos, de modo que uma subunidade não seja colocada em perigo como consequência de um retraimento demasiadamente rápido de uma subunidade vizinha. Todo o terreno favorável deve ser aproveitado para infligir o máximo de danos ao inimigo e retardá-lo o maior tempo possível. Os fuzileiros mecanizados que puderem ser liberados devem se dirigir imediatamente para a posição à retaguarda, a fim de prepará-la. Os elementos que já estiverem na posição de retardamento seguinte, à aproximação do grosso do BI Mec, tomam o inimigo sob seus fogos, realizando tiros sobre a tropa amiga. Quando acolhidos na posição de retardamento, os elementos do grosso reorganizam a constituição das subunidades e passam a defender essa posição durante o tempo previsto.

6.8.7.4 O combate aproximado é, em princípio, evitado, sendo empregado somente quando for absolutamente necessário.

6.8.7.5 Na conduta da ação retardadora, são obedecidas todas as prescrições referentes ao retraimento e à retirada.

6.8.7.6 O 2º escalão do BI Mec é empregado para contra-atacar, para desengajar um elemento que se tornou decisivamente engajado, para eliminar uma penetração inimiga, bloquear uma ameaça à frente ou nos flancos, cobrir o retraimento dos elementos da força retardadora ou para reforçar um ou mais elementos desta. Quando um contra-ataque for executado para cooperar no retraimento de uma força decisivamente engajada, a ação consiste em um golpe contra um flanco do inimigo, justamente à retaguarda de seus elementos mais avançados.

6.8.7.7 O comando, controle e horário para o desencadeamento do contra-ataque são particularmente críticos. O comandante deve exercer cuidadosa vigilância, de modo a evitar que sua unidade venha a se tornar tão engajada

com o inimigo que não possa romper o contato. Contra-ataques para restabelecimento da posição são realizados visando à conquista de objetivos limitados e são apoiados por artilharia, morteiros e elementos da força retardadora. Do mesmo modo, as SU podem executar contra-ataques pelas mesmas razões, mas em escala mais limitada.

6.8.7.8 Zona de Ação - ao BI Mec, normalmente, é atribuída uma zona de ação para o retardamento. Os limites da zona de ação incluem a posição de retardamento seguinte. Se outra força militar utilizar itinerários na zona de ação do BI Mec, o escalão superior pode atribuir um eixo para ela. Por sua vez, o comandante do BI Mec, se necessário, atribui itinerários para seus elementos subordinados. Se houver itinerários disponíveis, ele pode atribuir um itinerário para cada elemento, a fim de aumentar a velocidade do movimento. O comandante deve exercer controle e supervisão rigorosos sobre o retardamento, de modo a manter o horário prescrito. Se o retardamento incluir o acolhimento por forças amigas, deve ser feita cerrada coordenação com essas forças.

6.8.7.9 Os planos devem incluir prescrições sobre guias da Unidade que realiza o acolhimento, bem como sinais de ligação e de identificação. Os itinerários designados devem ser reconhecidos para assegurar-se de que estão adequados e convenientemente balizados.

7.2 TIPOS DE OPERAÇÕES

7.2.1 As operações de cooperação e coordenação com agências são as seguintes:

- a) garantia dos poderes constitucionais;
- b) garantia da lei e da ordem;
- c) atribuições subsidiárias;
- d) prevenção e combate ao terrorismo;
- e) sob a égide de organismos internacionais;
- f) em apoio à política externa em tempo de paz ou crise; e
- g) outras operações em situação de não guerra.

7.2.2 Maiores detalhes sobre os tipos de operações de cooperação e coordenação com agências podem ser encontrados no Manual de Campanha OPERAÇÕES (EB20-MF-10.103).

7.3 CARACTERÍSTICAS

7.3.1 São características dessas operações:

- a) uso limitado da força;
- b) coordenação com outros órgãos governamentais e/ou não governamentais;
- c) execução de tarefas atípicas;
- d) combinação de esforços políticos, militares, econômicos, ambientais, humanitários, sociais, científicos e tecnológicos;
- e) caráter episódico;
- f) não há subordinação entre as agências e, sim, cooperação e coordenação;
- g) interdependência dos trabalhos;
- h) maior interação com a população;
- i) influência de atores não oficiais e de indivíduos sobre as operações; e
- j) ambiente complexo.

7.4 PLANEJAMENTO, PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO

7.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

7.4.1.1 Todos os níveis de decisão do BI Mec devem levar em consideração que o planejamento, a preparação e a execução das operações de cooperação e coordenação com agências exigem avaliação continuada das ações que demandam tempo.

7.4.1.2 Os resultados dessas operações não são imediatos e envolvem, entre outros, os seguintes aspectos: a conjuntura política; a situação econômica; o nível de violência; a capacidade do governo local em cumprir suas funções; a

participação da sociedade; e o grau de maturidade e de confiabilidade das organizações envolvidas nas operações.

7.4.2 PLANEJAMENTO

7.4.2.1 Uma vez tomada a decisão pelo comandante do BI Mec, o EM inicia a confecção dos planos e ordens com base em conhecimentos de inteligência mais detalhados.

7.4.2.2 O Plano de Operações deve explicitar as ações (coercitivas e construtivas) a serem executadas, detalhando as missões de curto, médio e longo prazo para todos os seus elementos subordinados.

7.4.2.3 Devido à multiplicidade de atores envolvidos e de atividades e tarefas que são executadas dentro de um determinado tempo, é acrescida ao Plano de Operações uma matriz de sincronização das principais missões desenvolvidas pelos elementos subordinados, de modo a facilitar o entendimento das missões e as coordenações entre as forças militares e as agências.

7.4.3 PREPARAÇÃO

7.4.3.1 As operações de cooperação e coordenação com agências requerem uma adequada preparação do BI Mec.

7.4.3.2 Na preparação do BI Mec para atuar nessas operações, especial atenção dever ser dada à questão jurídica, instruindo todos os envolvidos quanto aos limites de atuação estabelecidos no Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA), em leis vigentes, nas normas de conduta e nas regras de engajamento que a tropa e demais agentes devem adotar.

7.4.4 EXECUÇÃO

7.4.4.1 O emprego do BI Mec deve priorizar, sempre que o Exame de Situação recomendar, a sua integração com as agências, a fim de maximizar os esforços de todos os atores (vetores militares e civis) em presença na Área de Operações (A Op).

7.4.4.2 A fase de execução das operações, sucedendo as anteriores, é caracterizada por colocar um plano em ação, por meio da combinação de atividades e tarefas coercitivas limitadas e na realização de ações construtivas no cumprimento de diversificadas missões.

7.5 ASPECTOS LEGAIS

7.5.1 Nas operações de cooperação e coordenação com agências há a necessidade de respaldar o Comandante do BI Mec com apoio de assessoria jurídica, que lhe proporcione as condições para fazer face às demandas de conhecimento atinentes ao amparo legal da atuação das forças sob o seu comando.

CAPÍTULO VIII

OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.1.1 As Operações Complementares são aquelas que se destinam a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as operações básicas, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre e, por suas peculiaridades, obter melhores resultados. Abrangem, também, operações que, por sua natureza, características e condições em que são conduzidas, exigem especificidades, quanto ao planejamento, preparação e condução, particularmente, relacionadas às TTP ou aos meios (pessoal e material) empregados.

8.1.2 Os elementos da Força Terrestre executam as operações complementares, normalmente inseridas no contexto das operações básicas.

8.1.3 Das operações relacionadas e classificadas como operações complementares, a que diz respeito mais diretamente às tropas de infantaria mecanizadas são:

- a) de segurança;
- b) contra forças irregulares;
- c) de dissimulação;
- d) de evacuação de não combatentes;
- e) de junção;
- f) de interdição;
- g) de transposição de curso de água;
- h) anfíbia;
- i) contra desembarque anfíbio;
- j) de abertura de brecha; e
- k) em área edificada.

8.1.4 Maiores detalhes sobre esse tipo de operação podem ser encontrados nos seguintes Manuais de Campanha: EB20-MF-10.103/OPERAÇÕES (5ª Edição - 2017); EB70-MC-10.202/OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª Edição - 2017); e EB70-MC-10.228/INFANTARIA NAS OPERAÇÕES (1ª Edição - 2018) e C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003).

8.2 OPERAÇÃO DE SEGURANÇA

8.2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.2.1.1 O objetivo geral em uma operação de segurança (Op Seg) é a manutenção da liberdade de manobra e a preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da força principal.

8.2.1.2 As principais finalidades das operações de segurança são:

- a) negar ao inimigo o uso da surpresa e do monitoramento;
- b) impedir que o inimigo interfira de modo decisivo nas ações da força principal;
- c) restringir a liberdade de atuação do inimigo nos ataques a pontos sensíveis;
- d) manter a iniciativa das ações da força principal; e
- e) preservar o sigilo das operações.

8.2.1.3 As características necessárias, ou desejáveis, às tropas de Infantaria que realizam operações de segurança são:

- a) mobilidade;
- b) comando e controle;
- c) potência de fogo;
- d) observação longínqua;
- e) proteção blindada;
- f) autonomia tática; e
- g) logística para operar a grandes distâncias.

8.2.1.4 Durante as operações de segurança o BI Mec busca:

- a) proporcionar alerta preciso e oportuno ao comando enquadrante;
- b) garantir espaço para a manobra da tropa para qual opera;
- c) orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera;
- d) executar contínuo e agressivo reconhecimento; e
- e) manter o contato com o inimigo.

8.2.1.5 As operações de segurança são realizadas, basicamente, por forças de cobertura, de proteção e de vigilância. O BI Mec pode integrar qualquer uma dessas forças, porém é mais apta para operar como força de proteção (vanguarda, flancoguarda e retaguarda).

8.2.1.6 Para estudo detalhado deve ser consultado o Manual de Campanha C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), item 4-9.

8.2.2 O BI MEC COMO FORÇA DE PROTEÇÃO DA BDA INF MEC

8.2.2.1 Vanguarda

8.2.2.1.1 Missão

- a) A missão de um BI Mec Vgd é evitar retardos desnecessários ao grosso e protegê-lo contra surpresas e ações inimigas terrestres vindas da frente.
- b) Quando o contato é estabelecido, a vanguarda ataca ou toma outras medidas que possam assegurar o ininterrupto avanço do grosso ou que possam proporcionar tempo e espaço suficientes para o desdobramento ou desenvolvimento deste. Se antes do contato, houver suficientes informações sobre o inimigo, a missão do BI Mec de primeiro escalão pode ser modificada de vanguarda para a de ataque.

8.2.2.1.2 Composição

- a) O BI Mec Vgd, normalmente, é apoiado por uma Companhia de engenharia, por pessoal de ligação, por observadores avançados da artilharia da Bda e, quando possível, por elementos de cavalaria.
- b) Havendo grande ameaça aérea, podem ser postos à disposição do batalhão alguns elementos da Bia AAAe da Bda. Um controlador aéreo avançado (CAA) pode ser posto à disposição, quando a aviação tática estiver apoiando a coluna.

8.2.2.1.3 Dispositivo - a vanguarda, normalmente, é precedida pela força de cobertura (F Cob) do Esc Sp. Se o comandante do BI Mec Vgd considerar necessário, pode organizar e enviar à frente outras forças de reconhecimento e segurança.

8.2.2.1.4 Execução - o BI Mec Vgd cumpre sua missão agressivamente por meio de reconhecimento do terreno à frente e nos flancos, destruindo resistências inimigas, removendo obstáculos do itinerário de marcha, reparando pontes e construindo passagens. A menos que tenha recebido ordens em contrário, a vanguarda e seus elementos atacam as resistências inimigas, sem hesitação.

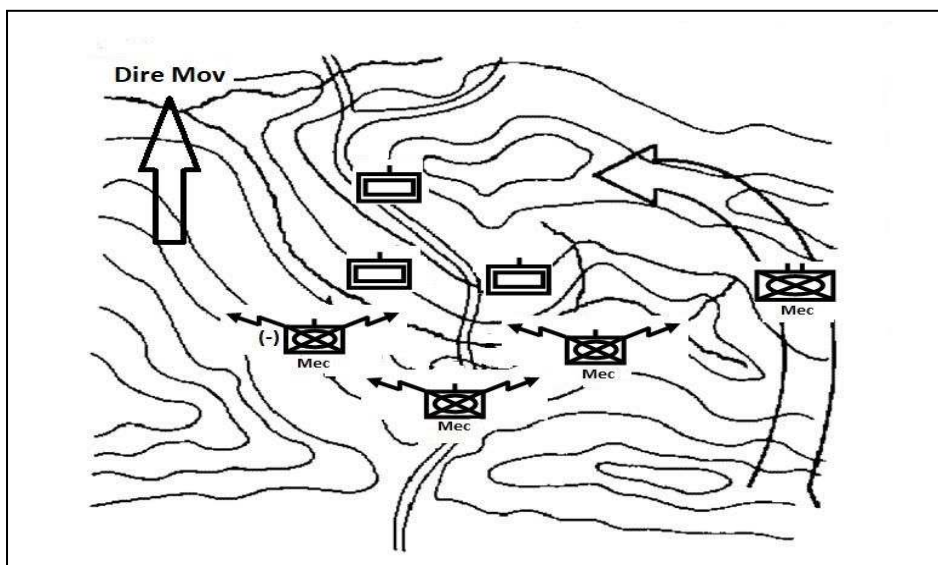


Fig 8-1 Uma conduta do Btl Vgd para favorecer o emprego do BI Mec Res da Bda em um ataque de oportunidade

8.2.2.2 Flancoguarda

8.2.2.2.1 Missão

a) A missão de um BI Mec Fg é proteger o grosso da observação e dos ataques de surpresa partidos do flanco. Na eventualidade de um ataque de flanco, o BI Mec Fg proporciona o tempo necessário para o desenvolvimento do grosso, para enfrentar essa ameaça ou permitir a sua progressão ininterrupta.

b) A missão de flancoguarda é de natureza defensiva, em contraste com a missão ofensiva de uma vanguarda.

8.2.2.2.2 Composição - o BI Mec Fg, normalmente, é apoiado por uma Companhia de Engenharia. Pode receber elementos de reconhecimento da Bda, pessoal de ligação e observadores avançados da artilharia da brigada. O BI Mec recebe, ainda, material especial de engenharia para construção de obstáculos e execução de destruições.

8.2.2.2.3 Dispositivo

a) O dispositivo adotado depende do terreno, dos meios recebidos, dos itinerários, das possibilidades do inimigo e do processo de deslocamento das flancoguardas.

b) O BI Mec Fg adota o dispositivo de um Btl marchando isolado e atua na mesma altura do grosso, aumentando sua velocidade de marcha e enviando destacamentos de segurança suplementares, quando exigido por um grande afastamento de seu itinerário em relação ao seguido pelo grosso.

8.2.2.2.4 Execução

- a) Os processos de deslocamento do BI Mec Fg são: movimento contínuo, lances sucessivos e lances alternados.
- b) O Cmt BI Mec Fg controla seu deslocamento, regulando sua velocidade de marcha pela do grosso e/ou determinando sucessivos objetivos de marcha para suas companhias. Mantém estreita ligação com o grosso, para manter a flancoguarda em condições de executar sua missão de segurança.

8.2.2.3 Retaguarda

8.2.2.3.1 Missão - a missão do BI Mec Rtg é proteger o grosso contra os ataques provenientes da retaguarda. Nos movimentos retrógrados, a retaguarda retarda a perseguição inimiga (ver Cap VI - item 6.5).

8.2.2.3.2 Composição - o BI Mec Rtg, normalmente, é apoiado por elementos de engenharia (Pel E ou Cia E). O Btl recebe, ainda, material especial de engenharia para construção de obstáculos e execução de destruições.

8.2.2.3.3 Dispositivo - uma retaguarda assemelha-se a uma vanguarda invertida. Se o comandante do BI Mec Fg considerar necessário, pode organizar e enviar para trás outras forças de reconhecimento e segurança.

8.2.2.3.4 Execução - a retaguarda atua de maneira semelhante a uma flancoguarda.

8.3 OPERAÇÃO CONTRA FORÇAS IRREGULARES**8.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS**

8.3.1.1 Compreende um conjunto abrangente de esforços integrados (civis e militares) desencadeados para derrotar forças irregulares (caracterizadas por organização não institucionalizada), nacionais ou estrangeiras, dentro ou fora do território nacional.

8.3.1.2 O BI Mec nas operações contra F Irreg deve estar em condições de realizar uma ou mais das seguintes atividades:

- a) operações tipo polícia, realizada com a finalidade de assegurar o controle da população e prover a segurança das tropas, instalações, vias de transporte e núcleos urbanos;
- b) operações de combate, com a finalidade de inquietar, destruir ou capturar integrantes da força irregular;
- c) interdição do apoio externo, a fim de impedir que a força irregular receba qualquer tipo de apoio de potências estrangeiras, limítrofes ou não com o território nacional;

- d) atividades de assuntos civis, que contribuem, de forma acentuada, para o êxito das operações contra forças irregulares; no seu conjunto, abrange as relações entre a comunidade civil e as forças legais, garantindo uma ação integral contra o movimento revolucionário; e
- e) orientar, instruir e auxiliar unidades locais em operações contra forças irregulares.

8.3.2 MISSÃO

8.3.2.1 Nesse tipo de operação, a missão do BI Mec é erradicar a ameaça proveniente das F Irreg, sobretudo seu braço armado, isolando-o de seus apoios locais, desmantelando sua infraestrutura e neutralizando seu poder de combate.

8.4 OPERAÇÃO DE EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTE

8.4.1 Operação conduzida pelo MD, por solicitação do MRE, para evacuação de não combatentes, preferencialmente brasileiros, impossibilitados de prover adequadamente sua autodefesa, fora do território nacional, de seus locais no país anfitrião para um local de destino seguro (LDS).

8.4.2 O BI Mec deve estar em condições de executar uma operação de evacuação de não combatentes (Op Ev N Cmb), por meio de uma ou mais das seguintes tarefas e ações:

- a) operar Posto de Controle de Civis (PCC);
- b) prestar o acolhimento inicial e apoio logístico;
- c) realizar segurança de deslocamentos;
- d) ficar em condições de coordenar meios recebidos para deslocar os refugiados e não combatentes; e
- e) estabelecer medidas de coordenação e controle para garantir a segurança de refugiados e não combatentes.

8.5 OPERAÇÃO DE JUNÇÃO

8.5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.5.1.1 A operação de junção compreende o estabelecimento do contato físico entre duas forças terrestres amigas em operações.

8.5.1.2 Tal ligação pode ocorrer nas seguintes situações: em operações aeroterrestres ou aeromóveis, na substituição de uma força isolada, em um ataque para juntar-se à força de infiltração, na ruptura do cerco a uma força, no auxílio a uma força dividida, na convergência de forças independentes e no encontro com forças de guerrilha amigas.

8.5.1.3 O BI Mec pode participar de operações de junção integrando uma força maior ou pode executá-la com seus próprios meios. Nesse caso, tem que ser reforçado com carros de combate.

8.5.1.4 O fator tempo é, normalmente, crítico numa operação de junção.

8.5.2 PLANEJAMENTO

8.5.2.1 Considerações Gerais

8.5.2.1.1 O planejamento de uma operação de junção deve privilegiar o detalhamento das medidas de coordenação e controle, considerando o elevado risco de fratricídio em operações dessa natureza.

8.5.2.1.2 As seguintes considerações são de interesse no planejamento de operações de junção:

- a) relações e responsabilidades de comando;
- b) ligações de comando e de Estado-Maior;
- c) sistema de reconhecimento;
- d) coordenação dos esquemas de manobra;
- e) medidas de coordenação de fogos;
- f) coordenação dos planos de comunicações; e
- g) ações a serem realizadas após a junção.

8.5.2.2 Relações de responsabilidades de Comando

8.5.2.2.1 O comando que dirige a junção estabelece as relações e as responsabilidades de comando das duas forças.

8.5.2.2.2 As relações de comando das forças envolvidas na operação de junção devem ser estabelecidas antes da operação, com definição clara de responsabilidades.

8.5.2.2.3 Após a junção, as duas forças podem se agrupar e formar uma única força sob controle de um dos comandantes. Podem, ainda, permanecer sob o controle de um comandante superior.

8.5.2.3 Ligações de Comando e de Estado-Maior

8.5.2.3.1 A ligação de comando e de Estado-Maior entre as duas forças é essencial. Deve ser estabelecida, inicialmente, durante a fase de planejamento e mantida durante a operação.

8.5.2.3.2 Quando a operação envolve a junção com forças aliadas ou forças irregulares amigas, devem ser feitas prescrições relativas a intérpretes ou oficiais de ligação com suficiente conhecimento da língua a ser utilizada.

8.5.2.3.3 Os meios aéreos podem facilitar as ligações.

8.5.2.4 Sistema de identificação mútua

8.5.2.4.1 O plano de identificação mútua é estabelecido pormenorizadamente para evitar a possibilidade de hostilidades entre as forças amigas ou que uma seja atingida pelos fogos de outra.

8.5.2.4.2 Esse plano inclui, normalmente, o emprego de artifícios pirotécnicos, painéis, marcação de viaturas, dispositivos coloridos, fumaças coloridas, meios infravermelhos, radar, sinais por gestos, senhas e contra-senhas.

8.5.2.5 Coordenação dos esquemas de manobra

8.5.2.5.1 Os esquemas de manobra devem ser permutados e medidas de controle estabelecidas com antecedência, pelas forças que participam da junção. Tais medidas compreendem, entre outras:

- a) pontos de junção;
- b) limites;
- c) eixos de progressão;
- d) objetivos; e
- e) linhas de controle.

8.5.2.6 Medidas de coordenação e controle

8.5.2.6.1 A coordenação de fogos é obtida pela troca de planos de apoio de fogo e pelo emprego de medidas de controle, tais como:

- a) linha de segurança de apoio de artilharia (LSAA);
- b) linha de coordenação de fogos (LCF); e
- c) linha de coordenação do apoio de fogo (LCAF).

8.5.2.6.2 As medidas de coordenação de fogos são estabelecidas pelo comando que dirige a operação.

8.5.2.6.3 Após a junção, a responsabilidade pela coordenação do apoio de fogo, para as forças como um todo, deve ser claramente estabelecida. A responsabilidade por tal coordenação é, normalmente, atribuída ao comandante de maior posto ou o mais antigo na área ou à força que tenha interesse principal nas operações que se seguem à junção. O comando que dirige a junção designa o comandante que assumirá essa responsabilidade.

8.5.2.7 Coordenação dos planos de comunicações

8.5.2.7.1 O plano de comunicações inclui os canais para comunicação rádio entre as duas forças. Deve prescrever os procedimentos de identificação a serem usados durante o dia e à noite ou durante condições de reduzida visibilidade, incluindo, principalmente, os meios alternativos.

8.5.2.8 Ações que se seguem à Junção

8.5.2.8.1 Medidas a serem tomadas após a junção devem ser estabelecidas com antecedência.

8.5.2.8.2 Realizada a junção com a força estacionária, a força de junção pode reforçar ou assumir a defesa da área, prosseguir no ataque em coordenação com a força estacionária, ultrapassar ou contornar essa força e continuar o ataque para objetivos mais distantes. São baixadas prescrições para a substituição ou ultrapassagem, sempre que estas forem necessárias.

8.5.2.8.3 Planos alternativos são elaborados, tendo em vista a possibilidade da força de junção ficar incapacitada de atingir a força estacionária no tempo determinado. Em tal contingência, os planos devem prever o apoio de fogo, cobertura e suprimento aéreo para a força estacionária.

8.5.3 EXECUÇÃO

8.5.3.1 Junção de uma Força em deslocamento com uma Força Estacionária

8.5.3.1.1 Considerações Gerais

a) A fase inicial de uma operação de junção é executada como uma operação ofensiva normal, começando, normalmente, por um ataque de oportunidade ou coordenado da força de junção, a fim de romper a posição inimiga que se interpõe entre as tropas amigas. Após o rompimento da posição inimiga, a força de junção lança-se em busca do contato com a força isolada.

b) Ao se aproximar o momento da junção das duas forças, a operação assume características peculiares, assim como a coordenação e o controle são intensificados.

8.5.3.1.2 Pontos de Junção

a) Para evitar os riscos de um combate entre forças amigas, pontos de junção são selecionados. Neles, o contato físico entre as forças deve ocorrer.

b) Os pontos de junção devem ser facilmente identificáveis por ambas as forças e em número suficiente para atender às possíveis modificações na manobra, localizam-se onde os itinerários de progressão da força de junção interceptam a linha ao longo da qual os elementos de segurança da força estacionária estão localizados.

- c) Pontos alternativos devem ser estabelecidos, uma vez que a ação inimiga pode forçar a junção em locais diferentes dos planejados.
- d) O número de pontos de junção estabelecidos depende da possibilidade da força estacionária, do número de itinerários utilizados pela força de junção, da natureza do terreno e das ameaças inimigas.
- e) As tropas que guarnecem os pontos de junção, bem como os elementos que realizam o contato com elas, devem estar familiarizadas com as normas para identificação mútua e com os planos para a rápida passagem da força em progressão.

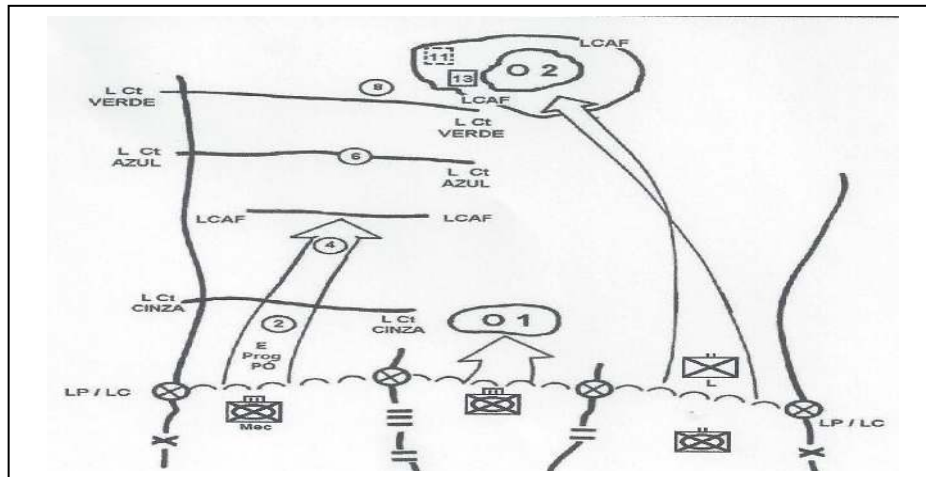


Fig 8-2 Fase inicial de uma junção

8.5.3.1.3 Junção propriamente dita

- a) O apoio da força estacionária à força de junção, dentro do esquema de manobra, inclui o fornecimento de guias e a previsão de zonas de reuniões para a reorganização da força de junção.
- b) Os obstáculos são removidos imediatamente antes da junção e são abertas trilhas e brechas através das barreiras.
- c) Guias fornecidos pela força estacionária auxiliam o controle do trânsito para o interior das posições de defesa.
- d) A força de junção é informada sobre os campos de minas e outros obstáculos existentes.

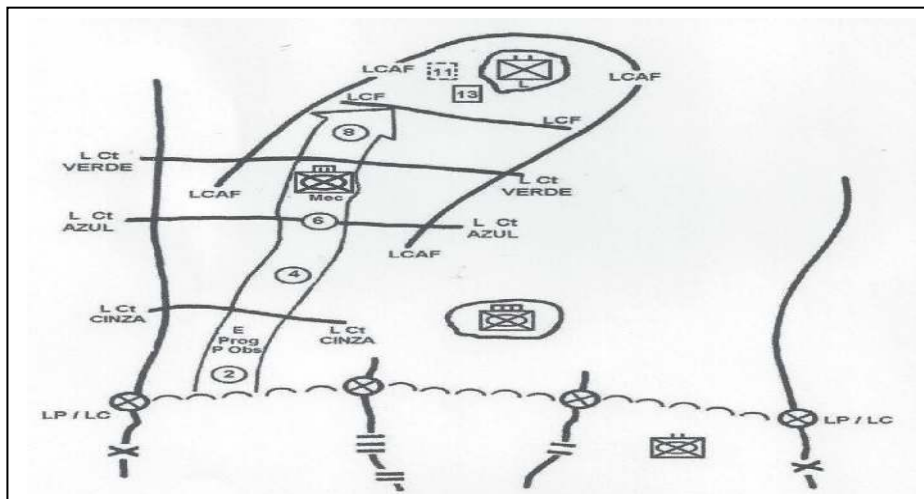


Fig 8-3 Junção propriamente dita

8.5.3.1.4 Linha de Coordenação de Fogos e de Coordenação do Apoio de Fogo
a) Para evitar perda nas forças amigas, a linha de coordenação de fogos é estabelecida, coordenando os fogos, tanto da força de junção como da força estacionária.

b) Nenhuma das forças pode desencadear fogos além das linhas estabelecidas, sem uma liberação prévia por parte da outra força.

c) À medida que a junção se torna iminente, a linha de coordenação de fogos é deslocada, a fim de permitir o máximo de liberdade de ação à força de junção.

d) O comando que dirige a operação estabelece linhas de coordenação de apoio de fogo para as forças. As linhas de coordenação do apoio de fogo são independentes, nos estágios iniciais. No entanto, à medida que a distância entre as duas forças diminui, as linhas se aproximam e se transformam em uma linha de coordenação do apoio de fogo que atende a ambas as forças (Fig 8-4).

e) Ataques aéreos, na área entre as duas forças, são coordenados entre elas. Normalmente, a linha inicial de coordenação de fogos torna-se efetiva no momento em que uma linha comum de coordenação do apoio de fogo for estabelecida.



Fig 8-4 Medidas de coordenação e controle de fogos nas operações de junção

8.5.3.1.5 Comunicações

- a) Nas operações de junção, é comum o emprego de aeronaves (asa fixa ou móvel) para transmitir sinais ou, num sentido mais amplo, dilatar o raio das comunicações.
- b) Sinais visuais, tais como artifícios de sinalização ou painéis, podem ser empregados durante o dia e artifícios de iluminação, ou dispositivos de infravermelhos, podem ser empregados durante a noite.

8.5.3.1.6 Ações após a Junção

- a) Quando a junção é feita, a força de junção pode reunir-se à força estacionada ou pode ultrapassá-la e continuar o ataque.
- b) Se a força de junção continuar a operação em conjunto com a força estacionada, um comandante único deve ser designado para a força como um todo.
- c) A força de junção pode passar através do perímetro da força estacionária e podem ser designados objetivos dentro do perímetro ou fora dele, dependendo da missão.
- d) Se a missão e o terreno permitirem, é desejável que a força de junção desborde a força estacionária e os objetivos sejam designados fora do seu perímetro.

8.5.3.2 Junção de duas Forças em movimento

8.5.3.2.1 Quando duas forças em movimento realizam a junção, normalmente, algumas medidas de controle são prescritas, tais como, limites, linhas de coordenação de fogos, pontos de contato onde a junção deve ser feita. Realizada a junção, as forças continuam no cumprimento de suas missões.

8.6 OPERAÇÃO DE INTERDIÇÃO

8.6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.6.1.1 As operações de interdição são ações executadas para evitar ou impedir que o inimigo se beneficie de determinadas regiões, de pessoal, de instalações ou de materiais.

8.6.1.2 As ações de interdição devem concentrar-se sobre os eixos que incidem sobre a área selecionada, com o objetivo de interditar o movimento das reservas inimigas e prejudicar seus sistemas de logística e de comando e controle.

8.6.2 CARACTERÍSTICAS

8.6.2.1 A interdição é obtida pelo emprego do fogo, de forças combatentes e de operações de interdição.

8.6.2.2 A interdição bem-sucedida restringe o movimento do inimigo e interfere no comando e controle de suas forças. Ela impede ou dificulta o movimento do inimigo para fora ou para dentro da área de interesse do comandante. Contribui para a segurança, evitando mudanças súbitas e desfavoráveis do poder relativo de combate.

8.6.2.3 O BI Mec é tropa apta a executar esse tipo de operação, tendo em vista possuir as seguintes características:

- a) mobilidade;
- b) apoio logístico eficiente;
- c) alcance dos seus fogos indiretos; e
- d) eficiência das comunicações.

8.6.3 ALVOS DE INTERDIÇÃO

8.6.3.1 Basicamente, os alvos de interdição são estratégicos e visam a impedir a utilização, pelo inimigo, de áreas, instalações e equipamentos. Esses alvos são, entre outros: represas, entroncamentos rododiferroviários, centros industriais, postos de radar, centros de comunicações (C Com), portos, pontes, aeródromos, túneis, canais, instalações de tratamento e distribuição de água e depósitos de suprimentos.

8.6.3.2 O alvo de uma interdição, dependendo de suas características, não necessita ser destruído totalmente. Um componente básico ou um ponto crítico, sendo inutilizado, pode manter todo o alvo inoperante pelo tempo necessário.

8.6.4 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA INTERDIÇÃO

8.6.4.1 O planejamento de uma operação de interdição é iniciado no nível operacional e parte de um estudo metódico das vulnerabilidades do inimigo e dos recursos militares disponíveis. Esse estudo estabelece a política a ser adotada, o alcance e a amplitude das operações, tipos de alvos, prioridades, oportunidade e intensidade de execução, bem como os comandos responsáveis pelo planejamento específico e a execução.

8.6.4.2 No planejamento, deve ser levado em conta:

- a) a missão, as atividades, as tarefas e a oportunidade de execução;
- b) instruções e diretrizes baixadas pelo Esc Sp;
- c) planos de operações existentes e projeções futuras;
- d) possibilidades e limitações do inimigo e seus efeitos nas operações de interdição;
- e) condições meteorológicas presentes e futuras na área dos alvos;
- f) efeitos estimados sobre a população civil local e seus prováveis efeitos nas operações;
- g) duração eficaz da interdição;
- h) disponibilidade de tempo e meios;
- i) proteção dos alvos, para evitar sua neutralização prematura pelo inimigo;
- j) existência de forças irregulares na área e possibilidade de lançamento de forças especiais para enquadrá-las;
- k) existência de alvos alternativos;
- l) possibilidade de atuação da Força Naval Componente (FNC) e da Força Aérea Componente (FAC); e
- m) limitações e restrições ao emprego de munição (Mun) química, biológica, radiológica e nuclear (QBRN).

8.6.4.3 Na ofensiva, as operações de interdição são desencadeadas na retaguarda do inimigo, visando a impedir a movimentação de suas forças que possam se opor ao esforço ofensivo, em todos os níveis. As barreiras são empregadas para impedir a movimentação tática do inimigo, barrando suas vias de acesso de contra-ataque ou protegendo o flanco desguarnecido do atacante.

8.6.4.4 Na defensiva, as operações de interdição são desencadeadas visando a evitar que o inimigo utilize determinadas vias de acesso ou que cerre à frente com novos meios. Barreiras são empregadas para dificultar o movimento inimigo para o interior das posições defensivas ou mesmo canalizá-lo para áreas previamente selecionadas.

8.6.4.5 O trabalho de destruição necessário às operações de interdição não deve ser confundido com um sistema de barreiras. Ambos são de grande amplitude e podem prever a destruição de uma mesma instalação. Em consequência, pode haver uma superposição quanto aos objetivos nos dois planos.

8.7 OPERAÇÃO DE TRANSPosição DE CURSO DE ÁGUA

8.7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.7.1.1 A operação de transposição de curso de água visa a levar o poder de combate para a margem oposta, transpondo um obstáculo aquático, assegurando a integridade e a impulsão das forças.

8.7.1.2 Pode ser imediata ou preparada. A transposição imediata é uma operação de transposição de curso de água planejada e executada com um mínimo de perda de impulsão pela tropa que se defronta com o obstáculo. Na transposição preparada, a tropa atacante é obrigada a uma parada para a concentração das forças e dos meios de travessia necessários, caracterizando perda de impulsão.

8.7.1.3 Os cursos de água obstáculo impõem restrições ao movimento e à manobra nas operações ofensivas e constituem linhas naturais de resistência para o defensor nas operações defensivas.

8.7.1.4 A operação de transposição de curso de água possui as seguintes características principais:

- a) necessidade de grande quantidade de equipamento especializado e de pessoal especialmente instruído e treinado;
- b) complexidade de comando e de controle das unidades e das grandes unidades, em face das restrições de espaço, de trânsito e de comunicações;
- c) vulnerabilidade a ataques aéreos e fogos de artilharia; e
- d) número limitado de linhas de ação.

8.7.1.5 A transposição de um curso de água obstáculo, sem passagens utilizáveis e cuja segunda margem encontra-se defendida pelo inimigo, comporta, normalmente, a conquista e a manutenção de uma cabeça de ponte. Nesse caso, a travessia em si do curso de água é apenas um meio para o prosseguimento das operações na segunda margem.

8.7.1.6 Manobras desbordantes, buscando transpor o rio obstáculo nos flancos da posição inimiga, devem ser preferidas a manobras frontais que, normalmente, incidem sobre a parte mais forte do dispositivo inimigo.

8.7.1.7 Quando o rio não estiver defendido, serão realizadas travessias de oportunidade e, nesse caso, o planejamento fica restrito aos aspectos técnicos do material empregado e de controle de trânsito.

8.7.1.8 Para mais informações sobre as operações de transposição de curso de água, devem ser consultados os manuais de campanha C31-60/OPERAÇÕES DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA (2ª Edição - 2006) e C61-100/A DIVISÃO DE EXÉRCITO (2ª Edição - 1989).

8.7.2 O BI MEC NA TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA

8.7.2.1 Considerações Gerais

8.7.2.1.1 O BI Mec participa de operações de transposição de curso de água enquadrado, normalmente, na Brigada.

8.7.2.1.2 Quando a Brigada encontra um rio obstáculo, todos os esforços são realizados para prosseguir o avanço sem paradas ou concentrações de valor significativo em ambas as margens. A transposição deve ser buscada nas regiões onde o inimigo possa oferecer menor resistência, desbordando-se a posição defensiva principal da força inimiga, como também procurando o melhor lugar para a travessia das VBTP.

8.7.2.1.3 O BI Mec é empregado para a conquista de regiões de passagens na Z Aç da Brigada. A aproximação do rio deve ser feita com a máxima velocidade e em uma larga frente. Na impossibilidade da conquista de pontes intactas, é realizada uma transposição imediata em uma larga frente, tirando proveito, em particular, das características anfíbias das VBTP do BI Mec. A transposição imediata é caracterizada pela velocidade e pela surpresa.

8.7.2.1.4 Todas as estradas que conduzem ao rio devem ser reconhecidas, mesmo aquelas que não conduzam diretamente aos locais de travessia, mas proporcionem alternativas para o planejamento. A preparação dos locais de travessia para a transposição é feita, normalmente, à noite, sob condições de visibilidade reduzida, visando a adaptar as margens às características das viaturas blindadas.

8.7.2.1.5 Atuando no contexto da Bda, o BI Mec pode desempenhar as seguintes missões que contribuirão para o êxito e rapidez de uma operação de transposição de curso de água:

- a) reconhecimento de locais de travessia;
- b) tomada de pontes e locais de travessia intactos;
- c) conquista e manutenção de objetivos que dominem os locais de travessia;
- d) realização de fintas e demonstrações; e
- e) contra-ataque para neutralizar penetrações do inimigo no perímetro da cabeça de ponte.

8.7.2.2 O emprego das Cia Fuz Mec na Transposição de Curso de Água

8.7.2.2.1 As Cia Fuz Mec são, particularmente, aptas para a transposição de cursos de água obstáculos, uma vez que possui viaturas anfíbias.

8.7.2.2.2 Uma vez que a área de travessia tenha sido selecionada, o Comandante determina o número de locais de travessia. Os primeiros elementos, ao se aproximarem do curso de água obstáculo, procuram determinar o valor e o dispositivo do inimigo e identificar os locais de travessia. O objetivo inicial é eliminar as posições inimigas na primeira margem. Quando se dispõe de pessoal para o reconhecimento subaquático, este fará parte da primeira força que atingir o curso de água.

8.7.2.2.3 Em cursos de água fracamente defendidos, grupos de fuzileiros mecanizados, mediante ordem e conforme medidas de coordenação e controle, cruzam o rio e se apossam da segunda margem. Nesse sentido, as viaturas blindadas apoiam, pelo fogo direto, os reconhecimentos e as operações na cabeça de ponte. Após a engenharia cerrar e lançar seus meios de transposição de cursos de água, o restante do BI Mec transpõe o rio, reunindo-se aos Fuz Mec.

8.7.2.2.4 Em cursos de água fortemente defendidos são realizadas operações de transposição de cursos de água coordenadas pelo escalão DE. Os BI Mec podem ser empregadas inicialmente na conquista da cabeça de ponte ou serem empregadas após o lançamento das passagens sobre o rio (portadas ou pontes), com a missão de alargar a cabeça de ponte ou aproveitar o êxito.

8.7.2.3 O emprego do Pel Ap F na Transposição de Curso de Água

8.7.2.3.1 Numa operação de transposição de curso de água, normalmente, as VBTP Pel Ap F são empregadas, inicialmente, como base de fogos, apoiando os elementos de fuzileiros que executam a transposição. (Fig 8-5).

8.7.2.3.2 Devem ser executados reconhecimentos, a fim de determinar quais as melhores posições para as VBTP Pel Ap F prestarem o apoio de fogo. Os fogos devem ser coordenados de maneira que possam ser suspensos ou alongados, conforme requeira a evolução da operação.

8.7.2.3.3 Quando executarem essa missão, tais Vtr devem receber suprimento de munição adicional, possibilitando serem empregadas posteriormente, na 2ª margem, com suas dotações completas.

8.7.2.3.4 Após a conquista da 2ª margem e criadas condições para a transposição de curso de água, pela engenharia, as VBTP Pel Ap F reintegram-se ao escalão de assalto, a fim de prestarem o apoio necessário ao prosseguimento da operação.

8.7.2.3.5 As VBTP Pel Ap F desempenham importante missão na neutralização de penetrações inimigas no perímetro da cabeça de ponte e no aproveitamento do êxito da operação de transposição.

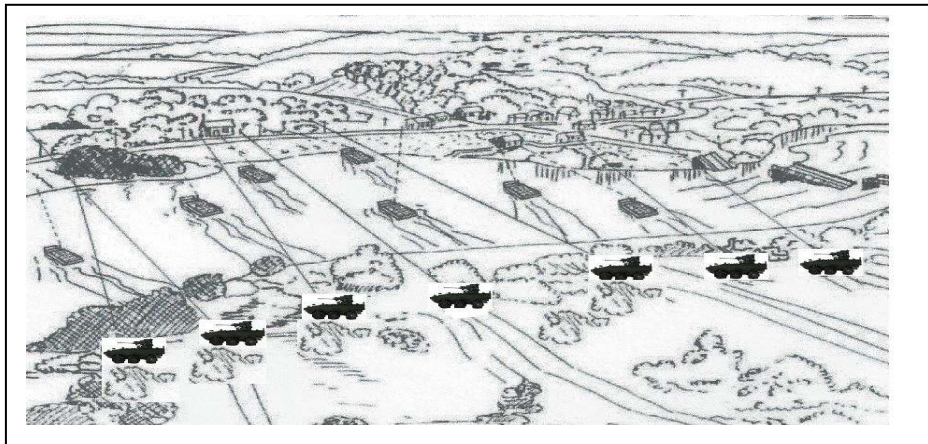


Fig 8-5 Transposição imediata de curso de água com VBTP Pel Ap F apoiando travessia dos Fuz

8.8 OPERAÇÃO ANFÍBIA

8.8.1 A doutrina básica acerca desse tipo de operação complementar encontra-se descrita no Manual de Campanha EB20-MF-10.103/OPERAÇÕES (5ª Edição - 2017), Item 4.14.

8.9 OPERAÇÃO CONTRA DESEMBARQUE ANFÍBIO

8.9.1 A doutrina básica acerca desse tipo de operação complementar encontra-se descrita no Item 4.16 do Manual de Campanha EB20-MF-10.103/OPERAÇÕES (5ª Edição - 2017), item 4.16.

8.10 OPERAÇÕES DE ABERTURA DE BRECHA

8.10.1 Quando da execução das operações ofensivas, o BI Mec pode deparar-se com uma grande variedade de obstáculos artificiais e naturais, os quais devem ser ultrapassados para conservar a iniciativa e manter a impulsão do ataque.

8.10.2 Maiores detalhes sobre esse tipo de operação podem ser encontrados no Manual de Campanha C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), Cap 4 - Artigo XI.

8.11 OPERAÇÃO EM ÁREA EDIFICADA

8.11.1 Operação em área edificada é aquela realizada com o propósito de obter e manter o controle de parte, ou de toda uma área edificada, ou para negá-la ao inimigo.

8.11.2 Nesse contexto, áreas edificadas são aquelas em que estão inseridos elementos distintos que se inter-relacionam de forma intensa, tais como: população, infraestruturas, terreno, meios de comunicação de massa.

8.11.3 Áreas edificadas caracterizam-se como acidentes capitais, normalmente, em função do controle de vias de transporte e passagem sobre rios obstáculos, de domínio de vias fluviais navegáveis, da existência de um porto ou aeroporto, da existência de parque industrial e tecnológico, entre outros.

8.11.4 Maiores detalhes sobre as operações em área edificada devem ser consultados no Manual de Campanha EB20-MF-10.103/OPERAÇÕES (5ª Edição - 2017), item 4.18 e no Manual de Campanha EB70-MC-10.303/OPERAÇÕES EM ÁREA EDIFICADA (1ª Edição - 2018).

CAPÍTULO IX

AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

9.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

9.1.1 As ações comuns apoiam e facilitam a consecução dos objetivos de uma operação, assim como o desenvolvimento de atividades e tarefas no nível tático.

9.1.2 Incluem ações destinadas a estabelecer o contato com o inimigo ou a favorecer a realização de operações ofensivas e defensivas.

9.1.3 As ações comuns se caracterizam por não serem dirigidas diretamente à imposição da derrota ou do desgaste do inimigo, nem à defesa do terreno, mas sim à consecução de condições mais favoráveis ao sucesso das operações. Devem estar totalmente integradas às operações do escalão superior.

9.1.4 Considerando o grau de coordenação que requerem e a sua abrangência, as ações que mais se enquadram no escopo das capacidades do BI Mec são:

- a) reconhecimento, vigilância e segurança;
- b) planejamento e coordenação do apoio de fogo;
- c) substituição de unidades de combate;
- d) cooperação civil-militar;
- e) defesa química, biológica, radiológica e nuclear;
- f) operações psicológicas;
- g) guerra eletrônica;
- h) defesa antiaérea; e
- i) comunicação social.

9.1.5 Maiores detalhes sobre ações comuns às operações podem ser encontrados no Manual de Campanha EB20-MF-10.103/OPERAÇÕES (5ª Edição - 2017); EB70-MC-10.202/OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª Edição - 2017); e EB70-MC-10.228/INFANTARIA NAS OPERAÇÕES (1ª Edição - 2018).

9.2 RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E SEGURANÇA

9.2.1 GENERALIDADES

9.2.1.1 O BI Mec realiza as ações de reconhecimento, vigilância e segurança em todas as operações, sejam elas ofensivas, defensivas ou de coordenação e cooperação com as agências.

9.2.1.2 O reconhecimento, a vigilância e a segurança completam-se. Essas ações proporcionam a obtenção de dados sobre o inimigo e da região das operações, contribuindo para a proteção da tropa.

9.2.2 RECONHECIMENTO

9.2.2.1 O BI Mec realiza as ações de reconhecimento com o propósito de obter dados acerca do inimigo e da área de operações. Normalmente, são executadas, de acordo com os seguintes fundamentos:

- a) orientar-se segundo os objetivos de informação – orientar o reconhecimento para as tropas inimigas, acidentes capitais do terreno, pontos sensíveis, localidades, direções de atuação e zonas ou áreas específicas;
- b) transmitir com rapidez e precisão todos os dados obtidos – os dados, favoráveis ou não, devem ser transmitidos de imediato e tal como foram obtidos;
- c) evitar o engajamento decisivo – a tropa que realiza o reconhecimento procura manter a sua liberdade de manobra. O engajamento em combate ocorre, quando necessário, para a obtenção dos dados desejados ou para evitar a destruição, ou captura da força;
- d) manter o contato com o oponente – na execução de uma missão de reconhecimento, busca-se obter o contato o mais cedo possível. Uma vez estabelecido, é mantido e não deve ser rompido voluntariamente, sem autorização do escalão superior. O contato pode ser mantido, também, por meio da observação terrestre ou aérea; e
- e) esclarecer a situação – quando o contato com o inimigo é estabelecido ou um obstáculo é encontrado, deve-se buscar esclarecer a situação o mais rápido possível. O dispositivo, a composição, o valor, as peculiaridades e as atividades recentes e atuais do inimigo devem ser buscados.

9.2.2.2 Podem ser realizados quatro tipos de reconhecimento: de eixo, de zona, de área e de ponto. Nesse sentido, a análise dos fatores da decisão constitui-se em um dos aspectos primordiais para identificar qual o tipo mais adequado a cada situação.

9.2.2.3 Deve-se buscar dados e informações dos seguintes aspectos:

- a) localização de armas anticarro, artilharia antiaérea, campo de minas e obstáculos naturais e artificiais;
- b) vias de acesso, eixos de suprimento, retraimento e comunicações; e
- c) mudanças em relação à situação do inimigo (dispositivo, composição, valor, atividades recentes e atuais e peculiaridade).

9.2.2.4 O pelotão de exploradores é uma tropa que possui capacidades para realizar diversos tipos de reconhecimento. A fração é dotada de materiais de emprego militares empregados para esclarecer a situação, possibilitando coletar informações em todas as fases das operações.

9.2.3 VIGILÂNCIA

9.2.3.1 Considerações Gerais

9.2.3.1.1 As ações de vigilância de combate são conduzidas pelo BI Mec com o propósito de detectar, registrar e informar o ocorrido em determinado setor de observação. Constituem uma das principais formas para a identificação e localização de alvos e monitoramento de atividades do oponente.

9.2.3.1.2 Durante as ações de vigilância de combate, são empregadas técnicas para realizar um contínuo e sistemático monitoramento, em particular de áreas críticas, estradas, pontes, zonas de lançamento e locais de aterragem.

9.2.3.1.3 As ações de vigilância de combate fazem parte da segurança do BI Mec e, normalmente, são conduzidas em todo tipo de operação.

9.2.3.2 Formas para execução das ações de vigilância

9.2.3.2.1 Durante as operações terrestres, podem ser utilizadas diversas formas para a execução das ações de vigilância, tais como:

- a) visual: realizada pelo BI Mec, particularmente no cumprimento de missões de reconhecimento. Utiliza diversos equipamentos optrônicos, tanto amplificadores de luz residual quanto termais, entre outros;
- b) eletrônica: realizada com o emprego de meios especiais, tais como radares, equipamentos de escuta, sensores e câmeras. Na estrutura do BI Mec, a Seção de Vigilância Terrestre é o elemento apto a cumprir essa missão; e
- c) vídeo fotográfica: consiste no emprego de equipamentos especiais, montados em plataformas aéreas, tais como VANT, com capacidade de transmissão de imagens em tempo real.

9.2.3.3 Tipos de missões durante as ações de vigilância

9.2.3.3.1 O BI Mec, geralmente, recebe as seguintes missões, durante as ações de vigilância:

- a) determinação, por meio da observação, de atividades de valor militar (mesmo realizadas por civis) ou ausência dessas atividades, em determinadas áreas;
- b) localização de alvos para serem atacados pela força aérea, pela aviação do exército, fogos de artilharia, agentes químicos etc;
- c) observação e controle dos fogos indiretos orgânicos e não orgânicos ou aéreos;
- d) avaliação de danos;
- e) localização e identificação de unidades inimigas, em movimento ou estacionadas, no interior da área de operações; e
- f) observação de vias de acesso do inimigo e vias de transportes.

9.2.4 SEGURANÇA

9.2.4.1 Considerações Gerais

9.2.4.1.1 As ações de segurança compreendem o conjunto de medidas adotadas pelos elementos do BI Mec para prevenir-se e proteger-se da inquietação, da surpresa e da observação por parte do oponente.

9.2.4.1.2 As ações de segurança, executadas pelo BI Mec, são pautadas nas informações que o batalhão recebe do escalão superior, no emprego de elementos e meios adequados e nas medidas ativas e passivas adotadas contra a observação e os ataques de qualquer natureza.

9.2.4.1.3 Todos os escalões do BI Mec são responsáveis por sua própria segurança, mesmo que se beneficiem daquela proporcionada por outra tropa.

9.2.4.2 Segurança de Área de Retaguarda (SEGAR)

9.2.4.2.1 São ações executadas na área de retaguarda de um determinado escalão, para evitar a interferência do oponente ou para mitigar seus efeitos, além de controlar os efeitos de uma ameaça relacionada às catástrofes (naturais ou provocadas pelo homem). Podem ser executados dois tipos de ações de SEGAR: a defesa de área de retaguarda (DEFAR) e o controle de danos (C Dan).

9.2.4.2.2 Defesa da Área de Retaguarda

a) As medidas de DEFAR são ações desenvolvidas para impedir ou neutralizar ameaças do inimigo às unidades, instalações e atividades na Área de Retaguarda. Excetuam-se as operações de defesa aérea ativa ou as Op que possam comprometer as forças como um todo.

b) Os principais tipos de ameaças inimigas são:

- desembarques aeroterrestres, aeromóveis e anfíbios de pequenos efetivos;
- elementos inimigos infiltrados por terra, por água e por ar; e
- ações realizadas por guerrilheiros e sabotadores.

9.2.4.2.3 O BI Mec como Força de DEFAR

a) Planejamento

(1) O Cmt BI Mec, ao receber uma missão de DEFAR, realiza o seu planejamento da seguinte forma:

(a) estuda a sua A Rspnl e a sua área de interesse, devendo concluir sobre:

- as características defensivas do terreno;
- a rede viária existente;
- corredores de mobilidade mais favoráveis para o inimigo;
- instalações existentes;
- ZL, Loc Ater e R de homizios que possam interferir na segurança da

b) Segurança do Eixo de Suprimento

(1) As técnicas de proteção dos E Sup variam de acordo com os fatores da decisão e com a extensão dos eixos. O BI Mec em uma missão de segurança de eixo realiza as seguintes atividades:

(a) patrulhamento ao longo do eixo e em pontos críticos, a fim de manter o eixo trafegável;

(b) Posto de Bloqueio e Controle de Estrada (PBCE) ao longo do eixo e nas penetrantes vicinais, a fim de controlar o acesso de pessoas e veículos ao E Sup; e

(c) estabelecimento de uma cortina de vigilância sobre o E Sup, a fim de mantê-lo sobre constante observação.

(2) As vias de transporte podem ser protegidas pelo estabelecimento de uma série de P Obs e pelo patrulhamento de toda a sua extensão. A constituição de uma reserva altamente móvel, localizada em posição central, pronta para ser empregada, de acordo com as informações recebidas dos P Obs e das patrulhas, é fator indispensável ao êxito dessa segurança.

(3) Os processos que se seguem, formam a base para o planejamento do BI Mec na segurança dos E Sup:

(a) 1º Processo - se os E Sup a serem guardados não forem longos, o BI Mec designa áreas de responsabilidade para as subunidades subordinadas. Pequenas forças são colocadas em determinadas partes do terreno que dominam, pela vista, as vias de acesso do inimigo, ao longo de determinados eixos. O Cmt BI Mec mantém centralizada uma reserva altamente móvel para conter as ameaças inimigas que surgir.

(b) 2º Processo - se os E Sup forem longos, ambos os flancos do eixo devem ser cobertos por uma série de P Obs. Esses P Obs alertam sobre a aproximação do inimigo. O restante do BI Mec é empregado para patrulhar os E Sup e escoltar os veículos que se deslocam através da área ou pode constituir pequenas reservas localizadas ao longo dos E Sup. O Cmt BI Mec controla a reserva, agrupando-a de tal forma que possa empregá-la por partes ou como um todo. Planos são preparados para o emprego da reserva nas prováveis áreas de atividades do inimigo.

(4) A escolta de comboio é realizada quando o BI Mec não dispuser de meios para assegurar uma segurança contínua para todo o E Sup. A força que tem a missão de escoltar um comboio realiza as seguintes atividades:

(a) reconhece a rota que o comboio utilizará;

(b) mantém a rota do comboio livre de obstáculos; e

(c) estabelece uma cortina de vigilância nos flancos, a fim de alertar e prevenir a força da ação do inimigo.

(5) O elemento que estiver escoltando um comboio, normalmente, é organizado da seguinte forma:

(a) elementos de reconhecimento - à frente da formação empregando técnicas de Rec E ou Zona;

(b) elementos de vigilância - localizados nos flancos e à retaguarda da força;

(c) elementos de escolta - integrados ao dispositivo do comboio, a fim de proporcionar a sua proteção aproximada; e

(d) força de reação - proporciona potência de fogo e ação de choque à escolta. Tem a missão de destruir o Elm Ini em Ctt.

(6) O valor do elemento que executa a escolta varia, principalmente, em função do número de viaturas e das possibilidades de atuação do inimigo no eixo.

c) Proteção de instalação

(1) O planejamento e a conduta desse tipo de operação são bastante similares ao da defesa circular.

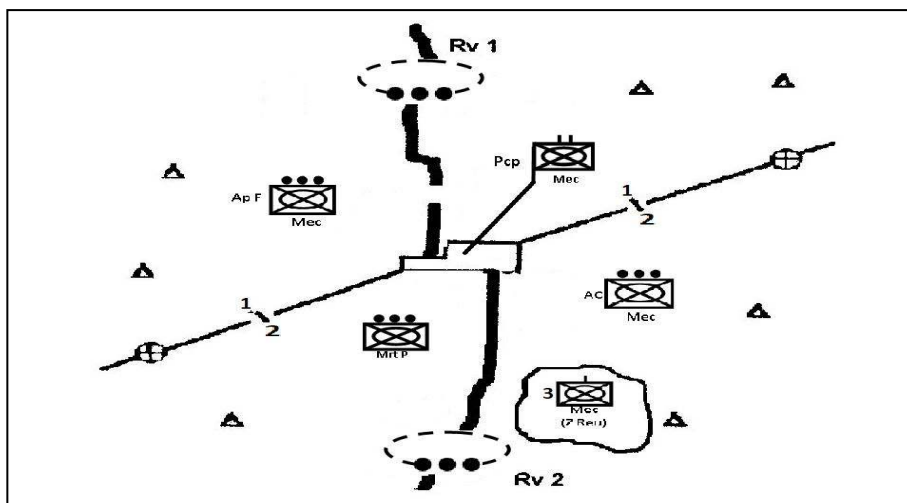


Fig 9-2 O BI Mec protegendo Instalações

(2) Quando o BI Mec recebe a missão de proteger uma instalação, o Cmt, normalmente, designa setores para as SU, constitui uma reserva com um valor mínimo de uma SU e adota um dispositivo circular ao redor da instalação. As SU ocupam ou apenas planejam P Blq que barrem as principais vias de acesso do inimigo.

d) Segurança contra forças paraquedistas, aeromóveis e de guerrilhas

(1) Nas ações de DEFAR contra F Amv, Pqdt e de Guer, o comandante do BI Mec desdobra seus Elm Man estabelecendo uma série de P Obs próximos às prováveis áreas de lançamento, aterragem e regiões de homizio. Patrulhamento intensivo é realizado no restante da área. A reserva ocupa uma posição central, a fim de fazer frente a qualquer ameaça do inimigo. O PC do BI Mec permanece na escuta da rede de alarme do Esc Sp para obter prontos informes sobre a atuação

do inimigo.

(2) Se o BI Mec for reforçado com subunidades blindadas, o Cmt pode empregá-las como reserva.

(3) A chave do sucesso em ações contra guerrilheiros, bem como contra F Amv e Pqdt, é o rápido desdobramento da F DEFAR.

(4) Todos os meios disponíveis devem ser empregados para infligir o máximo de danos ao inimigo durante a aproximação, aterragem e reorganização. Os deslocamentos para reforçar qualquer elemento engajado devem ser realizados com o máximo de rapidez.

(5) O Cmt da F DEFAR é responsável pela coordenação das operações com as organizações militares e instalações localizadas na sua área de responsabilidade. A estas caberá a responsabilidade pela segurança local.

(6) Deve ser mantida estreita ligação com esses comandos para mantê-los informados sobre o desenrolar das operações e obter deles as informações sobre as atividades inimigas em suas áreas.

9.2.4.3 Ações contra blindados

9.2.4.3.1 São planejadas ações para cobrir as prováveis vias de acesso de blindados inimigos às unidades, instalações e atividades na área de retaguarda (A Rg).

9.2.4.4 Ações contra Forças Aeroterrestres e Aeromóveis

9.2.4.4.1 As ações são iniciadas por meio de um estudo para identificar possíveis zonas de lançamento (ZL), zonas de desembarque (Z Dbq), locais de aterragem (Loc Ater), zonas de pouso de helicópteros (ZPH) e campos de pouso na A Rg.

9.2.4.5 Ações contra Forças de Infiltração

9.2.4.5.1 As ações contra forças de infiltração são executadas por meio do monitoramento de áreas prováveis de infiltração de forças inimigas. Normalmente, são executadas as seguintes ações:

- a) patrulhas de combate;
- b) medidas de contrainteligência;
- c) obstáculos; e
- d) dispositivos de alarme e vigilância aéreos e terrestres.

9.2.4.6 Ações contra Forças Irregulares

9.2.4.6.1 As ações contra forças irregulares são realizadas, entre outros aspectos, para proteger as tropas e as infraestruturas localizadas na área de retaguarda sujeitas às ações destas forças. Deve ser dada atenção às medidas para impedir o apoio externo às forças oponentes, em coordenação com o planejamento da SEGAR.

9.2.5 CONTRARRECONHECIMENTO

9.2.5.1 Considerações gerais

9.2.5.1.1 O contrarreconhecimento (C Rec) é um conjunto de medidas, ações e técnicas utilizadas para impedir, pelo combate, que elementos de reconhecimento do inimigo obtenham informações sobre as nossas forças ou desdobrem meios que possam interferir no combate. Portanto, o C Rec pode ser conduzido por meio de ações ofensivas – contrarreconhecimento ofensivo (C Rec Ofs) – ou defensivas – contrarreconhecimento defensivo (C Rec Def).

9.2.5.1.2 O C Rec Ofs procura deliberadamente o contato com elementos de reconhecimento do inimigo, destruindo-os ou neutralizando-os pelo combate à frente da linha de posições de bloqueio (P Blq), de vigilância ou objetivos ocupados pela F Seg.

9.2.5.1.3 O C Rec Def procura evitar que elementos (Elm) de reconhecimento (Rec) do inimigo (Ini) penetrem em determinadas áreas ou regiões da Z Aç de determinada Força. Pode ser conduzido canalizando as faixas de infiltração do Rec Ini para áreas de engajamento, onde serão destruídos ou neutralizados.

9.2.5.1.4 Em princípio, não deve ser criada uma força específica para a execução das medidas e ações de C Rec. Todos os elementos da F Seg devem estar comprometidos.

9.2.5.1.5 A utilização de equipamentos de visão noturna (individuais e veiculares) e de radares de vigilância terrestre aumenta em muito a eficácia do contrarreconhecimento, uma vez que o mais provável é o inimigo buscar a infiltração dos seus meios de Rec à noite.

9.2.5.2 Planejamento e execução do contrarreconhecimento

9.2.5.2.1 No C Rec, o BI Mec emprega elementos de combate (Pel ou Cia), reforçados ou não por elementos de apoio ao combate, para detectar e destruir o reconhecimento inimigo.

9.2.5.2.2 A decisão de empregar ou não o C Rec obedece aos fatores da decisão, notadamente os meios, o tempo e o inimigo.

9.2.5.2.3 O S2 é o responsável pelo planejamento inicial do C Rec, em consonância com o planejamento tático do S3 e de acordo com as NGA e as diretrizes do Cmt regimento.

9.2.5.2.4 Uma ordem de C Rec deve seguir o modelo da O Op, com ênfase nos parágrafos primeiro e terceiro.

9.2.5.2.5 O S2 prepara o parágrafo primeiro da ordem levantando, principalmente, a situação do inimigo, com as possibilidades do inimigo acompanhadas dos respectivos calcos. Nos calcos devem constar, no mínimo, os supostos itinerários de infiltração, os locais de estabelecimento de P Obs, postos de escuta, radares e locais de interesse do Rec inimigo.

9.2.5.2.6 Da ordem de C Rec devem constar:

- o elemento de combate que cumprirá a missão;
- o posicionamento dos radares de vigilância terrestre;
- os reforços aos elementos de combate (observadores de Mrt e Art, radares, engenharia, armas anticarro e outros que se fizerem necessários);
- um completo estudo do inimigo, incluindo situação, possibilidades, armamento, equipamento e outros dados;
- o plano logístico de apoio (suprimento extra, estabelecimento de cachês ou outros meios);
- os itinerários de retraimento dos elementos de C Rec, se for o caso; e
- as medidas de coordenação e controle necessárias para a coordenação do movimento, fogos, apoio logístico e comunicações.

9.2.5.2.7 Caso os elementos de C Rec sejam empregados bem à frente do dispositivo amigo e excedam o alcance dos equipamentos de comunicações, devem ser instalados postos de retransmissão.

9.2.5.2.8 Os Elm de C Rec podem estar operando dentro do Ap F da força enquadrante ou deslocar-se bem à frente, sob o respaldo de seu próprio apoio de fogo.

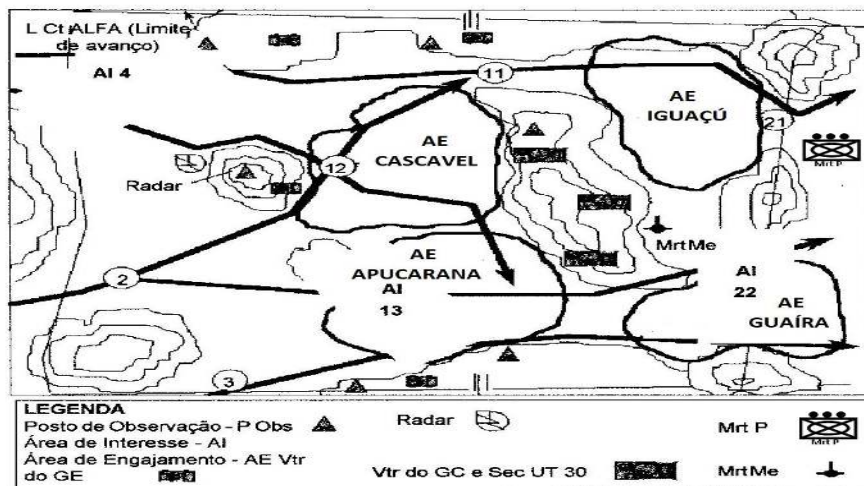


Fig 9-3 Um Pel Fuz Mec como força de C Rec reforçado por Rdr, Mrt P e UT 30 mm

9.2.5.2.9 Sequência para o Plj do C Rec:

- a) estudo do Rec Ini e levantamento gráfico de suas possibilidades (faixas e itinerários de infiltração, vias de acesso, regiões de interesse, prováveis P Obs, PE ou locais para condução de fogos);
- b) definição do tipo de C Rec a ser executado: ofensivo, defensivo ou combinação de ações ofensivas e defensivas;
- c) definição das ações ofensivas à frente da linha de P Blq, vigilância ou objetivos ocupados pelo BI Mec: Onde? Quem? Como? Apoio de fogo e de engenharia? Itinerários de deslocamento? Acolhimento?;
- d) definição das ações defensivas a serem executadas e a necessidade de apoio de engenharia para canalizar o inimigo e o apoio de fogo necessário à sua destruição ou neutralização;
- e) marcação de áreas de interesse (AI) sobre os ltn de Pntr do Rec Ini, com as finalidades de observar sua infiltração e reduzir o seu poder de combate pela aplicação de fogos diretos e ou indiretos;
- f) marcação de áreas de engajamento (AE) para destruir o Rec Ini pelo fogo direto e indireto;
- g) marcação de outras Medidas de Coordenação e Controle que permitam o retraimento e coordenação de fogos e movimento do Elm de C Rec;
- h) planejamento da localização dos radares de vigilância terrestre sobre as principais Via A ou ltn de infiltração do Rec Ini;
- i) planejamento do posicionamento dos grupos de exploradores, fuzileiros mecanizados, morteiros e outros Elm que reforcem o grupamento de C Rec;
- j) estabelecimento de uma L Ct que limite o avanço da força de C Rec Ofs e outra que balize seu retraimento (Ret se for o caso);
- k) planejamento do apoio logístico para as medidas e ações de C Rec;
- l) estabelecimento da ordem de movimento do Elm C Rec Ofs (normalmente por infiltração, durante períodos de reduzida luminosidade ou à noite);
- m) complementar as normas gerais de ação da unidade com outras medidas de C Rec que se façam necessárias para as ações a serem desencadeadas, por exemplo:
 - P Obs 1 somente ocupa posição alternativa se o inimigo não aparecer até 0300 hs;
 - abrir fogo tão logo o veículo inimigo entrar no alcance dos fogos diretos; e
 - as prioridades de engajamento são: viaturas radares, viaturas de exploradores, viaturas de engenharia e viaturas de detecção QBN.

9.3 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DO APOIO DE FOGO

9.3.1 As ações de planejamento e coordenação do apoio de fogo consistem em levantamento de necessidades; aquisição, análise e seleção de alvos; emissão de pedidos de apoio de fogo; e indicação de meios para atuação.

9.3.2 O BI Mec realiza o seu planejamento de fogos de modo a permitir:

- a) o cumprimento das Diretrizes de Fogos emitidas pelo escalão superior;
- b) a realização de concentrações sobre os alvos, por parte ou pela totalidade dos meios disponíveis;
- c) o desencadeamento simultâneo de fogo eficaz sobre mais de um alvo; e
- d) modificações nos planos, de acordo com a situação.

9.3.3 Para estudo detalhado a respeito do planejamento e coordenação do apoio de fogo devem ser consultados o Manual de Campanha EB20-MC-10.206/FOGOS (1ª Edição - 2015) e o Manual de Campanha EB70-MC-10.346/PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS (3ª Edição - 2017).

9.4 SUBSTITUIÇÃO DE UNIDADES DE COMBATE

9.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

9.4.1.1 É uma ação comum de combate na qual, por ordem do escalão superior, uma força ou parte dela é substituída por outra em uma posição defensiva.

9.4.1.2 Quando as operações terrestres se estendem por períodos prolongados, torna-se necessária a substituição periódica das forças empregadas, visando:

- a) à conservação do poder de combate;
- b) à manutenção da eficiência operativa;
- c) ao atendimento às imposições de planos táticos;
- d) a reequipar, reinstruir e ensaiar forças para operações futuras; e
- e) à manutenção da impulsão do ataque em operações ofensivas.

9.4.1.3 As forças blindadas e mecanizadas, de preferência, conduzem uma operação de substituição por meio de uma ultrapassagem, devido à dificuldade inerente de dissimular o movimento das suas viaturas. Todavia, essas forças podem ser obrigadas a participar de uma substituição em posição como parte de uma grande unidade ou podem mesmo dirigir e controlar substituições em posição das suas subunidades subordinadas.

9.4.1.4 Os tipos de substituições são os seguintes:

- a) substituição em posição;
- b) ultrapassagem; e
- c) acolhimento.

9.4.1.5 Maiores detalhes sobre esse tipo de operação podem ser encontrados nos seguintes Manuais de Campanha: EB20-MF-10.103/OPERAÇÕES (5ª Edição - 2017), item 5.5.5; EB70-MC-10.202/OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª Edição - 2017), item 5.3.2; EB70-MC-10.228/INFANTARIA NAS OPERAÇÕES (1ª Edição - 2018), item 5.4; e C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), Cap 8/Art I.

9.4.2 O BI MEC NA SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

9.4.2.1 Considerações Gerais

9.4.2.1.1 A substituição em posição é uma operação na qual uma força ou parte dela é substituída por outra em uma posição defensiva. É realizada para o prosseguimento da defesa ou para a preparação de uma operação ofensiva subsequente.

9.4.2.1.2 Quando a substituição é executada para continuar a defesa, deve ser feita na base de unidade por unidade, subunidade por subunidade, homem a homem, arma por arma. O comandante da unidade que substitui adota um dispositivo que se ajuste ao plano do comandante da organização substituída. Podem ser introduzidas modificações no plano de defesa pelo comandante substituto, após ter sido completada a substituição.

9.4.2.1.3 Quando é realizada uma substituição em posição para prosseguir ou retomar um ataque, o comandante substituto a procede somente em determinada(s) parte(s) da área, visto que sua missão principal é a de se preparar para o ataque e de dar prosseguimento a ele. Assume, contudo, a responsabilidade pela defesa de toda a área, embora disponha suas forças para facilitar a retomada ou desencadeamento do ataque. Na maioria das vezes, adota um dispositivo que permita aos principais comandos subordinados executarem seus planos de ataque ou que permita uma mudança de direção destes.

9.4.2.2 Planejamento

9.4.2.2.1 Considerações gerais

a) Quando o BI Mec realiza a substituição de outra unidade em posição, recebe, da força a ser substituída, uma ordem preparatória que deve especificar, no mínimo, a hora do início e do término da substituição e as prioridades para utilização das estradas e itinerários necessários aos deslocamentos. Comporta, ainda, a ordem preparatória, as condições de execução da substituição, quanto aos aspectos relacionados com a visibilidade e prazos.

b) Após receber a ordem preparatória, o comandante do BI Mec, com seu Estado-Maior, analisa a missão, expede ordens preparatórias e estabelece ligações com a unidade a ser substituída.

- c) O Cmt BI Mec, normalmente, estabelece seu posto de comando nas vizinhanças do posto de comando da unidade a ser substituída.
- d) Trabalhos são executados entre os comandantes e o Estado-Maior do BI Mec e da unidade que será substituída, visando aos pormenores da ação e ao estabelecimento de critérios que não tenham sido definidos pelo escalão superior.

9.4.2.2.2 Ocasão da passagem do comando

- a) A ocasião ou as circunstâncias em que o comandante que substitui assume a responsabilidade pela área são claramente estabelecidas por acordo mútuo ou pelo escalão superior.
- b) Até que se realize a passagem do comando, o comando da unidade substituída é responsável pela área e pelo cumprimento da missão e exerce o controle operacional sobre todos os elementos subordinados da unidade substituta que tenham completado sua parte na substituição. Durante esse período, as subunidades que chegam devem se enquadrar aos planos de defesa do elemento que é substituído.
- c) Normalmente, o comandante do BI Mec assume o comando quando os seus comandos subordinados tenham assumido as responsabilidades das subunidades da área de defesa avançada e quando tiverem sido estabelecidos meios adequados de comunicações para controlar toda a Z Aç. Após a passagem de comando, o comandante que chega assume o controle operacional de todas as frações que devem sair e que não tenham sido substituídas.

9.4.2.2.3 Reconhecimento - todo o esforço deve ser feito no intuito de um completo reconhecimento, diurno, pelo Cmt BI Mec, membros do seu EM e todos os comandantes de elementos operacionais envolvidos na substituição. Entre outros aspectos, os reconhecimentos devem incluir:

- a) o terreno à frente da posição;
- b) as instalações defensivas;
- c) os itinerários de substituição;
- d) as zonas de reunião; e
- e) as posições das armas coletivas.

9.4.2.2.4 Segurança

- a) É feito o máximo esforço para impedir que o inimigo tome conhecimento da substituição.
- b) Além de executar a substituição, durante os períodos de visibilidade reduzida, são observadas algumas medidas de segurança, tais como:
 - as atividades normais na área de operações são mantidas durante a substituição. A unidade que substitui mantém os fogos de inquietação e interdição, patrulhas, tráfego de comunicações e movimentos anteriormente empregados pela unidade que sai;
 - são adotadas restrições quanto ao valor dos destacamentos avançados e de reconhecimento da unidade que substitui. Tais destacamentos deslocam-se

para a área de operações por infiltração;

- as redes de comunicações da unidade substituída são utilizadas até que a operação de substituição seja completada;
- os registros e o repertório de tiros da unidade que substitui são coordenados pela unidade que é substituída, até que se realize a passagem do comando;
- um plano integrado de dissimulação é executado, tanto pela unidade que substitui como pela unidade substituída; e
- a defesa antiaérea fica permanentemente em alerta e em condições de atuar durante a substituição.

9.4.2.2.5 Controle do movimento - a unidade substituta e a unidade substituída estabelecem um único comando de trânsito, para o controle das unidades que se deslocam para dentro e para fora da área. Isso inclui:

- a) itinerários a serem utilizados e prioridades para seu uso;
- b) responsabilidade pelo controle do trânsito;
- c) localização de zonas de reunião;
- d) fornecimento de guias para as unidades que substituem; e
- e) utilização comum dos meios de transporte.

9.4.2.2.6 Informações - a unidade substituída transfere para a unidade que a substitui todas as informações relacionadas com o inimigo e com a área de operações e outras informações adicionais necessárias à unidade que substitui.

9.4.2.2.7 Troca de equipamentos

- a) Em razão das dificuldades na colocação apropriada das armas durante a noite, o comandante da unidade substituída e do BI Mec acertam a troca de armas que não podem ser facilmente removidas ou são necessárias para assegurar o emprego eficiente dos fogos.
- b) Como alternativa, os reparos das metralhadoras pesadas e as placas-base dos morteiros devem ser trocados. A troca é na base de arma por arma. A autorização para essas trocas deve ser incluída na ordem de substituição do comandante do escalão imediatamente superior.
- c) A unidade substituída deixa na posição os suprimentos volumosos e em excesso, tais como munições, materiais de fortificação de campanha, fios de telefone já lançados e outros suprimentos e equipamentos de difícil remoção.

9.4.2.2.8 Apoio logístico - com relação ao apoio logístico, as unidades substituta e substituída coordenam, entre outros, os seguintes aspectos:

- a) transferência de suprimento;
- b) uso das instalações;
- c) transferência de prisioneiros de guerra;
- d) controle de refugiados;
- e) desdobramento dos órgãos de serviço;
- f) uso dos meios de transporte; e
- g) controle de trânsito.

9.4.2.2.9 Transferência de responsabilidades dos campos minados

- a) A transferência de responsabilidade de um campo minado de um Cmt para outro é feita por meio de um relatório.
- b) O relatório de transferência deve ser assinado por ambos os Cmt e deve incluir um certificado onde o comandante do elemento substituto atesta que lhe foi mostrado no terreno, ou de outra maneira, todas as minas dentro de sua zona de responsabilidade, assumindo a completa responsabilidade pelas mesmas.
- c) Essa transferência inclui os campos de proteção local, bem como os campos de minas ordenados pelo Esc Sp.
- d) O relatório de transferência é remetido ao escalão imediatamente superior que tenha autoridade sobre ambos os comandantes das forças que participaram da substituição.

9.4.2.2.10 Planejamento simultâneo

- a) O BI Mec e a unidade substituída expedem ordens de operações determinando as substituições, de acordo com os procedimentos coordenados na fase de planejamento.
- b) Antes da expedição de ordens de operações, são distribuídas ordens fragmentárias às subunidades subordinadas, para permitir o planejamento simultâneo em todos os escalões interessados.

9.4.2.3 Execução

9.4.2.3.1 Sequência de Substituição

- a) A substituição na posição é executada em etapas, para garantir a eficiência da defesa, durante a operação.
- b) As reservas podem ser substituídas em primeiro lugar, seguidas pela substituição dos elementos avançados ou vice-versa.
- c) Normalmente, quando a maioria das forças está desdobrada no limite anterior da área de defesa avançada (LAADA), a substituição é conduzida da frente para a retaguarda.
- d) A possibilidade de o inimigo descobrir ou interferir na operação, aliada às características da região de operações e ao prazo disponível para execução da substituição, são os principais fatores que o comandante do BI Mec considera na escolha do processo de substituição, dos elementos desdobrados no LAADA.
- e) O processo de substituição dos elementos desdobrados no LAADA pode ser conduzido da seguinte forma:
 - quando duas subunidades estão desdobradas à frente, a substituição de uma delas deve ser completada antes de se iniciar a substituição da seguinte;
 - quando três subunidades forem desdobradas à frente, a substituição das duas de flanco deve ser feita simultaneamente, seguida pela substituição da subunidade do centro. Dependendo das circunstâncias, pode-se inverter esta ordem; e
 - substituição simultânea de todas as subunidades desdobradas à frente da posição.

9.4.2.3.2 Conduta da Substituição

- a) As forças substituta e substituída são vulneráveis durante a execução da substituição. Medidas apropriadas de contrainformação são empregadas para evitar que a operação seja revelada, incluindo a continuidade de atividades normais, tais como fogos de apoio, utilização do rádio, tráfego de veículos e outras.
- b) Os fogos da unidade substituída e do BI Mec substituto devem assegurar o sucesso da operação e neutralizar a reação do inimigo, no caso da operação ser descoberta.
- c) Um esquema cuidadoso das substituições a serem executadas pelas subunidades subordinadas deve ser elaborado pelo comandante do BI Mec, a fim de reduzir ao mínimo o movimento de tropas na área de operações.
- d) A situação tática, normalmente, impõe o momento da substituição. Na maioria dos casos, deve ser conduzida em período de escuridão.
- e) As substituições, durante as horas de luz, são, sempre que possível, evitadas. Contudo, a fumaça pode ser empregada no local ou sobre observatórios inimigos para cobrir a visibilidade sobre a operação.
- f) A substituição é conduzida tão rapidamente quanto possível, para assegurar o controle e o segredo. A unidade substituída fornece segurança e vigilância, durante a execução da operação.
- g) A coordenação com as unidades vizinhas e de apoio é de responsabilidade da unidade substituta.
- h) O BI Mec não designa zonas de reunião para escalões menores que subunidade. As zonas de reunião das SU são separadas para diminuir a vulnerabilidade aos fogos inimigos. A zona de reunião avançada do BI Mec e as zonas de reunião das subunidades podem ser substituídas por pontos de liberação das SU e por pontos de liberação dos pelotões (Fig 12-1), respectivamente. A permanência excessiva dentro da zona de reunião é evitada.
- i) Os fuzileiros mecanizados desembarcam o mais à retaguarda possível, evitando comprometer o sigilo da operação e deslocam-se a pé para ocupar as posições. As viaturas mecanizadas deslocam-se para a frente, após completada a substituição pelas tropas desembarcadas.
- j) Quando a unidade a ser substituída tiver carros de combate, esta pode retrain seus carros, por infiltração, antes da substituição, de modo que tais ações não comprometam a operação.
- k) Durante a substituição, os comandantes de cada escalão justapõem os seus postos de comando ou postos de observação aos da força substituída.
- l) Quando da passagem de comando, o comandante do BI Mec substituto assume o controle de todas as subunidades no setor, inclusive daquelas que ainda não foram substituídas.
- m) Se ocorrer um ataque, antes de o comandante do BI Mec ter assumido a responsabilidade do setor, os elementos da unidade já desdobrados passam ao controle operacional da unidade a ser substituída, para fazer face à ação inimiga.

n) As mudanças na organização da defesa, desejadas pelo comandante da unidade que realiza a substituição, somente são iniciadas após a troca de responsabilidades no setor.

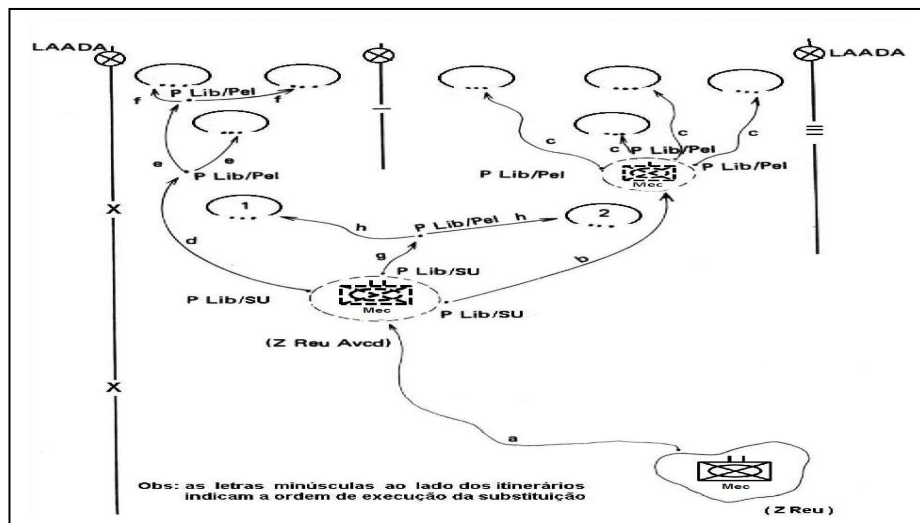


Fig 9-4 Substituição em posição executada por um BI Mec

9.4.3 O BI MEC NA ULTRAPASSAGEM

9.4.3.1 Considerações Gerais

9.4.3.1.1 Ultrapassagem é uma ação comum de combate na qual uma força ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo. É executada por uma força para substituir outra desgastada, dispersa ou sem condições de prosseguir, para iniciar um ataque ou para mudar o ritmo das operações.

9.4.3.1.2 A força em contato provê todo o apoio possível à força que vai ultrapassá-la.

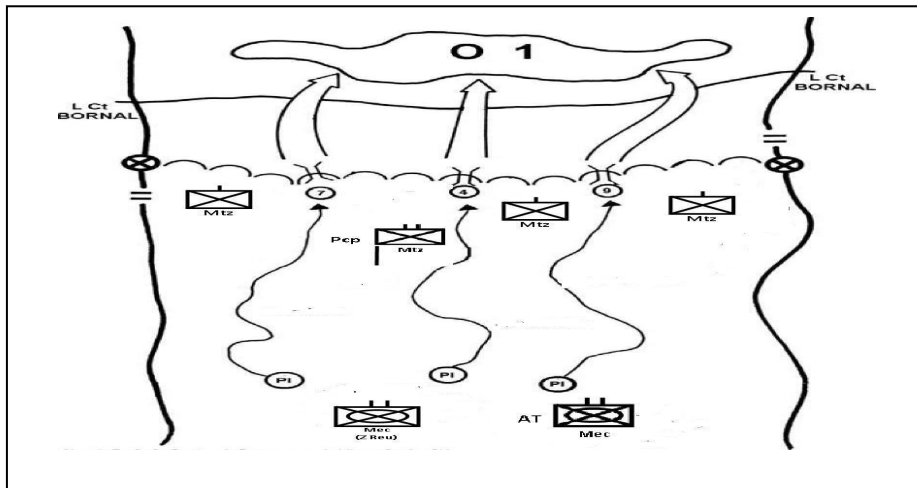


Fig 9-5 BI Mec na ultrapassagem de unidade de combate

9.4.3.2 Planejamento

9.4.3.2.1 Considerações gerais

- As normas de planejamento de uma ultrapassagem são semelhantes às da substituição em posição.
- O comandante e o Estado-Maior do BI Mec que recebe uma ordem preparatória para uma operação que exija ultrapassagem ligam-se, o mais cedo possível, com a unidade a ser ultrapassada.
- O posto de comando do BI Mec deve ser estabelecido nas vizinhanças do posto de comando da unidade a ser ultrapassada.

9.4.3.2.2 Coordenação - durante o planejamento, os pormenores abaixo especificados devem ser coordenados pelos comandantes e EM das unidades envolvidas na operação.

- Troca de informações - as unidades em contato fornecem todos os informes possíveis, do inimigo e do terreno, para a unidade que vai realizar a ultrapassagem. Esses informes devem incluir o valor, dispositivo, composição das forças inimigas e a localização dos blindados, armas anticarro e obstáculos inimigos.
- Troca de planos táticos - são executadas entre as unidades participantes da operação, inclusive dos planos de comunicações.

9.4.3.2.3 Reconhecimento

- Um completo reconhecimento deve ser feito pelo comandante e Estado-Maior, bem como pelos comandantes de subunidade e de pelotão abrangendo, entre outros aspectos, os itinerários para os locais de ultrapassagem, o local em si e a localização das tropas em posição.

- b) Um reconhecimento visual deve ser feito da área avançada da posição, podendo ser utilizadas aeronaves nesse reconhecimento.
- c) Durante o reconhecimento, deve-se tomar o cuidado de não alertar o inimigo, oferecendo indicações de que uma ultrapassagem será realizada. Para isso, pode ser necessário limitar o número e os efetivos do reconhecimento e empregar veículos terrestres das unidades em contato.

9.4.3.2.4 Segurança

- a) Deve ser feito o máximo esforço para evitar que o inimigo tome conhecimento da ultrapassagem.
- b) O movimento, através das posições, deve ser conduzido à noite, o que exige um estrito controle e reconhecimento antecipado.
- c) O fogo de artilharia deve ser empregado, durante o movimento, para encobrir o barulho dos veículos.
- d) Se o movimento através das posições for conduzido durante o dia, a fumaça pode ser empregada sobre os postos de observação identificados e à frente das posições inimigas.
- e) A ultrapassagem deve ser realizada o mais rapidamente possível por haver concentração de tropa e possibilidade de atuação do inimigo, razão pela qual medidas de defesa passiva contra ataques aéreos devem ser tomadas.

9.4.3.2.5 Seleção das Áreas de Ultrapassagem

- a) Quando possível, as áreas selecionadas para ultrapassagem não devem estar ocupadas, mas localizadas entre os elementos da unidade em posição ou em seus flancos.
- b) Esse procedimento reduz a vulnerabilidade que se cria quando uma unidade ultrapassa diretamente através de posições ocupadas por outras tropas. A vulnerabilidade também é reduzida quando as subunidades deslocam-se diretamente para as áreas de ultrapassagem e, em seguida, para o ataque, sem ocupar posições de ataque.
- c) Pode ser necessário que a unidade em contato reajuste seu dispositivo, a fim de permitir uma ultrapassagem mais satisfatória.

9.4.3.2.6 Prioridade para utilização de itinerários e áreas

- a) O comando que dirige a ultrapassagem, normalmente, estabelece uma prioridade nas estradas e em determinadas áreas.
- b) O BI Mec que vai ultrapassar deve ter prioridade para utilização de itinerários que conduzam à área da unidade que está sendo ultrapassada.
- c) Informes completos sobre as estradas a serem utilizadas e áreas a serem ocupadas, devem ser difundidos o mais cedo possível.
- d) Os itinerários estabelecidos, para os deslocamentos através da posição, devem ser bem sinalizados e controlados. O ideal é que o BI Mec e a unidade em contato proporcionem guias até o escalão pelotão.
- e) O controle de trânsito na área do elemento ultrapassado é de responsabilidade deste, até que a responsabilidade pela zona de ação seja transferida para o BI Mec que ultrapassa.

9.4.3.2.7 Passagem de Comando

- a) A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da zona de ação é transferida ao comandante do BI Mec, que executa a ultrapassagem, devem resultar de um acordo entre os dois comandantes interessados ou serem determinadas pelo escalão superior.
- b) Normalmente, o comandante do BI Mec que ultrapassa assume responsabilidade pela zona de ação na hora do ataque. A responsabilidade pela zona de ação pode ser transferida na ocasião do desencadeamento dos fogos de preparação, ou mais cedo, mediante ordem do comando que determinar a ultrapassagem ou acordo entre as unidades.
- c) Em princípio, o comandante da unidade em contato exerce o controle operacional sobre os elementos do BI Mec em sua zona de ação, até que a responsabilidade por essa área passe para o comandante que realiza a ultrapassagem. Nessa ocasião, o comandante do BI Mec assume o controle das operações táticas de ambas as forças até que seja completada a ultrapassagem.

9.4.3.2.8 Apoio ao Combate e Logístico

- a) O elemento em contato proporciona todo o apoio ao BI Mec, particularmente em relatórios de campos de minas, fornecimento de guias, apoio de fogo e outros apoios de combate.
- b) Os elementos de apoio de fogo das unidades em contato são, normalmente, integrados no plano de apoio de fogo do BI Mec que vai realizar a ultrapassagem.
- c) O oficial de ligação da artilharia, os observadores avançados e o oficial de ligação aérea do BI Mec devem manter contato com seus correspondentes para a troca de informações e tomar conhecimento dos pormenores do plano de apoio de fogo.
- d) Devido aos problemas de controle de segurança da tropa que ultrapassa, apenas os meios de fogos indiretos da unidade em contato devem ser empregados para apoiar a unidade que ultrapassa.
- e) Dentro de suas possibilidades, a unidade que está sendo ultrapassada fornece o apoio logístico para o BI Mec, durante e imediatamente após a ultrapassagem. Esse apoio pode incluir o serviço de saúde, a condução de prisioneiros de guerra, o controle de trânsito, o controle de extraviados e auxílio no manuseio de mortos. No entanto, não inclui o apoio de suprimentos de classes III e V.
- f) Áreas de reabastecimento, dentro e fora das posições, são reconhecidas pelo pessoal do BI Mec, auxiliado pelos guias fornecidos pelas unidades em contato.

9.4.3.2.9 Outras coordenações

- a) Limpeza e marcação de brechas através de campos minados e obstáculos amigos, para permitir uma rápida ultrapassagem, são executadas pela unidade que está sendo ultrapassada.

- b) O BI Mec deve providenciar seu próprio pessoal de controle para as brechas ou desfiladeiros, a fim de fiscalizar cada subunidade.
- c) Planos de dissimulação para manter o sigilo e facilitar a obtenção da surpresa, devem ser realizados entre as unidades envolvidas na ultrapassagem.

9.4.3.3 Execução

- a) Os elementos do BI Mec iniciam seus deslocamentos da posição da retaguarda para a linha de partida na ocasião prevista. Cuidadosos cálculos de marcha devem ser feitos para que as subunidades ataquem na hora determinada, sem necessidade de usar posições de ataque. Esse procedimento reduz ao mínimo o tempo durante o qual as duas unidades ficam concentradas na área avançada.
- b) Em algumas situações, é preferível deslocar as reservas da unidade em contato para zonas de reunião à retaguarda, imediatamente antes do início da ultrapassagem, para reduzir a densidade de tropas durante a operação. Tal procedimento, normalmente, é estabelecido pelo comando que ordena a ultrapassagem.

9.4.4 O BI MEC NO ACOLHIMENTO

9.4.4.1 Considerações Gerais

9.4.4.1.1 É uma ação comum de combate na qual uma força, em movimento retrógrado, passa através da zona de ação de outra força que ocupa posição defensiva e/ou retardadora à sua retaguarda. Nesse sentido, a força acolhida realiza um retraimento através de uma posição.

9.4.4.1.2 O objetivo dessa operação é a substituição de uma unidade exaurida empregada em uma ação. Pode, também, ser realizada como parte de um movimento retrógrado ou para permitir à unidade que retrai o cumprimento de outra missão.

9.4.4.1.3 Após acolhida, a unidade que retrai pode:

- a) deslocar-se para área de repouso, a fim de reorganizar-se ou passar por outro período de instrução;
- b) cobrir o retraimento de outra unidade, quando integrando escalão que executa uma ação retardadora em posições alternadas; e
- c) deslocar-se para outra área, a fim de ser empregada em nova missão.

9.4.4.2 Planejamento

9.4.4.2.1 Coordenação

- a) Nenhum comandante, tanto da força que retrai, quanto da força que se encontra em posição, exerce o comando sobre o outro, mas cada força pode apoiar a outra pelo fogo e pela manobra.

b) Após ter recebido a ordem preparatória, o comandante e o Estado-Maior do BI Mec estabelecem ligações com seus correspondentes da unidade em posição para coordenar o planejamento da operação. O pessoal de ligação é responsável direto pela coordenação dos pormenores, de forma que a troca de elementos de ligação é feita até o nível pelotão.

c) Um plano pormenorizado de reconhecimento deve ser preparado e cuidadosamente coordenado entre a unidade a ser acolhida e a que se encontra em posição.

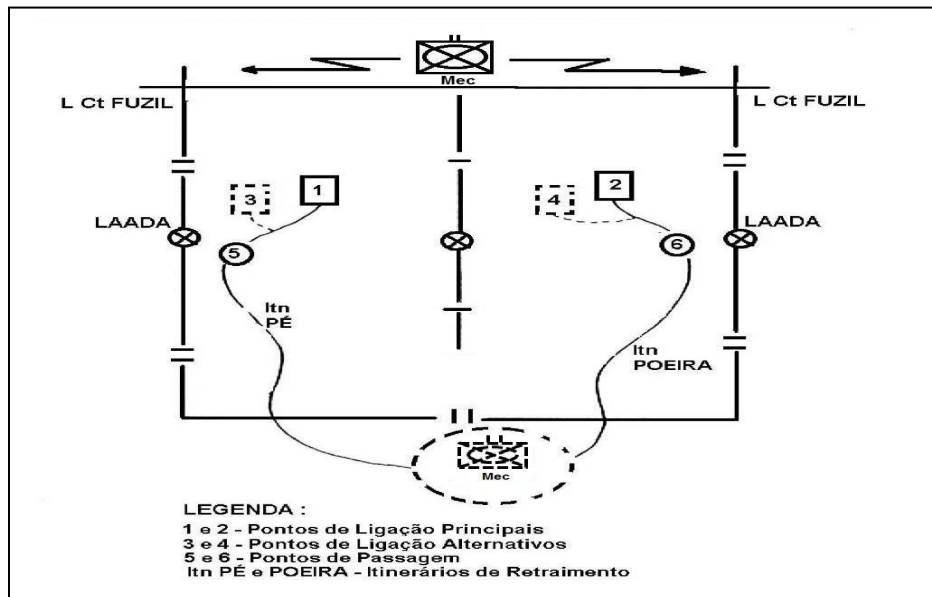


Fig 9-6 BI Mec acolhido por uma unidade de combate

9.4.4.2.2 Seleção das Áreas de Passagem

a) Sempre que possível, as áreas ou pontos selecionados para a passagem das tropas que retraem devem estar desocupados e localizados entre os elementos da unidade em posição ou em flancos.

b) O dispositivo na posição defensiva, os planos de fogos, a segurança, a vulnerabilidade e a missão subsequente da tropa acolhida devem ser levados em conta na seleção das áreas ou pontos de passagem.

c) A vulnerabilidade aos ataques do inimigo pode ser reduzida pela seleção de áreas ou de pontos que possibilitem o BI Mec passar pelos flancos ou áreas desocupadas da unidade em posição.

9.4.4.2.3 Itinerários de retraimento

a) O BI Mec utiliza vários itinerários de retraimento e evita a utilização de zonas de reunião ou paradas dentro da posição da unidade que faz o acolhimento.

- b) O BI Mec deve ter prioridade nos itinerários e na utilização das instalações.
- c) Quando possível, os itinerários de retraimento, particularmente para elementos de carros de combate, devem evitar locais organizados da posição defensiva (núcleos de defesa).
- d) O comandante do BI Mec é responsável pelo controle de tráfego à frente da posição defensiva. O comandante da força em posição é responsável pelo controle do tráfego à retaguarda de sua área.

9.4.4.2.4 Assunção da zona de ação

- a) A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da zona de ação é transferida para o comandante da unidade em posição são determinadas por entendimentos entre os dois comandantes interessados ou fixadas pelo escalão superior.
- b) Normalmente, em um retraimento através de uma posição à retaguarda, o comandante da unidade em posição assume a responsabilidade pelo controle da zona de ação no momento em que a tropa que retrai atinja uma linha de segurança de apoio de artilharia ou uma linha de controle designada. Pode ser, também, em uma hora predeterminada.
- c) Na ação retardadora, a responsabilidade pela zona de ação, por parte do comandante da força que retrai, termina por ocasião de seu acolhimento na posição. A cooperação e a coordenação são essenciais para que o retraimento se processe em boas condições.

9.4.4.2.5 Apoio ao combate e apoio logístico

- a) O BI Mec deve receber todo o apoio por parte da unidade em posição.
- b) O apoio de fogo prestado pela unidade em posição é de grande importância, especialmente com relação à cobertura a ser dada aos destacamentos deixados em contato com o inimigo.
- c) Os fogos devem ser coordenados entre as duas forças participantes das operações.
- d) Áreas de abastecimento devem ser escolhidas à retaguarda dos elementos que farão o acolhimento, para proporcionar abastecimento de emergência, quando necessário.

9.4.4.2.6 Medidas de Coordenação e Controle

- a) Considerações Gerais
 - Rigoroso controle é necessário para um retraimento ordenado através de uma posição à retaguarda.
 - As medidas por meio das quais a operação deve ser controlada e coordenada são previstas pelo escalão superior ou acertadas entre os comandantes interessados.
 - Qualquer alteração das medidas de controle planejadas deve ser coordenada entre as unidades envolvidas e levadas ao conhecimento de todos os elementos interessados.

- As medidas de coordenação e controle usadas, normalmente,, são: os pontos de ligação, os pontos de passagem, os itinerários de retraimento, a hora de passagem e os sinais de reconhecimento.

b) Pontos de ligação

- Nesse tipo de operação, são designados pelo comando que enquadram unidades ou por combinação entre os comandantes envolvidos na operação.

- Para assegurar uma perfeita coordenação entre as duas unidades, um ponto de ligação principal e outro alternativo devem ser designados em cada setor de subunidade. Esses pontos são efetivados pelos elementos de ligação e são localizados dentro do alcance das armas do limite anterior da área de defesa avançada e/ou posição de retardamento.

- Os elementos da área de defesa avançada ou posição de retardamento enviam uma patrulha de ligação, equipada com rádio, e guias para o ponto de ligação.

c) Pontos de passagem

- Esses pontos são localizados no limite anterior da área de defesa avançada ou posição de retardamento; e através deles as forças são acolhidas. Devem ser reconhecidos pelas forças que retraem.

- Os pontos de passagem são também empregados para proporcionar um meio de referenciar locais específicos e informações para o controle das unidades.

- Os guias das unidades que realizam o acolhimento, normalmente, encontrarão os elementos que executam o retraimento no ponto de ligação e os guiarão através dos pontos de passagem sobre o limite anterior da área de defesa avançada ou posição de retardamento, e daí para retaguarda da unidade.

- Essas ações são coordenadas pelos elementos de ligação das duas unidades.

d) Itinerários de retraimento

- São caminhos designados através da posição à retaguarda e que facilitam um retraimento ordenado e contínuo.

- No interior da posição, é obrigatório que as tropas se mantenham sobre os itinerários prescritos.

e) Hora de passagem

- A hora da passagem é designada pelo comandante que ordenou a operação. Horas específicas são designadas para cada subunidade.

- Um representante da unidade que retrai, com rádio, precede a unidade de marcha no ponto de passagem. Esses representantes informam à unidade o número de veículos que estão retraindo e a identificação do último veículo a retrair.

f) Sinais de reconhecimento

- São incluídos na ordem de operação e devem ser baseados nas instruções para a exploração das comunicações e eletrônica (IE Com Elt) e nas normas gerais de ação das unidades interessadas.

- Os sinais de reconhecimento são acertados pelas duas unidades. Normalmente, os sinais de reconhecimento cobrem tanto o retraimento diurno quanto o noturno.

9.4.4.3 Execução

9.4.4.3.1 Na hora prevista, os elementos do BI Mec iniciam o deslocamento para retaguarda. Sempre que possível, o BI Mec inicia e termina esse deslocamento durante períodos de visibilidade reduzida. Nesse sentido, evita utilizar zonas de reunião e deter-se na área de retaguarda da unidade em posição, uma vez que isto provoca um desnecessário aumento de densidade de tropas na área de operação.

9.4.4.3.2 O comandante da força em posição designa e controla vários itinerários para obter a necessária dispersão e para acelerar o movimento do BI Mec.

9.4.4.3.3 A fim de reduzir a densidade de tropas durante o acolhimento, é conveniente retrainr em primeiro lugar os elementos de apoio logístico, a reserva, os elementos de comando não essenciais e, posteriormente, os demais elementos de comando e de combate.

9.4.4.3.4 No retraimento através de posição defensiva de um escalão imediatamente superior, o BI Mec é responsável pelo controle do trânsito à frente da área de segurança do escalão considerado, enquanto a unidade em posição é responsável pelo controle do trânsito da posição para a retaguarda. Além disso, o escalão superior é responsável pelo controle de trânsito do BI Mec, desde o limite da retaguarda da unidade em posição até a área de reunião ou nova posição do BI Mec.

9.5 COOPERAÇÃO CIVIL-MILITAR

9.5.1 O BI Mec pode planejar e executar ações de cooperação civil-militar no sentido de contribuir para a consecução dos objetivos militares e para garantir um ambiente seguro e estável, de acordo com a natureza da missão.

9.5.2 O BI Mec busca por meio dessas ações estabelecer, manter, influenciar ou explorar as relações com forças militares, agências, autoridades e a população numa área operacional amigável, neutra ou hostil.

9.5.3 Nesse contexto, o BI Mec pode realizar determinadas ações, tais como: distribuição de alimentos, segurança de comboios, segurança de obras de infraestrutura, apoio à administração civil e outras atividades junto à população local.

9.5.4 Para estudo detalhado a respeito do planejamento e emprego das ações de cooperação civil-militar, deve ser consultado o Manual de Campanha EB70-MC-10.221/COOPERAÇÃO CIVIL-MILITAR (1ª Edição - 2017).

9.6 DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA, RADIOLÓGICA E NUCLEAR

9.6.1 A DQBRN compreende as ações relacionadas ao reconhecimento, à detecção e à identificação de agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares, bem como à descontaminação de pessoal e de material expostos a tais agentes.

9.6.2 O BI Mec, por conta de Viaturas Blindadas existentes em sua dotação, possui condições de operar em um ambiente contaminado por agentes QBRN.

9.6.3 O emprego do BI Mec em ambientes contaminados por agentes QBRN implica:

- a) na utilização de equipamentos de proteção coletiva para as guarnições das VBTP-MSR;
- b) na necessidade do apoio de equipes especializadas em defesa QBRN para os trabalhos de descontaminação;
- c) no emprego da tropa desembarcada somente com a utilização de equipamentos especiais de defesa QBRN, como máscaras contra gases e roupas protetoras;
- d) na necessidade de dotação de detectores de agentes QBRN, além de estojos de primeiros socorros individuais mais complexos, com vacinas e antídotos contra agentes biológicos;
- e) no maior grau de complexidade na operação do armamento e de equipamentos diversos, na condução de viaturas e na observação do campo de batalha, em função das restrições impostas pelos equipamentos de proteção individual contra agentes QBRN; e
- f) na redução do ritmo das operações e na maior dificuldade para execução das ações táticas planejadas.

9.6.4 Maiores detalhes sobre a doutrina básica para a defesa (prevenção, proteção e mitigação de ameaças), diante dos efeitos dos agentes QBRN podem ser encontrados no Manual de Campanha EB70-MC-10.233/DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA, RADIOLÓGICA E NUCLEAR (1ª Edição - 2016) e no Manual de Campanha EB70-MC-10.234/DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA, RADIOLÓGICA E NUCLEAR NAS OPERAÇÕES (1ª Ed - 2017).

9.7 OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

9.7.1 As operações psicológicas (Op Psc) são procedimentos técnico-especializados aplicáveis de forma sistematizada, desde a paz, para influenciar um público-alvo a manifestar comportamentos desejáveis, com o intuito final de apoiar a conquista de objetivos estabelecidos.

9.7.2 O BI Mec pode contribuir para esse tipo de operação, distribuindo material de propaganda e provendo segurança aos elementos especializados de Op Psc.

9.7.3 Maiores detalhes sobre a doutrina básica de Operações Psicológicas podem ser encontrados no Manual de Campanha EB20-MC-10.213/OPERAÇÕES DE INFORMAÇÕES (1ª Edição - 2014).

9.8 GUERRA ELETRÔNICA

9.8.1 A guerra eletrônica (GE) é o conjunto de atividades que visa a desenvolver e a assegurar a capacidade de emprego eficiente das emissões eletromagnéticas, ao mesmo tempo em que busca impedir as emissões inimigas, dificultá-las ou tirar proveito delas. É responsável por garantir e manter a liberdade de ação no espaço eletromagnético para nossas forças, enquanto explora ou nega essa liberdade aos oponentes.

9.8.2 O BI Mec pode contribuir para esse tipo de operação, provendo segurança aos elementos especializados em GE.

9.8.3 Maiores detalhes sobre a doutrina básica da Guerra Eletrônica podem ser encontrados nos Manuais de Campanha EB20-MC-10.213/OPERAÇÕES DE INFORMAÇÕES (1ª Edição - 2014), EB70-MC-10.201/A GUERRA ELETRÔNICA NA FORÇA TERRESTRE (1ª Edição - 2019) e EB70-CI-11.403/MEDIDA DE PROTEÇÃO ELETRÔNICA (1ª Edição - 2014).

9.9 DEFESA ANTIAÉREA

9.9.1 A defesa antiaérea é o conjunto de ações de defesa aeroespacial ativa, desencadeado da superfície, visando a impedir, anular ou neutralizar a ação de vetores aéreos hostis, tripulados ou não.

9.9.2 O BI Mec pode contribuir para o sistema de defesa antiaérea ao proceder constante vigilância do espaço aéreo subjacente à sua área de responsabilidade e ao prover alerta oportuno sobre qualquer ação de vetores aéreos hostis.

9.9.3 Maiores detalhes sobre a doutrina básica de Defesa Antiaérea podem ser encontrados nos Manuais de Campanha EB20-MC-10.206/FOGOS (1ª Edição - 2015) e EB70-MC-10.235/DEFESA ANTIAÉREA (1ª Edição - 2017).

9.10 COMUNICAÇÃO SOCIAL

9.10.1 A comunicação social (Com Soc) é o processo pelo qual se exprimem ideias, sentimentos e informações, visando ao estabelecimento de relações e soma de experiências. Compreende as áreas de relações públicas, assessoria de imprensa e divulgação institucional.

9.10.2 O BI Mec pode conduzir ou participar de atividades de Com Soc, por meio do desenvolvimento de ações cívico-sociais (ACISO), influenciando a opinião pública local e, dessa maneira, contribuindo para o esforço das Op Info.

9.10.3 Nesse contexto, o BI Mec pode prover segurança aos elementos especializados de Com Soc, por meio do emprego de seus meios orgânicos, oferecendo relativa proteção blindada a esse pessoal, enquanto atuam na área de operações.

9.10.4 Maiores detalhes sobre a doutrina básica da Comunicação Social podem ser encontrados no Manual de Campanha EB20-MC-10.213/OPERAÇÕES DE INFORMAÇÕES (1ª Edição - 2014).

CAPÍTULO X

OPERAÇÕES EM AMBIENTES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

10.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.1.1 Ambiente operacional é o conjunto de condições e circunstâncias que afetam o emprego das forças militares e influem nas decisões do comandante. O BI Mec pode participar de operações em ambientes operacionais com características tão peculiares que exigem da tropa o domínio dos conhecimentos acerca de táticas, técnicas e procedimentos específicos para o cumprimento das missões.

10.1.2 As características e as possibilidades do BI Mec e de suas viaturas blindadas, se exploradas adequadamente, podem contribuir para o sucesso das operações nas regiões de selva, nas serras e nos terrenos montanhosos e na caatinga, aumentando o poder de combate das tropas que operam nesse tipo de ambiente.

10.1.3 Maiores detalhes sobre esse tipo de operação podem ser encontrados no Manual de Campanha EB20-MF-10.103/OPERAÇÕES (5ª Edição - 2017), Capítulo VI; EB70-MC-10.228/INFANTARIA NAS OPERAÇÕES (1ª Edição - 2018), Capítulo VI; e C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), Capítulo VI.

10.2 AMBIENTE OPERACIONAL DE SELVA, MATAS DENSAS E BOSQUES

10.2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.2.1.1 As características e possibilidades do BI Mec e de suas viaturas blindadas, se exploradas adequadamente, podem contribuir para o sucesso das operações nas regiões de densa cobertura vegetal, como as regiões cobertas pela floresta amazônica, mata atlântica, mata de araucárias ou por matas cultivadas (reflorestamento), que permitem o emprego de forças mecanizadas em locais específicos, como as estradas e localidades, aumentando o poder de combate da tropa que opera nessas áreas.

10.2.1.2 Em função das peculiaridades do combate nas regiões de mata densa e de selva, o emprego de forças mecanizadas fica, em princípio, restrito aos eixos terrestres existentes na região, às localidades e às áreas desmatadas ou abertas que possam existir ao longo dos eixos.

10.2.2 EMPREGO DO BI MEC NAS REGIÕES DE SELVA

10.2.2.1 O emprego do BI Mec nas áreas de selva dificulta a exploração de algumas de suas características e impõe a adoção de técnicas e processos de combate e de apoio logístico especiais. As principais modificações táticas e logísticas podem ser:

- a) a grande redução na mobilidade das frações, restrita aos eixos e espaços abertos junto a estes e nas localidades;
- b) a redução dos campos de tiro e de observação;
- c) alterações nas técnicas e processo de deslocamento;
- d) permanente necessidade de segurança em todas as direções;
- e) maior dependência do apoio dos fuzileiros blindados ou a pé e da engenharia;
- f) maior importância das missões de defesa e segurança de áreas de retaguarda, como a de escolta de comboios, a defesa de pontos fortes e a segurança de pontos sensíveis;
- g) maior necessidade de manutenção de todos os equipamentos, armamentos e viaturas e o consequente aumento do consumo de suprimentos classe III e IX;
- h) maior dificuldade na exploração das comunicações rádio;
- i) aumento na realização de missões desembarcadas pelos fuzileiros mecanizados;
- j) restrições ao emprego das Estações de Armas das viaturas blindadas e dos morteiros;
- k) exigência de maior ação de comando, particularmente na manutenção do moral da tropa e do estado de saúde dos combatentes (selva); e
- l) maior atenção e cuidados na confecção e distribuição da alimentação e no suprimento de água (selva).

10.2.2.2 As restrições impostas pelo terreno à manobra diminuem sensivelmente a possibilidade de emprego do BI Mec em operações ofensivas, condicionando-as àquelas relacionadas ao reconhecimento, segurança e ao aproveitamento do êxito, onde o terreno e a vegetação possibilitarem a sua atuação.

10.2.2.3 O emprego do BI Mec nas operações defensivas só pode ocorrer em determinadas situações excepcionais, em função das mesmas restrições para o emprego da unidade nas operações ofensivas, acrescidas da facilidade que a cobertura vegetal proporciona para a execução de incursões e infiltrações por parte do inimigo. Nesse sentido, a força mecanizada pode ser empregada na defesa de pontos sensíveis ao longo dos eixos terrestres ou de grandes bases de combate nas regiões desmatadas, nas cidades ou nas áreas de retaguarda.

10.2.3 EMPREGO DO BI MEC NAS REGIÕES DE MATAS DENSAS E BOSQUES

10.2.3.1 Generalidades

10.2.3.1.1 As operações realizadas pelo BI Mec em regiões de matas densas ou em áreas de bosque podem ser divididas em três fases:

- a) ataque e ocupação da orla anterior;
- b) progressão no interior; e
- c) desembocar da mata densa ou bosque.

10.2.3.2 Ataque e ocupação da orla anterior

10.2.3.2.1 É semelhante ao ataque a qualquer outra área defendida, de forma que a. orla anterior é designada como objetivo. Quando o ataque tiver que percorrer uma grande faixa do terreno exposta à observação e ao fogo do inimigo, ele pode ser realizado durante as horas de escuridão ou coberto por fumaça.

10.2.3.2.2 Após a conquista da orla da mata densa ou do bosque, o escalão de assalto realiza a consolidação e a reorganização. As distâncias e os intervalos entre as pequenas unidades e as armas de apoio são reduzidos, visando a manter o contato durante o avanço.

10.2.3.3 Progressão no interior da mata densa ou bosque

10.2.3.3.1 A tática empregada deve se sobrepor às táticas empregadas pelo inimigo. Os fuzileiros e as viaturas blindadas se deslocam juntos, na mesma velocidade.

10.2.3.3.2 Os fuzileiros, precedendo as VBTP, mantêm o contato visual cerrado com as viaturas, localizando alvos para eles e proporcionando-lhes segurança.

10.2.3.3.3 Frequentes altos são realizados para reorganização, orientação e execução dos suprimentos, dependendo da extensão do bosque ou da área de selva a ser transposta. O consumo de combustível e munição é elevado.

10.2.3.4 Desembocar da mata densa ou bosque

10.2.3.4.1 O prosseguimento do ataque fora da orla posterior da mata densa ou bosque é conduzido da mesma maneira como em qualquer outro ataque. Os planos são, normalmente, feitos para reorganizar o escalão de ataque antes do desembocar, especialmente, quando resistências inimigas muito fortes podem ser encontradas após a limpeza da área coberta. Quando necessário, as unidades e armas de apoio são redistribuídas e os limites, as zonas de ação e as formações das subunidades são reajustadas.

10.2.3.4.2 Novos objetivos podem ser designados. Nesse sentido, quando possível, os objetivos devem ser acidentes capitais, cuja captura retira a orla posterior da floresta ou bosque da observação terrestre e dos fogos diretos do inimigo. Para tanto, os fogos de artilharia e morteiros e o emprego de fumígenos são planejados para auxiliar o desembocar.

10.3 AMBIENTE OPERACIONAL DE CAATINGA

10.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.3.1.1 As operações realizadas em ambiente de caatinga têm as seguintes características que podem condicionar a manobra e o apoio logístico do BI Mec:

- a) dificuldade de identificação de acidentes capitais;
- b) restrição ao movimento de tropa desembarcada em determinadas áreas;
- c) ações táticas descentralizadas;
- d) dificuldade de observação direta e de realização de tiro tenso;
- e) dificuldade de movimentos fora das poucas estradas existentes, em determinados tipos de terreno;
- f) particularidade do apoio logístico no tocante à grande necessidade de suprimento de água; e
- g) dificuldade de orientação.

10.3.1.2 O relevo é, normalmente, suave com amplos espaços que favorecem a manobra, porém a superfície pedregosa e a vegetação característica da região dificultam o deslocamento da tropa mecanizada.

10.3.2 EMPREGO DO BI MEC NAS OPERAÇÕES EM REGIÕES DE CAATINGA

10.3.2.1 Nas regiões de caatinga, as operações do BI Mec podem ser facilitadas pela existência de campos de tiro e de observação amplos e profundos.

10.3.2.2 As operações em regiões de caatinga, no entanto, podem ser influenciadas pelos seguintes fatores:

- a) campos de tiro extensos;
- b) menor restrição à manobra;
- c) aumento das necessidades de segurança e das medidas de dissimulação de combate;
- d) maiores possibilidades de se obter a surpresa;
- e) aumento dos problemas de Ap Log; e
- f) elevadas necessidades de suprimento e manutenção para viaturas e equipamentos, motivadas pela poeira, rochas e variações de temperatura.

10.3.2.3 As ações de desbordamento são favorecidas possibilitando um melhor aproveitamento das características do BI Mec.

10.3.2.4 O apoio logístico é difícil, crescendo de importância o controle das localidades e das fontes de víveres e água.

10.4 AMBIENTE OPERACIONAL DE MONTANHA

10.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.4.1.1 O relevo compartimentado das regiões de montanha dificulta a construção de estradas, limitam e retardam o movimento de tropas mecanizadas aos poucos eixos existentes, tornando os deslocamentos vulneráveis aos fogos de artilharia e aviação inimigos, bem como, às emboscadas e ataques de surpresa desencadeados por forças a pé e aeromóveis.

10.4.1.2 As regiões montanhosas caracterizam-se, também, por mudanças rápidas e extremas da temperatura, acompanhadas por neblina ou chuvas, o que dificulta e restringe, ainda mais, a observação e os campos de tiro.

10.4.1.3 Nesse cenário, crescem de valor como acidentes capitais as alturas que dominam as vias de transportes, as regiões de passagem entre as montanhas e as pontes.

10.4.2 EMPREGO DO BI MEC NAS OPERAÇÕES EM AMBIENTE DE MONTANHAS

10.4.2.1 Tendo em vista as características dessas regiões, as operações ofensivas e defensivas são limitadas pelo terreno. Porém, podem ser executadas em caráter excepcional ou quando inseridas no contexto das demais missões. As operações de aproveitamento do êxito e as ações retardadoras podem ser executadas a bom termo. No caso destas, as posições de retardamento devem estar servidas de itinerários de retraimento cobertos e abrigados.

10.4.2.2 As regiões de montanhas, em virtude das restrições que impõem ao movimento, possibilitam a economia de meios, particularmente nas missões de retardamento.

10.4.2.3 As montanhas podem dificultar as comunicações, tendo em vista, por exemplo, a ocorrência de obstáculos interpostos e a diferença da altitude entre as estações.

10.4.2.4 Tendo em vista as dificuldades de deslocamento e de coordenação, um excesso de medidas de coordenação e controle pode acarretar atrasos desnecessários à operação. Essas medidas devem ser restritas ao estritamente necessário, particularmente os pontos de ligação.

10.4.2.5 As pontes, por serem locais de passagem obrigatória, revertem-se em regiões de capital interesse para as operações, devendo ser objeto de especial atenção, tanto nas operações de aproveitamento do êxito quanto na ação retardadora. Nas operações de cunho ofensivo, a transposição das pontes deve ser precedida de um cuidadoso reconhecimento que abrange as regiões que retiram os tiros diretos e a observação, na segunda margem, sobre elas. Na ação retardadora, as regiões de pontes são utilizadas, normalmente, como obstáculos onde se apoiam as posições de retardamento.

10.5 AMBIENTE OPERACIONAL DO PANTANAL

10.5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.5.1.1 O Pantanal é um bioma que abrange cerca de 2% do território brasileiro, com uma área total aproximada de 250.000 km. Apresenta características distintas de solo, vegetação e drenagem que podem influenciar nas operações militares.

10.5.1.2 As operações militares desenvolvidas no ambiente de pantanal possuem os seguintes aspectos que podem impactar no emprego de tropas mecanizadas na região:

- a) acentuada restrição ao movimento de tropas por meios de transporte rodoviário;
- b) importância do controle das localidades;
- c) prevalência de meios aquáticos de deslocamento de tropas;
- d) dificuldade de manutenção do fluxo de apoio logístico;
- e) emprego de pequenas frações;
- f) ações táticas descentralizadas; e
- g) importância do emprego de meios aéreos.

10.5.1.3 As operações do BI Mec no pantanal são diretamente influenciadas pelo terreno e, em especial, por suas modificações devido à sazonalidade do regime das águas.

10.5.1.4 O terreno, normalmente, encontra-se alagado na maior parte do ano, dificultando ou impedindo o movimento de tropas mecanizadas fora dos eixos balizados por rodovias. Nesse caso, além dos vetores de transporte aéreo, os meios de deslocamentos fluviais (embarcações de transporte de SU e Pel, voadeiras, balsas e outras) crescem de importância.

10.5.1.5 A grande extensão da região do pantanal, associada às dificuldades de movimento e manobra, induz ao emprego de forças aeroterrestres e aeromóveis. Nesse contexto, cresce de importância o emprego de frações mecanizadas em operações de junção e de substituição.

10.5.2 CONDOTA DO BI MEC NAS OPERAÇÕES EM REGIÕES DO PANTANAL

10.5.2.1 Nas operações ofensivas e defensivas, as capacidades do BI Mec, quando empregado no pantanal, podem ficar limitadas pelas restrições ao movimento e manobra impostas pelas características da região. Entretanto, valendo-se dos principais eixos existentes, bem como de vias secundárias que podem ser utilizadas em determinados períodos do ano, é possível o emprego do Btl em ações ofensivas como M Cmb, Ataque e reconhecimento em força.

10.5.2.2 Na defensiva, dentre outras operações, o BI Mec pode ser empregado em uma defesa de área, defesa de ponto forte ou realizando um movimento retrógrado.

10.5.2.3 O BI Mec deve dar especial atenção à proteção antiaérea, devido, sobretudo, às dificuldades de dispersão impostas pelo pantanal.

10.5.2.4 Com exceção das regiões de matas ciliares e maciços isolados, o pantanal oferece bons campos de tiro que podem ser explorados pelo BI Mec.

10.5.2.5 Considerando a grande quantidade de cursos de água da região, associada à escassa malha rodoviária, o BI Mec deve dar atenção especial para as diversas pontes existentes nos eixos, caracterizando-as como acidentes capitais que devem ser protegidos.

10.5.2.6 Em diversas situações, quando empregados no pantanal, os fuzileiros mecanizados podem ser empregados desembarcados, permanecendo as VBTP como base de fogos.

10.5.2.7 Devido à importância dos cursos de água no ambiente pantaneiro, o BI Mec deve prever a possibilidade de ter que embarcar suas viaturas para deslocar-se pela região.

10.5.2.8 O emprego descentralizado de frações de engenharia, em reforço às unidades mecanizadas, é necessário para possibilitar melhores condições de mobilidade às frações.

10.5.2.9 Em relação ao apoio logístico, as características do pantanal acarretam determinados procedimentos, tais como descentralização das instalações de apoio; aumento da reserva de suprimentos com as tropas em 1º

escalon; e o incremento das medidas de segurança dos comboios logísticos nos deslocamentos.

CAPÍTULO XI

LOGÍSTICA

11.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

11.1.1 SISTEMA LOGÍSTICO

11.1.1.1 A Função de Combate Logística tem influência decisiva no sucesso das operações. Para tanto, deve ser coerentemente planejada e executada, bem como, estar sincronizada com todas as ações planejadas. Em todas essas situações, deve ser meticulosamente coordenada para assegurar que os recursos sejam disponibilizados aos usuários em todos os níveis.

11.1.1.2 Para estudo detalhado a respeito da função de combate Logística devem ser consultados o Manual de Campanha EB70-MC-10.238/LOGÍSTICA MILITAR TERRESTRE (1ª Edição - 2018); o Manual de Campanha EB70-MC-10.216/A LOGÍSTICA NAS OPERAÇÕES (1ª Edição - 2019); e C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), Capítulo 10.

11.2 PROCEDIMENTOS LOGÍSTICOS NO BI MEC

11.2.1 A Logística do BI Mec deve ser delineada para o apoio às Operações no Amplo Espectro, em situações de guerra/conflito armado e não guerra. O caráter difuso das ameaças, a não linearidade do Espaço de Batalha e a execução de ações sucessivas e/ou simultâneas nas Operações no Amplo Espectro conduzem ao desafio logístico de prover o apoio necessário para sustentar o BI Mec na continuidade das operações.

11.2.2 Para estudo detalhado da Logística no BI Mec, deve ser consultado o Manual de Campanha C7-20/BATALHÕES DE INFANTARIA (3ª Edição - 2003), Capítulo 10.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 4ª Ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2007.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 3ª Ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2008.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército**. EB10-IG-01.002. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2011.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Brigada de Infantaria**. C 7-30. 1ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 1984.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Manual de abreviaturas, símbolos e convenções cartográficas**. C 21-30. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Forças Tarefas Blindadas**. C 17-20. 3ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Batalhões de Infantaria**. C 7-20. 3ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército**. C 20-1. 4ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2009.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Operações De Transposição de Curso de Água**. C31-60. 2ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 1996.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **A Divisão de Exército**. C61-100. 2ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 1989.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **O Exército Brasileiro**. EB20-MF-10.101. 1ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Doutrina Militar Terrestre**. EB20-MF-10.102. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Força Terrestre Componente**. EB20-MC-10.202. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Comando e Controle**. EB20-MC-10.205. 1ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Fogos**. EB20-MC-10.206. 1ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Operações de Informações**. EB20-MC-10.213. 1ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Vetores Aéreos da Força Terrestre**. EB20-MC-214. 1ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Operações de Dissimulação**. EB20-MC-10.215. 1ª Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Ofensivas e Defensivas**. EB70-MC-10.202. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Cooperação Civil-Militar**. EB70-MC-10.221. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Infantaria nas Operações**. EB70-MC-10.228. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Guerra Cibernética**. EB70-MC-10.232. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear**. EB70-MC-10.233. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear nas Operações**. EB70-MC-10.234. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Defesa Antiaérea**. EB70-MC-10.235. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Logística Militar Terrestre**. EB70-MC-10.238. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Operações de Garantia da Lei e da Ordem**. EB70-MC-10.242. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Guerra Eletrônica na Força Terrestre**. EB70-MC-10.201. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Logística nas Operações**. EB70-MC-10.216. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **A Força Terrestre Componente nas Operações**. EB20-MC-10.301. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações em Área Edificada**. EB70-MC-10.303. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e Coordenação de Fogos**. EB70-MC-10.346. 3ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Medida de Proteção Eletrônica**. EB70-CI-11.403. 1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2014.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Transporte de Viaturas Blindadas**. CI 55-1.1ª Ed. Brasília, DF: COTER, 2002.

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES
CENTRO DE DOCTRINA DO EXÉRCITO
Brasília, DF, 16 de agosto de 2019
www.cdoutex.eb.mil.br